



30.
1/100

O
BRASIL
NO SÉCULO XX

EDITORES E PROPRIETARIOS —
JOSÉ BASTOS & C.^a — COMPOSIÇÃO
E IMPRESSÃO NA TYPOGRAPHIA DA
ANTIGA CASA BERTRAND —
RUA DA ALEGRIA, 100 — LISBOA

PIERRE DENIS

Biblioteca
Do C.P.G.B.

BRAZIL

NO SÉCULO XX

Versão portuguesa



LISBOA

Antiga Casa Bertrand -- JOSÉ BASTOS & C. -- Editores

73 -- Rua Garrett -- 75

0
330.984
D3958

UFRJ

**Centro de Ciências Matemáticas e
de Natureza
Biblioteca Central**

N.º REGISTRO

DATA

022186-4 06/11/86

ORIGEM

TRANSFER. do IG

**Centro de Pesquisas de Geografia do Brasil
BIBLIOTECA**

N.º DE REG. 27 DATA 12-10-60

INTRODUÇÃO

Antiguidade da colonização no Brazil. — O velho Brazil assucareiro. — Predomínio da vida rural. — A aristocracia brasileira. — As classes ruraes inferiores. — Imigração europêa no Brazil meridional. — O Norte do Brazil e as raças negras e indigenas. — A população das cidades e os estrangeiros

Gostam os brasileiros de dizer que o seu país é um país joven; com effeito, tem n'elle as melhores esperanças, e sabem-lhe o presente carregado de promessas. Mas o Brazil não é um país joven no sentido de não ter passado, nem tradições. Se o passado, no que lhe diz respeito, está menos afastado que para qualquer outra nacionalidade, se as tradições e a historia ali são mais vivas, o europeu que desembarca, ido da velha Europa, nota-o apenas; mas tudo isso impressional-o-ha vivamente se elle procurar conhecer o Brazil depois de ter já percorrido outros países americanos, como a Argentina ou os Estados-Unidos. É-se menos expatriado no Brazil, não se tem ali a sensação de surpresa ou d'espanto

que nos causam a Argentina e os Estados Unidos, com a sua sociedade mal firme, sem hierarchia e sem raizes, e orientada exclusivamente pelo gosto da independencia individual e pela preocupação da fortuna. O patriotismo brasileiro é bem outra coisa que o reconhecimento d'uma população recém-chegada, pela terra que lhe deu riqueza, e que a ignorancia vaidosa de tudo o que constitue o encanto e a grandeza da vida na Europa; comporta mais recordações, mais abnegação.

O Brazil é, pois, de certo modo, um país antigo, para lá; inspira mais curiosidadê que nenhuma outra parte da America. Aquella terra foi povoada por homens da raça branca, ha mais de tres seculos. As differenças do solo, e do clima sobretudo, tiveram todo este tempo para gravar a sua impressão sobre os colonos. Conformê a vida que ellas lhes téem imposto conforme as culturas que praticam e as occupações a que se entregaram, assim se crearam habitos e almas diversas. Encontra-se ali, não um typo uniforme de civilização, mas modos differentes d'existencia em que se reflecte a acção lenta d'influencias phisicas e moraes. Esta diversidade é accusada pela diversidade de raças. Aqui, a raça portugûesa conservou-se um pouco mais pura; ali misturou-se profundamente e fundiu-se com a raça indigena; além, importou trabalhadores negros que for-

maram tronco: outras tantas populações diferentes, com o seu character, sua actividade ou indolencia, seus divertimentos, seu folklore.

Se o Brazil é um país de velha cultura, é isso devido principalmente ao facto de ser um país tropical, proprio para a producção da canna saccharina. O assucar foi com effeito o primeiro producto agricola que a Europa pediu á America colonial. Compare-se o Brazil com os Estados Unidos. Do seu character de país tropical deriva toda a sua originalidade physica e economica. O territorio que se estende do Rio até ao Amazonas, e, para não falar do interior, a costa ao norte da bahia do Rio, não tem equivalentes nos Estados Unidos e approximam-se muito das Antilhas pelo esplendor da sua natureza equatorial. A historia primitiva do Brazil parece-se tambem com a das Antilhas. As suas cidades mais antigas, Bahia e Pernambuco, tem vivido do commercio do assucar, exactamente como as velhas cidades das Antilhas. A cultura do assucar creou no Brazil, como em toda a parte, do seculo XVIII em diante, não sómente uma velha industria, mas tambem uma velha riqueza.

Ao mesmo tempo que uma sociedade agricola se fundava na vizinhança do littoral, as minas abriam-se no interior. Todo este passado deixou vestigios. Os campos de canna de assucar não desapareceram, as minas trabalham

ainda. Antes de ser a capital politica d'um estado federal moderno, Rio de Janeiro foi a saída da região assucareira de Campos e das minas do interior. Quaesquer que tenham sido as transformações recentes, não lhe roubaram ainda o seu character pittoresco e seductor de velha metropole colonial. E isto não succede sómente no Rio; succede em todo o Brazil, que assim possue os seus titulos de nobreza.

Pela sua historia economica, o Brazil differe, pois, profundamente dos Estados Unidos; o paralelo entre os dois países, logar commum de conversa no Brazil, é sempre falho d'exactidão. Se S. Paulo representa, na direcção do Brazil moderno, o mesmo papel preponderante que a Virginia dos Estados Unidos no fim do seculo XVIII; se fornece, como fez Virginia, homens d'Estado e financeiros; se a sociedade paulista com a sua aristocracia territorial recorda o que foi outr'ora a sociedade virginiana, a analogia acaba ahi. A Virginia, provincia do sul, impôs-se pelo seu antigo poder economico ás provincias frias do norte dos Estados Unidos, cujo desenvolvimento foi mais demorado, mais lento. A grandeza de S. Paulo é, pelo contrario, recente; ao pé dos estados tropicaes pelos quaes extende hoje a sua influencia, é um mimoso da fortuna.

Nada igualmente no Brazil se parece com o irresistivel movimento para oeste, com a

colonização successiva da floresta após a campina, epopêa que creou no seculo XIX a moderna nação americana. Os colonos brasileiros do Rio Grande e do Paraná arrotearam a floresta como fizeram os pioneiros de Kentucky ou de Ohio; mas a fronteira argentina separa o seu dominio das planicies da Pampa; não lhe tem deixado passar nenhuma corrente de população colonizadora. A Argentina recebeu da Europa os seus immigrants; os brasileiros ficaram confinados pela floresta. Não se produziram, na historia do Brazil, nenhuma d'essas renovações nacionaes tão profundas que tudo o que lhes é anterior nada mais conserva depois do que um interesse archeologico.

Existe no Brazil o que falta nos Estados Unidos e na Argentina: uma verdadeira aristocracia; é o privilegio das sociedades que já são velhas. A organização politica é, na verdade, perfeitamente democratica, e eu encontrei por toda a parte convicções democraticas profundas, mas nem constituição nem theorias podem nada contra a historia. A não ser nos estados do sul onde a immigração europêa foi intensa no seculo XIX, por toda a parte se encontra, acima da classe operaria, que é sempre de raça negra ou de sangue misturado, uma classe dirigente d'origem portuguesa pouco menos que pura.

Quasi sempre, a propriedade agricola per-

tence-lhe. O Brazil é essencialmente agricola, e essa classe é na sua maioria rural. As distancias de propriedade a propriedade são grandes e condemnam muitas familias ao isolamento. Nas cidades, no Rio sobretudo, onde a vida social está desenvolvida, onde o caracter nacional se temperou pelo contacto com estrangeiros de todas as procedencias, ridicularizam o camponez, ignorante da passagem ephemera das modas. Baptisaram-n'o: chama-se *caipira*. Não se lhe pronuncia o nome sem que logo o facto provoque o riso. E' curioso notar que o typo do *caipira* não é paulista. O grande proprietario paulista, no meio das suas plantações, tem uma existencia activa. Viaja, vai á cidade, segue as cotações do café; accrescente-se a isto que a grande cultura em S. Paulo é relativamente recente. O *caipira* desce do estado de Minas ao Rio. Em Minas é que elle existiu outr'ora; em Minas é que talvez se encontrem ainda aquellas fazendas onde uma familia vive abundantemente, e no entanto sem recursos, exportando pouco, pedindo pouca coisa ao resto do mundo, fracamente attingida na sua vida isolada pelos efeitos das revoluções economicas que perturbam os mercados longinquos. Ali, diz a satyra popular, o tempo e a natureza é que elaboraram o *caipira*. O *caipira* não é, bem entendido, mais do que um typo litterario e,

por consequencia, uma caricatura; mas é preciso cital-o; analysando-lhe o character, descobre-se um reflexo da vida rural no Brazil, tal como poderíamos reconstruir toda a campanha prussiana estudando o pobre "Michel".

Impressionou-me sempre bastante o gosto, muito espalhado no Brazil, pela vida rural; os rapazes deixam voluntariamente a cidade para ir viver na fazenda, e os homens feitos voltam com egual disposição ao velho dominio agricola e preferem-n'o ás villegiaturas mais modernas. Raramente ouvi um brasileiro lastimar-se de viver na fazenda. Attribuo estas tendencias menos ao encanto da natureza brazilica, que á seducção exercida sobre aquelles que d'ella são os donos pela organização social que no campo predomina. A fazenda é qualquer coisa d'intermediaria entre uma familia e um reino. O fazendeiro é ali o senhor; como não gozará elle do seu poder? Esta auctoridade, que não sei se desapareceu já da maior parte do mundo, subsiste ainda no Brazil, e constitue ali um laço poderoso entre os homens e a terra.

Na solidão onde vive, recebendo tardiamente noticias do mundo, sobretudo n'outro tempo, o fazendeiro aprecia a cultura intellectual; é facilmente phylosopho, e tem uma certa eloquencia natural. Por mais d'uma vez discuti eu positivismo na fazenda. Sabe-se qual a influencia que Augusto Comte tem exercido no Bra-

zil; se pouco a pouco ella se vai afastando das cidades, persiste ainda nos campos.

Uma das qualidades do fazendeiro á qual devo fazer uma referencia especial, é a sua extrema hospitalidade. A hospitalidade brasileira ultrapassa em cordialidade e em delicadeza tudo o que o europeu, ainda o mais hospitaleiro, pode imaginar. O fazendeiro fará todos os seus esforços para vos tornar a sua casa agradável; se quereis sair, tereis o melhor cavallo, ou o mais seguro, conforme as vossas aptidões equestres; o filho mais velho acompanhar-vos-ha. Depois do jantar, procurar-se-ha entre os discos do phonographo as canções francesas. E de manhã, á partida, o vosso hospede, dispensando os vossos agradecimentos, assegurar-vos-ha que fica muito reconhecido pela vossa visita. Vi esta scena vinte vezes e de cada vez — deverei eu esta fortuna á minha qualidade de francês? — pareceu-me ter sido recebido como um velho amigo.

Penetra-se assim no lar de familias numerosas. Ter dez filhos não é um facto considerado extraordinario. A auctoridade paternal é respeitada, e o filho beija, quando entra, a mão a seu pae. A mãe occupa-se com os cuidados da casa; o marido tem a seu cargo fazer as honras aos visitantes. Um estrangeiro quasi não vê mulheres brasileiras, a não ser quando se lhe depara occasião de ser hospede d'uma

familia. As mulheres não estão habituadas a receber a visita d'homens e pareceu-me que a vida mundana cessava para ellas com o casamento. Casam-se, creio eu, muito jovens e sofrem profundamente a influencia dos seus maridos. Têm tambem, fóra da sua familia, uma vida de limitada independencia. São mães admiraveis, mas conhecem-se mais pelas gerações que formam do que pelo que deixam vê de si proprias; apreciam muito a obscuridade domestica. Não se chega aos Estados-Unidos, sem que immediatamente sejamos rodeados, interrogados a esmagados por mulheres americanas; nada de semelhante no Brazil.

Esta aristocracia rural, além da sua auctoridade social, goza tambem do poder politico. O Brazil estabeleceu, é verdade, o suffragio universal, mas o povo soberano, antes de delegar a soberania nos seus representantes, começa por confiar á classe dominante o cuidado de o guiar nas suas funcções eleitoraes. Os grandes proprietarios territoriaes escolhem os candidatos, e as suas instrucções são geralmente cumpridas. Formam os quadros de tudo o que existe nos partidos politicos; são toda a sua força e toda a sua vida; governam o Brazil e administram-n'ó. A administração é no Brazil uma grande força. Faz muito, contam todos muito com ella. E' o atavismo latino? E' o effeito das condições materiaes da vida

sobre aquelle territorio sem limite, onde o individuo é tão pouca coisa e a associação tão difficil? Pouco se exaggeraria dizendo que a administração representa no Brazil o mesmo papel que desempenha n'uma colonia europêa, como a Algeria ou como a India.

Entre os membros da administração omnipotente que me concederam durante a minha viagem a sua protecção, e seus irmãos, cuja hospitalidade recebi nas fazendas, estive talvez em perigo de conhecer exclusivamente aquella classe superior, metade da qual dirige a exploração agrícola do país, enquanto que a outra o governa. Seria, entretanto, um grave erro julgar que ella só constitue todo o Brazil. Procurei com o melhor desejo d'encontrar, além d'ella, a classe popular, mais numerosa, mais variada, massa confusa da qual depende acima de tudo o futuro do Brazil. Vive n'um clima feliz ou, pelo menos, n'um clima que não permite o que nós chamamos na Europa a miseria. E' tambem uma classe rural. A's suas mãos é que está confiado o trabalho do amanho da terra.

Em todo o Brazil meridional a immigração europêa renovou, durante a segunda metade do seculo XIX, a população rural. Em S. Paulo os italianos forneceram á antiga população paulista a mão d'obra necessaria á extensão das culturas do café. Habitam nas plantações, aldêas

que são verdadeiras cidades operarias. Nada os prende ao solo; parecem não ter amôr á terra e só um pequenissimo numero compra propriedades. Não se ligam senão por contractos d'um anno, e mudam facilmente de patrão depois das colheitas. Não se pode imaginar povo mais nomada; transitam sem cessar de fazenda para fazenda. Nada os detem no estado de S. Paulo, e não é este o menor perigo da crise cafezeira, comparado com o exodo que ella provoca entre os colonos italianos.

Mais ao sul, do Paraná ao Rio Grande, a immigração creou populações differentissimas, uma pequena democracia de camponezes: polacos, allemães e venezianos! Como são proprietarios, acham-se solidamente enraizados ao solo. Assim como a affluencia dos italianos a S. Paulo não foi um movimento expontaneo, mas a obra da administração paulista, tambem a colonização allemã e polaca no sul foi provocada e subvencionada pelo governo do Brazil e das provincias interessadas. Os colonos estrangeiros foram enviados para regiões até então desertas, onde não puderam estabelecer-se correntes commerciaes e onde a vida economica ficou nulla. Viveram ali entregues a si proprios, sem vizinhos, sem clientes. A origem politica — artificial — das colonias condemnou-os ao isolamento; o isolamento tornou-os fieis aos seus costumes nacionaes e aos seus idiomas, que

teriam facilmente esquecido n'outras circumstancias. Deixar-se-hão assimilar estas populações de sangue estrangeiro? Problema é este mais simples do que o que se apresenta com respeito a S. Paulo, onde se procura, não assimilar os immigrants, mas fixal-os.

O Norte do Brazil não tem recebido immigrants da Europa. Os negros ali são numerosos onde predominou a cultura da canna d'assucar antes da abolição da escravatura, e em Campos, em Pernambuco e Bahia, onde a industria assucareira desapareceu em seguida. Ninguem lhes disputa o duro trabalho das plantações da canna, e, como não existe n'aquellas regiões outro pessoal disponível, entregam-se como trabalhadores livres ás occupações que antes tinham exercido como escravos. Operarios insufficientes, immoderados, sem ambições, desdenhando do trabalho regular, constituem o elemento mais mediocre das populações ruraes brasileiras.

Um ultimo typo de população agricola se encontra exclusivamente no norte do Brazil, na provincia do Ceará. Mestiços de portuguezes e de indianos que ali se entregam á criação de gados. O Ceará é d'uma pobreza extraordinaria; séccas periodicas o devastam e lhe destroem os rebanhos. A miseria expulsa da sua propria casa os cearenses. Povoaram toda a bacia do Amazonas; são emigrantes cearenses

que fazem, nos afluentes do Amazonas, a colheita da borracha. Emquanto o Brazil meridional julgou dever fazer um appello á Europa para povoar as suas planuras, o Brazil equatorial dispõe d'uma raça de colonos indigenas, prolifica e já adaptada ao clima.

A unica parte da população verdadeiramente urbana é constituida por estrangeiros, commerciantes de todos os generos que se encontram no Rio, em S. Paulo e em algumas outras grandes cidades. A maior parte dos negocios está nas suas mãos. Succede isto exactamente porque o Brazil, como país colonial, não teve uma população urbana indigena senão depois do seu desenvolvimento, que foi quando o numero de commerciantes estrangeiros se elevou rapidamente. Mas os elementos allemães, ingleses ou franceses, não influem d'um modo decisivo na vida nacional: misturaram-se pouco com os brazileiros de raça; conservando as suas dependencias na Europa, o que procuram é fazer fortuna o mais depressa possivel e regressar aos seus países d'origem. São os testemunhos menos imparciaes ácerca de todas as questões brazileiras.

Não succede o mesmo com um outro elemento urbano, estrangeiro tambem, — o elemento portugûes. A immigração portugûesa foi sempre numerosa; mas não se dispersou pelos campos, como a immigração italiana, por

exemplo. Todo o portuguez chegado ao Rio, tem com effeito sobre os seus concorrentes, os immigrants d'outras nacionalidades, uma superioridade notavel: a lingua que fala, que é a do país. Todas as profissões na cidade lhe convém e ninguem lh'as póde disputar. Se tem, como succede frequentemente, aptidões commerciaes, faz-se lojista ou revendedor. Os portuguezes ao contrario dos outros estrangeiros, não se limitam ao commercio por grosso; no Rio o commercio de retalho está absolutamente nas suas mãos. Misturam-se assim com a população brasileira, de que difficilmente se distinguem. Na formação do Brazil actual, os portuguezes representaram um grande papel; contribuíram largamente para a formação da classe urbana; e a penetração portuguezá seria uma questão capital, se o verdadeiro Brazil estivesse nas cidades.

CAPITULO I

ã paisagem Brasileira

*O solo.— O planalto do litoral atlantico.— A vegetação.—
A floresta tropical da costa e o seu papel na historia
do Brazil.— As terras altas do interior.— Monoto-
nia da paisagem brasileira.— Paysagens typicas.—
Os campos e as cidades*

O territorio brasileiro tem quinze vezes a superficie da França. A' difficuldade das communicações accresce ainda a sua immensidade. Após longos dias a cavallo, fica a gente admirada, olhando para o mappa, do pouco caminho andado. Grandes extensões de territorio se conservam ainda mal conhecidas, por não terem sido percorridos senão por viajantes mediocrementemente interessados pela geographia. Os miappas do país são inferiores e figuram o terreno sem fidelidade.

Imagine-se, pois, por detraz da costa do Atlantico sul, desde o cabo de S. Roque até ás immediações do Rio da Prata, um vasto planalto de estructura confusa que encubra a metade do Brazil. Por detraz, para o interior,

através d'immensas planicies de solo argiloso e de relevo indeciso, chega-se, emfim, á depressão central da America do sul; a bacia do Amazonas estende-se ao norte, e a do Paraná ao sul. O norte sómente, a pequena bacia do Amazonas, pertence inteiramente ao Brazil; ao sul, o Paraguay e o Paraná não téem sobre o territorio brasileiro mais do que a parte superior do seu curso. O Brazil meridional limita-se á zona dos planaltos; o que lhe fica atraz, a planicie, não lhe pertence. Emquanto que o Amazonas ao norte é, tanto pelas suas emboaduras como pela maior extensão da sua bacia, um rio brasileiro, ao sul o Brazil não attinge sequer o Rio da Prata, estuario commum do Paraguay, do Paraná e do Uruguay. Esta asymetria é o traço mais nitido da geographia do Brazil.

Os planaltos do interior, que escoam as suas aguas para o sul e para o norte, não tiveram nunca importancia economica; o valle do Amazonas animou-se muito recentemente e a sua população é ainda restricta. O planalto do littoral atlantico constitue, pois, do Uruguay ao Ceará, o solo do Brazil historico. Em toda a sua extensão, de 3:000 a 3:500 kilometros, este planalto apresenta a maior diversidade d'aspectos; não tem unidade hydrographica. A sua altitude augmenta na parte meridional onde attinge um milhar de metros. O curso do

S. Francisco revela este desnivellamento geral do sul ao norte. Para designar o norte do planalto emprega-se no Brazil o nome de Borburema. Este velho nome geographic● merece ser conservado, porque representa uma provincia brasileira que tem a sua originalidade. A estação secca é ahi demorada, a Borburema alimenta-se fracamente dos pequenos rios costeiros que descem em leque para o Atlantico, isto por que o planalto abaixa-se aqui em doce declive para o mar.

Succede isto diversamente no Brazil meridional. A partir do Estado de S. Paulo, a testa do planalto sobre o oceano é um degrau enorme de 800 a 1000 metros, que separa uma estreita faixa littoral da bacia dos grandes rios interiores. E' um degrau continuo que toma successivamente os nomes de serra do Mar e de serra Geral. De S. Paulo ao Rio Grande rio algum o trãnspõe. Mas os regatos que nascem no flanco continental, quasi em frente do mar, atravessam, no entanto, toda a extensão do planalto antes d'irem juntar-se ao Paraná ou ao Uruguay. A serra do Mar não é, portanto, verdadeiramente uma cordilheira. Vista do mar as suas arestas dentadas dão-lhe essa apparencia; mas o viajante que a aborda, indo do planalto, chega ao vértice subindo encostas suaves, e não descobre a serra, senão deparando bruscamente com o mar, profundamente, por baixo de si.

Para lá da serra, o territorio de Minas não é mais do que um acervo confuso de grupos montanhosos, entre os quaes não é facil ao viajante orientar-se, nem pelo mappa, nem pelo terreno. Um enorme dorso de granito, a Mantiqueira, atravessa a parte meridional de Minas. O caminho de ferro sobe-lhe penosamente pelas encostas arborizadas. A Mantiqueira que recebe no seu flanco sul as chuvas trazidas pelas brisas marinhas é a cumieira do planalto e o nó hydrographico do Brazil. Dá origem ao Rio Grande, braço principal do Paraná.

Desde que se transpõe ao sul a fronteira do estado de S. Paulo, o planalto transforma-se; os granitos desaparecem e a paysagem torna-se mais regular. Os terrenos primitivos, a gnesia e o granito, em que é talhada a serra do Mar, levam para oeste uma cobertura de rochas sedimentares cujos leitos, pendentes para oeste, mergulham uns após outros n'outros leitos mais recentes. São formadas quasi exclusivamente de grés vermelhos e cinzentos, e o solo arenoso que produz a sua decomposição cobre toda a face oeste dos quatro estados meridionaes. A topographia modifica-se com a structura geologica. O nivelamento dos leitos de grés, que se cruza indo para oeste corta o planalto em patamares successivos. Cristas asymetricas rodeam a oeste a sua ver-

tente abrupta, como as costas da Moselle e da Meuse na bacia de Paris; as ribeiras abor-dam-n'as de frente e derivam ali por estreitas gargantas. Estas escarpas de grés, nem o menos experimentado olhar as confundirá nunca com um anel granítico; não são serras, são sim, conforme a linguagem local, *serrinhas*.

Em Santa Catharina e no Rio Grande enormes erupções basálticas recobriram uma parte do planalto. O basalto avançou mesmo até á costa, e a partir da ilha onde está edificado o Desterro, recobre os granitos da serra do Mar. Os basaltos tambem formam ao sul o flanco do planalto que domina as campinas do Rio Grande. A apreciação popular enganou-se ali e designou com o mesmo nome de serra Geral a cadeia granítica e o rebordo do derramamento basáltico, como se um fosse a continuação do outro.

Se exceptuarmos as campinas do Rio Grande, onde se manifestam as pampas do Uruguay e da Argentina, não existe para deante da serra do Mar senão uma marinha arenosa e estreita. As chuvas que escorrem pelo flanco da serra trazem-lhe alluviões pobres; ribeiras pouco fortes trabalham lentamente para encher os pantanos que bordam a costa; perdem-se no meio d'illhotas graníticas, em bahias profundas que os primeiros exploradores se obstinaram em tomar por grandes estuarios. Do Rio Grande

ao Espirito Santo, sómente o Parahyba conseguiu construir ao pé da serra, em roda das suas embocaduras, uma planicie costeira, fértil e solida; é aquella onde se estabeleceram os engenhos assucareiros de Campos.

O que dá caracter ás diversas regiões brasileiras é, acima de tudo, a vegetação. Imagina-se erradamente o Brazil todo coberto de florestas. A floresta concentra-se, d'um lado, na bacia do Amazonas, e forma do outro uma faixa ao longo da costa atlantica, do Espirito Santo ao Rio Grande. A abundancia das chuvas é o que unicamente nutre a floresta; a serra do Mar, detendo a humidade sobre os seus flancos alagados, continuamente cobertos de nevoeiros, ressuscita até uma latitude muito meridional as condições que entregaram a bacia do Amazonas á floresta equatorial. A dois mil kilometros, os homens que abordaram os differentes ancoradouros da costa encontraram por toda a parte no flanco da serra a mesma floresta igualmente impenetravel e esplendida. Ainda hoje é a custo que n'ella se entra. Rodeia, cinge o Rio; parece que lhe recusa espaço para se alargar, como no conto de Daudet, em que a floresta reconquista n'uma primavera o terreno que os colonos temerarios lhe arrancaram para ahi estabelecer o seu campo.

Para lá da zona littoral pantanosa em que arvores debeis, carregadas de epiphytes, luctam contra a drenagem imperfeita e contra a pobreza do solo, ao pé mesmo da serra, distingue-se a floresta. As cômas das grandes arvores, dispostas em andares na encosta, encobrem o sol, e tem-se a illusão de que aquella vegetação extraordinaria se eleva d'um unico ponto da sopé ao cimo da montanha. A espaços surge apenas na folhagem o flanco polido e lavado d'um môrro de granito. O caminho de ferro passa por meio de muralhas de verdura; o tunel de verdura que n'alguns pontos soffre da falta de luz, augmenta avidamente a extensão da sua abertura. Os cipós, os fetos, os bambús erguem-se vigorosamente até á corôa das arvores. Julga-se vêr a corrida brutal das plantas para o ar livre e para o sol. Muitos viajantes teem falado da impressão de violencia, de combate, que dá a floresta virgem. E' ao longo das aberturas feitas pelo homem, pelos troncos que elle abate, e que não arranca, que se trava uma batalha ardente entre as especies e os individuos, para conquistar, em altiva luta, o espaço livre. Como sempre, é o homem que introduz a desordem na natureza. Longe das suas estradas, a ordem restabelece-se pela victoria dos mais fortes, e a floresta que nunca foi violada dá pelo contrario uma impressão de calma profunda.

A serra é o dominio proprio da floresta equatorial. Entretanto, para lá da crista, ella cobre ainda o sul e o oeste do estado de Minas, a bacia do Rio Doce e do Parahyba. A Mantiqueira forma perto d'ali o limite das florestas; para além começam os mattos. Lembrome da longa jornada pela vertente norte da cordilheira que conduz á nova capital do estado de Minas, Bello Horizonte. Para o norte, distinguimos immensas extensões descobertas; a montanha é guarnecida d'estreitas faixas de floresta que se extendem ao longo dos valles, até ás nascentes dos regatos; atravessamos umas após outras, espessuras espinhosas e campinas em que o solo é saturado de formigas. As arvores densas, despojadas das suas folhas por meses de sécca, começam a reviver e cobrem-se de flores de côres brilhantes, desconhecidas em floresta de regiões humidas. E' ali que começam os mattos. Prolongam-se para o norte, sem interrupção, quando não é ao longo de ribeiras, mais ou menos caudalosas, conformè as chuvas que recebem.

Em S. Paulo e no Paraná, a crista da Serra do Mar já não marca o limite de regiões florestaes. Sobre o planalto, alternam-se florestas e campinas. Os fogos que os indios accendem nas savanas teem, em alguns sitios, mutilado a floresta; entretanto, o homem desempenha um papel modesto na distribuição actual das for-

mações vegetaes. A floresta manteve-se por toda a parte onde as condições naturaes eram favoraveis, conservando-se fielmente nas vertentes humidas e nas terras ricas e fortes. Ha terrenos, que ou pela sua riqueza, ou pela sua frescura, são os que convéem á floresta, isto por que nossolos leves as arvores mal resistem ás séccas. As diabases, em S. Paulo, são sempre cobertas por floresta, a sua descripção poderia ter logar n'uma carta geologica.

A floresta do planalto, cortada de campinas, é tambem menos exuberante e menos espessa que a floresta da serra, e á medida que se avança para o sul, a differença ainda é maior. Para a fronteira de S. Paulo e do Paraná, as arvores tropicaes são substituidas pelos resinosos. Os immensoes pinhaes do Paraná, de tronco rectilineo e côma plana, cuja fórmula lembra um pouco a do candieiro de sete braços, cobrem com o seu tom severo as partes arborizadas do planalto, desde Paranapanema até além do Uruaguay. Com a sua folhagem fina que deixa passar a luz, parecem-se com uma floresta resinosa da Europa.

Para encontrar a floresta tropical torna-se preciso proseguir no caminho até á serra Geral, cujas encostas descem ao sul para as campinas do Rio Grande, como a oeste descem para o mar. Ahi, sobre os flancos basalticos estende-se um ultimo fragmento. A sua magnificencia

eguala quasi a das florestas do Rio ou de Santos. E' a floresta equatorial que faz a continuidade da serra, e não a sua constituição geologica. Quando os brasileiros falam da serra, pensam mais na floresta do que na montanha. Cartographos pouco perspicazes e que trabalham sobre testemunhos que nem sempre interpretam bem, semearam o Rio Grande de cordilheiras imaginarias. Percorrendo o país é em vão que se procuram; mas descobrem-se, em seu logar, florestas a que os habitantes chamam serras; o nome de montanha tornou-se pela logica immanente da linguagem um nome de floresta. Nada melhor do que isto pode indicar qual a importancia da vegetação na paysagem brasileira: desvanece todos os outros caracteres.

Floresta, matagal, campina, mudam d'aspecto com o cyclo annual das estações. Todo o Brazil interior conhece a alternativa de duas estações bem diferenciadas. A temperatura é igual durante todo o anno; não existe uma estação fria e uma estação quente, mas uma estação de sécca e uma estação de chuvas: esta ultima coincide com o estio austral. Com as primeiras chuvas, por setembro ou outubro, a vegetação adormecida desperta bruscamente. Em seguida, vem a epoca d'abundancia em que a terra fornece aos rebanhos um pasto abundante. Março traz a sécca aos campos queimados. O dominio dos estios chuvosos comprehende o estado de

S. Paulo e estende-se algumas vezes até ao Paraná. D'ahi por diante, a distribuição das chuvas não é já o que dá o rythmo á vida vegetal, mas as variações da temperatura cuja amplitude se torna cada vez maior. No Rio Grande, de junho a setembro, os frios são frequentes, o gado nas pastagens soffre tanto de frio como de fome. Volta a primavera e a herba cresce quando o sol readquire a sua força; é a unica parte do Brazil onde as palavras inverno e verão se interpretam como na Europa.

A faixa costeira da Serra não conhece, pelo contrario, estações: ali todos os meses do anno se parecem uns com os outros, todos recebem das alturas chuvas sensivelmente eguaes. A vegetação é ali verdadeiramente eterna: não fenece nunca. A crista da serra separa, pois, duas provincias differentes. Se é verdade que a divisão do anno em estações differentes, auxilio poderoso para o agricultor, é o privilegio das regiões temperadas, o Brazil tropical não existe senão ao pé da serra e sobre as duas encostas; o interior é um outro Brazil.

O seu advento na historia brasileira data de muito longe; os primeiros colonos subiram immediatamente a serra e descobriram as vastas terras que se lhes offereceram sob um clima o mais favoravel. A faixa costeira era muito estreita e muito quente para ser o berço d'um povo. A colonização não se fez como no Esta-

dos-Unidos. Na America do Norte, pioneiros estabelecidos na costa, sob um céo rude e saudavel, viveram ahi longo tempo sem intento de passar para oeste das montanhas que limitavam os seus campos. Prosperaram e multiplicaram-se no seu pequeno dominio, e, tendo formado uma nação, só então apprehenderam extender os seus territorios para oeste. No Brazil, se a capital administrativa da colonia ficou fixa na costa, a penetração começou rapidamente. Hoje ainda, para a frente do planalto onde os immigrants affluiram, e que elles tem aberto por toda a parte a vida laboriosa, a costa conservou-se fracamente povoada. Emquanto as florestas do interior recuam pouco a pouco deante do agricultor, o Brazil conserva intacta a sua floresta littoral, cujo logar o homem não disputou. Entre as cidades maritimas e as regiões agricolas dos planaltos, constitue ella uma fachada sumptuosa e enganadora. Muitos viajantes não conhecem do país, senão isso. Engana sobre a natureza do Brazil, engana sobre os seus progressos economicos. As partes verdadeiramente vivas do Brazil descobrem-se por detraz d'essa fachada.

Após o primeiro deslumbramento da chegada, quando se tem viajado muito no Brazil, os olhos acabam por se fatigar; acostumam-se ao rico *decor* que se atravessa, acham monotona

a paisagem. A sombria verdura das florestas e dos arvoredos cobre por toda a parte as rochas; o solo é d'um vermelho sombrio uniforme, a própria poeira é vermelha. As côres claras e as linhas quebradas são igualmente raras. Caminha-se pelo meio de cabeços arredondados; um clima humido adoçou os contornos das collinas e dos valles. As recordações do itinerario percorrido misturam-se e confundem-se, lezírias e florestas, tufos de palmeiras ao pé de regatos vadeaveis, meandros do caminho sinuoso no meio de campinas onduladas.

Esta monotonia, deve attribuir-se muito mais á propria natureza que á raridade do homem e ao insignificante logar que na paisagem occupam as suas obras. Não é uma paisagem particular ao Brazil: é commum a todos os países novos. Quando se tem vivido sempre em França, onde desde ha tantos seculos as gerações trabalham por disciplinar e diversificar a natureza, onde ella é tão profundamente humanizada, facilmente se esquece que é o homem que cria a paisagem. O que é em França uma paisagem, senão, no meio d'uma vegetação que o homem desenvolve e que dirige, as casas e os caminhos que o homem construiu? Da primitiva natureza nada mais resta, a não ser os contornos geraes, as grandes linhas do horizonte, o ultimo plano. No Brazil,

uma população d'origem recente e muito disseminada luta contra uma natureza mais poderosa; a paisagem brasileira não está concluída.

Caminhando-se para o interior, para lá das regiões de cultura, todos os vestígios da presença do homem desaparecem. E'-se feliz n'essa região que os brasileiros designam com uma palavra intraduzível: *Sertão*, — os algerianos diriam *Bled* — quer dizer região sem casas nem caminhos, onde a civilização não introduziu ainda nenhuma especie de conforto, onde qualquer encontro é um acontecimento, onde se viaja munido de bussola, e onde se vive de provisões que se levam e da caça, dormindo a cavallo. Os limites do sertão são instáveis; á medida que o tempo passa elles recuam. E' preciso hoje procural-o muito longe, e a maioria dos brasileiros não o conhece melhor do que os camponeses de Beauce ou de Brie conhecem a montanha ou a charneca. Mas os engenheiros, os pesquisadores de minas, os pioneiros da vanguarda que criam no sertão os seus gados á vontade, teem um grande apego pela existencia livre que ahi levam.

A' volta do sertão, o mais pequeno logarejo é uma capital, e a fazenda mais modesta um palacio. O sul do estado de Minas offerece um dos aspectos mais característicos dos campos brasileiros. A região foi inteiramente conqui-

tada á floresta; chama-se ainda hoje a *Matta*, quer dizer a floresta. Entretanto, a floresta primitiva foi destruida por toda a parte, e as florestas actuaes renasceram n'um terreno que outr'ora foi surribado. Esta floresta reconstituida é, em portuguez, a *capoeira*. E' preciso ter experiencia para a distinguir da floresta virgem, tão rapido é o brotar das plantas, de troncos enormes, que se diriam de vinte e cinco annos. O fazendeiro que vos guia explicar-vos-ha que ha quatro annos, n'aquelle logar, a terra foi mondada e que se colheu ali mandioca. Feliz país onde a destruição das arvores não é para receiar. A floresta ali tem a sua missão no cyclo dos trabalhos que se exigem da terra, na divisão d'esta. Depois de alguns annos de cultura confia-se-lhe o cuidado de regenerar o solo e de reformar o *humus*.

Através as *capoeiras* chega-se aos campos cultivados que sustentam a fazenda. A canna de assucar verdeja em fundos humidos, as encostas são guarnecidas de cafezeiros de folhas lusidias como folhas de loureiro, e milhos amadurecem entre as suas linhas. Os pastos que se queimam para tornar a herva mais tenra são rodeados de filas de bambús, cujos pés o gado desguarnece. Ramos de bambús abrem-se no ar como fogos d'artificio e palmeiras em leque espallham manchas de sombra. Os cami-

nhos estão cortados de portas de madeira que impedem a passagem do gado d'uma fazenda para a outra; cruza-se de longe em longe com um fazendeiro em viagem, n'um cavallo vivo e docil, arrastando a cauda, chouteando. Ouve-se ao longe o chiar incommodativo dos carros transportando as colheitas, arrastados por quatro juntas de bois que aquella musica selvagem parece animar. No Brazil o boi não trabalha; não se emprega senão nos transportes. De espaço a espaço, e ás vezes agrupadas algumas, rusticas cabanas de operarios que são quasi todos negros. Ajuizae da disciplina: na encosta, um grupo trabalha ruidosamente sob a vigilancia d'um capataz. Quando a sua voz se cala, sois perseguidos pelo ruido surdo da mó que o proximo regato faz girar: é o moinho primitivo que prepara a farinha para alguma dona de casa, côr d'ébano.

Uma volta, e eis a fazenda. E' ordinariamente em baixo, ao pé do regato. Frequentemente deixa-se ao pé da encosta o moinho da canna e o tanque para a lavagem do café e a meia encosta ou sobre o vertice ergue-se uma grande casa quadrada e simples, coberta de telha que o musgo depressa invade. Um jardim rodeia-a, com laranjeiras carregadas de fructo tão productivas que as laranjas apodrecem no chão. Sobre o terrasso, algumas d'essas

palmeiras cujo tronco lembra elegantes columnas e que são como que o braço da fazenda; tal como as antigas residencias de campo francezas que se jactavam das suas torrinhas.

Outras culturas, outros aspectos. A planicie risonha de Campos tem culturas d'assucar que dominam as chaminés dos engenhos. Em S. Paulo, nos centros cafezeiros, renques de arbustos ondulam sobre as collinas, ao longe, d'onde as culturas mais pobres foram expulsas. A cabana de barro amassado com palha, com que o negro se contenta, é substituida pela casa caiada onde habitam os italianos e os hespanhoes. No Rio Grande ou no Paraná, á roda das suas habitações quasi sempre *coquettes*, os colonos idos da Europa septentrional, raça cheia de virtudes domesticas, cultivam um florido jardim.

Como se n'este país extranho representassem um principio d'unidade, os centros ruraes parecem-se entre si. Salvo algumas colonias polacas em que uma antiga architectura de madeira, importada da Europa, preside ainda á construcção da igreja, todas estas aldeias do interior são do mesmo modelo, situadas na vertente d'uma collina, com as suas casas baixas, pintadas com uma aguada, a branco, rosa ou verde. A igreja tem dois campanarios, duas torres quadradas, e é coroada por uma minuscula cupula de oito faces. Por cima do

portão vê-se uma especie de frontão classico. Assim se perpetuou modestamente um estylo que dominou o mundo no seculo XVIII. Por muito pequena que seja a aldeia, imagine-se com que alegria ella se distingue ao caír da tarde, após uma longa jornada a cavallo.

A maior parte das cidades são edificadas no planalto. Aquella cuja historia é mais curiosa é a recente capital do estado de Minas Geraes. Bello Horizonte foi fundada por decreto — ha, creio eu, quinze annos — n'um ponto deserto onde palmeiras attrahiam para o meio dos matos; d'ellas existem alguns exemplares nos jardins da cidade. Fez-se o plano; preparou-se o local para uma população de trezentas mil almas, e á cidade pôde chamar-se como se chamou Washington nos Estados-Unidos — a cidade das distancias. O nome de Bello Horizonte condiz com o local que ella occupa, longe dos calores humidos e das florestas da costa, no meio de planicies descobertas; é uma alegria para os olhos observar d'ali, da altura onde está edificada, as immensas linhas do horizonte, na transparencia do ar, ao longe. Todas as cidades do planalto, S. Paulo, Curitiba, se parecem com o Bello Horizonte, não só porque teem progredido muito, mas porque a luz é a mesma e o horizonte egualmente vasto.

As cidades da costa são mais originaes, porque são mais antigas e porque as suas paysa-

gens são mais particulares, desde Pernambuco e Bahia, as metropoles gêmeas do antigo Brazil, com os seus jardins de mangueiras e arvores de pão, até aos pequenos portos pittorescos das costas meridionaes, como Paranagua e S. Francisco, com as suas velhas alfandegas portuguezas de paredes decrepitas.

Rio é o orgulho dos brasileiros. A' entrada da bahia ergue-se um bloco inaccessible de granito que as vagas lambem na base: é o Pão d'Assucar. A sua fórmula extranha e familiar é popular no Brazil; é uma das feições mais universalmente amadas da imagem da Patria. Um brasileiro conta que, depois do Creador ter concluido a bahia do Rio, satisfeito com a obra prima, quiz indicá-la á admiração dos homens por um ponto de exclamação. Este ponto de exclamação é o Pão d'Assucar. Quer se chegue ao Rio á noite, quando a bahia dorme entre as luzes da cidade e as de Nitheroy na margem em frente, e se não veja do quadro senão os contornos; quer se chegue ao romper do dia e se revelem as ricas côres da paisagem, o azulado das aguas, o ôcre das torres, as casas pintadas, o fundo sombrio das florestas e o céu enroupado de pesadas e espessas nuvens, a impressão é igualmente arrebatadora.

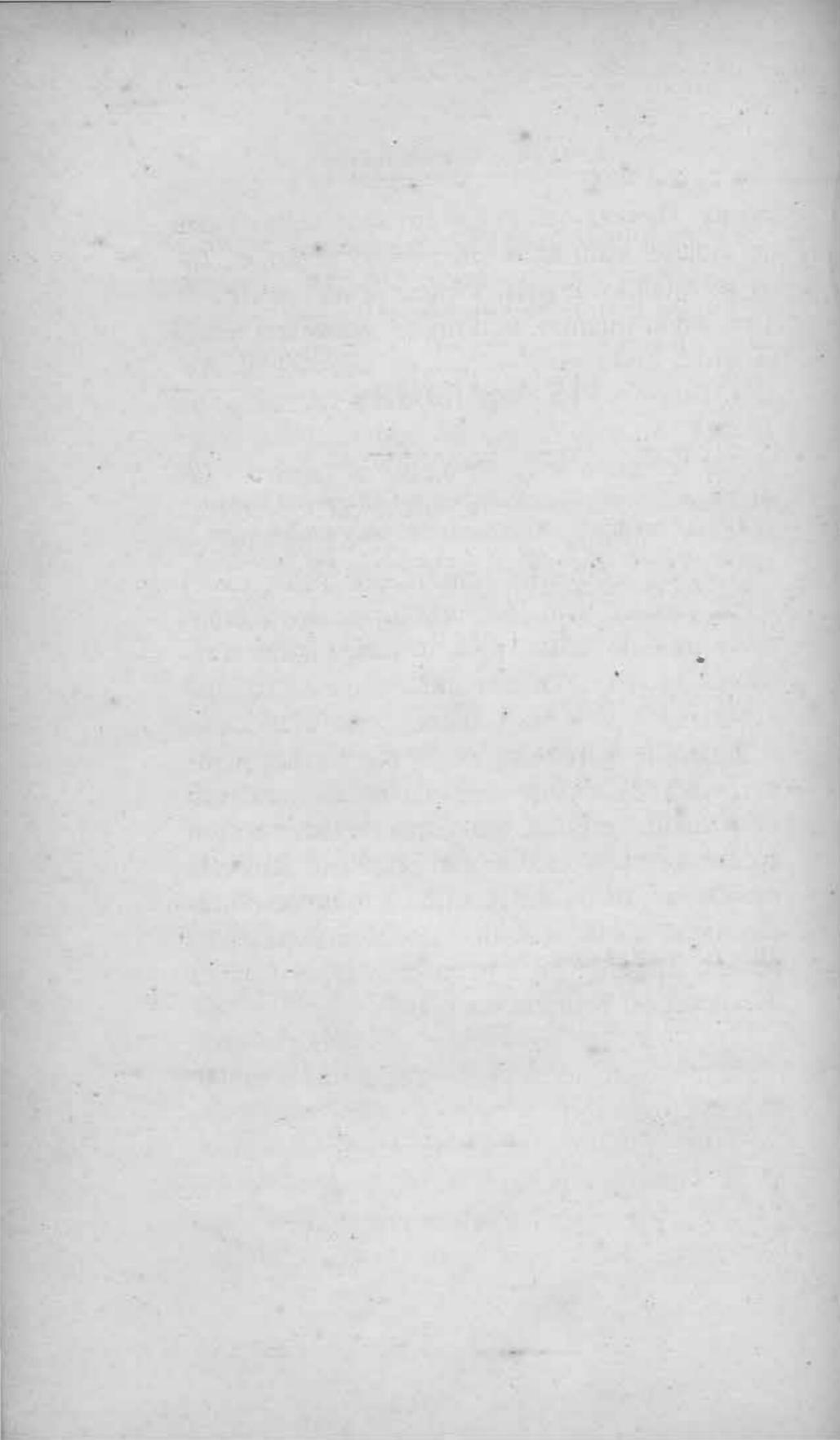
Rio está edificada n'uma estreita planura alluvial que encrava diversas collinas graníticas,

out'rorra ilhotes da bahia. Foram demolidas a alvião e a dynamite varias d'essas collinas; no entanto, tem-se respeitado até hoje a mais alta e a mais pittoresca de todas, o Morro do Castello; o observatorio astronomico está ali installado nas obras d'uma velha igreja jesuitica que nunca foi concluida. Parece que se conspira contra o Morro do Castello e que este corre o risco de ser nivelado como foram os outros. Peço perdão para elle; destruil-o seria um sacrilegio: quanto não daria Buenos-Ayres por uma collina igual, no meio da monotona planicie em que esta cidade se estende!

Duas ruas constituem o coração do Rio: é a Nova Avenida Central e a velha rua do Ouvidor. A Avenida Central foi aberta em dois annos, no meio d'antigos bairros; as grandes construcções que teem para ella as suas frentes marcam a introducção no Brazil da architectura americana de vigamentos de ferro. A apparencia é luxuosa, mas um pouco cosmopolita, e eu confesso que perfiro a rua do Ouvidor. E' estreita, um pouco sombria, mas com tudo elegante; as carruagens não circulam ali, os vendedores de jornaes extendem no chão as suas folhas. E' ali que se vão mostrar e ver as *toilettes*; é ali que se pode descobrir alguma coisa ácerca da vida das classes ricas do Rio.

O Rio deve ser visto do alto das collinas de

Santa Thereza ou do Corcovado; como todas as cidades edificadas em terreno plano, occulta-se quando é vista do mar, e não se descobre senão quando se domina. Sobe-se a Santa Thereza atravessando ruas em *zig-zag* plantadas d'árvores cujos troncos estão revestidos de musgo. As suas raizes, tão poderosa é a vegetação, levantam irregularmente as lages do pavimento, e fazem d'elle uma escada desigual. Do alto, distinguem-se os velhos bairros, os modernos arrabaldes ramificados pelos valles da montanha. Um *pê-le-mê-le* de morros e montes longe da costa, para o norte; n'um córte profundo a bahia encaixa um archipelago d'ilhas arborizadas, e a linha da serra do Mar fórma o horizonte. A floresta existe por toda a parte, em volta da cidade que ella encerra, na propria cidade mesma, nos jardins, sobre as encostas abruptas onde se não pode edificar. Nem um campo ao pé do Rio que fale de colonização, de domesticação do solo. N'esta zona costeira, o dominio do homem não saiu para fóra da superficie restricta da cidade.



CAPITULO II

As estradas

*As vias maritimas — A cabotagem — A navegação fluvial —
As vias terrestres — As antigas estradas e o seu papel
geographico — Mau estado de caminhos — Os caminhos
de ferro e o desaparecimento das velhas estradas
Geographia da rede brasileira — Transbrazileiros e
transcontinentaes em projecto — O caminho de ferro e
a colonização*

A grande estrada brasileira foi, é e será sempre verdadeiramente o mar. Desde a fundação da unidade nacional, trabalha a cabotagem para a cimentar. O mar une com effeito as diversas provincias colonizadas que são muitas vezes separadas umas das outras por extensões ainda deshabitadas.

A navegação é bastante activa ao longo de toda a costa; está ella reservada por lei á marinha brasileira. Estas viagens costeiras fazem-se hoje muito confortavelmente a bordo de vapores sufficientemente rapidos. As escalas são numerosas. Vae-se de porto a porto, desde as bahias rochosas do sul da Borburema, onde a maré leva aguas claras sobre fundos de areia, até aos

largos estuários do Amazonas, onde correntes poderosas carregam águas doces e turvas.

Ao par da navegação marítima, a navegação fluvial está bastante desenvolvida. Reina sem rival em toda a bacia do Amazonas. Ali, as ribeiras são as únicas aberturas da floresta. É em barco que os imigrantes fazem a sua primeira viagem do Pará a Manaus. Os vapores transatlânticos atingem Manaus sem diminuir a sua carga. D'ahi por diante, uma flotilha de pequenos vapores faz o serviço das explorações da borracha. O operário que quer fugir da floresta não tem outro recurso, e o patrão que quer impedir as deserções contenta-se com vigiar o barco durante a escala; retirando-se o barco, o seu pessoal fica prisioneiro com elle. No Pará, a via fluvial é pittoresca; vê-se alguma coisa ali do que existe em grande nos portos do Oriente. A' guiza de juncos, grosseiras embarcações de vela, em que vivem famílias, estão atracadas ao caes. A região dos estuários é o seu domínio. Frequentemente, aventuram-se até Oyapok e vão até ao mar das Guianas e das Antilhas, onde a pequena navegação á vela se conservou tão florescente:

A bacia do Amazonas forma uma admirável rede navegável, sem igual talvez no mundo inteiro. N'outra parte, a navegação fluvial não tem mais do que uma importância local. O Paraná é fechado pelas quedas do Urubu-

punga, acima do confluente do Tiété, e nas Sete Quedas, acima do confluente do Yguassu. O Tiété corre igualmente de cascata em cascata. As quedas de Paulo Affonso sobre o S. Francisco são celebres, e as cataractas do Yguassu, quando forem accessiveis, attrahirão os viajantes como as do Niagara. A navegação limita-se, pois, a utilizar, tanto quanto possivel, os canaes praticaveis dos rios. Economiza alguns dias de carro, mas não presta serviços d'interesse geral.

Conservo boas recordações d'alguns dias de navegação no Yguassu. Para falar a verdade, foi-me util um pouco de desprezo pelo conforto, e tambem um pouco d'essa qualidade tão vulgar no Brazil — a paciencia; traduza-se a indiferença por tempo perdido. A minha má fortuna fizera-me embarcar n'um dos vapores da flotilha, que tinha reputação de ser o mais defeituoso. Era uma especie de grande peniche de ferro, com a caldeira á frente, e uma grande roda de pás que occupava toda a ré. Uma chapa de ferro fundido servia-lhe de toldo; a carga era de saccoes de chá *mate*, cujo odôr é penetrante e acre. Partilhei com a equipagem do caldo de feijão negro e do chá que sorvi com ella pela mesma palha. Subimos lentamente a corrente do rio, entre rochedos ou palmeiras alternando com pinheiros. Dormimos á noite sobre os saccoes, emquanto a tempestade illu-

minava a flôresta. Quando o combustivel faltava, mettia-se o nariz da peniche por entre as arvores da riba, e passageiros e equipagem occupavam-se em abater uma arvore e em transformal-a em achas de lenha. Esperava-se em seguida que augmentasse a pressão do vapor, e o machinista vigiava no seu manometro, com uma calma que exasperava os meus companheiros, que annos de viagem passados no sertão deveriam tornar philosophos. Devo accrescentar que chegámos felizmente, e que a carga de folhas de chá *mate* foi desembarcada sem difficuldade ou estorvo, o que é seguramente d'um interesse infinitamente mais geral. O exito d'esta viagem foi menos completo do que eu poderia suppôr para a navegação brasileira depois d'esta experiencia. Tanto como ajuizar da marinha mercante fluvial franceza pela *Belle Nivernaise*.

Só conheço no Brazil um unico ponto onde exista uma verdadeira rêde fluvial. E' nas immediações de Porto Alegre, no Rio Grande. Um leque de rios desemboca ali. Téem contribuido para a prosperiedade das colonias allemães que serve. Desemboccam ao fundo da lagôa de Patos, onde vive, como no Amazonas, toda uma população de barqueiros. Lanchões, rebocadores, escunas, animam as suas aguas. O aspecto ali é o mesmo que duzentas milhas ao sul nos canaes do Rio da Prata.

A navegação recua quasi por toda a parte deante do caminho de ferro. O rio não é considerado navegavel senão durante todo o tempo em que constitue o caminho menos perigoso e mais barato. Quando um outro caminho mais commodo se abre, o rio é abandonado. Assim succedeu em França; a via fluvial do Loire foi utilizada sómente até á construcção dos caminhos de ferro. Outr'ora tambem no Brazil se utilizou um maior numero de rios. Ha dois seculos, os aventureiros paulistas — os *bandeirantes* — quando se dirigiam para o interior desciam o Tiété em barco, e o caminho que elles assim seguiam está hoje tão abandonado, que a commissão geographica de S. Paulo organizou uma verdadeira expedição para o explorar.

Os caminhos por terra são quasi sempre incommodos. Alguns são antiquissimos. Um dos mais velhos é o que liga o Rio ao centro do Estado de Minas, antiga capital que tem o sumptuoso nome de Ouro Preto. E' muito frequentado. D'Orbigny, que chegou a Ouro Preto por meados do seculo XIX, consagrou-lhe algumas linhas:

“E' sobretudo entre o Rio de Janeiro e a Villa Rica (Ouro Preto) que as relações são mais frequentes e as communicações mais fa-
ceis. Quasi todas as semanas parte da cidade uma caravana levando para o littoral produ-

ctos da região, algodões, coiros, pedras preciosas e barras d'ouro, para trocar por sal, vinho, pannos, lenços, espelhos e quinquilharia ou escravos comprados para a lavagem das minas.» (1)

Este caminho exerceu sobre as populações uma extraordinaria attracção. Hoje ainda, que todo o trafico cessou, arruinado e n'alguns pontos quasi desviado, é o que se segue para os casaes numerosos que n'outro tempo se foram agrupando em todo o seu percurso. A sua influencia subsiste ainda na forma das aldeias que elle atravessa, as quaes, em vez de se agruparem em volta da sua egreja, se foram estabelecendo n'elle e se alinham hoje n'uma grande rua, troço antiquado d'essa via de comunicação.

Um outro caminho velho é o que de S. Paulo conduz a Minas, atravessando do sul ao norte os valles que sulcam os territorios de S. Paulo. Tambem este tem, pouco a pouco, sido desfeito, mas exerceu sobre as regiões que atravessa uma influencia semelhante ao do caminho d'Ouro Preto ao Rio. As terras foram ahi rapidamente apropriadas. Os velhos caminhos marcam com effeito no Brazil os pontos onde a propriedade é mais antiga, porque é ao longo

(1) *D'Orbigny, Voyage dans les deux Ameriques.*

das vias de communição que a terra adquiere primeiro um valor.

O que foram esses antigos caminhos, mais d'um nol-o póde dizêr hoje, quando o precorremos. Os cantoneiros brazileiros teem que fazer em muitissimos pontos: o clima nas estradas é o mais hostile que se pode imagiñar. Custar-lhes-ia isso, não digo já para abrir uma rede de estradas á francesa, mas sómente para as conservar, uma somma tal que o orçamento federal e os dos estados não poderiam comportar; resignam-se, pois, a não fazer senão as reparações indispensaveis, e a ter maus caminhos. Muitos não passam de caminhos d'almoceve, e é no dorso de cavalgadas que por elles se fazem os transportes. As grandes estradas permittem, entretanto, a circulação de carros. Nas regiões de grande propriedade, onde os proprietarios fazem os transportes por conta propria, como succede para a canna ou para o café, são elles os interessados na conservação dos caminhos, e não se vê nunca a circulação interrompida. Não succede outro tanto nas regiões de pequena propriedade.

Travei conhecimento com estas estradas rudimentares quando, de S. Matheus no Yguassu, me quis dirigir a noventa kilometros d'ali, á estação mais proxima do caminho de ferro. A communição mais commoda e a mais frequentada era o rio, mas o vapor devia demo-

rar alguns dias, e eu tinha pressa. Depois de procurar muito, encontrei um cocheiro, um imprudente que arriscou na empresa os cavallos e a carriola. A semana tinha sido chuvosa. Atravessámos em dois dias a mais maravilhosa região do mundo, da floresta ás campinas. No primeiro dia, á custa de muita prudencia, o carro voltou-se só duas vezes; no segundo caminhámos lentamente de barranco em barranco. Os cavallos, cobertos de lama até ao peito, extenuados por um esforço incessante, recusavam o milho e o feno; Estanislau, o meu cocheiro polaco, não fazia senão amaldiçoarme. Por mais d'uma vez perguntei a mim mesmo, se não tinha feito mal deprezando os conselhos dos velhos da aldeia. Se tal succede a um viajante sem bagagens, servido por bons cavallos, não admira que os transportes commerciaes por estes caminhos sejam verdadeiramente impraticaveis.

Em muitos pontos, o caminho de ferro substituiu as velhas estradas; quasi que por toda a parte ellas morreram. Os transportes por estradas são sempre tão difficeis que mal o caminho de ferro é aberto, logo a freguezia se não faz demorar. Antes da abertura official, a linha serve já o publico que se aproveita sem vergonha de todas as occasiões, installando-se nos wagões das mercadorias ou enganchando-se o melhor que pode a uma locomotiva de ser-

viço. A administração não mais se considera obrigada a conservar as estradas, uma vez construído o caminho de ferro. O velho caminho d'Ouro Preto desapareceu por falta de conservação. No Paraná, poucos annos antes da construcção do caminho de ferro, acabava-se de construir a estrada de Curitiba até ao mar. Chamava-se a estrada da Graciosa. Era talvez a melhor das estradas do Brazil. Não sei se depois se fez com ella a menor despesa; as reparações não mais se fizeram, as obras d'arte arruinaram-se; tornou-se impraticavel em toda a sua extensão. E' devido ao monopolio que de facto desfructam os caminhos de ferro brazileiros que elles podem manter tarifas tão elevadas.

No emtanto, ás vezes as estradas não desaparecem deante do caminho de ferro: sobrevivem-lhe, por exemplo, no planalto do Paraná. A resistencia das estradas tem ali causas geographicas e outras historicas. O frete abunda, porque vem de Ponta Grossa e de mais longe á Curitiba toda a folha de chá mate que se colhe nas florestas a oeste do Estado. De Ponta Grossa á Curitiba o planalto é medio-cormente arborizado e apenas a estrada atravessa alguns pinhaes disseminados. Ora a floresta é a inimiga das estradas. Mantem a humidade e impede o sol de remediar o mal feito pelas chuvas. Se tendes de fazer uma viagem,

ficae certos que uma vez saídos dos bosques, tereis feito d'ella a metade mais difficil. Fóra da floresta, a estrada mantem-se mais facilmente por si, mesmo sem reparações. Na campina o carreteiro tem a mais a vantagem enorme de poder fazer um rodeio á direita ou á esquerda para evitar o mau piso. Os países de campinas, como a Argentina, não conhecem o problema de conservação das estradas. O Paraná teve a mesma sorte. O solo é de grés friavel; os lameiros não se podem ahi aterrar, e a drenagem faz-se rapida.

Quando de cima d'um dos cumes superiores do planalto se procura seguir até ao horizonte a linha da estrada, vêem-se no meio d'arvores, n'um espaço de muitas centenas de metros, e ás vezes de muitos kilometros, as collinas alcandoradas para a passagem de carinhos. Não ha uma estrada, mas toda uma zona que é utilizada como uma estrada.

Tornada assim praticavel a passagem, houve uma classe de homens que se dedicou á industria dos transportes; quiz ganhar a sua vida na estrada. Sem elles, as estradas do Paraná estariam mortas, como as outras, e Curitiba receberia o chá sómente pelo caminho de ferro, como S. Paulo recebe o café. Não eram brasileiros, mas immigrants de data recente, russos, que chegaram ao Paraná em 1878. Eram de nacionalidade russa, mas de lingua allemã,

tendo sido transferidos d'Allemanha, do Volga, no reinado de Catharina II. Tentaram primeiro a agricultura, mas a primeira colheita infeliz descoroçoou-os, e ao mesmo tempo que uns se dispersavam pelo mundo, outros tornavam-se carroceiros. O Paraná tem os seus carroceiros; constituem um dos typos mais curiosos da população brasileira estes carroceiros allemães, aos quaes a sua lingua e a sua profissão dão uma dupla originalidade.

Teem bairros proprios n'algumas aldeias onde vivem com as familias. A' roda das casas possuem algumas pastagens; o seu gado refaz-se ahi das fadigas das grandes viagens. Encontrei-me com as suas enormes carroças, pesadas e cobertas por um grande toldo cinzento, collocado sobre paus em arco. São tiradas por quatro juntas de bois, pelo menos, e ás vezes por outras tantas parellhas de cavallos. Recolhem-se á noite nas estalagens rusticas, as quaes tambem sobreviveram á estrada. Os carroceiros encontram ahi, não a pousada, o albergue, visto que dormem nas carroças, mas a sua refeição da noite. Foi lá que eu recebi as suas confidencias e procurei adivinhar algumas feições da sua alma de nomadas.

Outras vias de communicação que os caminhos de ferro não fizeram desaparecer, são os caminhos de pé posto, os *drailles* segundo um antigo termo francês. Ha-os em muitos

pontos do territorio e, como é natural, ha-os principalmente nas grandes regiões creadoras de gado, nos dois extremos do Brazil, no Rio Grande e no Ceará. Como todos os estados brasileiros, mesmo aquelles em que a riqueza se baseia na agricultura, foram outr'ora consagrados á criação de gados, teem todos os seus *drailles*, mas foram perdendo a animação á medida que a industria pastoril entrou em decadencia. Não os conheço, por exemplo, em S. Paulo. Os antigos caminhos que n'outro tempo eram seguidos pelo gado do Matto Grosso ou do Paraná, não são hoje utilizados. Cada provincia produz pouco mais ou menos o gado que precisa, de maneira que os transportes animaes estão reduzidos a pouca coisa, e o consumo das grandes cidades está assegurado cada vez mais pelos caminhos de ferro

Os *drailles* mais concorridos encontram-se hoje nas provincias onde a criação do gado se conservou uma grande industria, no Ceará e no Rio Grande. No Ceará o gado vae até aos pontos d'exportação; no Rio Grande até aos matadouros ou sequeiros ao longo d'extensas veredas que se povôam todos os annos no fim da primavera, quando as manadas estão gordas. A concorrencia que o caminho de ferro faz a estas vias de comunicação é muito recente. N'outros tempos as pastagens dos dois lados d'esses caminhos não eram

fechadas. O gado que ia de passagem penetrava n'ellas e pastava á vontade; nem d'outro modo se provia á sua alimentação. Era pesada a servidão para as terras vizinhas do caminho, mas os fretes da viagem das manadas eram pouco menos que nullos. Hoje o habito de murar as propriedades está muito espalhado. E' preciso comprar para a viagem as forragens necessarias, como fazem em França os pastores que seguem pelos *drailles* das Cévennes. Os fretes encareceram. O caminho de ferro substituirá os *drailles*, quando os *rails* dominarem em todo o Rio Grande, como dominam já na Pampa argentina. Estas migrações desaparecerão e, com ellas, um dos episodios mais pittorescos da vida dos *gaúchos*.

Existem no Brazil perto de 18 mil kilometros de via-ferrea; é pouco se se attender á superficie do país, porém muito para a cifra da sua população. Em 1907 haviam sido abertos á exploração 701 kilometros. A densidade da rede é muito variavel. A parte oriental do estado de S. Paulo é sulcada de caminhos de ferro; mas a bacia do Amazonas está, pelo contrario, totalmente desprovida d'elles. A falar verdade, não existe uma rêde brasileira, mas pequenas rêdes independentes cobrindo com as suas malhas as regiões da antiga colonização, e sem communicação entre si. Podem espe-

cializar-se as cinco principaes, nos estados de Pernambuco, da Bahia, de Minas, de S. Paulo e do Rio Grande do Sul. D'essas, duas sómente, a de Minas e a de S. Paulo, estão ligadas uma á outra. A linha de S. Paulo ao Rio é hoje a unica via de transito entre dois grupos d'estados, reforçando a via marítima.

Cada rêde local compõe-se d'um leque de linhas, servindo uma região do interior e terminando n'um porto do mar. A existencia do porto está ligada á da rêde. A costa septentrional é pobre em portos naturaes. Ao sul do cabo de S. Roque, é marginada por uma linha de recifes corallinos que apresenta raros córtes. Um d'estes determinou a posição da cidade de Pernambuco. D'ali por deante, as bahias são numerosas, vastas e seguras. Os primeiros navegadores não precisaram de escolher d'entre tantos e excellentes abrigos, e hesitaram frequentemente na escolha de locais para os seus estabelecimentos. Na costa de S. Paulo, por exemplo, S. Sebastião e S. Vicente precederam Santos.

Os portos primitivos não eram mais do que simples ancoradouros. Mas no fim do seculo XIX, procuraram dar-lhes uma feição moderna. Santos, saída para os cafés de S. Paulo, foi o primeiro porto modernizado. A construcção do caes do Rio está muito adeantada; na Bahia começaram já os trabalhos; em Pernambuco,

a concessão do porto acaba de ser dada a uma casa francesa. Resta a barra do Rio Grande que dá accessó á laguna dos Patos. E' uma especie d'estuario arenoso, sujeito ás marés. Resolveu-se aprofundal-a e regularizar-lhe os canaes. Quando a obra estiver concluida, a ultima das rêdes brazileiras possuirá, como as outras, um porto de facil accessó.

No Brazil meridional, os caminhos de ferro que ligam os portos aos planaltos do interior encontraram por toda a parte o mesmo obstaculo: a serra do Mar. A muralha não tinha bréchas. Foi preciso escalar este palanque de oitocentos metros d'altura. A construcção das linhas que sobem a serra custou grossos capitaes e prodigios de technica; por isso ellas são relativamente poucas. A forma do terreno vê-se no plano da rêde. As linhas que sobem o planalto ramificam-se sómente do outro lado da serra. E' precisamente o contrario do que succede na Argentina, onde as vias ferréas se dispersam em todos os sentidos, partindo de cada um dos portos de Buenos Ayres e do Rosario. Tanto quanto as planicies da Pampa se abrem livremente do lado do mar, assim é mais difficil o accessó ao planalto brazileiro. Na Argentina os portos teem prosperado rapidamente, tornaram-se mesmo capitaes. No Brazil meridional, os portos, isolados do resto do país, exercem exclusivamente as suas

funções de portos, a cada um d'elles correspondendo uma cidade no interior. Santos e S. Paulo formam um par inseparavel, como n'outro ponto, na America tropical, Caracas e La Guayra, e, antes da conquista moral do Mexico pelos Estados Unidos, quando as relações eram mais vivas com a Europa, Mexico e La Vera Cruz.

O problema tecnico da passagem da serra foi resolvido segundo methodos differentes. Do Rio a Petropolis estabeleceu-se uma cremalheira. A linha central do Brazil aproveita d'um valle secundario●, e de curva em curva attinge enfim o cume. De Santos a S. Paulo, a *S. Paulo Railway C.º* construiu uma especie de resvaladouro dividido em diversos andares. Mas a linha mais extraordinaria é a do Paraná. A serra era ahi mais abrupta do que n'outra qualquer parte, e a via está suspensa no flanco d'uma muralha vertical de granito, ora atravessando tunneis, ora salvando o abysmo. As difficuldades da construcção eram taes que foi preciso abandonar os trabalhos; e o joven engenheiro que os fez proseguir levou-os felizmente ao seu termo e fez a sua reputação.

A maior parte das vias de penetração, do mar para o interior, foram abertas n'um tempo em que as industrias agricolas dos planaltos apenas se iniciavam. Não se podiam prever os seus brilhantes resultados financeiros.

A mais fructuosa foi a que termina em Santos e que serve o estado de S. Paulo. Sendo muito elevado o custo d'uma linha através a serra, ninguem se arriscou a abrir uina outra. A *S. Paulo Railway C.^o* goza, de facto, d'um monopolio. Quando as plantações do café se alargarem, novas companhias dominarão no planalto; mas todas se enxertarão no tronco da primeira. Esta concentrou, sem temor de concorrência, o enorme trafico que representa toda a exportação e toda a importação do estado. Fixa arbitrariamente as suas tarifas. Os seus lucros são independentes da prosperidade ou do mal estar geral. A crise do café não a attinge. Vendido a preços remuneradores ou com perda, é preciso que o café seja exportado, e a *S. Paulo Railway* recebe impiedosamente o mesmo fôro. A unica preocupação da companhia é hoje limitar os seus lucros liquidos á cifra anteriormente recebida, de que deveria restituir uma parte ao Estado. Esforça-se por isso em engrossar as suas despesas; as estações são palacios, as suas linhas são conservadas como um salão, os taludes da via são sachados como as áleas d'um jardim, e os seus empregados parece que recebem regios ordenados.

O regime dos caminhos de ferro brasileiros é variado. O governo concede frequentemente ás companhias concessionarias uma garantia de

juro, sem a qual ellas não teriam arranjado os capitaes necessarios: a garantia é dada por uma somma fixa de despesas por kilometro, e calculada segundo o numero de kilometros de via. Esta forma de contracto teve consequencias as mais funestas. A companhia concessionaria não tem interesse algum em adoptar o traçado mais directo. Pelo contrario, usa do maior engenho para adoptar este principio: fazer o maior traçado possivel e o mais barato. Evita, pois, os aterros e os cortes, arrasta-se por meandros desrazoavéis. O interesse publico soffre com isso, a extensão das viagens augmenta. Para a propria companhia, a especulação é bastante infeliz, quando, depois de construir a linha, se encarrega de assegurar-lhe a exploração. Por que um traçado defeituoso augmenta as despesas e pode entrar o desenvolvimento do trafico da linha. O governo brasileiro apercebeu-se do perigo d'esta clausula de garantia. No ultimo contracto com a companhia do N. W. para a abertura d'uma linha de Itapura á Corumba, na fronteira boliviana, comquanto lhe concedesse uma garantia de juro kilometrica, limitou o numero total de kilometros que devia ter a linha.

As companhias vivem d'ordinario na melhor harmonia umas com as outras. O territorio do Brazil é muito vasto, para que esta faça sombra áquella; não sendo vizinhas não ha motivos

para questões. A lucta entre duas companhias de caminho de ferro não é uma das distracções ordinarias da existencia, como nos Estados Unidos, por exemplo. Succede, no entanto, surgirem competencias a respeito d'uma região fertil cuja freguezia é disputada por duas companhias rivaes. A companhia Mogyana e a companhia Paulista tiveram contestações cuja historia é divertida. A linha da Mogyana servia o grande centro cafezeiro de Ribeirão Preto. A companhia Paulista levou uma linha até tocar na Mogyana, ao sul de Ribeirão Preto, e esperou fazer reverter em seu proveito uma parte do trafego. Era exactamente o que se chama em geographia physica, falando da constituição d'uma rede hydrographica, uma captura. A parte a montante da Mogyana serviria para sustentar a Paulista. A juzante perderia a Mogyana toda a actividade, e os comboios circulariam ali vasios. A Mogyana defendeu-se o melhor que pôde. Inventou e organizou um serviço de comboios directos. O directo pára pontualmente em cada estação; não lhe annula senão uma, aquella precisamente onde seria preciso descer para tomar o comboio da Paulista. De boa ou má vontade, é preciso, pois, para voltar de Ribeirão Preto a S. Paulo, contentar-se com a Mogyana.

O governo federal possui e explora elle proprio uma importante rêde no Estado do Rio

e no de Minas; a grande linha do Rio a S. Paulo faz parte d'essa rêde. Em todo o territorio federal prosegue elle presentemente n'uma politica *systematica*, e procura resgatar os caminhos de ferro das companhias que os possuem. Não se propõe exploral-os em *regie*, mas concede a exploração a companhias arrendatarias. A rêde da Bahia foi expropriada. A rêde do Rio Grande, expropriada tambem, foi arrendada á Companhia auxiliar de caminhos de ferro. O mesmo fez o Estado de S. Paulo, que depois de ter resgatado a rêde da Sorocabana, a arrendou a um syndicato franco-americano. A nova linha de Baüro, na Bolivia, será construida pela Companhia do Norte-Oeste por conta do governo, e a exploração ser-lhe-ha em seguida arrendada.

O governo actual procura não sómente reformar o regimen dos caminhos de ferro, mas tambem dar unidade á rêde, desenvolvendo-a segundo um plano *methodico*. Propõe-se construir algumas grandes linhas d'interesse geral que servirão todo o territorio. Estes vastos projectos são proprios para ferir o espirito publico; levantaram no Brazil um verdadeiro entusiasmo. Parece á multidão que a criação d'essas linhas, ligando os estados do norte aos do sul, tornará palpavel a unidade nacional. Rio será accessivel pela via ferrea, de todos os pontos da União. No começo de 1908, os jornaes an-

nunciaram que o engenheiro Scinorr acabava de entregar ao ministro das obras publicas um relatório ácerca da junção da rede de Minas com a da Bahia. Concluido esse trabalho, a rede da Bahia seria rapidamente ligada á de Pernambuco e todo o planalto do littoral norte seria atravessado pela via ferrea.

Para o sul, mais brevemente ainda, o caminho de ferro ligará o Rio á Argentina e ao Uruguay. Era necessario preencher o espaço vazio entre a rede de S. Paulo e a do Rio Grande, através o Paraná e Santa Catharina. E' o plano adoptado pela S. Paulo-Rio Grande, cujo nome é bem conhecido em França onde ella lançou numerosas emissões de títulos. A S. Paulo-Rio Grande é muito popular no Brazil; terá um grande valor strategico, porque permitirá o transporte rapido de tropas até á fronteira do sul. Recordam-se ainda no Rio das difficuldades que houve necessidade de vencer durante a guerra do Paraguay e tambem da lentidão com que — por falta d'estradas — se conseguiu abafar a revolução do Rio Grande ha quinze annos.

Terá a S. Paulo-Rio Grande a sorte da maior parte das linhas de valor strategico, que é a de lhe faltar o frete em tempo de paz? Oxalá, que não. Não creio, entretanto, que ella venha a ser nunca uma via de transito muito activa. A via maritima será sempre mais vantajosa

para as mercadorias. Quanto aos viajantes, o caminho de ferro poderá, com effeito, do Rio Grande ao Rio, abreviar-lhes a viagem, mas a travessia por mar continuará a ser a mais confortavel. E' preciso conhecer os caminhos de ferro brasileiros, a poeira vermelha e fina levantada do ballastro da via, que penetra pelas janellas fechadas e torna o ar irrespiravel, para se fazer uma ideia da fadiga que representam quatro ou cinco dias de viagem n'um wagon, sobre os planaltos, onde a temperatura é frequentemente elevada.

A S. Paulo-Rio Grande desenvolver-se-ha, de modo differente, troço por troço, semeando a via á superficie do planalto deserto. A via tornar-lhe-ha possivel a exploração. Centros ali apparecerão, regiões agricolas hão-de surgir para os sustentar. Se o planalto fornece algum producto exportavel, as suas madeiras, por exemplo, elle procurará alcançar o mar pelo caminho mais curto. Os directores da empresa tão bem comprehenderam isto, que pediram a concessão d'uma linha transversal que cortará a linha principal na fronteira do Paraná e de Santa Catharina. Terminará no mar, no porto de S. Francisco. Esta via do planalto ao mar, que hoje no conjuncto da rêde, parece não ser mais do que um ramo secundario, tornar-se-ha talvez d'ella a parte mais viva, o tronco.

Todas as grandes linhas novas em construção, a S. Paulo-Rio Grande, a Norte-Oeste do Brazil, que deve attingir proxivamente a Bolivia, o caminho de ferro de Goyaz, o de Victoria e Minas, apesar do seu titulo, um pouco pomposo, de linhas internacionaes ou interregionaes, e da pretensão de virem a ser o engodo para futuros transcontinentaes, teem com effeito por funcção essencial a de abrirem á vida economica novas regiões: são linhas de penetração.

Os brazileiros constróem-n'as em pleno deserto, em virtude do principio verificado nos Estados Unidos, de que os caminhos de ferro desenvolvem a região que atravessam, por que o colono, o commerciante e o industrial seguem a locomotiva.

A construção d'uma linha d'este genero não se faz sem difficuldade. O primeiro contracto não fixa com precisão senão o ponto de partida, a direcção a seguir e ás vezes o numero de kilometros que deverão ser concluidos annualmente. Quanto ao traçado da via, deixa-o indeterminado, por falta do sufficiente conhecimento topographico da região que deve ser atravessada. Na Europa os estudos preliminares para a construção d'uma linha fazem-se sobre a carta topographica. No Brazil, é inverso o methodo, as plantas levantadas por engenheiros de caminho de ferro são d'ordinario

os primeiros documentos precisos que se tem sobre a conformação d'uma região nova. Uma primeira partida d'engenheiros é enviada á frente e opéra um reconhecimento geral do terreno. Durante este periodo d'estudos preliminares, reúnem-se informações de todos os pontos da região a atravessar, organizam-se verdadeiras explorações para a percorrer seguindo diversos itinerarios. As grandes linhas do traçado determinam-se conforme os relatorios recebidos.

Preoccupam-se com servir as regiões mais fertéis e com escolher o traçado que assegure á linha o desenvolvimento mais rapido. De preferéncia, atravessará os rios nas proximidades d'uma quéda. A vantagem é visível. O *bief* navegavel a montante e o que houver a juzante d'um rio, estarão igualmente ao alcance do caminho de ferro. A zona onde o caminho de ferro espalhará a vida, é que lhe fornecerá o frete, alargar-se-ha ainda mais. Assim a linha do Norte-Oeste do Brazil atravessará o Tiété nas quédas do Itapura e o Paraná nas quédas do Urubupunga. Procura-se sobretudo reduzir as despesas. Os caminhos de ferro brasileiros evitam quasi constantemente os valles e procuram as partes mais elevadas do planalto ou a vizinhança de linhas de partilha das aguas; os desnivelamentos são ahi mais raros; não ha barrancos a transpôr, a construcção da via

apresenta menos difficuldades. O trabalho da primeira partida d'engenheiros consiste, pois, primeiro do que tudo n'um esboço hydrographico da região. Quando se conhece a zona das cumieiras, entre as differentes bacias fluviaes, sabe-se, pouco mais ou menos onde a linha terminará.

Uma segunda partida d'engenheiros é encarregada d'estabelecer exactamente o traçado sobre o terreno. Em região descoberta, o trabalho é facil, mas em terreno de floresta, complica-se. A floresta priva-nos, com effeito, de toda a vista; penetra-se n'ella ás apalpadellas, sem se poder achar ponto de mira, nem fazer uso do nivel. Tropeça-se com desnivelamentos que se não descobrem senão quando o solo falha sob os pés. O engenheiro que dirige a segunda partida faz abrir na floresta um atalho, que siga o mais fielmente possivel as curvas de nivel. Do atalho central abre para a direita e para a esquerda atalhos transversaes; se tem faro e uma longa experiencia da floresta, com estes dados exiguos chega a estabelecer o seu traçado d'um modo satisfatorio, e quando, mais tarde, um conhecimento mais exacto do terreno lhe permite exercer a critica, succede que não terá muito de que se arrepender.

Atraz vem a terceira partida, que executa os trabalhos da terraplanagem, e a seguir a quarta que colloca os *rails*. Passei alguns dias á testa

dos *rails* da linha em construcção do norte-oeste de S. Paulo, a qual, partindo da extremidade das terras colonizadas, na aldeia de Bahuru, avança rapidamente para o Matto Grosso e Bolivia.

As scenas a que eu assisti evocam Gustavo Aymarde e o Oeste americano, depois do *rush de l'or* na California. O fim dos *rails* é o reino dos caracteres aventureiros. O isolamento é ahi completo. A gatinha que lá vive deve bastar a si mesma, moralmente ao menos, por que é abastecida pela linha. As mulheres são raras e não exercem a sua influencia em favor da doçura e da paz. Existem ainda na floresta alguns indianos persuadidos de que se lhes violam os direitos invadindo-lhes o dominio, e que, de tempos a tempos, atacam de noite os trabalhadores adormecidos e os massacram. A vizinhança d'elles é o pretexto para se andar armado. O acampamento estava pittorescamente agrupado á beira d'um regato, sobre a encosta; tinha-se construido com ramos o armazem da Companhia para guardar os viveres, as ferramentas e as munições. Os homens dormiam debaixo da tenda ou ao ar livre. Reinavam a um tempo a agitação e a somnolencia, uma desordem com que ninguem se offendia. Um grupo jogava as cartas: alguns metros mais abaixo, um outro crivava de balas de revolver uma garrafa que servia d'alvo; os jogadores não perdiam uma vasa.

Mais interessante que estas scenas, um pouco violentas, é a influencia immediata que exerce uma via nova sobre toda uma região atravessada. Ao pé d'uma das estações, apenas aberta ha um anno, uma aldeia agricola se estabeleceu já, no meio da floresta. Os colonos encontraram ali terreno barato, e arrotearam campos: já o caminho de ferro transportou saccos de milho da sua primeira colheita: coisa singular, a linha em construcção não actua somente para traz, uma vez aberta ao trafego; mas mesmo para a frente, e sobre toda a região onde se sabe que ella deve passar. Bruscamente, terras com que ninguem tinha sonhado nunca, descobrem um dono; em campinas deshabitadas emprehende-se a creação de gádo. Na realidade trata-se menos de crear gado que de occupar o solo que vae rapidamente augmentar de valor. Esta população que se espalha adeante dos engenheiros da linha, é feita d'especuladores de terras. A occupação só por si já não basta, mas é o principal para adquirir a propriedade do solo. Os estados toleram já, em principio, esta usurpação em detrimento dos seus dominios. Mas existe uma quantidade grande de titulos de propriedade falsos, ou as mais das vezes simplesmente vagos, antigos, feitos n'um tempo em que o terreno era mal conhecido e que podem ser diversamente interpretados. Se não se pode occupar os terre-

nos sem titulos, pode-se ao menos trapacear sobre esses titulos, e isto faz-se em grande. O estado, em summa, tem razão para fechar os olhos, pois que o seu fim é o de povoar e desenvolver novos terrenos, e os que vão ali estabelecer-se servem os seus designios. A occupação rapida do solo para além do fim dos *rails* dá uma idéa da forma como as terras foram apropriadas ha dois seculos, sobre o traçado das primeiras estradas.

A sorte da linha está tão intimamente ligada ao desenvolviment● da região que ella serve, que o governo brasileiro foi levado logicamente a fazer de companhias de caminhos de ferro companhias de colonização. A lei federal de 1907 sobre o povoamento do solo tem um capitulo inteiro sobre colonização por empresas de transporte. A escolha das localidades feita pela empresa deverá ser approvada pelo governo federal. A empresa fica encarregada de comprar os terrenos necessarios, e auctoriçada a exproprial-os conforme as necessidades; tem tambem a obrigação de manter no estrangeiro um serviço de publicidade para a venda dos lotes, ficando a seu cargo as despesas do estabelecimento dos colonos, aos quaes deverá dar soccorros e sementes, dias de trabalho na via, e uma reduçção de 50 0/0 nas tarifas durante cinco annos. Quanto ao governo obriga-se a conceder aos immigran-

tes passagem gratuita da Europa ao Rio, e á companhia o seu apoio financeiro. Pagar-lhe-ha com effeito premios de 200\$000 réis por cada casa construida, 100\$000 réis por familia estabelecida ha mais de seis meses, 5:000\$000 réis por grupo de 50 lotes ruraes de que hajam recebido os respectivos titulos definitivos de propriedade immigrants estrangeiros.

Da mesma maneira diversos contractos recentes obrigam as companhias a crear ao alcance das suas linhas, em cada vinte kilometros approximadamente, centros coloniaes. O governo deixa-as dispor para tal fim das terras do seu dominio. Clausulas analogas foram impostas á companhia do caminho de ferro de Goyaz, á de S. Paulo-Rio Grande, á companhia arrendataria da Sorocabana a S. Paulo. Não sei se ellas as acceitaram de boa vontade, poncos esforços terão que fazer; mas á falta do seu apoio nasceriam espontaneamente as povoações na vizinhança das estações. A companhia é mais interessada do que ninguem em que a zona que ella atravessa se povôe rapidamente, e o Brazil não é o primeiro país em que o governo tenha associado os caminhos de ferro á sua politica de colonização. Seguiu modestamente, n'este ponto, o exemplo dos Estados Unidos e do Canadá.



CAPITULO III

Vida politica

A constituição.—A autonomia dos estados.—O governo federal.—O seu crescente prestigio.—O imperialismo brasileiro.—Ausencia de verdadeiros partidos politicos.—A opposição no Rio Grande

Sob o governo imperial, o Brazil era um estado fortemente centralizado. Conforme o regimen instituido após a Revolução de 1889, é, pelo contrario, hoje uma Republica federal; a sua constituição foi quasi copiada da dos Estados Unidos da America do Norte; o nome official de Estados Unidos do Brazil não engana. Os estados, as antigas provincias, gozam d'uma larga independencia. Cada um d'elles forma uma verdadeira nação, elegendo as suas auctoridades e tendo a sua administração autonoma. Os seus ministros e o seu presidente dirigem, sob a fiscalização parlamentar, a sua politica financeira. Discutem livremente os contractos com companhias estrangeiras para execução d'obras publicas, ou para a realização d'emprestimos. Teem a sua justiça, os' seus

serviços d'instrucção publica, e sob o nome de forças de policia, alguns d'elles mantéem verdadeiros exercitos. Outros teem na Europa representantes que quasi desempenham funcções diplomaticas, e vê-se que ha entre elles conferencias e convenções particulares nas quaes não intervém nenhuma auctoridade federal.

Os seus recursos orçamentaes variam com a sua população e com a sua riqueza. A constituição deixou-lhes uma importante fonte de receita, auctorizando-os a estabelecer e a cobrar, em seu proveito, direitos d'exportação. Não é que o orçamento do estado não inclua os direitos d'exportação no primeiro grupo das suas receitas. O direito de exportação do café sustenta o orçamento de S. Paulo, como o direito de exportação do *mate* sustenta o do Paraná. Existe, pois, no Brazil uma dupla linha d'alfandegas, uma voltada para o exterior e outra para o interior. Os direitos que se recebem pela entrada de mercadorias estrangeiras, as alfandegas propriamente ditas, são materia federal, e dependem do governo central. Mas os direitos d'exportação revertem para os estados. Assim como ha uma dupla linha de alfandegas, ha duas especies de contrabando. Defrauda-se introduzindo mercadorias estrangeiras; defrauda-se tambem exportando clandestinamente productos do país.

Os direitos d'exportação — é a sorte de toda

a especie de impostos — tem numerosos inimigos no Brazil. Theoricamente, o principio em que se funda a existencia d'elles é indiscutivel. Censuram-n'ó de sobrecarregar demasiadamente a producção, quando mais valia tributar antes a riqueza improductiva. De facto, a exportação brasileira não comprehende outra coisa senão productos agricolas: tributar estes productos, é tributar as propriedades de que elles provém, e assim os direitos d'exportação reduzem-se a um verdadeiro imposto predial indirecto, ao qual se não pode fazer senão uma unica censura, por não attingir a propriedade urbana.

A vantagem mais real dos direitos d'exportação é a de serem faceis de cobrar. A exportação faz-se inteiramente por mar. Os portos são pouco numerosos e a vigilancia é facil. O Brazil não tem fronteiras terrestres. Esta affirmação parece um paradoxo; ella é, no entanto, perfeitamente exacta sob o ponto de vista economico; porque o interior é ainda deserto e sem caminhos, e todo o commercio exterior concentra-se na costa do Atlantico. Os unicos países com os quaes o Brazil está verdadeiramente em contacto são a Argentina e o Uruguay. A fronteira do sul é tambem a unica onde se faz um pouco de contrabando, mas é a muito custo que algumas cargas de *mate* chegam a transpor o Paraná, por fraude. Em conjuncto a avaria é nulla; os fretes são minimos, e os

direitos d'exportação são uma forma d'imposto perfeitamente adaptada a um país de população ainda tão mal disseminada.

O imposto predial propriamente dito foi entretanto introduzido n'alguns estados, como Minas e Rio Grande. E' difficilmente arrecadado por falta d'um cadastro. Como fixar um imposto predial, agora que a fortuna agricola, em pleno desenvolvimento, não tem ainda nenhuma estabilidade, que o limite das terras arroteadas se desloca sem cessar e que a superficie e a situação das culturas se modifica em cada anno e em cada propriedade?

Em face dos estados, a constituição colloca o governo federal que no Brazil se chama a União. Os poderes reservados á União são bastante amplos; existe um exercito e uma marinha federaes; mais, todas as questões monetarias são da sua competencia; emfim, a União decreta e applica as tarifas aduaneiras sobre a importação das mercadorias estrangeiras. Se o orçamento dos estados é sustentado pelos direitos d'exportação, são os direitos d'importação que sustentam o orçamento federal. E' pela regulamentação das questões monetarias, que são no Brazil d'uma excepcional gravidade, e pela fixação das tarifas aduaneiras, que o governo federal exerce a acção mais profunda na vida nacional. A' lista dos serviços federaes, falta accrescentar o serviço do correio.

A União foi a principio muito apertadamente alojada n'algumas d'estas funcções. Nos annos que seguiram a revolução, deixou-se levar á descentralização todos os seus fructos; os estados disfructam sem reserva da sua autonomia. Uma corrente contraria se fez sentir ha dois ou tres annos; a auctoridade da União e o seu prestigio augmentaram ao mesmo tempo. Adquiriu logo um dominio proprio, o territorio do Acre, cedido pela Bolivia por virtude do tratado de Petropolis. E' um importante pedaço de planicie das Amazonas, e uma das ricas regiões productoras de borracha. Em logar de fazer do Acre um novo estado, deixou-o subordinado á União, como uma especie de dote. E' no Brazil o que é o territorio do imperio d'Alsace-Lorraine para a Allemanha. A União cobra ali os direitos d'exportação sobre a borracha, que, fóra do territorio federal, revertem para os cofres dos estados. Os rendimentos do Acre bastaram para amortizar em tres annos a indemnização promettida á Bolivia. Confundem-se hoje com os outros rendimentos da União, e formam um complemento razoavel para arredondar a cifra do seu orçamento.

A annexação do Acre não é o unico exito recente da diplomacia brasileira. Obteve igualmente rectificações de fronteira favoraveis do

lado da Argentina e do Perú, e na Guayana conseguiu fazer reconhecer pela França a propriedade do territorio contestado do Oyapock. Estas felizes negociações valeram ao ministro das relações externas, Barão do Rio Branco, uma grande popularidade. Esta popularidade augmentou ainda com a intervenção da diplomacia brasileira nas questões de politica internacional, e particularmente nas discussões da conferencia de Haya. O Brazil esforçou-se, na Haya, por occupar o logar de delegado das pequenas potencias deante das grandes. Pretendia passar primeiro do que tudo pelo representante da America do Sul. Porque se o Brazil não tem ainda politica mundial, tem pelo menos uma politica americana e pretende estabelecer na America do Sul a sua hegemonia moral. Similhantes ambições, bastante precisas, encontram echo no sentimento popular. Surgiu nos ultimos annos uma especie d'imperialismo brasileiro; como a diplomacia é uma função federal, a União aproveita, por consequencia, d'esse movimento d'opinião.

Da mesma maneira, os ministros federaes da marinha e da guerra tem augmentado as despesas, e, portanto, o seu prestígio no país. A opinião acceta sem resistencia os encargos financeiros que o poder militar impõe. Nunca ouvi ninguem protestar contra a encomenda aos estaleiros ingleses de tres couraçados do ultimo

typo, feita durante a minha estada no Brazil. Pareceu-me que acolhiam menos favoravelmente a lei militar do recrutamento. Como os alistamentos voluntarios não bastam para manter o exercito em pé de paz, com o desejado effectivo, a nova lei, votada no começo de 1908, decide que se recorra á conscripção para preencher as vagas. O numero necessario de conscriptos será annualmente tirado á sorte. Raramente a conscripção tem sido popular. No Brazil foi acolhida sem enthusiasmo nos campos. Antes d'ella ser votada, ouvi, durante a minha viagem, falarem d'ella com inquietação os colonos e os gaúchos. Não encontrei nunca, creio eu, acolhimento tão glacial como no dia em que, procurando explicar a minha dubia profissão de geographo ambulante, fui tomado, em razão das minhas explicações, decerto pouco claras, por um agente do recrutamento, encarregado de redigir as listas que haviam de ser sorteadas. No proprio Rio a opposição foi bastante forte. Entretanto, a agitação que era mantida por alguns jornaes acalmou-se, e a lei entrará brevemente em execução. Fortalecendo o exercito federal, fortifica tambem a União.

Emfim, d'ahi a pouco, a União propôz-se intervir em assumptos que são, pela Constituição, da competencia exclusiva dos estados. A fraqueza de certos governos estadoaes e a inacção a que essa fraqueza os condemna, provocaram

certas intervenções, sempre agradavelmente acceitas, porque se traduzem ordinariamente em subvenções. Duas leis propostas ao parlamento do Rio são muito significativas a tal respeito. E' a lei sobre a instrucção publica e a lei sobre o povoamento do solo. A primeira auctoriza a União a abrir, a subvencionar escolas no territorio dos estados; determinará os programas e garantirá a inspecção por intermedio d'uma especie de conselho federal d'instrucção publica; assim o ensino publico deixará de ser materia privada dos estados. A segunda lei traça á União um programma de politica geral de colonização; estabelecerá, não sobre as suas terras — a União não as possui, — mas sobre o territorio dos estados, o antigo territorio nacional que foi repartido por elles após a queda do imperio. A colonização, quer dizer o aparcclamento do territorio nacional, é um encargo e não um rendimento. Em boa logica, ella incumbia aos estados, uma vez que as terras do governo imperial lhes tinham sido distribuidas. Mas quasi todos os governos estadoaes a haviam descurado. Havia um interesse geral em que d'isso se tratasse, e só a União podia fazel-o. A nova lei sobre o povoamento do solo parece basear-se nas primeiras leis republicanas que dispersaram pelos vinte estados o patrimonio nacional das terras publicas. A União não se torna proprietaria d'essas terras,

mas participa da sua distribuição, regulamentalhe o uso. Acaba de receber o dote real do Acre; poderia dizer-se, forçando um pouco as coisas, que a lei sobre o povoamento do solo lhe reconstitue um dominio no interior de cada estado.

Nem a lei da instrucção publica, nem a do povoamento do solo, terão applicação immediata. O Senado recusou votar os creditos necessarios com o orçamento de 1908. Mas a votação d'essas duas leis pelas camaras indica as novas tendencias da opinião brasileira, e o renascimento da União.

E' difficil encontrar no Brazil partidos politicos. Existem realmente adversarios politicos, mas só raramente teem um programma distincto; a maioria das questões politicas reduzem-se a rivalidades pessoases. Faltam as tradições. Os antigos partidos dos liberaes e dos conservadores, cuja rivalidade durou todo o tempo do imperio, sumiram-se logo depois da revolução. As questões religiosas não se confundem com as questões politicas; menos ainda com as questões sociaes. No norte, a opposição das classes está marcada pela opposição das raças. No sul, as classes operarias são d'origem estrangeira, sem cohesão e sem disciplina. Em S. Paulo mesmo, as organizações socialistas d'essas classes estão ainda nos seus

timidos inicios. Uma grande parte da população é indifferente; os negros por puerilidade, os immigrants porque não se sentem ainda definitivamente fixados no país. Quanto ás classes dirigentes, ás velhas familias brazileiras, vivem muito dispersas; as seducções do poder são muito grandes para que se possam formar ali verdadeiros partidos fieis aos principios.

Em face dos homens do poder, intrigas se forjam á volta d'um nome, para logo se desfazerem. O momento mais fertil em dissenções politicas é aquelle em que se preparam as eleições presidenciaes e outras. Mas a opposição é sempre intermittente, falha de doutrina. Não representa tendencias differentes das dos homens que ella combate. Para alargar a sua influencia no país, tem ás vezes a fortuna de poder explorar a impopularidade de tal ou tal medida. Dá-nos então a illusão d'uma força, mas a agitação seréna rapidamente, e o seu poder desmorona-se.

O governo de Rodrigues Alves que precedeu o de Pena, teve que vencer um brusco movimento d'opposição, que levantou no Rio um verdadeiro tumulto. A multidão não secundou nunca o *complot* politico formado por um pequeno grupo d'homens; não o conheceu sequer. Mas asseguraram-se da sua cumplicidade momentanea, irritando-a contra as reformas sanitarias que então a municipalidade introdu-

zia no Rio, sob a direcção do grande medico Oswaldo Cruz. O serviço de saude tinha, com effeito, emprehendido libertar a cidade da febre amarella, e seguindo o exemplo dos americanos na Havana, fazia executar grandes obras de saneamento e limpeza e d'extincção das larvas dos mosquitos. Todo o caso de doença contagiosa devia ser declarado, e a municipalidade fazia proceder á desinfecção do compartimento contaminado. Estas medidas deram os mais completos resultados; a mortalidade diminuiu; a febre amarella desapareceu. No Brazil não existe senão na bacia do Amazonas. Entretanto, a multidão tinha visto sem sympathia os agentes encarregados de desinfectar as casas e de diffundir a saude, á boa ou á má cara. Chamaram-lhes *mata-mosquitos*, cobriram-nos de dichotes, e as coisas não teriam passado d'isso, os *mata-mosquitos* teriam continuado a exercer as suas funcções no meio do desprezo, não obstante a docilidade geral, se não se tivesse pensado explorar o discontentamento publico em proveito d'uma facção politica. O tumulto foi nullo, não teve resultados, e, tendo falhado o golpe de mão preparado, acabou por si mesmo sem ter agitado nenhuma ideia politica.

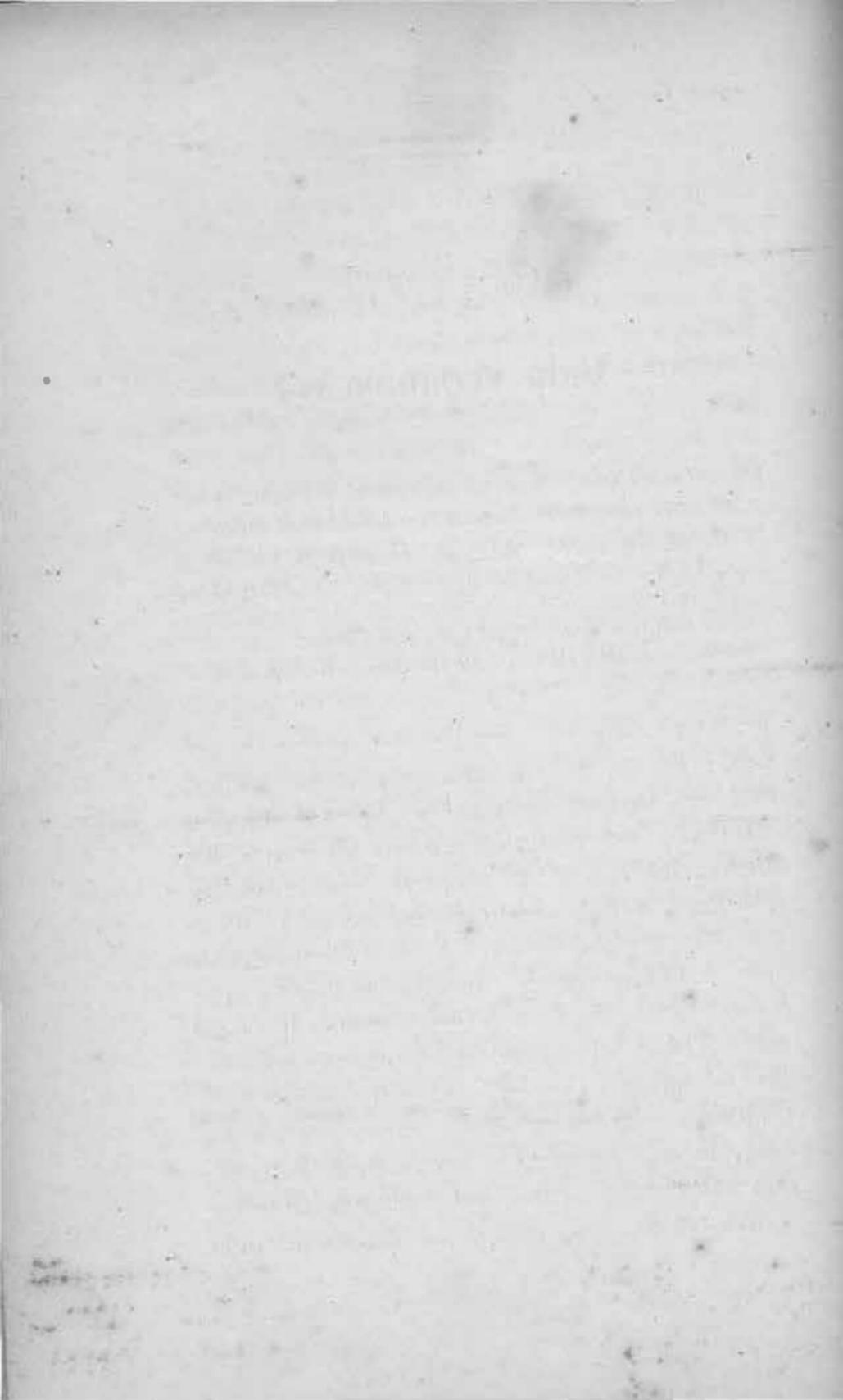
Um unico problema poderia dividir a opinião e crear partidos: a questão constitucional da auctoridade federal e da autonomia dos

estados. A revolução que instituiu o federalismo não encontrou nenhuma opposição. Alguns espiritos, entretanto, desaprovam a constituição federal; ella tem, dizem elles, desorganizado o Brazil. A administração deveria ser mais centralizada. O governo da União devia ter um representante nos estados, e nomear para elles uma especie de prefeito, emquanto que os presidentes dos estados são hoje chefes eleitos e independentes.

Ha um estado onde o partido unitario existe: é o Ceará. Publica-se ali um jornal, o *Unitario*. Pesquisando as suas columnas, poderão reunir-se os elementos d'uma doutrina coherente. A situação economica do Ceará explica a razão porque elle é a séde d'um partido unitario. Affligido pela miseria, devastado por séccas periodicas, precisa de soccorro d'um governo central activo e forte. A divisa da revolução republicana era: os estados autonomos. A consequencia necessaria é que os estados deverão prover ás suas necessidades conforme os proprios recursos: não teem auxilio algum a esperar. O governo central tem tanto menos obrigações quanto menor é o seu poder. E' esta a consequencia da doutrina federalista que o Ceará difficilmente podia admittir.

Na outra extremidade do Brazil, no Rio Grande, vive tambem um partido d'opposiçào que se intitula federalista. Que parte teve a

doutrina constitucional — federalismo ou unitarismo — nas causas complicadas e mal conhecidas ainda da revolução do Rio Grande, que ensanguentou os primeiros annos da republica? E' impossivel determinal-a. Os revolucionarios compunham-se de imperialistas, affeiçãoados ao imperio por uma fidelidade pessoal e hostis ao novo governo; ao lado d'estes, separatistas, federalistas ultra, que desejavam a independencia completa das provincias meridionaes. Mas, ao classificar assim os elementos do partido, corre-se o risco d'exaggerar o papel que representaram no movimento os principios e as ideias. Hoje a opposição no Rio Grande, procede menos das doutrinas que das recordações guerreiras da Revolução. Quaesquer que sejam os sentimentos que a impulsionem, ella conserva-se numerosa e activa, é coisa bem differente dos quadros sem exercito; vencida depois de tres annos de guerra civil, ainda não desarmou. Assisti no Rio Grande a uma campanha eleitoral e pude constatar quanto as paixões politicas ali são ardentes. A vizinhança da fronteira argentina, a unica onde o Brazil está em contacto com um vizinho militar e ambicioso, mantem uma atmospherá bellicosa. O Rio Grande é a Lorena do Brazil. Um pouco d'esse ardor guerreiro é empregado nas lutas politicas.



CAPITULO IV

Vida economica

O proteccionismo. — A tarifa aduaneira. — Traços geraes da vida economica no Brazil. — A dispersão industrial e a dispersão agricola. — Historia economica. — A exportação do assucar e a criação de gados. — Producção do Brazil moderno. — A exportação do café e da borracha. — Correntes commerciaes entre os estados do Brazil. — A unidade economica do país.

Se ha na opinião brazileira divergencias geraes e profundas, não são em materia politica, mas em materia economica. Livre cambio e protecção são assumptos dos mais frequentemente discutidos. As theorias proteccionistas dominam o mundo official. Teem sido applicadas com methodo, e em campos muitos diversos. Estudaremos as formas multiplas que tomou em S. Paulo a protecção da cultura do café; o proteccionismo está d'accordo com todos os habitos brazileiros; a administracção é poderosa e consideram-n'a como obrigada a usar do seu poder para secundar a industria dos particulares. Entretanto, a theoria contrária, o livre-cambismo, não deixa de ter adeptos.

Mais d'um brasileiro aproveita d'ella tanto quanto o productor da protecção que o governo concede á sua industria; mas soffre outro tanto como consumidor, da protecção que o governo concede tambem aos outros ramos da industria exercidos pelos seus concidadãos. Os empregados com ordenado fixo, os pequenos funcionarios cujos ordenados não são extensíveis, e que não tiram nenhuma vantagem pessoal da existencia das tarifas aduaneiras, desdenham do regimen proteccionista.

O seu dominio não está, comtudo, gravemente ameaçado. As alfandegas teem, com effeito, no Brazil, uma dupla funcção: por um lado procuram reservar á industria brasileira o mercado nacional; por outro, encher o thesouro. Pretendem ser um instrumento de progresso economico; são tambem uma necessidade orçamental. Isto garante a sua existencia. Não serão supprimidas; não se poderá mesmo abaixar-lhe sensivelmente as tarifas, emquanto se não tiver descoberto outras fontes de receita. As discussões que se levantam a este respeito teem, pois, um character muito platónico.

Eterna ou não, a alfandega federal é hoje uma potencia. Os direitos são muito elevados e não aggravam sómente os artigos de luxo, mas tambem os generos de consumo corrente, e até as ferramentas das industrias que se procuram crear no país. Por ali, parece que vão

contra o seu fim principal e que atrazam o desenvolvimento geral do país. Por isso em cada anno, por occasião das propostas de emendas á lei das alfandegas, para reduzir ou para elevar os direitos, similhantes criticas reaparecem.

O annuario commercial do *Jornal do Commercio* de 1908, faz sobre politica aduaneira observações interessantes. (1) "Os nossos legisladores — diz — teem uma opinião contrária á dos legisladores dos outros países sul-americanos e dos economistas em geral, que consideram que nos países de fertilidade agricola e d'abundantes productos extractivos, o protecționismo nas industrias manufactureiras que começam, pseudo industrias nacionaes, é o grande obstaculo á progressão dos rendimentos publicos e ao augmento da fortuna dos habitantes. Favorece-se um homem com prejuizo de mil, o que não é conforme á justiça e ainda menos a uma sã doutrina d'economia politica." Mostra em seguida como a propria palavra protecționismo se applica mal á poli-

(1) ● *Jornal do Commercio*, o primeiro jornal do Brazil, publica annualmente sob o titulo *Retrospecto*, um estudo dos grandes acontecimentos do anno-economico e financeiro e da sua influencia sobre o mercado do Rio. E' um guia commodo, que permite seguir passo a passo a historia do Brazil.

tica aduaneira do Brazil, pois que as mais das vezes as industrias que se pretende proteger não existem mesmo em germen.

“Tributamos quasi prohibitivamente — diz — os tecidos de seda e de lã, e não possuímos a industria da sericultura, nem a da criação de lanigeros; tributamos pesadamente os chapéus de chuva, e os fabricantes brasileiros importam por modicos direitos, os cabos, a armação e a sêda cortada em triangulo, de modo que a *fabricação nacional* não se resume senão a juntar as partes componentes. Tributamos pesadamente o papel pintado para forrar, e os raros fabricantes brasileiros importam o papel em tiras, muitas vezes já coloridas com uma tinta de fundo.” Da mesma maneira se protege a fabricação nacional dos phosphoros, quando o Brazil é coberto de florestas inexploradas; as fabricas de phosphoros mandam ir da Noruega a madeira em pequenas laminas. Poderiam multiplicar-se os exemplos até ao infinito.

Quando se estudam os progressos recentes da industria brasileira é preciso não perder de vista que ella iniciou o seu desenvolvimento sob um regimen de proteccionismo exaggerado. Graças a elle é que teem prosperado varios ramos d'industria. A tecelagem de algodão, por exemplo, desenvolveu-se notavelmente, e pode calcular-se o momento em que

o Brazil deixará de comprar algodões ingleses. Outro tanto succede com as cervejas, com os sabões, que teem amplamente aproveitado da protecção. As fabricas estão esparsas por todo o territorio, excluindo as duas capitães, Rio e S. Paulo; nenhuma região pode ser considerada como um centro industrial. Nada que lembre a concentração industrial dos Estados Unidos. Lá, os transportes são faceis. As fabricas aggrupam-se no ponto onde as condições são mais favoraveis á producção. Os seus productos espalham-se longe por uma clientella mundial. No Brazil, pelo contrario, a dispersão industrial é extrema. Encontram-se minusculas fabricas até em pequenas aldeias que se está longe de suppor que sejam centros industriaes. A immensidade do territorio e o preço dos transportes crearam a cada uma d'ellas uma especie de zona protegida, que assim gosa d'um verdadeiro monopolio. O preço dos transportes eleva-se, com effeito, tão rapidamente que depressa chega a exceder o valor da mercadoria. As fabricas estabeleceram-se por toda a parte onde existia uma freguezia; ficou cada uma com a sua, contam com a sua fidelidade forçada.

As mesmas causas tiveram, na agricultura brazileira, consequencias analogas: á dispersão industrial corresponde a dispersão agricola. As culturas alimentares praticam-se por

toda a parte. Subsistiram mesmo nas regiões de culturas ricas, em S. Paulo, no meio das plantações do café, em Pernambuco, em meio das plantações do assucar. Cada logarejo, ou melhor, cada familia tem o seu campo de mandioca e de milho. Em muitos cantões ruraes, a farinha de mandioca e o milho, que constituem a maior parte da alimentação das classes inferiores, não são comtudo generos de troca corrente: cada casal tem a sua colheita.

A difficuldade das communições e, talvez tambem, a defeituosa organização commercial, faz que o Brazil esteja longe de formar um mercado nacional. Essa difficuldade decompõe o territorio n'uma multidão de pequenos mercados locaes, isolados e independentes; cada um com sua vida propria. Se as cotações variam, nem a alta nem a baixa terão repercussão fora d'elles. Encontro no Rio productores de assucar satisfeitissimos: em poucos meses o preço do assucar acaba de subir 100 ⁰/₀. Dois dias depois, desembarco no Paraná; ali, na estreita faixa tropical que borda o mar, existem algumas culturas de canna, cuja colheita é vendida no planalto sob a forma, não d'assucar, mas d'aguardente. A colheita local de canna tinha sido abundante, e os proprietarios dos moinhos d'ao pé da serra lamentavam-se de vender a sua aguardente abaixo

dos preços habituaes. (1) Do mesmo modo, as cotações do café baixam em S. Paulo e em Santos até ao ponto de parecer comprometida a industria cafezeira paulista e do estado de S. Paulo se aventurar a uma perigosa tentativa de valorização para salvar os plantadores. Entretanto, no Ceará, apenas alguns productores de café bastam para a clientella cearense; vendem um café inferior por um preço dobrado e não conhecem outra inquietação além da sécca que ameaça as suas colheitas. Contrastes semelhantes são frequentes. Se é esta a sorte de productos de luxo, como o assucar e o café, que dizer de productos mais pesados, cujo transporte é mais caro ainda?

A estreiteza dos mercados torna a vida economica do país desigual e irregular. Expõe-n'o a crises parciaes perpetuas que lhe atrasam o progresso. Quando a producção é muito superior ao consumo, o mercado local não pode expandir-se para os mercados vizinhos, onde os productores encontrariam, talvez, preços vantajosos, visto que existe entre os differen-

(1) Mesmo fora das grandes regiões assucareiras, a canna d'assucar é uma cultura corrente no Brazil. Serve a maior parte das vezes, não para a fabricaçãõ d'assucar, que demanda aparelhos caros, mas para a producção da aguardente, e frequentemente, para a producção d'uma especie d'assucar rudimentar, a rapadura.

tes mercados uma especie de compartimentos estanques. Os preços arruinam-se, sem remedio possivel; immediatamente a produção restringe-se, torna-se insufficiente; os preços sobem, nenhuma importação de fóra intervém para limitar a alta. Acordada pela alta, a produção retoma o seu impulso e os seus proprios progressos provocam uma nova crise. Vi colonos do Paraná habituados e resignados aos saltos bruscos das cotações, que acabavam por considerar como produzidos por circumstancias inevitaveis e normaes. Vivem assim n'um regime d'incerteza que os impede de prever quaes sejam em cada anno os seus recursos. O espirito d'economia está abalado. Do mesmo modo, o grande commercio soffreu n'outro tempo das variações desmedidas do cambio. Os brasileiros comprehenderam os perigos d'este regimen. Existe apenas um remedio: melhorar as communicações. A questão do Brazil é acima de tudo uma questão de estradas.

A vida, no Brazil, é cara. A mesma impressão aguarda todo o estrangeiro á chegada. Pondo de parte a inaptidão do recém-chegado que ainda não conhece os usos e ás vezes recusa adaptar-se a elles: o facto subsiste apesar de tudo. Os franceses penetrados por atomismo do culto da economia, difficilmente se resignam a isso. Se dois franceses se encon-

tram no Brazil ficae certos de que a conversação se entabolará entre elles com lamentações sobre os preços dos alugueis, dos restaurants e das carruagens. A differença não é igual para todos os artigos. O clima quente permite por exemplo, e aconselha mesmo, a simplificação do mobiliario e a reducção das respectivas despezas. E' em materia de vestuario que a differença é maior, comparados os preços com os correntes em França. Um brasileiro economico e de recursos medianos, vivendo na cidade, consagra ao vestuario um terço approximadamente do seu orçamento. Fiz a este respeito um pequeno inquerito, sem methodo. A carestia de vida não é igual em todas as provincias. E' extrema na bacia do Amazonas, onde o clima inhospito estorva a immigração, onde a mão-d'obra é cara, onde localmente nada se produz e onde tudo o que se consome é importado. E' bem menos cara nas regiões colonizadas do Brazil meridional.

O regimen proteccionista tem na carestia a sua mais clara justificação. Mas tem outras causas: primeira a raridade dos capitaes. A taxa ordinaria do juro não é nunca inferior a 10 0/0 para os negocios seguros. Emprasta-se sobre primeira hypotheca a 12 0/0. Todo o industrial, todo o empresario se sujeita a estas condições porque, afinal, é o freguez quem paga. O aluguer da casa onde habitaes não seria tão caro

se não fosse construída com dinheiro emprestado a 10 %/o. O negociante vizinho paga um aluguer igual e aumenta na proporção os seus preços de venda. Assim, a indigência de capitães faz-se sentir de mil maneiras diversas.

Uma última causa, menos aparente, mas não menos real, está na indiferença dos brasileiros pelas despesas, nos seus hábitos de prodigalidade. Estes costumes têm a sua explicação no facto da população do Brazil ser em grande parte rural. A vida urbana é ainda de origem recente, e os hábitos d'uma vida urbana regular e económica não tiveram tempo de formar-se. Nos campos, ricos e pobres, levam uma existência análoga. Os plantadores não têm, enquanto permanecem nas suas propriedades, necessidade de fazer nenhuma despesa pessoal. Se os negócios ou os prazeres os levam á cidade, é por poucos dias apenas. As mais das vezes não são conhecidos pessoalmente, e o meio mais simples d'inspirar sympathia e respeito é pagar largamente em bello metal sonante. Os cálculos d'economia são tanto menos necessários, quanto é certo que uma vez a bolsa vazia, nada mais têm a fazer senão voltarem á suas casas no campo. Não gostam de fazer contas. Durante alguns dias d'ociosidade relativa que passam na cidade, desenvolvem uma tendência para a prodigalidade, que

se communica pelo contagio á população urbana propriamente dita.

Mais d'uma cidade deve os seus rapidos progressos á generosidade dos fazendeiros em gozo de ferias. Ribeirão Preto que data desde que se desenvolveram as plantações cafezeiras, e que progrediu no tempo em que bastava cultivar café para encontrar credito, adquiriu reputação de cidade gastadora e luxuosa, cidade de prazer d'onde foram banidos a um tempo a tristeza e a economia. Hoje, aquella Sodoma, castigada pela miseria, soffre como os campos vizinhos da crise do café; mas ainda ali existe alguma coisa dos costumes antigos. S. Paulo e Rio prestam-se ás mesmas observações.

E' tempo de traçar um esboço da vida economica do Brazil. O assucar foi, na origem, o grande producto d'exportação do país. S. Salvador, mais conhecido pelo nome do estado de que elle é a capital, Bahia, e Recife, capital da provincia de Pernambuco, foram os primeiros centros de cultura. As antigas geographias, como a Galeria Agradavel do Mundo, apresentam Recife, e sobretudo a Bahia como cidades já importantes, n'um tempo em que todos os outros estabelecimentos europeus no Brazil não passavam ainda de miseraveis feitorias isoladas. Entretanto, mesmo na epoca

das origens, Bahia e Pernambuco não constituíram nunca todo o Brazil. Para lá das provincias assucareiras e fóra das regiões mineiras, certos pontos do interior receberam muito cedo colonos. A occupação quasi exclusiva d'esses colonos era a criação de gado. O Brazil tornou-se um vasto campo de criação rudimentar de gado, onde este, importado de Portugal, vivendo sem cuidados e quasi livre, degenerou n'uma raça ossuda e mal musculada, rustica, mas pouco vigorosa para o trabalho. A criação de gado é, com effeito, o primeiro meio empregado para tirar um rendimento da terra. Exige pouco capital, pouca mão-d'obra, e adapta-se a uma organização commercial rudimentar.

Uma dupla saída se abre para os gados. Primeiro a população, sobretudo nos centros e nas grandes plantações, habitua-se depressa a consumir, á falta de carne fresca, difficil de conservar, carne curada, secca ao sol; depois, os cultivadores de canna pedem bois, não para o trabalho da terra que é sempre feito á mão, mas para transportes. Porque o boi não foi nunca empregado n'outros serviços da agricultura desde os primeiros tempos da colonização até os nossos dias. Um circulo de regiões de criação de gado se nota em volta das provincias agricolas, e o raio d'esse circulo foi muito maior do que se pode imaginar. Não será para

extranhar ver a immensa extensão do território brasileiro consagrada inteiramente á produção do gado que algumas regiões tão exiguas consomem?

As regiões creadoras de gado seriam, com effeito, bem mais restrictas, se não se tivesse usado d'uma pratica da qual o equivalente se encontra um pouco por toda a parte. Não podiam levar os gados directamente das pastagens, onde haviam sido creados, a feiras muito distantes. Dividiam pois o caminho em duas *étapes*. Os creadores de pontos mais afastados faziam a primeira em alguns meses, lentamente; ali vendiam-nos a outros creadores que os deixavam refazer-se em outras pastagens; depois os gados continuavam a sua viagem e chegavam, enfim, ás feiras. O gado que viajava era o produzido nas savanas afastadas, sob a unica fórma em que pode ser transportado. Os bois envelheciam no caminho. Partiam bezerros e chegavam adultos ao termo da viagem, que era para uns o extendal onde se sécca a carne salgada, e para outros os carros de canna, que elles arrastavam dos campos até ao moinho. Uma especie de divisão de trabalho se fazia entre diversas provincias: as mais longinquas tratavam da criação propriamente dita, e as mais proximas da engordá dos gados. S. Paulo, por exemplo, recebia do Matto

Grosso, do Paraná e algumas vezes mesmo do Rio Grande, gados que conservava um anno, antes de os vender no Rio e em Minas. O ouro que saldava a exportação do assucar, repartia-se assim por toda a superficie da colonia; o interior arrecadava d'elle, pela criação do gado, a sua magra parte.

Esta primeira colonização pastoril não foi, decerto, muito densa. As suas saídas eram muito restrictas para que possamos suppô-lo. Mas a vida pastoril quasi bastava a si mesma. Os creadores, vestidos de coiro, viviam de queijo, de carne secca e de productos d'algumas pequenas culturas annuaes, porque não havia criação de gado sem cultores de generos alimentares; montavam cavallos não ferados e chegavam quasi a prescindir de relações sociaes. Foram, porém, mais numerosos do que o fazia suppor o numero de bois vendidos no Recife e em S. Salvador. Tendo sido os primeiros colonos, foram tambem os primeiros adversarios da floresta, que elles incendiavam onde lhes parecia, para alargarem o seu dominio. Eram elles, e não os plantadores da canna d'assucar, os visados pelas primeiras leis que no seculo XVIII procuravam impedir a destruição das florestas.

A criação de gado foi, pois, a primeira occupação dos habitantes de todas as provincias; todas ellas atravessaram o estadio da riqueza

pastoril, todas conheceram o tempo em que se avaliava a fortuna de cada um pelo effectivo da sua manada. Quando se conhecem as fazendas que hoje cobrem S. Paulo e as suas immensas plantações de café, fica-se admirado de ler em d'Orbigny, que viajou ha 60 annos, que "a principal riqueza da provincia de S. Paulo consistia na criação de gado." (1)

A organização economica actual do Brazil é mais complicada. O assucar não mais figura na primeira linha dos productos d'exportação; foi substituido pela café. As altas e as baixas da exportação brazileira correspondem hoje ás boas ou más colheitas de café. Como o café tomou o lugar do assucar, o sul do Brazil roubou ao norte o seu predominio economico. O centro da cultura do café está, com effeito, em S. Paulo. A sua producção constitue, nos annos regulares, dois terços da producção total do Brazil e metade da do mundo inteiro. O café de S. Paulo é expedido pelo porto de Santos, enquanto que o porto do Rio exporta a producção mais dispersa e menos volumosa do estado de Minas e as plantações restrictas do Espirito Santo embarcam directamente a sua colheita em Victoria. No resto do Brazil, o café não é uma cultura d'exportação. Dois outros

(1) *D'Orbigny*, "Voyage dans les deux Ameriques", pag. 179.

productos são igualmente exportados por sommas importantes: é a borracha que o valle do Amazonas envia para os Estados Unidos e para a Europa, e a folha do *mate*, que o Paraná vende para outros países da America do Sul, mas principalmente para Argentina e Paraguay. Accrescente-se a isto as exportações d'algodões, de coiros em bruto e de productos tropicaes, cacau, madeiras, etc... repartidas por um grande numero de portos e d'estados, e ter-se-ha approximadamente a nota completa do que o Brazil vende para o estrangeiro.

Uma onda d'ouro entra annualmente nos estados exportadores. Mas não fica inteiramente n'elles; correntes commerciaes interiores o repartem por um maior numero de provincias. De facto, algumas que exportam pouco para o estrangeiro, vendem a sua producção a outros estados do Brazil. Estas correntes de negocio do interior do territorio teem uma dupla importancia; asseguram a distribuição da riqueza por todo o territorio brasileiro; mais, criam entre os estados laços de dependencia mutua, e são a mais solida base da unidade nacional.

Os dois centros assucareiros principaes, Pernambuco e Campos, no estado do Rio, viram perante o seculo XIX deslocar-se o seu mercado principal. O estrangeiro deixou de ser o seu primeiro freguez; é no Brazil sobretudo que são vendidos os seus assucares. Os grandes

compradores do assucar de Pernambuco e de Campos estão no Pará, no Rio e em S. Paulo.⁽¹⁾ Quer se vá para o norte ou para o sul, indo-se n'um barco costeiro, tem-se a certeza de tomar em Pernambuco um carregamento d'assucar. O mercado assucareiro do Rio é amplamente independente do mercado internacional. Uma colheita fraca em Pernambuco, faz ali elevar fortemente os preços.

O estado de Minas encontrou uma fonte abundante de riqueza no abastecimento da cidade do Rio. Rio tem hoje 800:000 habitantes approximadamente, e a população augmenta com rapidez. Construida á beira do mar, em plena floresta tropical, não pôde rodear-se d'uma cinta d'arrabaldes com hortas e pomares, como a maior parte das grandes cidades. E' para lá da Serra do Mar que se encontram as culturas de que vive. Os comboios trazem-lhe diariamente de muito longe leite, legumes e carne. Alimentar a capital é para o estado de

(1) E' verdade que em 1906 o Brazil enviou á conferencia de Bruxellas delegados que se esforçaram por obter da Inglaterra que ella não excluísse os assucares brasileiros. Mas se os fabricantes de Pernambuco — as fabricas de Campos nunca exportam, — teem interesse em que lhes seja aberto o mercado de Londres, é para poderem ali collocar, em tal caso, um excedente de colheita que pesaria sobre os cambios, se ficasse no Brazil. O seu mercado ordinario é o Brazil.

Minas uma industria lucrativa, e desde o inicio da crise cafezeira é a essa industria que elle principalmente se consagra. Todas as fazendas engordam porcos com destino ao Rio. A Mantiqueira tornou-se um centro importante de lactinios e a manteiga de Minas disputa hoje o mercado do Rio á manteiga normanda que ali é vendida salgada em pequenas caixas de ferro esmaltado. A' medida que a penetração avança para o norte, esta especie de arrabaldes longinquos do Rio alarga-se. Ultrapassa hoje o limite das florestas e dilata-se até aos mattos, ao norte do Bello Horizonte, onde um clima mais secco permite emprehender a cultura de productos de países temperados; as batatas de Minas começam a apparecer no Rio.

A antiga industria da criação de gado, que outr'ora occupou o Brazil inteiro, restringiu o seu dominio, concentrou-se. Como os bois não são empregados na cultura propriamente dita, mas sómente no transporte dos productos agricolas, resulta que a criação se não combina com a agricultura, a não ser quando os cultivadores teem transportes a fazer, isto é, nas grandes propriedades. E' por isso que em S. Paulo toda a fazenda tem a sua manada de bois, e ás vezes os seus animaes reproductores, as suas pastagens, o seu campo de canna que a fornece de forragem artificial. Em Minas succede ordinariamente outro tanto. Mas o gado

falta, pelo contrario, em regiões de pequena propriedade e pequena cultura; o colono do Paraná e de Santa Catharina não utiliza bois; o unico animal domestico nas colonias é o cavallo de sella.

No Rio Grande, pelo contrario, o gado reina absolutamente nas suas campinas. E' um dos mais curiosos traços da vida rural brasileira a differença que separa as regiões pastoris das regiões agricolas. Teremos de registrar isto muitas vezes. Outras occupações, outros costumes. A creação de gados e a cultura não se misturam como na Europa. Se os agricultores não possuem gados, em compensação, os gados de regiões creadoras, os do Rio Grande por exemplo, não são de modo nenhum animaes domesticos, porque não teem caracter pacifico e não são companheiros dos trabalhos do homem, nem são seus servos.

A creação de gados nas campinas do Rio Grande visa unicamente a producção da carne. A carne salgada exportada pelo porto de Pelotas é consumida no Brazil inteiro. O Rio Grande vive d'essa exportação. Durante a estação de 1907, os seus matadouros abateram 1.400:000 bois destinados á seccagem. Emquanto a parte meridional do Rio Grande, consagrada á creação de gado, exporta *carne secca*, a região das colonias, que se estende ao norte das campinas, começa a espalhar pelos

estados vizinhos os seus vinhos e as suas banhas de porco.

As relações economicas entre as diversas regiões brazileiras são, como se vê, muito complicadas. Desde os tempos coloniaes que o organismo se complicou; aperfeiçoar-se-ha ainda; pode prever-se sem esforço, por exemplo, o tempo em que as salinas do Rio Grande do Norte e do Ceará abastecerão os sequeiros de carne do Rio Grande, que deixarão de comprar o sal em Cadiz. Os troncos de pinheiro do Paraná substituirão tambem um dia as cargas de madeira resinosa que a Noruega desembarca ainda no Rio e em Santos. Emfim, não chegará o Brazil meridional a fornecer a farinha de trigo, que presentemente é importada da Argentina? Assim, não sómente se formarão novos laços entre os vinte estados, mas o Brazil verá diminuido o tributo que é obrigado a pagar ao estrangeiro.

CAPITULO V

A questão monetaria e o cambio

A balança commercial e as importações d'ouro. — A moeda-papel. — Emissões exaggeradas. — A descida do cambio e a sua restauração progressiva. — A opinião e o cambio. Partidarios da alta e partidarios da baixa. — A especulação sobre o cambio do Rio. — A fixação do cambio e a Caixa de conversão.

Em todo o país, o movimento dos cambios com o estrangeiro regula-se annualmente por uma entrada e por uma saída d'ouro. Para um estado novo como o Brazil e que não possua ainda uma reserva metálica sufficiente, é d'uma extrema importancia que a balança commercial lhe seja favoravel. Não basta realmente comparar pelas estatisticas aduaneiras as importações e as exportações. Para saber se a fortuna do Brazil augmenta ou diminue é preciso ter em conta outros elementos; se não se vê no Brazil, fóra da exportação, razão que possa justificar uma entrada d'ouro, vêem-se bem, pelo contrario, razões que justificam uma saída do ouro.

Em primeiro logar, o Brazil envia annual-

mente para o estrangeiro e sobretudo para a Inglaterra, a somma que representa o aluguer dos capitães estrangeiros que lhe foram emprestados. A quanto monta, ao certo, essa somma? Sabemos exactamente a quanto se elevam os juros dos empréstimos dos Estados, mas não conhecemos a somma que o Brazil paga em dividendos ás companhias anonymas estrangeiras. Tomae para exemplo a London and River Plate Bank. Tem a um tempo transacções na Argentina e no Brazil. Qual é a parte dos seus interesses que corresponde a uma saída d'ouro do Brazil e qual a parte proveniente da Argentina?

Ainda é mais difficil saber qual a somma gasta pelos brazileiros em viagem no estrangeiro. O proteccionismo brazileiro tem como consequencia que um viajante brazileiro não faz sómente no estrangeiro despesas de viagem propriamente ditas, mas aproveita a sua passagem pelos países de livre cambio para ali comprar em melhor conta productos cujo preço no Brazil é exaggerado, especialmente artigos de vestuario. Recordo-me de observações alegres que pude fazer por occasião da minha passagem na Barbada, ilha inglesa, quer dizer livre-cambista, por onde fazem escala hoje os navios que vão do Brazil aos Estados Unidos; todos os passageiros consagram ás suas compras algumas horas da permanencia

ali dos navios. Um importante commerciante de novidades, d'estofos e de linhos estabeleceu-se ali, tendo quasi por unica freguezia estes compradores que seguem de viagem, d'um país proteccionista para outro país proteccionista. Cada qual defende-se o melhor que póde das alfandegas federaes. Aproveita a sua estada no estrangeiro para se fornecer. Parte-se para a Europa de malas vazias, volta-se com ellas cheias. E' uma forma d'importação disfarçada, que representa tambem, para o país, uma saída d'ouro.

Emfim, os operarios agricolas d'origem estrangeira, immigrados ha pouco, enviam annualmente para o seu país uma parte das suas economias, uma somma d'ouro desconhecida, mas que não é certamente inapreciavel. O Banco Commercial Italo-brazileiro, cuja séde é em S. Paulo, centro da colonia italiana, declara nos seus relatorios ter enviado para Italia, em nome dos operarios agricolas italianos, mais de 18 milhões de liras em 1905 e perto de 17 milhões em 1906. (1) Ora, o Banco Commercial não é o unico canal de que os

(1) As expedições foram principalmente importantes n'esses dois annos, que corresponderam a uma rapida alta do cambio. Os immigrados aproveitaram da alta para fazer passar a sua fortuna para Italia, e as remessas não poderam manter-se n'essa cifra.

immigrantes se utilizam para enviar dinheiro para a Italia.

Não se pode, pois, calcular *à priori* as variações annuaes da fortuna brasileira. Impossivel é tambem avalial-as *à posteriori*; as estatisticas assignalam, é verdade, entradas d'ouro, mas não se pode saber qual a importancia d'esse ouro que representa um beneficio adquirido, e qual a que é importada por virtude de emprestimos contrahidos no estrangeiro como uma antecipação que deverá mais tarde ser reembolsada.

Se eu julgo, no entanto, poder affirmar que o Brazil, nos ultimos annos, viu augmentar a sua riqueza, é em presença d'um indice que não pode enganar: a alta do cambio. A questão do cambio está, com effeito, intimamente ligada á da balança commercial. E' o fundo da vida economica de todo o Brazil.

A moeda d'ouro não está em circulação no Brazil. A unica moeda corrente é o papel do governo. Este papel soffre hoje uma importante depreciação. O thesouro brasileiro é incapaz, presentemente, de manter a promessa inscripta nas suas notas, quer dizer, não as pode trocar por ouro, á ordem do portador. A relação entre o valor real do papel, expresso em ouro, e o seu valor nominal, é o que se chama o cambio. Diz-se que o cambio sobe se essa relação augmenta, quer dizer se o valor

do papel se eleva, e no caso contrario diz-se que o cambio baixa. As variações do cambio podem ser consideraveis. E', com effeito, necessario para que toda a moeda fiduciaria fique no país, quer dizer, conserve praticamente o seu valor nominal, que a sua emissão seja proporcional ás garantias que ella representa. Um banco não emittre notas senão á medida que a sua reserva ou a sua carteira augmenta. No Brazil onde se não trata de notas de banco, mas de notas do Estado, é preciso pelo menos que a somma das notas não exceda a fortuna liquida da nação.

A França tem atravessado crises monetarias durante as quaes o papel foi tão desacreditado que perdeu quasi completamente o seu poder de compra: 100 libras em assignados eram, então, uma gorgeta mediocre. O Brazil não tem conhecido quebras tão profundas. Pode admittir-se que o papel-moeda conservou sempre, pouco mais ou menos, o seu valor no interior. Admira como as oscillações do cambio tem affectado tão pouco os preços correntes expressos em papel. Não é sob este ponto de vista que a questão do cambio é grave. O papel-moeda tem desempenhado a sua missão como instrumento de troca nacional; é a sua missão internacional que elle não tem podido cumprir.

Quando um negociante brasileiro, tendo

vendido cafés para a Europa, negocia com um banqueiro os saques que faz sobre uma casa francesa ou allemã, que comprou esses cafés, o banqueiro aceita os saques pelo valor em ouro, por que sabe que tanto no Havre como em Hamburgo serão pagos em ouro tambem. Mas um importador brasileiro, tendo comprado em França sedas para as revender no Brazil, não dispõe para as pagar senão do papel-moeda que o francês não quer receber em pagamento: ser-lhe-ha, pois, necessario dirigir-se a um banqueiro para comprar ouro: e é precisamente esta operação que dá logar ao cambio. Quando um grande numero de commerciantes procura comprar ouro e offerece papel, a lei da offerta e da procura encarece o ouro, quer dizer, é preciso dar mais papel-moeda para ter menos moeda-ouro: o cambio baixa. Ao contrario, se os banqueiros tem ouro em abundancia e se disputam entre si os raros vendedores de papel, o cambio sóbe. ⁽¹⁾ Diversas causas podem provocar a baixa. A

(1) Empregam-se no Brazil, para indicar a cotação cambial, expressões que tem por origem o valor comparado da unidade brasileira em papel, mil réis, e da moeda inglesa. Diz-se, por exemplo, que o cambio está a 10 ou 15 se mil réis valem 10 ou 15 pence. O cambio está ao par a 27, quer dizer, quando mil réis valem 27 pence.

causa mais corrente é o excedente das importações sobre as exportações. Mas a baixa pode também produzir-se por uma emissão excessiva de papel-moeda. Se um governo augmenta exaggeradamente a massa do seu papel-moeda, a circulação d'esse papel no interior do país augmenta, a fortuna em papel de cada habitante cresce. Mas como o governo não pode por decreto augmentar a somma das exportações, a quantidade d'ouro que o commercio põe annualmente á disposição dos importadores não augmenta; passa esse ouro a ser disputado pelos concorrentes mais ricos em papel, e o cambio baixa fatalmente.

E', com effeito, o excesso das emissões que determina a baixa do cambio no Brazil. Em 1889, no momento da revolução, a somma total de papel-moeda em circulação era de 174 milhões de mil réis. O cambio achava-se acima do par, a $27\frac{3}{16}$. (1)

Com as emissões successivas, a baixa do cambio accentuou-se. De 1890 a 1891, era

(1) Valendo, ao par, mil réis, 2 frcs. 70, o papel-moeda tinha um valor total de 470 milhões de frcs., mais ou menos. Os governos republicanos, a principio com o intuito de favorecer o desenvolvimento economico, e depois como simples expediente orçamental, juntaram a este *stock* primitivo outras emissões. O papel-moeda attingia em 1898, 785 milhões de mil réis.

ainda, em media, o de $18 \frac{7}{16}$; de 1891 a 1894 desceu a $12 \frac{17}{32}$; de 1895 a 1897 a $9 \frac{1}{8}$. Em 1898 e durante o primeiro trimestre de 1899, attingiu o ponto mais baixo da curva, entre 7 e 6, quer dizer: o papel-moeda valeu muitas vezes menos d'um quarto do seu valor nominal. A situação era d'uma gravidade extrema. O orçamento federal saldava-se com *déficits*. Tendo de pagar uma grande parte das suas despesas no estrangeiro, e, portanto, em ouro, e recebendo pelo contrario em papel todos os seus rendimentos, o thesouro via augmentar as suas difficuldades a cada nova baixa de cambio e quanto mais o papel se afastava do par tanto mais elle perdia a esperança d'uma possivel melhoria. Não se combatia o *déficits* senão com novas emissões, e este remedio aggravava o mal, porque contribuia para depreciar ainda mais o papel.

N'estas condições e no momento em que o Brazil parecia ameaçado d'uma bancarrota inevitavel, o seu credito financeiro foi restabelecido pela habilidade e bom senso dos seus credores, que lhe offereceram a salvação na qual estavam mais interessados do que ninguém. A operação que marca o principio da restauração financeira, tem o nome de *Funding Loan*. Foi negociada em Londres, em 1898, entre o Banco Rothschild e o presidente Campos Salles, que n'ella tem o seu principal titulo de

gloria. O plano é simples. O governo brasileiro reconhecendo não poder pagar os juros dos empréstimos externos contrahidos por elle, passam esses juros a ser pagos desde o 1.º de janeiro de 1898 até 30 de junho de 1901, não em ouro, mas em titulos consolidados (*Funding bonds*) que serão periodicamente emittidos. ● banco Rothschild emittirá 10 milhões de libras sterling de titulos a 5% de juro, garantidos por uma primeira hypotheca sobre os rendimentos da alfandega do Rio e d'outros portos. Era entregar por tres annos o Brazil como garantia á sua divida; mas o ponto importante era que em troca d'este favor, o Brazil obrigava-se a entregar a Rothschild o equivalente das emissões de titulos em papel-moeda ao cambio de 18, que seria immediatamente destruido. Assim pela reduçãõ do papel-moeda, podia conseguir-se deter a baixa do cambio, levantá-lo em seguida progressivamente, e, uma vez normalizadas as condições financeiras, restabeleceria o Brazil voluntariamente os seus pagamentos. ● plano de *Funding* produziu os mais completos resultados. Foi em março de 1899 que a baixa do cambio parou. Em agosto, 50 milhões de mil réis de papel tinham já sido queimados e o cambio subia acima de 8. Desde então a alta marcou em cada anno um progresso. Em abril de 1908, perto de 145 milhões de mil réis de pa-

pel, cerca d'um quinto da circulação total, eram queimados, e o cambio attingia 16. O periodo da depressão estava evidentemente encerrado.

A opinião sobre a questão do cambio era menos unanime do que se podia esperar. O grande publico festejava com alegria a alta, signal da saude financeira e do restabelecimento do credito brasileiro. Mas existia, ainda assim, um grande numero de partidarios do cambio baixo. Este aproveitava, com effeito, a grande numero de bolsas. Notámos que o papel tinha diminuido de valor como moeda internacional; no entanto não perdera o seu poder de compra no interior. Um país como o Brazil não vive de importações; é a custo que as classes inferiores consomem productos estrangeiros. O preço dos alimentos communs tinha, pois, passado sem soffrer nenhuma alteração, apesar da baixa do cambio; os salarios não se haviam modificado. Todo o productor que vendia ao estrangeiro os seus productos, que recebia os seus pagamentos em ouro e que trocava em seguida o ouro por papel-moeda, recebia em papel uma importancia maior com o cambio baixo. Era por isso que elle se conservava assim.

Um commentario bastará. Em 1889, o Brazil exportou 258 milhões de mil réis em ouro. Em 1889, tendo baixado a exportação brazi-

leira, foi ella avaliada em 216 milhões. Entretanto, em 1889, estando o cambio acima do par, a $27 \frac{3}{16}$, os exportadores receberam em papel, moeda corrente no país, sómente 253 milhões, emquanto que em 1898, favorecidos pela alta do cambio, arrecadaram 814 milhões, tanto como o tripulo. A differença representa pouco mais ou menos o lucro que elles deviam á baixa. Reciprocamente, a alta arruinou-os e levantou entre elles clamores. Com uma certa habilidade, tendo analysado as causas do seu descontentamento, quizeram mostrar o Brazil dividido em dois campos: um, o d'aquelles que desejavam a alta, os consumidores d'objectos d'importação; outro o d'aquelles que queriam a baixa, os productores, a classe mais digna da solitudine do governo. O seu raciocinio não podia ser levado até ao extremo: é evidente que a baixa contínua, desorganizando a vida economica do país, não podia deixar de ser nociva aos proprios productores tambem. Entretanto, a alta muito precipitada de 1889 a 1906, causou-lhes serios prejuizos, e as suas reclamações exprimiam verdades.

Ao lado d'estes dois partidos hostis, em que um reclamava a alta e o outra a baixa, um terceiro queria antes ver o cambio incerto e variavel; este partido contava sobretudo com homens de negocios e banqueiros, cujos lu-

ros mais evidentes provinham da especulação do cambio sob todas as suas formas.

O principio das oscillações do cambio é facil de comprehender. Succede, com effeito, que as vendas d'ouro sobre a praça do Rio, ou as vendas de saques pagaveis em ouro, se accumulam n'um espaço de tempo bastante restricto, para junho, julho, antes do começo das exportações de café e no momento em que se começa a descontal-os. E' um facto vulgar em todos os países que exportam um producto agricola, e que tem como consequencia regular a alta do cambio. Ao contrario, durante os meses seguintes, a exportação affrouxa, a offerta d'ouro diminue, os bancos não tem outras transacções senão as dos importadores que procuram ouro para pagar as suas compras no estrangeiro. Distribuem-lhes as reservas d'ouro que accumulam durante os meses de exportação, e em seu unico proveito, e o cambio baixa, quer dizer, pela mesma somma d'ouro recebem mais papel. Estes meses em que, nos annos normaes, se a especulação deixasse livre o jogo das causas economicas naturaes, o cambio accentuaria uma tendencia á baixa, voltam ao Brazil, de fevereiro a maio, pouco mais ou menos. (1) A baixa é

(1) Os meses de maior exportação de café são setembro e outubro, mas é preciso não esquecer que as trans-

mais difficil d'evitar quando o anno commercial decorre mau, isto é, quando a exportação é reduzida e as colheitas inferiores á media. Foi assim que no principio de 1908, depois d'uma colheita de café que não cobriu as despesas, se receou muito uma baixa do cambio que pôde felizmente ser evitada.

Uma especulação muito lucrativa e quasi segura para os banqueiros, consiste em comprar ouro com o cambio alto, quer dizer barato, durante os meses d'exportação, e vendel-o com o cambio baixo, quer dizer mais caro, durante o resto do anno.

Na verdade, quando se estudam de mais perto as oscillações do cambio, constata-se que as leis muito simples que explicámos, raramente se applicam com toda a liberdade. A especulação intervinha continuamente, ora para palliar, ora para exaggerar os movimentos que a situação incerta do mercado podia provocar. Umas vezes era um banco que prevendo para tal periodo o retrahimento do ouro, accumulava reservas e obstava assim a que a baixa se desse; outras vezes, pelo contrario, especuladores compravam todo o ouro

acções se fazem, não ao cambio do dia, mas a 90 dias. A colheita determina a alta tres meses antes d'attingir o seu maior auge, e a tendencia á baixa accentua-se ainda ntes d'ella se concluir.

disponível que havia na praça, sem deixar nenhum para as necessidades do commercio, e, tornando assim raro esse metal, soffria o papel uma baixa profunda.

O rythmo normal annual do cambio, com alta durante os meses d'exportação e baixa durante a estação morta era perturbado, não sómente pela especulação, como tambem ainda por um sem numero de causas. A's vezes os exportadores de café, esperando uma melhoria do cambio, armazenavam os seus cafés após a colheita, e a campanha da exportação prolongava-se até ao ponto de se confundir com a do anno seguinte; ás vezes emprestimos contrahidos no estrangeiro traziam ouro para o país no momento em que o commercio internacional não teria podido introduzil-o. A curva do cambio é, pois, d'uma extranha irregularidade e d'uma complicação que desanima. A bolsa do cambio era o theatro d'um jogo desenfreado; apenas os grandes bancos que pelo seu poder financeiro eram arbitros do mercado podiam gabar-se d'ali realizar lucros. Os mais solidos mesmo, não estavam ao abrigo de todo o perigo, e mais d'um atravessou crises difficilimas depois de periodos d'especulação muito arriscada.

Para dar uma ideia do que podia ser a vida economica do Brazil antes da fixação do cambio, talvez seja bom seguir as suas oscillações

durante um anno. Escolhi de proposito o anno de 1900, em que as irregularidades do valor do papel-moeda tiveram mais amplitude do que nunca.

O anno abre-se em janeiro com o cambio a 7. O valor do papel é muito fraco. O *Funding Loan* não teve ainda tempo de levantar sensivelmente o credito do Brazil. A alta nota-se desde janeiro e fevereiro. A luta começa effectivamente entre especuladores que tem em mão ouro e os bancos que os querem obrigar a vendel-o. A alta arruina os portadores de ouro, que compraram com o cambio baixo, pois que a alta do cambio, quer dizer do papel, não é na realidade senão uma baixa do ouro. Os bancos empenham-se, pois, em provocar a alta; a batalha é rude, o successo fica por muito tempo duvidoso. Emfim, os bancos vencem, e no fim de fevereiro o cambio está a 8 $\frac{1}{4}$, quer dizer, o valor de cada mil réis de papel subiu em dois meses, de 7 pence a 8 pence e $\frac{1}{4}$.

Mas a época do anno é mal escolhida para que a alta continue. E' o tempo em que, com effeito, as exportações cessam, os mercados cafezeiros estão paralyzados, as praças de Santos e do Rio não fornecem nenhum saque sobre o estrangeiro, o ouro é raro. Tambem o movimento da alta se entravou durante alguns meses, e no fim de abril está ainda,

comô no fim de fevereiro, a 8 $\frac{1}{4}$. Em maio, a London and River Plate Bank declara-se francamente pela alta. O movimento para a alta é sustentado por numerosos especuladores. Começa-se a descontar a colheita do café, que deve começar em julho bem como a afluencia do ouro que ella provocará, e a alta affirma-se dois meses antes do inicio da colheita. Os commerciantes importadores da praça do Rio aproveitam a alta para regular as suas dividas no estrangeiro. No fim de maio, o cambio está a 9, divisa que não tinha attingido desde janeiro de 1897.

Entretanto, ha a convicção de que a alta não é fictícia, que se accentuará ainda e que a importancia das proximas colheitas restabelecerá d'um modo duravel o curso do papel. Confia-dos na alta, um grande numero de especuladores vendem ouro a descoberto; a alta continúa: "Uma transformação radical se produziu em junho na situação do mercado do cambio. Outr'ora os possuidores de letras de cambio (quer dizer os portadores d'ouro) eram os verdadeiros arbitros da taxa do cambio; actualmente, porém, eram os possuidores do papel-moeda em circulação que fixavam o valor em ouro da moeda.⁽¹⁾ O cambio sobe acima de

⁽¹⁾ *Jornal do Commercio. Retrospecto commercial para 1900.*

11 no fim de junho. Em julho passa de 14. Imagine-se n'este momento o prejuizo soffrido por um negociante que tinha comprado um *stock* de mercadorias importadas em janeiro ao cambio de 7, quando o mesmo *stock*, comprado seis meses depois ao cambio de 14, lhe ficaria por metade do preço.

Mas a alta foi muito brusca para se manter, tanto mais que todos os vendedores a descoberto que compravam então para se cobrirem, augmentavam a procura normal do ouro. Novamente a quantidade de ouro offerecida era insufficiente para as necessidades do mercado. O London and River Plate Bank estava interessado na alta. Os outros bancos associaram-se para lhe resistir. Tinha havido no primeiro trimestre luta entre os bancos e os especuladores; havia agora combate entre os bancos. Os baixistas vencem. No fim de julho o cambio desce a 11. A baixa accentua-se. Em setembro abre-se uma crise de bancos; o Banco da Republica suspende pagamentos. O governo impôz-se desde logo a tarefa de reorganizar para satisfação dos seus credores; mas outros bancos são attingidos. O mercado está retrahido; a especulação receiosa. A baixa continúa. Por felicidade, a situação commercial não é má; as expedições de café são importantes; não é, pois, geral a ruina. O cambio oscilla, durante o final do anno, entre 11 e 9, e o con-

junto do anno marca um progresso sensivel no curso do cambio, que de janeiro a dezembro subiu dois pontos.

Tal é a historia d'esse anno agitado e cheio de catastrophes, em que se manifesta a primeira alta notavel após *Funding Loan*. Se causou a ruina de mais d'um especulador, muitos tiveram bons lucros. Salvo o London and River Plate Bank, que a baixa d'agosto attingiu rudemente, os bancos estrangeiros tiveram bons interesses. A irregularidade do cambio constituiu muitissimas fortunas, e comprehende-se, porque tal classe d'especuladores a unica coisa que teme é que a situação se regularize.

Por esta mesma razão parecia que todos os brasileiros deviam desejar essa regularização, para bem do futuro do país. A incerteza constante dos preços, a qual resulta da instabilidade do valor da moeda, produzia em toda a vida economica do país efeitos desastrosos. Pergunta-se: que empresa industrial ou commercial poderia estabelecer-se sobre uns alicerces tão movediços? Os bancos descuravam as operações regulares de desconto, não se occupavam senão do cambio. O vicio do jogo sob todas as suas formas entrava nos costumes publicos. Não sei se é d'esse tempo que data a popularidade universal do "Jogo das Bestas", que se usa hoje no Brazil inteiro e até nos mais

pequenos centros e que é um poderoso factor da desmoralização nacional.

Tambem a preocupação dominante dos politicos mais esclarecidos e previdentes, no dia em que o credito do Brazil pareceu consolidado, não foi a de fazer subir o cambio, mas a de o fixar. Foi ao que chegou em 1906 o presidente Pena, pela criação da Caixa de Conversão. A caixa é a sua obra pessoal. E' provavel que tivesse sido levado a instituil-a pelo exemplo da Caixa de Conversão argentina, a qual, reorganizada em 1899, começou sómente em 1903 a prestar os serviços que d'ella se esperavam. Antes da sua eleição, Pena annunciou que a sua preocupação principal era a de dar ao Brazil uma moeda sã, de valor fixo, quer dizer, fazel-o saír do curso forçado. "A transformação do papel de curso forçado em papel convertivel, eis o primeiro dever da Republica", dizia elle n'um discurso em 12 d'outubro de 1905. Accrescentava "que a conversão immediata em bloco no curso actual do papel, sobre não ser honesta, seria impossivel; que era preciso, pois, proceder progressivamente, e visto que se tornava difficil, nas circumstancias actuaes, crear um banco emissor encarregado de lançar na circulação um papel convertivel, que tomasse pouco a pouco o logar do antigo papel do estado, o governo era obrigado a proceder por si proprio."

O machinismo de que elle se serviria seria a Caixa de Conversão. Teria por funcção emittir contra ouro, recebido por ella, quer de depositantes, quer do governo, notas a um cambio fixo, notas que seriam eternamente convertiveis, quando apresentadas na caixa, pois que ella não as emittiria senão na proporção da sua riqueza em ouro. Introduziria, pois, no Brazil, ao lado da moeda inconvertivel, uma segunda especie de moeda convertivel; o cambio, fixar-se-ia, visto que a moeda inconvertivel não podia mais afastar-se do valor da moeda convertivel, que seria invariavel. Tal como, n'uma parelha atrelada, um cavallo firme mette na ordem um cavallo manhoso.

O projecto da Caixa de Conversão foi longamente discutido entre o futuro presidente e os representantes dos estados cafezeiros, no mês de janeiro de 1906, em que se procurou o remedi● da crise cafezeira, e a sua criação foi associada ao primeiro projecto da operação que se chamou a *Valorização do café*. A valorização tal como foi concebida, contava com effeito com um grande emprestimo de 15 milhões de libras *sterlings*. O producto d'este emprestimo serviria de lastro á caixa. Em lugar de lançar directamente no país o ouro proveniente do emprestimo, a caixa emittiria com a garantia d'esse ouro notas que entrariam em circulação á medida que os estados cafe-

zeiros tivessem necessidade d'ellas; o ouro restante ficaria accumulado na caixa. Os plantadores do café eram com effeito dos mais interessados na criação d'ella. Porque a affluencia do ouro resultante do emprestimo projectado, penetraria livremente no territorio, devendo fatalmente ahi provocar uma alta notavel do cambio, e já dissemos quanto a grande propriedade soffreria com a alta. Nada ha d'extranhavel, portanto, n'esta alliança entre os Paulistas que queriam evitar a alta, e o presidente que queria primeiro que tudo fixar o cambio. A Caixa de Conversão devia servir aos dois fins.

Tendo falhado, como veremos mais adiante n'outro capitulo, o projecto da valorização do café, Pena reconstituiu sob uma forma differente o plano da Caixa de Conversão, que foi definitivamente aberta em 6 de dezembro de 1906. O seu funcionamento e os serviços que tem prestado encontram-se descriptos no relatório do ministro da fazenda de 1907. A caixa está encarregada d'emittir papel convertivel contra os depositos em ouro ao cambio de 15 (1 mil réis por 15 pence ouro). Em 31 de dezembro, a Caixa tinha em ouro um saldo de depositos de 5.816:352 libras *sterlings* e de 10.585:680 francs, e havia emittido pouco mais de 100 milhões de mil réis de notas. Quer dizer que a circulação brasileira convertivel equiva-

lia já a perto d'um sexto da circulação inconvertível.⁽¹⁾ E' facil de comprehender como a caixa preenche a sua funcção, que é a de fixar o cambio. Quando o cambio sobe acima de 15, todos os portadores d'ouro affluem á Caixa

(1) A Caixa de Conversão brasileira differe da Caixa Argentina n'um unico ponto: a Caixa argentina emite notas exactamente semelhantes ás notas ordinarias, emquanto que as notas da Caixa brasileira são differentes das notas inconvertíveis. De sorte que todo o portador de nota convertível no Brazil está garantido de que recebe ouro contra a apresentação da sua nota á Caixa; pelo contrario, todo o portador d'uma nota argentina corre o risco, em caso de panico, de ser preterida por outros portadores, que exgottarão os fundos da Caixa de Conversão, e de não receber ouro em troca da sua nota. Consequentemente, a Caixa de Conversão argentina não começa a receber depositos se não quando esteja perfeitamente estabelecida a confiança geral nas finanças do Estado, visto que umâ baixa de cambio é pouco provavel e cada particular, havendo tendencia para o cambio subir, tem interesse em comprar papel á taxa fixa pela qual a Caixa de Conversão o entrega. Ao contrario, no Brazil, os depositantes não arriscam nada, porque o seu ouro não pode ser entregue aos portadores de papel inconvertível. Segundo o systema brasileiro, a compra do papel da Caixa constitue verdadeiramente um deposito, e as suas notas são certificados de deposito d'ouro. O perigo do systema brasileiro, está em que as duas moedas creadas, a convertível e a inconvertível, se não confundam: o papel inconvertível fica só em circulação, emquanto que o papel convertível, como uma verdadeira moeda d'ouro, ficará fechado nos bancos.

para ahi trocar o seu ouro por papel, a uma taxa mais vantajosa do que a offerecida pelos bancos. A caixa absorve, pois, ouro, e as suas emissões augmentam a circulação geral do papel. Por esta dupla razão, tornando-se o ouro raro e abundante o papel, a Caixa impede a alta. O cambio não pode, pois, exceder sensivelmente a taxa de 15. Se, pelo contrario, o cambio baixa, valendo mais o ouro na praça do que o papel com o qual elle se pode obter na Caixa, os portadores de papel convertivel apresentam-se nos *guichets* da Caixa, e reclamam-lhe o ouro. O ouro reentra na circulação e a baixa pára. A Caixa de Conversão conservar-se-ha, pois, na baixa enquanto tiver reservas e puder lançar ouro no mercado.

Vê-se que o papel da Caixa não é precisamente o mesmo na alta e na baixa. Contra a alta é ella um poderoso freio, porque os depositos podem augmentar sem limite; contra a baixa, não pode lutar senão por algum tempo; toda a baixa prolongada esvasiar-lhe-ha os cofres e terá razão para subsistir. A Caixa é, pois, acima de tudo uma arma contra a alta; mas praticamente, salvo em crises nacionaes irresistiveis, preencherá a sua dupla missão e impedirá egualmente a alta e a baixa. A Caixa desempenhou a sua missão de freio contra a baixa, notavelmente durante os primeiros meses de 1908. Fez as suas provas n'essa occasião.

Depois da colheita do café de 1907, que foi fraca, tendo faltado o ouro, temeu-se uma baixa de cambio, como a que se tinha dado antes em circumstancias analogas. A Caixa de Conversão viu, com effeito, diminuir os seus depositos; mas não se exgottaram os seus cofres, e a taxa do cambio manteve-se. (1)

O ministro da fazenda procurou demonstrar que as objecções feitas contra a instituição da Caixa de Conversão não tinham importancia. Dizia-se que os fundos d'ella seriam empregados em coisa differente do reembolso das notas, que ficariam assim inconvertiveis pela força das circumstancias. A Caixa de Conversão acabaria por ser uma Caixa d'emissão disfarçada. Era esta uma crítica á qual um governo honesto podia deixar de responder.

Uma outra se fez, talvez mais séria, porque envolvia uma objecção de principios. Censurava-se a Caixa, ao fixar o cambio nas proximidades de 15, de deter o Brazil no movimento que o

(1) Ha para o governo brasileiro um tal interesse em evitar a baixa, que elle proprio intervém no mercado do cambio. Por exemplo, luta contra a baixa, contractando na Europa um emprestimo a curto prazo, sobre o qual lhe é possivel saccar quando falta o ouro na praça do Rio. Está sempre vigiando se n'esta praça é sufficiente a offerta do ouro. Uma intervenção official d'este genero, pouco orthodoxa, mas muito util, deu-se na primavera de 1908.

levava rapidamente para o cambio ao par, quer dizer, para a livre circulação do ouro. A criação da Caixa não será uma forma de bancarrota? E depois, com que direito um governo emite papel a um cambio inferior ao par? A resposta do ministro é facil. Primeiro, deixa entrever para quando os depositos na Caixa forem sufficientemente elevados, uma modificação possível na taxa do cambio. Substituir-se-ha então, quando o estado do mercado o permitta, o papel inconvertivel a 15 pelo papel convertivel a 16, por exemplo. O Brazil affirma assim que renuncia á esperança de reabrir, enfim, as suas fronteiras á moeda d'ouro.

Todavia, os serviços actualmente prestados pela Caixa são taes, que havia o direito de se lhe sacrificar alguma coisa. O Brazil pagaria bem caro esperanças muito longinquas se precisasse, para respeitar o principio do cambio ao par, continuar a viver infinitamente sob o regime das oscillações cambias, tanto mais sendo deploraveis as consequencias do que elle chamou "a dança do cambio".

De facto, a criação da Caixa parece ter aberto ao Brazil uma nova era economica. Desde o começo do anno de 1907, o cambio tem-se conservado quasi invariavelmente nas proximidades de 15 $\frac{1}{4}$. O Brazil conquistou assim uma moeda estavel, base indispensavel aos progressos de uma nação que quer viver, não de espe-

culação, mas do trabalho regular da agricultura, da industria e do commercio. A estabilidade monetaria, que produzirá todos os seus fructos dentro d'alguns annos, quando a experiencia haja demonstrado que ella é duravel e habitos novos se tenham creado, será para o Brazil um poderoso elemento de renovação.

CAPITULO VI

S. Paulo

Formação historica da sociedade paulista.—Riqueza do territorio de S. Paulo.—A colonização de S. Paulo e a expansão das culturas cafézeiras.—O povoamento.—Actividade economica de S. Paulo e o seu poder d'absorção sobre os estrangeiros.—As escolas.

Alguns traços resumem a historia contemporanea do Brazil: o mais nitido é a apparição de S. Paulo. O verdadeiro centro economico do país está ali. Comquanto Pernambuco e Bahia, que pertencem ao Brazil dos tropicos, conservassem o primeiro lugar durante o periodo colonial, a sua influencia declinou após a independencia em proveito das provincias do sul, do Brazil temperado. S. Paulo impelle a marcha para a frente do novo Brazil.

Entretanto, mesmo em S. Paulo, os progressos recentes, um incremento rapido, novas fontes de riqueza, um lugar conquistado em poucos annos na vida economica do mundo, a affluencia de immigrants, tudo isto não desvaneceu a forte impressão do passado. Uma

estada em S. Paulo dá-nos uma impressão muito differente d'uma sociedade de formação recente. A população oriunda do velho sangue paulista imprimiu o seu cunho ao desenvolvimento moderno do estado. Foi a auctora d'elle; colheu-lhe os resultados; não pensa em abdicar. É ainda hoje o meio mais firme e o mais exclusivista do Brazil. As tradições paulistas remontam aos seculos xvii e xviii. Bandos de pesquisadores de metaes preciosos, idos de S. Paulo, percorreram então todo o interior do continente; chamavam-se os Bandeirantes. As suas expedições meio militares, aventurezas anabases que luctavam contra as distancias, clima, privações, temperavam fortemente os caracteres; eis a escola em que um povo se formou.

Quando d'Orbigny visitou S. Paulo no meado do seculo xix, no tempo em que, segundo o seu testemunho, a maior riqueza da provincia estava na criação de gados, a densidade da população no territorio paulista era muito fraca ainda, e a capital não passava d'uma grande aldeiola. D'Orbigny observou, no entanto, que existia uma especie de patriotismo local e que os paulistas tinham herdado dos seus avós Bandeirantes um caracter energico, audacioso e aventureiro. "D'essa vida aventureza, resultou que os paulistas ficaram no meio do Brazil como uma excepção bem caracterizada, e

que S. Paulo se tornou rapidamente uma pequena republica bastante semelhante ás republicas italianas da edade-média, e como ellas turbulenta... Os paulistas sentem-se orgulhosos d'essa ascendencia.» (1) Muitas coisas mudaram depois da viagem d'Orbigny; a aldeiola tornou-se uma cidade de 300.000 almas. A floresta recuou por toda a parte deante dos cultivadores; o café espalhou uma onda de riquezas cem vezes mais abundantes das que outr'ora produzia a creação de gados, e todavia, no proprio desenvolvimento de S. Paulo alguma coisa corresponde á ideia que d'Orbigny exprimia. A republica paulista conservou vivo o seu antigo espirito. Se os costumes contemporaneos já não proporcionavam a caracteres aventureiros as mesmas occasiões que outr'ora, se os grandes circuitos da caça no interior deixavam d'existir, a actividade paulista encontrou-se então inteiramente com a expansão da cultura do café, e a ella se dedicou. A conquista do solo pelos agricultores foi rapida como um verdadeiro *raid*.

O territorio de S. Paulo é a unica parte do Brazil, da qual se tem hoje um conhecimento scientifico. Em parte alguma, a não ser talvez

(1) D'Orbigny, *Voyage dans les deux Ameriques*, pag. 178.

no Paraná, o caracter do planalto se accentuou mais, e em parte alguma, a serra do Mar tem pelo lado do mar um mais difficil accessó.

Ao pé da serra, a zona baixa, humida e quente, alarga-se na bacia do rio de Iguapé. Corrigindo a altitude pela latitude, vê-se que a parte tropical do estado é justamente a parte mais afastada do equador. Ao norte da serra, pelo contrario, estende-se o centro da região paulista. A altitude do planalto é de oitocentos metros em média perto da serra, mas abaixa-se lentamente para noroeste, e perto do Paraná não excede 400 e 300 metros. Reina ali um clima uniforme: os mesmos estios regados por grandes tempestades, os mesmos invernos claros e seccos, em que ás vezes nas madrugadas que succedem a noites frigidissimas se encontra um pouco de gelo nas baixas. É que nenhuma cadeia montanhosa, cavalgando o planalto, o corta em cantões isolados, como faz a Mantiqueira em Minas. Uma serie de grandes valles transversaes ali se cruza; o planalto estende-se em divisões alongadas, que não são verdadeiras serras, mas zonas dorsaes que ultrapassam apenas algumas centenas de metros o nivel do planalto. Os rios nascem a léste, nos contrafortes da Mantiqueira que, de Minas, invade o territorio de S. Paulo, onde se perde: a sua orientação geral é de sudoeste para noroeste.

As rochas que constituem as diversas partes do planalto dão a cada uma o seu aspecto característico. A léste dominam os granitos e os *gneiss* formando cabeços arredondados, semeados sem ordem; a sua alteração superficial pelas chuvas produz uma argilla vermelha, pesada e forte, que dá ás aguas dos rios uma côr limosa. A cidade de S. Paulo é o coração d'esta zona de granitos. A oeste estende-se pelo contrario a região dos grés. O limite dos grés e dos terrenos gneissicos e graniticos é uma ampla curva cuja convexidade está voltada para léste, parallelá á costa, desde a fronteira do Paraná até as cidades de Sorocaba e de Campinas que a balizam, dirigindo-se em seguida quasi precisamente para o norte por Casa Branca e Franca. A oeste d'esta linha, os grés reinam absolutamente, grés vermelhos e grés cinzentos, uns friaveis e de topographia apagada, outros resistindo melhor ás chuvas e destacando sobre o planalto, todos dando terras leves e permeaveis em que a humidade se não demora.

Mas não é nem sobre as argillas graniticas nem sobre as areias de grés que está fundada a fortuna de S. Paulo. A maior parte da propriedade agricola está, com effeito, concentrada nos terrenos que da superficie do estado não occupam senão uma parte restricta: nas diabases. Erupções, provavelmente terciarias, espa-

lharam pela superficie do planalto lavas abundantes em phosphoro; em toda a parte onde ellas existem, a vegetação natural é mais rica, e a colonização encontrou um solo mais favoravel. Decompostas, reduzem-se a uma terra espessa, de côr sombria, a que os paulistas chamam terra vermelha, mas a que é melhor chamar terra violeta, para a distinguir da outra terra vermelha procedente dos granitos e dos gneiss. É effectivamente d'uma magnifica côr violeta. Quasi sempre, as diabases formam, no meio dos grés, pequenos macissos arredondados que se destacam do nivel geral. Veem-se assim nas proximidades de Campinas ou de Ribeirão Preto; n'outros pontos as diabases estão extendidas como toalhas ou então atravessam, como filões, os leitos de grés que se cossem pelo seu contacto, como tijollos. Rocha muito dura, a diabase fórma, quando os seus afloramentos cortam o curso da agua, correntes muito rapidas ou quédas.

Por toda a parte onde quédas fecham os rios paulistas, pode ter-se como certo que se encontram as diabases.

A rêde hydrographica prestou á colonização poucos serviços: o Tiété, o mais importante dos rios do planalto, que elle percorre na sua maior largura, oppõe muitos obstaculos á navegação. O primeiro é a quéda do Ytu, na travessia do ultimo macisso granitico. O Tiété

serena em segúida. Existem, entretanto, diversas correntes muito rapidas a juzante do confluyente do Jacaré; depois chega-se a uma vasta área navegavel, onde a corrente amortece, e que tem o nome pittoresco de Rio Morto; tambem se diz Rio Manso, quer dizer, rio domesticado. A extensão d'essa área navegavel é de 80 kilometros, pouco mais ou menos. Termina a oeste nas quédas do Avandava, onde o rio corta um poderoso leito de diabase. O Tiété desce a partir d'ali, de cascata em cascata, e transpõe ainda as grandes quédas d'Itapura, antes de desaguar no Paraná. Quanto ao Paraná, é uma vasta toalha d'agua que attinge a espaços uma largura de alguns kilometros. Corre por entre ribas arenosas, semeado de grandes ilhas e marginado por uma cortina de florestas. Seria uma via navegavel de primeira ordem, sem as quédas do Urubupunga a montante do confluyente do Tiété e as do Salto Grande, na fronteira do Paraguay, que cortam as communições com a parte inferior do Rio: o Paraná corre, além disso, por fóra da zona colonizada, da qual se não aproxima em ponto algum a menos de 300 kilometros.

Quando se procura saber que influencia exerceram na historia de S. Paulo estas condições physicas, impressiona vêr como a dispo-

sição do solo determinou, em virtude de leis geographicas, a situação da capital. A situação de S. Paulo estava d'antemão marcada no terreno.

A cidade está muito longe de ser o centro do Estado. A posição de Campinas, por exemplo, ou a de Piracicaba, são mais centraes. Entretanto, Campinas ha cincoenta annos que renunciou ás suas esperanças de vir a ser a rival de S. Paulo. S. Paulo está construida perto do limite meridional dos planaltos, a pouca distancia do mar, a algumas leguas apenas da serra do Mar, e em frente d'uma depressão que abaixa a cumiada da mesma serra; a oeste, para além do porto de Santos, a serra do Mar afasta-se do mar, e a zona costeira, arborizada, pantanosa e doentia, estende-se pelo valle do rio de Iguapé. O accésso do planalto, pelo lado do mar, é ahi mais difficil, por que, á escalada da serra, junta-se uma penosa viagem através os pantanos e a floresta. Em Santos, pelo contrario, em frente de S. Paulo, a serra e o planalto estabelecem contacto immediato com a costa. S. Paulo está, pois, sobre a unica estrada do planalto para o mar.

Uma outra estrada passa ahi tambem, a que liga a cidade do Rio e o sul do estado de Minas aos planaltos de S. Paulo e a Matto Grosso. Esta estrada rodeia pelo sul as montanhas da Mantiqueira. O macisso inabordavel

da Mantiqueira é por todos os lados rodeado d'estradas que o não puderam penetrar. A léste segue a antiga estrada do Rio a Ouro Preto; a oeste, a estrada de S. Paulo a Uberaba, no triangulo mineiro; ao sul a estrada do Rio a S. Paulo. Assim como em França, as velhas estradas historicas seguem os rebordos do macisso central, tambem estas estão balisadas por cidades, a que deram vida. A estrada do Rio para Matto Grosso aproveita o valle do Parahyba para subir até ao planalto de S. Paulo; transpõe ali, em altitudes médias, a garganta que separa o Parahyba do Tiété, affluente do Paraná. S. Paulo encontra-se junto do ponto em que esta estrada desembocca sobre o Tiété, no cruzamento das vias naturaes do sul ao norte, e de léste a oeste.

O planalto foi o dominio da colonização: ao sul do planalto, a pequena bacia tropical do rio de Iguapé deve ser posta de parte. As condições phisicas eram ali inteiramente differentes das do planalto: os colonos, portugêses ou mestiços, chegados pela costa, subiram pouco a pouco o valle. Fundaram algumas paróccias e praticaram algumas culturas de canna d'assucar e de arroz. Durante o fim do seculo XIX, em logar de se desenvolverem, reduziram-se. A barra do rio está encalhada e a exportação é impossivel. Os habitantes vivem da caça e da pesca, mais do que da agricultura; os

cursos d'agua e as lagunas são abundantes em peixe, fornecem de viveres, desde ha muito, os ribeirinhos, porque se encontram rumas de cascas d'ostra, amontoadas pelos primitivos occupadores do solo. Acabam de estudar-se estes restos d'uma prehistoria que não remonta a mais de tres seculos.

A montante, e principalmente nas immedições do ponto onde o rio d'Iguapé recebe o Assunguy, encontram-se populações differentes; não são d'origem portugûesa; descendem dos colonos europeus que se estabeleceram por 1860 no Assunguy superior, no estado do Paraná. É um exemplo rarissimo no Brazil, da colonização progressiva do planalto para o mar. O movimento inverso foi a regra e tem-se visto frequentemente populações estabelecidas ao pé da serra subil-a para se fixarem no planalto. Os filhos dos colonos do Assunguy, estabelecidos nas margens d'Iguapé, são verdadeiros agricultores; mas faltam-lhes saídas para as suas colheitas. A unica com que podem contar é o mercado de Curitiba, capital do Paraná, que tem o seu celleiro na colonia do Assunguy. É para o estado do Paraná que elles olham; a sua vida economica, tanto como a sua origem, desviam-n'os de S. Paulo; a colonização do alto valle do Iguapé não é mais de que um episodio da colonização do Paraná perdido no territorio paulista.

No planalto, as mais antigas regiões de cultura em que a colonização data do século XVIII, estão situadas no sudoeste do estado, e comprehendem o alto valle do Parahyba e os arredores de Campinas. Estão semeadas de pequenas cidades já antigas; foram o berço da agricultura paulista; e mais d'uma familia, transferida hoje para o norte ou para oeste, tem n'essas regiões as suas origens. Como nas antigas regiões agricolas, praticavam-se ali as culturas do milho e da canna, a que mais tarde se juntaram pequenas culturas de café. Os productos das culturas da canna e, sobretudo a aguardente, não eram exportados, mas consumidos no local: n'esse tempo a exportação de S. Paulo não comprehendia o gado.

Por 1875 parece ter-se produzido um rapido movimento d'expansão povoadora. Homens energeticos, resignados á solidão, estabeleciam-se em regiões ainda desertas, em contacto com os indios. Viviam principalmente da criação de gados, que se contenta com terras medio-cres, e espalharam-se por muito longe, para oeste, até pelo sertão, que foi mais tarde abandonado quando entrou em voga a cultura do café. Esta colonização dispersa, sem methodo e sem capitaes, deu origem a uma população semi-barbara e muito independente. Hoje, desde a paralyzação das culturas cafézeiras, a conquista das pastagens magras de sertão, tende

a recommençar. Ainda ali subsistem por toda a parte alguns representantes d'essa geração de pioneiros, que o exercito regular dos colonos não seguira. Uma boa parte d'elles eram imigrantes de Minas, já adaptados á existencia isolada que se tinham creado em S. Paulo; europeus não a teriam supportado. No seculo XVIII, as riquezas metallicas do estado de Minas tinham attrahido os paulistas; no fim do seculo XIX a corrente voltava-se, e era Minas que fornecia S. Paulo.

O anno de 1885 marca o inicio da grande febre das plantações de café. Havia trinta annos já que a cultura do café fazia em S. Paulo regulares progressos; mas nada deixava prever o extraordinario desenvolvimento das plantações, que se manteve desde 1885 até 1900 approximadamente. Durante estes 15 annos, a plantação do café preoccupou exclusivamente todos os espiritos. Interessou a agricultura e a colonização, pobres e ricos, citadinos e camponezes. Como sempre succede em taes circumstancias, um movimento universal de especulação sobre as terras activou o movimento colonizador. A cultura do café pareceu a todos a mais natural e a mais fructuosa para o emprego da intelligencia e da energia de cada um. As outras culturas recuaram, a canna, o algodão, os cereaes; e a colonização concentrada, methodica, deu-se a descobrir terras convenientes ao

cafézeiro. Sendo a terra violeta a melhor terra para o café, houve verdadeiramente uma caça aos filões de diabase.

É o momento em que o estado de S. Paulo se cobre de caminhos de ferro. Muitos agricultores abandonaram n'esse momento as antigas terras das velhas regiões agrícolas para irem fixar-se mais longe. Estabeleceram-se diversas correntes de migrações locais: uma d'ellas continua em nossos dias, é a que despovôa o valle da Parahyba em proveito de regiões mais septentrionaes. O centro de gravidade do estado deslocou-se. A nova cidade de Ribeirão Preto tornou-se a rival de Campinas. A colonização dirigiu-se para certos cantões privilegiados, de que rapidamente se tornou o centro, e que foram inteiramente occupados. Não andou nunca pelos valles. Os valles não representaram nunca em S. Paulo papel algum economico. O cafézeiro prefere altitudes de 600 a 800 metros, onde menos tem a recear dos frios. Os valles estão quasi por toda a parte a um nivel inferior. As culturas agrupam-se, pois, nas partes altas, emquanto que os valles ficam incultos. As tres grandes zonas cafézeiras são: em primeiro lugar, uma faixa alongada do sul ao norte, sobre os contrafortes da Mantiqueira, desde Bragança até quasi S. João da Boa-Vista, e depois as alturas intermediarias entre o Tiété e a Mogy Guassu, em volta de S. Carlos do Pinhal,

e as que separam a Mogy Guassu do Rio Pardo, cuja fertilidade fez a fortuna de Ribeirão Preto.

As fazendas multiplicaram-se. Não se esquece facilmente, quando se visita uma fazenda de café, que a colonização é muito recente, e que o homem se tornou dono d'aquellas terras ha menos d'uma geração. Mesmo quando a floresta tenha sido repellida para longe, por virtude dos arroteamentos, deixou vestigios: ou algumas grandes arvores isoladas que escaparam ao incendio ou ao machado e que se erguem pelo meio das culturas, ou troncos deitados por entre as filas dos cafézeiros, e que não tiveram tempo d'apodrecer.

Ao mesmo tempo que o interior se cobre de culturas, pequenos centros ali se formam: toda uma geração de pequenas cidades, attingidas hoje pela crise. Não são, nem foram nunca, mercados cafézeiros. Os unicos mercados de café são S. Paulo e Santos, e os negociantes de S. Paulo e os commissarios da praça de Santos estão em relação directa com os fazendeiros. As cidades do interior não tem por função concentrar a colheita, mas asseguram a distribuição, em cantões agricolas, das mercadorias importadas, porque a importação desenvolve-se ao mesmo passo que a exportação; ao tornar-se um grande productor, S. Paulo tornou-se tambem um grande consumidor. Cada cidade tem armazens de quinquilherias,

de tecidos e de mercearia onde se fornecem as lojas das fazendas. Vivem tambem do commercio de dinheiro. Ahi os fazendeiros encontram credito nos pequenos bancos locais, que são sustentados de longe por bancos mais poderosos, estabelecidos em S. Paulo.

Entre os elementos que compõem a sua população, o que menos se espera encontrar é a familia dos arabes, assyrios, orientaes de toda a especie, que ali se implantou. São, parece, bons commerciantes; muitos d'elles tendo iniciado a sua vida como bufarinheiros, são hoje proprietarios de casas importantes. Causa uma sensação extranha reconhecer pragas e sarcasmos já ouvidos nas ruas de Tunis, n'um país novo como este, d'onde se suppunham excluidos para sempre o Islam e as raças semiticas. Quando, como já se dizia na minha passagem, se tiverem estabelecido em S. Paulo os colonos japoneses, não sei se existirá no mundo um país agricola onde mais raças se acotevellem.

A capital, S. Paulo, augmenta ao mesmo tempo que se alarga a cultura do café, e a prosperidade dos campos determina o seu progresso (1). É acima de tudo uma grande ci-

(1) A cidade de S. Paulo tinha, em 1883, 35.000 habitantes, em 1907, 340.000. O estado de S. Paulo tinha, em 1872, 837.000 habitantes; em 1890, 1.384.000, em 1900, 2.280.000.

dade de negocios. Depois das colheitas, o café concentra-se ali antes d'ir para Santos; é o mercado central d'um territorio activo, onde a circulação do dinheiro se faz rapida. S. Paulo não é sómente um mercado de productos, mas tambem um immenso mercado d'homens. É em grande o que são em pequena escala as populosas cidades da Cecilia ou de Pouilles, d'onde os operarios reunidos na praça ao principio de cada semana são contractados pelos proprietarios durante o dia. É S. Paulo que distribue pelas diversas regiões cafézeiras a onda dos immigrantes, e é em S. Paulo tambem que se reúnem os operarios que deixaram as fazendas onde estiveram empregados e que procuram novo amo.

Nem todos voltam ás plantações; muitos fixam-se na cidade. Levam ás suas industrias nascentes a offerta d'uma mão-d'obra barata. Graças á sua presença, S. Paulo tornou-se, ha alguns annos, um grande centro industrial, cuja prosperidade tem resistido á crise cafézeira.

Prolongando-se desmedidamente sobre o planalto, S. Paulo tem, na desordem da sua estructura, o traço do seu activo desenvolvimento, mas n'elle dominam a animação e o movimento d'uma grande cidade. Os bairros de negocios são ali ruidosos; quando as fabricas e os escriptorios fecham, as ruas enchem-se

de gente. S. Paulo e o Rio são os unicos pontos onde se pôde ver uma multidão; aos domingos, a mesma multidão, ociosa, encontra-se no jardim publico que se chama Parque Antartico.

A sociedade de S. Paulo é menos apaixonada pela litteratura, pela dicção e pela eloquencia do que a sociedade do Rio, e S. Paulo não é a capital de lettras brazileiras, mas sentem-n'o mais activo. Apaixona-se por questões economicas. Estava, no momento da minha passagem, agitado e perturbado pelos esforços do governo para levantar o preço do café. Lia avidamente e discutia com aspereza pamphletos, construia projectos, dava-se a esperanças. As suas paixões pareciam tanto mais ardentes quanto era certo que se sentia por detraz da opinião dos citadinos a classe rural dos fazendeiros. Com effeito, em parte alguma do Brazil a cohesão é tão perfeita entre a cidade e o campo; em parte alguma se acham os dois tão estreitamente ligados por communs interesses.

S. Paulo é o cerebro do Brazil pelo valor das suas escolas e pela solitudine que ali dedicam á organização de ensino publico. A faculdade de direito de S. Paulo exerce uma grande influencia no Brazil inteiro pelas gerações de jurisconsultos e d'homens d'estado que ella tem formado. A escola polytechnica, mais nova,

goza d'uma reputação egual. Admirei tambem o alcance dos estudos scientificos professados no Museu paulista.

Mas o ensino secundario e, sobretudo, o ensino primario, interessam muito mais ao futuro da nação paulista. No ensino secundario, a parte do estado é fraca. S. Paulo conta tres escolas publicas secundarias: na capital, em Campinas e em Ribeirão Preto; mas o numero dos seus alumnos é restricto. O lyceu de S. Paulo tem 145 sómente, ainda que a população da cidade seja de 300.000 habitantes. É que o estado está longe de ter o monopolio do ensino secundario. Existe, com effeito, um grande numero de collegios particulares, muitos dos quaes sustentados por ordens religiosas. Os seus alumnos são principalmente internos, emquanto que o internato falta nas escolas officias. Basta isto para garantir aos collegios particulares uma clientella, visto que S. Paulo possui uma classe de grandes proprietarios ruraes, cujos filhos recebem uma instrucção secundaria e tem de ser internados. Os collegios particulares são estabelecidos muitas vezes nos campos, porque as cidades não lhes fornecem senão uma pequena parte dos alumnos. A educação que recebem ali é geralmente mediocre, apesar do systema dos exames, por meio do qual o estado pretende exercer a sua vigilancia. Não é sómente em S. Paulo, mas no

Brazil inteiro, que a questão do ensino secundario é hoje d'uma extrema gravidade. Deve ser resolvida, desde que se pense em não descurar o grave problema social da formação d'uma classe média.

É ao ensino primario que o estado de S. Paulo consagra todos seus recursos. O seu orçamento é liberalmente dotado; eleva-se a 6.000 contos de réis, perto da quinta parte do orçamento total do estado, e certas escolas tem a apparencia de verdadeiros palacios.

Não sei o que mais deva admirar-se, se o engenho com que tem sido organizados os programmas, se os cuidados com que se procura formar o pessoal docente, se os esforços empregados pela administração superior para manter entre os jovens professores, enviados muito cedo para centros isolados, o gosto pelo ensino e a noção da grandeza da sua missão social.

Em principio, o ensino é obrigatorio, mas o principio não tem a sancção da pratica. A lei de 1893 estabeleceu multas para os paes que não enviem os filhos ás escolas, e commissões escolares para vigiar as familias negligentes; os regulamentos, porém, não são applicados. Duas questões ha que andam estreitamente ligadas: a de obrigação e a do monopolio do ensino. Enquanto existir o ensino livre ao lado

do ensino official, será difficil garantir que todas as creanças recebem a instrucção primaria. Ora a questão talvez não possa resolver-se pela suppressão do ensino livre; seria isso um encargo muito pesado para o estado.

Os estados brasileiros são d'ordinario, quanto ao ensino livre, d'um liberalismo extremo. Não se persuadem de que podem prover á instrucção de toda a população: por isso não sómente admittem o ensino livre, mas favorecem-n'o por vezes e procuram desenvolvê-lo indirectamente. Em S. Paulo, o inspector geral consagra á questão das escolas particulares algumas paginas do seu ultimo relatório. Constata a terrivel concorrência que as escolas officiaes fazem ás particulares. Aquellas são effectivamente gratuitas, emquanto que a maior parte d'estas são pagas. Sempre que se cria uma escola official, é uma nova crise que se abre para as escolas particulares que lhe ficam vizinhas. Isto tem inconvenientes. O numero de creanças que reclamam a inscripção nas escolas officiaes é muito consideravel, e torna-se necessario recorrer á sorte para eliminar uma parte. Chega-se a dar instrucção gratuita a creanças que poderiam pagar, o que é inutil. E demais não será um erro abafar a iniciativa particular? "A tutela do estado, accrescenta elle, é sempre desejada entre nós, mas

tambem sempre nociva, quer se trate de ensino, quer se trate de qualquer outra coisa.»

O inspector geral preoccupa-se, pois, com a crise do ensino particular, e procura os meios de o salvar, em vez de se felicitar pela brilhante victoria do ensino official.

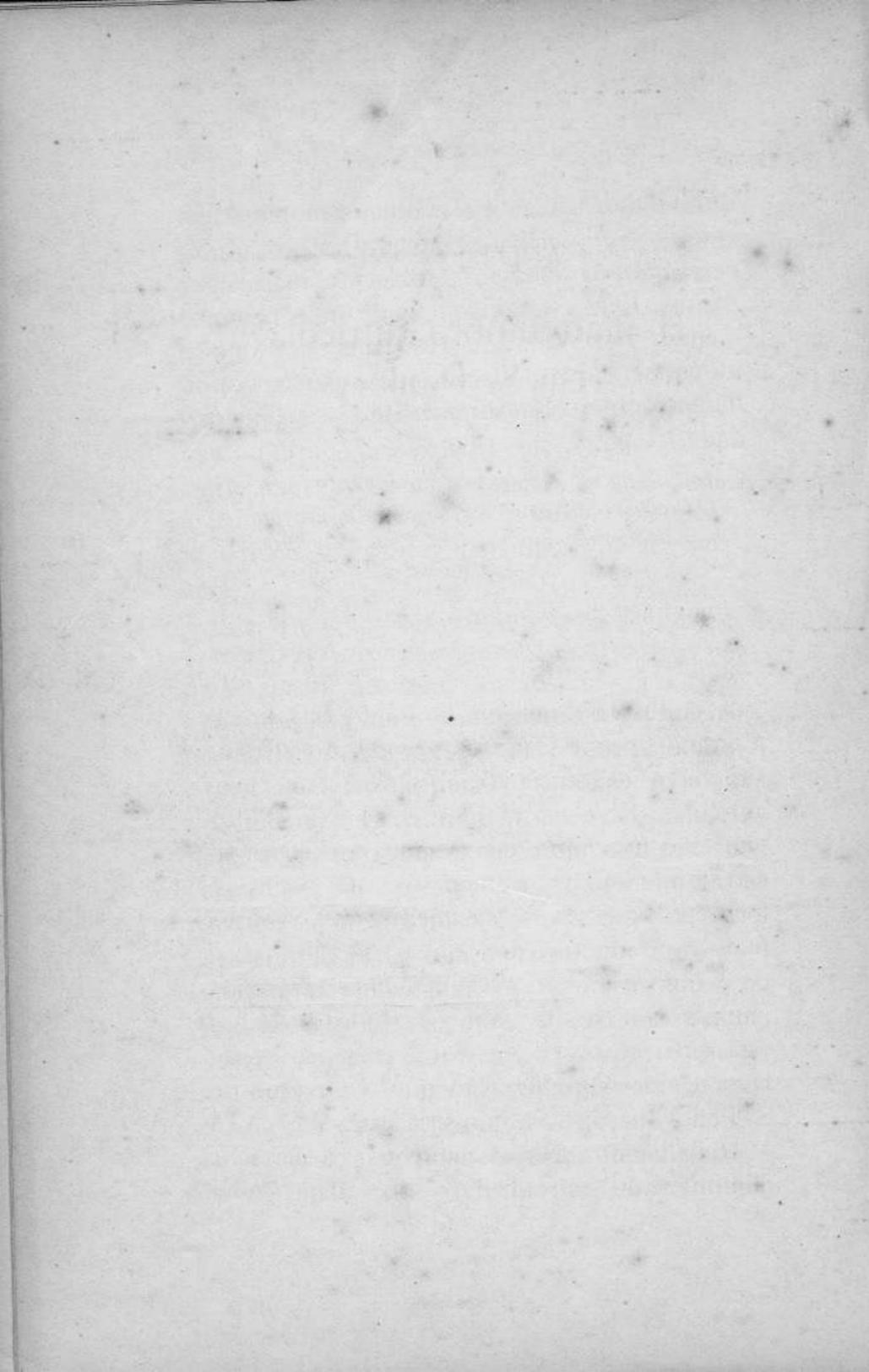
O liberalismo não é menor a respeito das escolas estrangeiras. São numerosas no Brazil, particularmente em S. Paulo, as escolas italianas, sustentadas a maior parte por sociedades italianas, como a "Dante Alighieri"; estas escolas dedicam-se a consolidar a fidelidade dos immigrants italianos á sua nacionalidade. São, no entanto, toleradas, e estão sujeitas a uma ampla vigilancia.

Vem aqui a proposito referir-me a uma das funcções principaes da escola no Brazil, quero dizer, á missão que ella tem de formar a nacionalidade brazileira. Não se trata sómente, como em qualquer outra parte, de desenvolver sentimentos de patriotismo latentes na alma de todas as creanças, mas de conquistar para a sua nova patria os filhos dos immigrants estrangeiros. Não será a escola a melhor obreira da assimilação? Transcrevo uma observação do programma das escolas municipaes do Rio, a proposito de lições de instrucção civica: "O numero de alumnos estrangeiros nas escolas do districto é grande. Convém por consequencia que o professor, ao definir a ideia

da patria, não insistia na ideia da *terra onde se nasce*, porque seria contrariar a propaganda que devemos fazer em favor do nosso país. O estrangeiro encontraria n'isso razões para amar, não o Brazil, mas o país d'onde veio. Em vez de falar frequentemente da ideia abstracta da patria, que o professor fale antes do Brazil. Que affirme dogmaticamente, como quem emite uma verdade religiosa, que o Brazil é de todos os países do mundo o mais bello, o mais nobre e o mais digno de ser amado..”

Em S. Paulo onde o numero d'extrangeiros é entretanto mais elevado, não encontro nada de semelhante nos regulamentos escolares, nada que indique a mesma preocupação, a mesma necessidade de converter as creanças extrangeiras á religião nacional. O professor não terá difficuldade em cultivar nos seus discipulos, filhos d'italianos, um patriotismo brasileiro invejoso, por isso mesmo que os proprios paes não têm a menor hostilidade contra a escola brasileira. S. Paulo tem outros meios d'assimilar os immigrantes; para que recorrer á escola? A actividade dos negocios, a vida intensa, o espectáculo e o contacto d'um povo cheio d'energia e de ambição bastam para a nacionalidade paulista absorver os proprios adultos. O problema italiano nunca foi encarado em S. Paulo como o problema allemão no

Rio Grande. A prosperidade economica tem dado a S. Paulo um poder d'absorção superior ao de todas as outras provincias brazileiras. Que essa prosperidade hoje commettida pela crise se restabeleça, e logo o movimento d'assimilação, que não teve tempo d'interromper-se, readquirirá toda a sua intensidade.



CAPITULO VII

A mão d'obra agricola em S. Paulo

*A abolição da escravatura e o advento do trabalho livre
— Os colonos. — A politica d'immigração gratuita.
Chegada dos immigrants a S. Paulo. — A hospedaria.
— A fazenda. — O trabalho nas plantações de café.
— A questão italiana. — A crise cafézeira e os operarios
das plantações. — Instabilidade da mão d'obra
rural em S. Paulo.*

A cultura do café em S. Paulo está ligada á grande propriedade. A grande propriedade suppõe a existencia d'uma classe d'operarios agricolas. Resolver a questão da mão d'obra tem sido ha vinte e cinco annos a preocupação dominante dos homens d'estado paulistas: fornecer braços aos fazendeiros, tal a forma mais constante que tomou a protecção official da cultura cafézeira: a originalidade da fazenda paulista comparada com a fazenda de Minas está em que o seu pessoal é europeu; e foi favorecendo a immigração que o governo de S. Paulo soccorreu a industria cafézeira.

Trabalhando pelos fazendeiros, os serviços d'immigração introduziram no estado uma

população nova: raças diversas vivem hoje ao lado umas das outras no territorio de S. Paulo. Teremos d'averiguar até que ponto ellas se penetram; se os trabalhadores d'origem estrangeira ficaram como *mêtèques*, ou se receberam direito de cidadãos: em summa, qual o logar que occupam na vida nacional. A questão da mão d'obra complica-se com uma questão mais grave, a da formação d'um povo.

Em nenhum país as condições do trabalho agricola se modificaram tão rapidamente e tão profundamente. A origem d'estas modificações foi, ha vinte annos, a abolição da escravatura. Mas, emquanto que para a maior parte dos países negreiros a libertação dos escravos é uma catástrophe economica, emquanto que n'outras provincias brazileiras ella determina uma prostação geral da agricultura, em S. Paulo, pelo contrario, é o signal para um maravilhoso impulso. É em 1888 que effectivamente a abolição da escravatura se decreta, e é de 1888 a 1900 que tem logar a grande expansão das culturas de café.

Como se preparou em S. Paulo o advento do trabalho livre? Preparou-se desde o meado do seculo XIX, quarenta annos antes da abolição. A abolição foi talvez prevista antes de ser decretada; era esperada, preocuparam-se d'ante-mão com o remedio que lhe atalhasse

os efeitos. Durante todo o seculo, a questão da escravatura é discutida continuamente; é a um tempo uma questão social e uma questão diplomática, levanta com effeito perpetuas difficuldades com a Inglaterra, que se esforça por impedir o trafico clandestino. Se o Brazil supportava com desespero a intervenção inglêsa, a abolição contava, não obstante, entre os proprios brasileiros numerosos partidarios. A partir de 1870, a escravatura é combatida não sómente por phylantropos, mas tambem por economistas. Apparece a ideia do que os escravos são uma mão d'obra cara e que o trabalho servil impede o esforço da producção.

Ao mesmo tempo que se approximava o fim da escravatura, o seu valor economico baixava. O preço de compra d'um escravo não cessava d'elevantar-se á medida que elle constituia a base do effectivo do pessoal servil. Era necessario pagar muito cara uma mercadoria que corria o risco de desaparecer d'um dia para o outro das mãos do comprador, quando a abolição fosse decretada. Esta incerteza no futuro contribuiu para desviar os plantadores da escravatura. Em S. Paulo não se oppuzeram á abolição; muito pelo contrario, os proprios fazendeiros tomavam parte, durante os ultimos annos, na propaganda anti-escravagista. Estavam á frente de sociedades em favor do trabalho livre; não tinham illusões ácerca do

futuro da escravatura, e, um anno antes da abolição legal, um grande numero d'elles libertou os seus proprios escravos. A situação dos senhores que os tinham conservado tornava-se difficil, a disciplina no interior das fazendas impossivel. A lei da abolição não fez mais do que sancionar a desorganização já adeantada, do trabalho servil.

Os fazendeiros que tinham alforriado os seus escravos antes da emancipação legal, esperavam mantel-os pelo reconhecimento e conservar mais tarde os seus pretos como operarios livres; mas a sua generosidade não lhes aproveitou. Os negros afastavam-se da agricultura e concentravam-se nas cidades; o numero dos trabalhadores ruraes de côr restringiu-se depois cada vez mais. Não se recrutam entre os negros senão alguns bandos de rachadores de lenha; só se entregam de mês a mês ao trabalho; os plantadores contractam-nos quando teem arvores a abater; de longe em longe encontram-se os seus miseraveis acampamentos á beira das florestas queimadas. Apesar de não haver estatisticas, parece certo que a população está hoje em plena regressão no estado de S. Paulo. O fim da escravatura levou á eliminação rapida do operario negro.

Prevendo a abolição da escravatura, os paulistas estavam habituados desde ha muito a recorrer aos operarios livres. A concorrência

do trabalho servil não impediu a propagação do trabalho livre. Quanto mais se approxima o anno da abolição, tanto mais o trabalho livre tende a diminuir. Os primeiros operarios livres não foram recrutados no local: fizeram-nos ir da Europa.

Em 1847, o senador Vergueiro contratou na Allemanha 80 familias que estabeleceu na sua plantação de café, perto da cidade de Limeira: foram estes os primeiros "colonos." No momento em que o senador Vergueiro entregava as suas terras ao trabalho dos allemães, o governo brasileiro praticava a colonização havia já trinta annos n'outros pontos de territorio: dava aos immigrants concessões de terrenos. Ninguem notou differença entre a politica imperial que abria á cultura terras sem dono e as repartia em propriedades pelos colonos europeus, e a do rico fazendeiro que fazia ir da Allemanha o seu pessoal. Designaram-se com o mesmo nome de colonização estas duas formas muito differentes d'immigração europêa: em S. Paulo, colonizar, foi empregar nas plantações operarios immigrants; e todo o trabalhador d'origem estrangeira foi chamado colono, por opposição aos escravos e aos trabalhadores indigenas. A palavra colono tem, pois, em S. Paulo um significado particular. O colono não é um proprietario, mas um operario agricola.

A partir de 1852, ao fim de cinco annos, a experiencia feita pelo senador Vergueiro foi julgada concludente; encontrou imitadores. Em 1857, tinham sido creadas 41 colonias; em 1875 approximadamente 90. Estes vinte e cinco annos constituem o que em S. Paulo se chama a era da colonização particular.

Os colonos do senador Vergueiro tinham assignado á sua partida d'Allemanha, um contracto de meação. O proprietario entregava-lhes os cafézeiros em idade de produzir; tinham por unica obrigação conserval-os. A colheita era dividida em duas metades, uma das quaes lhes pertencia. Na verdade, uma circumstancia complicava a sua situação. O patrão fizera-lhes um adeantamento para a viagem; a esta primeira divida outras se juntavam, por que tinham de viver até a primeira colheita e de pedir por isso novos adiantamentos. As familias eram numerosas, a viagem saía-lhes cara, e cada colonio começava o seu trabalho com um passivo importante. Ora, o contracto estipulava que os colonos não podiam rescindir-o e deixar a fazenda, senão quando tivessem pago as suas dividas; sacrificavam a sua independencia nos primeiros annos da sua estada no Brazil.

Nunca estavam satisfeitos com a sua sorte. Movimentos d'agitação se produziram nas colonias: o conhecimento d'elles chegou até

a Europa. Em 1867, depois d'um inquerito feito no local, o viajante Hermann Haupt, apresenta á Sociedade Internacional d'Emigração de Berlim, um violento relatorio onde se encontram reunidas todas as criticas contra o regime imposto aos colonos nas fazendas. Haupt affirma que a situação do trabalhador livre nas colonias de S. Paulo não defferia da do escravo; que a legislação brazileira não era a d'um país de trabalho livre. As leis que garantiam a disciplina do trabalho agrícola punham nas mãos do fazendeiro meios de repressão inadmissiveis, e no entanto seria preferivel uma legislação mais indulgente n'um país onde cada propriedade era um pequeno reino, cuja independencia estava garantida pela enormidade das distancias e pela fraqueza do poder, e onde os costumes reinavam, e não as leis.

O contracto de meação — dizia Haupt, — reduz os immigrants a uma condição semelhante á da escravatura. Os adeantamentos que o fazendeiro faz ao colono e que este é incapaz de reembolsar, equivalem ao preço da compra d'um escravo. Em logar de comprar um escravo, o fazendeiro faz as despezas de transporte do colono ido da Europa; a somma a desembolsar é sensivelmente a mesma; o colono endividado nunca mais terá independencia. Ás vezes, a familia é solidaria a respeito das dividas contrahidas pelo pae; o filho fica preso á

fazenda enquanto o pae não tiver quitação. O filho fica — dizia Haupt, — d'ante-mão hypothecado. Não é sómente um individuo, é uma familia inteira, votada á escravidão, de geração em geração. Se um agricultor se não quer encarrregar de mandar ir da Europa os trabalhadores que lhe são necessarios, encontrará nas fazendas vizinhas os colonos a ellas ligados pelas suas dividas, os quaes poderá libertar tomando-os ao seu serviço, encarregando-se de reembolsar o fazendeiro: os colonos terão assim mudado de amo e de credores. Alguns annos antes succedeu mesmo que agentes d'immigração tinham introduzido no mercado — é o termo — immigrants que lhes deviam o preço da viagem e os tinham cedido a quem quiz comprar os seus creditos sobre os colonos. Esta forma de contracto tinha, parece, desaparecido desde 1857; mas ainda muito tempo depois os agentes que levavam immigrants da Europa lhes arrancaram contractos mais ou menos irregulares pelos quaes os desgraçados alienavam uma parte da sua liberdade. Em troca de modicos adeantamentos, promettiam dez annos de serviço, e ás vezes mais.

Lembro-me d'uma familia d'italianos encontrada na aldeia de Morro Cipó, no territorio de Ribeirão Preto, onde cultivava café. Tinha ido para o estado de S. Paulo pouco antes da abolição, e não se tinha esquecido das atribu-

lações porque passou á chegada: fizera-n'a assignar, de surpresa, um contracto, onde era difficil encontrar termos exactos nas suas applicações isentas de precisão juridica, mas cujo sentido geral se resume dizendo que ella propria se tinham vendido como escrava. Devido á protecção do governo brasileiro, conseguiu, — dizia — reconquistar a sua liberdade.

É difficil avaliar se a indignação de Hermann Haupt era legitima. Um grande numero d'antigos colonos adquiriram n'essa época pequenas propriedades; isto prova pelo menos que uma parte do pessoal das fazendas tinha conseguido, não sómente libertar-se, mas fazer economias. Desde que tenha havido da parte d'alguns fazendeiros certos abusos d'auctoridade, poderia contar-se que elles perderiam instantaneamente os seus habitos despoticos de senhores d'escravos? O advento do trabalho livre exigia dos plantadores uma reforma geral de costumes, uma educação nova. Os primeiros operarios livres soffreram as consequencias do trabalho livre ter sido no principio um régime d'excepção. A condição social da maioria dos trabalhadores agricolas, os escravos, reagia sobre a d'elles por contagio. O contracto que elles tinham assignado não lhes fôra imposto; tinham escolhido livremente d'entre muitas propostas do senador Vergueiro, que não era dotado d'uma alma machiavelica. Mas

quaesquer que fossem as clausulas do contracto, as consequencias seriam verdadeiramente as mesmas, e os colonos haviam de ter difficuldade em conservar independencia completa n'uma sociedade onde a escravatura reinava.

A condição dos operarios livres melhora á medida que a escravatura agoniza. Em 1870, o ministerio da agricultura do Rio enviou em digressão ás colonias de S. Paulo o inspector Carvalho de Moraes. Possuimos o seu relatorio que se deve comparar com as diatribes de Hermann Haupt. Contém menos moral e mais factos. Pelo relatorio de Moraes, a cultura da canna d'assucar estava ainda, por 1870, reservada aos escravos: todas as outras utilizavam operarios livres. O pessoal da fazendá compunha-se, em primeiro logar, além de escravos, de "camaradas." Eram quasi sempre brasileiros; percebiam um salario mensal. Inconstantes e preguiçosos, mudavam muitas vezes de fazenda. Afóra isto, eram muito doces e faceis de conduzir, sem exigencias e sem ambição.

Quanto aos colonos, recebiam para seu uso um campo e uma casa, viviam em familia, separados dos escravos que habitavam em conjuncto as dependencias da fazenda. Pertenciam aos escravos e camaradas os trabalhos domesticos, o tratamento do gado, os carretos; ficava reservada para os colonos a cultura dos cafézeiros. Apreciavam-se sobretudo os colonos do

Holstein. Rapidamente, o contracto que elles assignavam modificava-se, a meação tendia a desaparecer. A partir de 1860, pouco mais ou menos, o lucro dos colonos em vez de ser representado pela metade do preço da venda da colheita, consistia n'uma somma fixa por medida de café colhida nos seus cafézeiros. A condição d'elles approximava-se assim do salariado. É por 1860 que apparece uma nova forma de contracto destinada a um grande futuro, pois que está hoje em uso geral nas fazendas. O colono recebia por mil pés adultos a conservar, uma somma fixa annual de 20 a 60 mil reis; além d'isso, por occasião da colheita, cada medida entregue á fazenda era-lhe paga a 200 ou a 250 réis; systema mixto em que o colono, tendo um rendimento fixo garantido, estava associado aos riscos da cultura, por isso que os seus lucros augmentavam ou diminuiam, conforme a abundancia da colheita.

Emfim, o systema d'empreitada applicava-se tambem á cultura do café: era principalmente vulgar na plantação. O café não começa a produzir senão no quarto anno. O plantador pobre de capitaes e desejoso d'evitar todos os cuidados d'uma cultura que só se torna productiva alguns annos depois, tratava com um empreiteiro. O empreiteiro recebia a terra virgem e obrigava-se a restituil-a quatro annos mais tarde, plantada de cafézeiros. Arroteava,

cultivava milho pelo meio das plantas jovens e, no fim de quatro annos, recebia do proprietario a somma de quatrocentos réis por cada pé de café. Ás vezes eram allemães que trabalhavam n'estes arroteamentos, mais frequentemente, porém, eram brazileiros, homens de Minas.

No logar do contracto primitivo de meação que tinha regulado as primeiras relações entre plantadores e operarios livres, existia, pois, por 1870 uma grande variedade de contractos. A differença mais sensivel estava talvez em que os colonos já não iam directamente da Europa para os assignar: podiam d'ordinario ser recrutados no local, e, entre as colonias que se creavam, a grande maioria não fazia mais do que aproveitar-se d'um pessoal que já tinha trabalhado nas propriedades vizinhas. Ao lado dos operarios immigrados havia muito tempo, começava-se tambem a recrutar colonos indigenas. Moraes constata o augmento geral de numero de operarios agricolas brazileiros nas fazendas. Os contractos que regulavam o trabalho livre tinham deixado de ser contractos para estrangeiros, verdadeiros contractos d'excepção: haviam entrado nos costumes nacionaes. A abolição da escravatura estava proxima.

Tinham de procurar-se na Europa os primeiros colonos, porque o regime da escravatura deshabetuava do trabalho agricola a popu-

lação indigena; a partir de 1880, pouco mais ou menos, quando começou a rapida expansão da cultura do café, a necessidade de recorrer á immigração accentuou-se dia a dia; os braços faltavam, era preciso crear uma população nova. A iniciativa particular difficilmente podia supprir essa falta, e o Estado entreveio. Os poderes publicos resolveram introduzir no Estado, em beneficio dos grandes proprietarios, uma nova classe de trabalhadores ruraes.

Se a introduccção d'immigrantes estrangeiros fôra até então uma operação particular, não quer isso dizer que os fazendeiros não tivessem recebido ainda nenhum apoio official. O governo imperial interessou-se pelo exito dos seus esforços, e secundou-os.

Empenhava-se por que a população branca augmentasse. Durante os ultimos annos, razões mais precisas compelliram-n'o a favorecer a immigração europêa em proveito dos fazendeiros. Receou com effeito tel-os descontentado ao decretar a abolição da escravatura e procurou o meio de reconquistar-lhes os favores, ajudando-os a reconstituir o seu pessoal. O senador Vergueiro recebeu como emprestimo do governo o preço da passagem das familias allemãs que estabeleceu nas suas terras. Mas os fazendeiros tornaram-se mais exigentes, e reclamaram alguma coisa mais do que simples adeantamentos, um auxilio mais effectivo. Ga-

nharam a questão: a lei de 30 de março de 1870 auctorizou a provincia de S. Paulo a dis- pôr de 600 contos para ajudar os plantadores a introduzir braços estrangeiros nas suas terras. Tal foi a origem da immigração subven- cionada. Outras leis se votaram em seguida, de 1880 a 1888, para regularizar o serviço da introducção de immigrants e conceder-lhes passagens gratuitas até ao estado de S. Paulo.

Os fazendeiros estavam unidos para aprove- itar das disposições favoraveis do poder. Entre as numerosas sociedades d'immigração que organizaram, a que teve acção mais efficaç, foi a "Sociedade promotora d'immigração," que se fundou em 1886 e que funcionou até 1895. Interveio para activar a immigração. As- signou com o governo contractos para a in- troducção d'um numero global d'immigrantes, que ella transferia dividindo-os em seguida por empresarios particulares. Mas o seu papel foi sobretudo moral. Como sua intermediaria, a opinião dos grandes proprietarios paulistas im- pôz-se, não sómente ao governo provincial, mas tambem ao governo central do Rio. É nos últi- mos tempos do imperio que começa em S. Paulo a chegada d'essas levas d'immigrantes no mesmo instante contractados pelos fazendeiros.

Depois da quéda do imperio, o governo re- publicano provisório continuou a sua politica. A revolução transformando as provincias em

estados, deu-lhes mais independencia e mais recursos; o estado de S. Paulo, emancipado, multiplicou ainda os subsidios á immigração. Em 1895, no momento em que a União, em presença de difficuldades financeiras cada vez maiores, deixou de favorecel-a, foi interrompida na maior parte dos estados. Em S. Paulo, pelo contrario, o estado accitou tomar sósinho um encargo que até então partilhava com o governo federal: o regime d'immigração subvencionada manteve-se. Tem durado até aos nossos dias, com pequenas interrupções; e os homens d'estado de S. Paulo têm sempre considerado que as despesas a que esse regime dá logar se não comparam ás vantagens que d'ellas se auferem. Em 1900, o ministro da agricultura fez o balanço da politica d'immigração. Avalia as despesas feitas pelo estado de S. Paulo em 34.500 contos de réis (1) e conclue que essas despesas são pouca coisa ao pé do desenvolvimento da cultura do café, que unicamente á immigração é devido.

É impossivel seguir detalhadamente todos os decretos e regulamentos que successivamente modificaram o regime da immigração subvencionada. Entretanto, o mundo moderno tem visto poucos espectaculos semelhantes

(1) Não comprehendidas as despesas feitas pelo governo central durante o Imperio e a Republica.

ao d'esse governo incumbir-se d'importar em massa operarios agricolas, e é curioso saber como. Até á lei de 1889, dominou exclusivamente o systema de contractos. O estado entendia-se com um empresario que promettia introduzir, mediante tal somma, tal numero d'immigrantes. O mais colossal d'esses contractos foi o celebrado entre a União e a Companhia Metropolitana do Rio, para a introdução d'um milhão de pessoas; não foi executado. Mas os exemplos de contractos de 40 a 60:000 immigrants não são raros. Estabelecia-se uma especie d'adjudicação publica, e o adjudicatario que submettia ao governo os preços mais reduzidos, offerecendo garantias mais reaes, ficava com o contracto. As mais das vezes os armadores é que eram os adjudicatarios. O preço pago correspondia approximadamente ao da travessia, cinco ou seis libras por cabeça. Devia cobrir, não sómente as despesas do transporte dos immigrants, mas tambem a propaganda necessaria para os recrutar. Este systema tinha um inconveniente. Os agentes d'immigração procuravam unicamente augmentar o numero d'immigrantes, mas pouco lhes importava o seu valor economico. Ganhavam pela quantidade, não se preocupavam com a qualidade. Os relatorios dos ministros d'agricultura de S. Paulo, deploram o desembarque d'um grande numero d'homens incapazes para a agricultura.

Recusam-se, quando chegam, a seguir para as fazendas: desconhecem o trabalho agricola, e estabelecem-se na cidade onde exercem misteres humildes e improductivos, como o d'engraixadores de botas e o de cautelleiros. D'aqui a necessidade d'uma vigilancia sobre os immigrants, muito difficil á chegada d'elles, e que acaba por devovel-os ao grande porto d'embarque, quer dizer, a Génova. O commissariado estabelecido em Génova em 1895 teve por missão verificar o valor dos carregamentos de homens destinados a S. Paulo.

O novo regime, instituido pela lei de 1899 é bastante differente. Annualmente é fixado por decreto o numero d'immigrantes aos quaes o estado de S. Paulo concederá os subsidios determinados por lei. Toda a companhia de navegação está auctorizada, nos limites d'essa cifra, a transportar da Europa para o porto de Santos, passageiros de terceira classe por cada um dos quaes receberá uma subvenção, sob a condição de serem agricultores os immigrants. O premio por cabeça tinha a principio sido fixado em cincoenta francos; foi augmentado depois; é hoje egual ao custo da passagem. O governo evita assim os engajamentos a longo prazo, que eram inevitaveis com o regime dos contractos. Dirigindo-se ao mesmo tempo a todas as companhias de navegação, obtém no momento preciso em que julga que o país

carece de mão-d'obra, o transporte rapido d'um grande numero de trabalhadores; fica livre em seguida para suspender as subvenções e reduzir as suas despesas.

Todo este conjunto de medidas explica a enorme affluencia de immigrants. Em 1886 não chegaram a S. Paulo mais de 9:000; em 1888 entraram 92:000; em 1891, 108:000; em 1895, 149:000. Depois, o numero diminuiu muito. Actualmente, no regime das subvenções intermitentes, a corrente é d'uma intensidade muito irregular. De 1887 a 1906, S. Paulo recebeu mais de 1.200:000 immigrants. Ora, em 1906, a população do estado não attingia ainda 3.000:000. (1)

(1):

Anos	Numero total de immigrants em S. Paulo.	Immigrantes de nacionalidade italiana.	Anos	Numero total de immigrants em S. Paulo.	Immigrantes de nacionalidade italiana.
1886	009:536	006:094	1897	105:870	76:451
1887	32:112	27:323	1898	54:484	34:391
1888	92:068	80:749	1899	36:012	20:704
1889	27:863	19:025	1900	27:894	15:804
1890	38:491	20:991	1901	75:845	56:325
1891	108:736	84:486	1902	40:386	28:895
1892	42:061	34:274	1903	18:161	9:444
1893	81:739	48:739	1904	27:751	9:476
1894	54:637	31:548	1905	48:087	13:596
1895	149:742	106:525	1906	48:429	--
1896	105:624	69:458			

População total do estado em 1900 : 2.280:000.

Os fazendeiros teem, pois, sido largamente providos de mão-d'obra; foi porque elles puderam utilizar-se livremente da massa dos immigrants que se desinteressaram da questão da escravatura. Mas por muito generosas que tenham sido as subvenções officiaes, não foram nunca bastante numerosos os immigrants para as necessidades da agricultura, tão rapidas eram as culturas. Em 1894, o apparecimento do cholera na Europa impede de funcionarem com regularidade os serviços d'immigração. O numero dos immigrants diminue: desde logo a grande propriedade inquieta-se; todos os plantadores estavam á espera d'operarios para contractar. O estado de Minas, vizinho do de S. Paulo, concedia tambem aos immigrants a passagem gratuita. Ora, uma parte dos immigrants recrutados para Minas, destinados á região do triangulo mineiro, ao norte de S. Paulo, deviam transitar por S. Paulo. Raramente concluíam a viagem, porque os retinham em S. Paulo seductoras offertas. O estado de Minas queixou-se: o governo de S. Paulo respondeu: "Convém reflectir que é difficil impedir os fazendeiros de contractar os immigrants quando estes vão a caminho de Minas; terão muitas vezes occasião de ser desviados do seu destino, sobretudo durante a sua estada na capital e em Ribeirão Preto." Taes eram em S. Paulo a necessidade de braços e o enthusiasmo pelas plantações de café.

Os immigrants destinam-se quasi todos ao trabalho da cultura do café, os paulistas dizem a *lavoura*, o trabalho por excellencia, como nós em França chamamos labor ao trabalho da charrua.

O effectivo dos immigrants reparte-se pelos differentes municipios, na proporção da superficie que ahi occupam as culturas cafézeiras: Ribeirão Preto, S. Carlos do Pinhal, S. Simão, Avaré, Jahu, estão comprehendidos entre os maiores consumidores de homens. Em 1906, 34.326 immigrants partiram da capital para entrar no serviço da lavoura. Estes cinco municipios absorvem elles só um terço d'essa quantidade (exactamente 11.369). Poder-se-ia, pela direcção que tomam os colonos ao deixar S. Paulo, seguir a marcha da colonização no territorio de S. Paulo, e o povoamento successivo das differentes zonas cafézeiras. Desde ha seis annos pouco mais ou menos que o progresso das culturas se interrompeu: os recém-chegados não fazem mais do que preencher as vagas dos que se retiram. O seu contingente divide-se pelas regiões do estado n'uma proporção que pouco varia d'anno para anno.

Os immigrants não chegam quasi nunca sós. O fazendeiro contracta, não individuos isolados, mas familias. Nas despesas publicas o governo esforça-se sempre o mais possivel

por diminuir o numero dos homens sem familia entre os immigrants. A estabilidade do colono é mais garantida pela presença da sua familia: viaja menos. Graças a ella, diminue o perigo de o vêr repatriar-se ao menor pretexto. S. Paulo liga tanto maior importancia á introdução de immigrants em familia, quanto é certo que não lhes distribue terras e que, portanto, o problema do sua fixação ao solo está d'ante-mão resolvido.

Seguiremos os colonos da hospedaria de S. Paulo, amplo albergue onde elles recebem durante oito dias a hospitalidade official, até á fazenda.

Depois do desembarque em Santos, a hospedaria é a sua primeira paragem. É ali que elles contractam um primeiro alistamento. Até ainda ha pouco, eis como se procedia: Os fazendeiros que procuravam trabalhadores visitavam pessoalmente os recém-chegados ou enviavam-lhes emmissarios que falavam a lingua d'elles. A hospedaria era o mercado da mão-d'obra: os preços subiam quando a procura era grande e os fazendeiros faziam concorrência entre si; baixavam no caso contrario. O mercado era publico; os colonos podiam comparar as offertas. De resto, estão mais informados do que se suppõe, e conhecem os usos da terra e o preço médio dos salarios, quer

por viagens anteriormente feitas, quer por indicações obtidas de parentes ou de amigos. O contracto não era nunca por mais de um anno. Às vezes era apontado no começo do livro em que são lançadas as contas do fazendeiro e do colono; na maior parte dos casos era verbal.

O governo de S. Paulo quiz dar aos immigrants garantias, e em 1906 creou a Agencia de colonização e de trabalho. Tem por função a vigilancia sobre o mercado de homens, que constitue a hospedaria. Vigia que as transacções que ali se fazem sejam executadas honestamente e regularmente. Serve de intermediario entre os fazendeiros e os immigrants como uma agencia nacional de collocações. O fazendeiro tem de indicar d'ante-mão na agencia o numero de colonos que deseja contractar, e as condições que offerece. É em seguida auctorizado a discutir livremente com os immigrants, e, feito o negocio, o contracto é officialmente registado pela agencia que conserva o texto e d'elle dá uma copia ao novo colono. A agencia deve tambem servir de tribunal arbitral no caso em que surjam duvidas entre o fazendeiro e o colono sobre a applicação do contracto. Contra todo o fazendeiro convencido de abuso de auctoridade, dispõe a agencia de uma arma terrivel, porque pode interdizer-lhe o accésso á hospedaria, e collo-

cal-o na impossibilidade de renovar o seu pessoal.

Todos os contractos feitos sob a fiscalização da agencia são elaborados por um mesmo modelo: o texto é impresso com espaços em branco para serem preenchidos na occasião. É a agencia que procura uniformizar artificialmente o regime dos colonos em S. Paulo. O modelo do contracto adoptado por ella não foi creado arbitrariamente; está conforme os contractos em uso e redigido com a maior precisão. Antes de toda e qualquer intervenção da agencia, as outras fórmulas de contracto, a meação por exemplo, tendiam a eliminar-se por si mesmas em S. Paulo. O texto official redigido pela agencia dará, pois, uma ideia exacta dos contractos usuaes: traduzo os artigos essenciaes.

Art. 1.º — O proprietario fornecerá gratuitamente ao colono meios de transporte para elle, para sua familia e bagagens, desde a estação do caminho de ferro mais proxima da fazenda (é o governo que paga o trajecto em caminho de ferro); e fornecer-lhe-ha tambem a casa de habitação, pastagem para um ou varios animaes, e terreno para n'elle fazer as culturas alimentares.

Art. 2.º — O colono obriga-se a tratar os cafézeiros de modo a conserval-os sempre limpos, a substituir os pés que faltem, a arran-

car as hervas más... pelo modo e no momento que lhe forem designados pelo proprietario.

Art. 3.º — O proprietario não fará nenhum adeantamento, a não ser do estrictamente necessario para a alimentação dos colonos recentemente chegados, ou em caso de doença...

Art. 5.º — Se o colono descurar algum dos serviços enumerados no art. 2.º, o proprietario poderá mandar fazel-os por quem quizer, obrigando o colono a pagar as despezas...

Art. 9.º — O proprietario que quizer despedir um colono deverá prevenil-o com trinta dias d'antecipação, na falta do que se considera renovado o contracto.

Art. 10.º — A mesma obrigação para o colono que queira abandonar a fazenda.

Art. 11.º — Os animaes e as colheitas do colono constituem a garantia da sua divida ao proprietario...

Art. 13.º — O colono poderá comprar onde mais lhe convier os comestiveis de que careça...

Art. 15.º — O proprietario obriga-se a pagar ao colono, por cada 1000 pés de cafézeiros conservados a quantia de...; por 50 kilos de café colhido, a quantia de...; por dia de trabalho (que não diga respeito á cultura do café) a quantia de...

Art. 18.º — O ultimo artigo fixa as planta-

ções que o colono está no direito de fazer em seu proveito pessoal.

O quadro do que é a vida do colono na fazenda servirá de commentario a este contracto. Assim como os contractos são uniformes, as fazendas parecem-se umas com as outras.

Visitei um grande numero d'ellas durante a minha estada em S. Paulo; quasi todas se prestam ás mesmas observações. A differença é pouco menos que nulla: uma ferramenta mais ou menos aperfeçoada, uma installação de enxugadouros e de armazens mais ou menos luxuosa; mas o mesmo aspecto pittoresco, os mesmos terraços escalonados no solo, em terra vermelha batida, a mesma população trabalhadora com fatos manchados de vermelho (a libré da terra vermelha) os mesmos habitos, os mesmos gestos, os mesmos cuidados e as mesmas alegrias.

As habitações dos colonos não estão d'ordinario dispersas pelo meio dos cafézeiros: formam, segundo a importancia da fazenda, um casal ou uma aldeia, de construcção regular, sem nada que se pareça com a desordem d'uma aldeia da Europa. Verdadeiramente não é mais do que uma cidade operaria, como o colono nada mais é do que um proletario rural. A casa é de tijollos ou de taipa, muitas vezes caiada de branco, mediocrementemente confortavel, mas o clima de S. Paulo é d'uma grande doçura e a

vida passa-se quasi inteiramente fóra de casa. Quanto á alimentação, pode dizer-se que é sufficiente. O pão é raro, por que nem o trigo, nem o centeio são culturas correntes, mas substituem-n'o por papas de farinha de milho, por mandioca e por feijões negros.

Cada fazenda constitue um pequeno mundo fechado, que quasi se sustenta por si mesmo e d'onde os colonos saem raramente; a existencia ali é laboriosa. O café é plantado em grandes alinhamentos regulares na terra vermelha abundantemente regada pelas chuvas, onde é preciso lutar sem descanso contra a invasão das hervas damninhas. A monda das plantações é o pñcipal trabalho dos colonos. Faz-se seis vezes por anno. Logo que termina a colheita, se percorrerdes a cavallo as linhas dos cafézeiros novos, que ahi por setembro começam a cobrir-se da sua floração clara, encontraes os colonos, mulheres e homens, inclinados sobre os sachos, enquanto o sol, já quente, vae seccando atraz d'elles as hervas arrancadas.

Cada familia recebe o numero de pés de que pode tratar: varia com o numero de pessoas de que se componha. As familias numerosas teem desde oito a dez mil pés: quando não teem mais do que um trabalhador confiam-lhe pouco mais de dois mil. Como a vinha, o café exige uma mão d'obra numerosa relativa-

mente á superficie das culturas; sustenta uma população agricola densa. Os dois mil pés que um colono recebe não cobrem, com effeito, mais de dois ou tres hectares; e, entretanto, ao lado do colono, o café chega para sustentar ainda outros trabalhadores empregados na fazenda. A poda, por exemplo, que não é ainda geralmente praticada, não é feita nunca pelos colonos, mas por grupos de trabalhadores especialistas que circulam pelo estado e se alugam por empreitada. O colono não é mais do que uma machina: se o deixar podar os cafézeiros, matal-os-ha. Sabe Deus se os podadores, aos quaes os confiam, os maltratam já. Manejam o podão e a machada com uma brutalidade que causa dó.

Quando o café amadurece, ahi pelos fins de junho, começa a colheita. Dura ás vezes até novembro quando o anno corre bom. O grande privilegio, ao qual S. Paulo deve o logar que occupa entre os países productores de café, é que toda a producção chega ali á maturidade na mesma occasião. Pode, pois, fazer-se a colheita d'uma só vez e tirar a um tempo todos os grãos de cada ramo em logar d'escolher os grãos maduros e fazer duas ou tres colheitas, como em Guatemala ou em Costa Rica. E' uma grande reduccão no custo da mão d'obra e da producção. S. Paulo deve esta vantagem ao seu clima e ao seu regime

de estações bem diferenciadas, que regula a vegetação.

Para fazerem a colheita, os colonos reúnem-se em bandos. Limitam-se a carregar o café em alcofas nos carros que outros trabalhadores conduzem para a fazenda; o café é ali molhado, descascado, sêcco e escolhido, e, em seguida, expedido para Santos, o grande mercado d'exportação. Em todas estas occupações, o colono trabalha sob a vigilancia do administrador da fazenda. Um toque de sino anuncia a hora de começar o trabalho, um outro a hora de descanso, um ultimo o termo da faina diaria: os trabalhadores não podem ter a illusão d'uma grande independencia. De manhã, dispersam-se pelos campos; á tarde concentram-se pouco a pouco nos caminhos da fazenda, e reentram n'ella em grupos familiares, fatigados do trabalho, pouco faladores, saudando com o gesto. Ao domingo não se trabalha; organizam-se jogos, o vinte e um de bocca ou partidas de cartas á italiana, com os "denari" e os "bastoni". As mulheres sustentam interminaveis discussões. Ás vezes, em montadas d'ocasião, emprestadas de vizinho a vizinho, vão até á cidade proxima, vêr os parentes, dar á lingua, calcular as probabilidades de fortuna que o mundo exterior pode prometter á fazenda.

Qual é o ganho annual do trabalhador agri-

cola? As condições variam de ponto para ponto; pode, entretanto, calcular-se que o colono recebe sessenta ou oitenta mil réis por mil pés de café. É o recurso certo, uma especie de salario *minimum* fixo. Accrescente-se a isto a jorna de alguns dias de trabalho a dois mil réis, pouco mais ou menos. Um elemento ainda mais irregular no rendimento d'uma familia de colonos, é o que ella recebe pela colheita. Consultando os livros d'algumas fazendas, pude verificar até onde ia essa irregularidade. Ora é minimo o salario pago pela colheita, ora só elle excede todos os outros recursos da colonia. É calculado a tanto por medida de fructos entregue pelo colono. Quando os ramos estão carregados, não sómente a quantidade recolhida é maior, mas ainde o trabalho é mais rapido, é mais productivo o dia. Os annos de boa colheita são para os colonos como os annos d'abundancia para os fazendeiros. Com elemento assim tão variavel, como calcular a receita annual do colono?

Quanto ás despezas não podem ellas ser calculadas com exactidão. Uma familia economica redul-as quasi á nada, se tem a fortuna de não ser accomettida pela doença, de passar sem medico, sem pharmacia, sem padre.

O que permite aos colonos viver são as culturas alimentares que elles teem o direito de fazer por sua conta, tanto fóra dos cafézeiros

em terras que para isso lhes são reservadas, como entre os proprios alinhamentos dos cafézeiros. Preoccupam-se muitas vezes mais com as clausulas dos seus contractos, que dizem respeito ás culturas, do que com as que lhes fixam o salario em dinheiro. Um fazendeiro conta-me que uma parte dos seus colonos projecta deixar a sua propriedade depois da colheita. No caminho encontrámo-nos com alguns d'elles e eu interroguei-os: E' então certo estarem contractados pela fazenda de . . . para o anno que vem? — Sim, é. — Qual a razão por que mudam de fazenda? Pagam melhor na outra? Não recebem aqui oitenta mil réis por mil pés? — Sim. — Quanto lhes offerecem na outra? — Sessenta mil réis sómente. — Por que vão então para lá? — Porque lá deixam plantar o milho nos cafézeiros.

A cultura rica do café combina-se assim com as culturas de viveres. Por quasi toda a parte do mundo, as grandes culturas industriaes devem deixar um logar ao pé d'ellas ás culturas alimentares. Cada país está condemnado a produzir, pelo menos em parte, o que se consome para se manter, e a viver á sua custa, se quer viver. No Brazil a dispersão das culturas de viveres é extrema em razão da difficuldade dos transportes; está apenas attenuada em S. Paulo, apesar do desenvolvimento da rêde das vias ferreas. Cada fazenda é um pequeno

centro de producção de milho, de mandioca, e de feijões negros, de que se faz o prato nacional, a *feijoada*.

Succede mesmo ás vezes que os colonos colhem mais milho do que consomem. Podem então vender alguns saccos d'elle no mercado vizinho, e o producto que obteem d'essa venda junta-se aos seus outros recursos. Assim, culturas destinadas a principio unicamente á sua alimentação, tomam para elles um outro caracter; d'ellas tiram um rendimento que nem sempre é para desdenhar.

Os colonos fazem as suas compras na cidade ou, mais frequentemente, se a fazenda é pouco importante, n'uma loja que existe na vizinhança das casas dos colonos, loja a que os brasileiros chamam um *negocio*. Encontra-se ali, a um tempo, algodões e sal de cosinha, ferramentas agricolas e petroleo. Basta olhar para o que ali se encontra para se saber á justa o que importa a pequena cellula economica que é a fazenda. Ainda que os colonos possam quasi livremente abastecer-se onde lhes agrade, o mister de logista nas fazendas é muito lucrativo. Possuem, de facto, um monopolio: nenhum concorrente poderá estabelecer-se nas immediações, o fazendeiro vigiará por isso. A loja é propriedade sua, arrenda-a, recebendo d'ordinario uma elevada renda que representa não sómente o valor locativo da casa, mas

tambem o privilegio commercial que lhe anda adstricto. É uma especie d'impôsto commercial indirecto lançando pelo fazendeiro sobre os colonos, o signal da organização com o seu tanto de feudal da propridade em S. Paulo. O habito do proprio fazendeiro commerciar em proveito ou á custa do seu pessoal, tem geralmente desaparecido.

Uma das mais graves preocupações do fazendeiro, é assegurar a disciplina no interior da fazenda. A tarefa exige habilidade e energia. Não se deve precipitadamente accusar os fazendeiros de governarem como soberanos demasiado abusolutos. Não tive occasião de constatar abuso de poder da sua parte, não vi applicar castigos injustificados. A missão do fazendeiro é dupla. Usa da sua auctoridade para regular o trabalho, mas tambem para manter a ordem e a paz entre a população heterogenea que governa. Desempenha uma funcção policial. A policia publica não existe effectivamente para garantir o respeito pela lei civil, pelas pessoas e pela propridade. Como havia de intervir a policia na fazenda, que não é nunca uma aldeia, uma communa, mas uma propridade particular?

Compete, pois, ao fazendeiro proteger os direitos de cada um. Tambem muitos colonos preferem as fazendas onde a disciplina é mais severa; teem a certeza d'ahi encontrar justiça.

A severidade do fazendeiro nunca se faz sentir em detrimento do colono.

Individualmente, os colonos são frequentemente turbulentos e, ás vezes, violentos; collectivamente, teem mostrado até hoje ser d'uma docilidade notavel. Produzem-se, entretanto, n'algumas fazendas movimentos operarios, verdadeiras *grèves* que teem abortado sempre. As *grèves* não duram muito. Um dos meios que empregam para manter a sua auctoridade e para impedir os colonos de terem a consciencia da sua força, é prohibir as associações. Não teem difficuldade em fazer respeitar essa prohibição. N'um pessoal sem instrucção, de lingua e nacionalidade diversas, o espirito associativo não existe mesmo em germen. O desenvolvimento das associações operarias com tendencia socialista manifestou-se em S. Paulo, na cidade, mas não em parte alguma dos campos. Uma população immigrada pouco coherente, mal fixada ao solo, não é um terreno favoravel á formação d'um partido de reivindicações sociaes. É inutil procurar em S. Paulo syndicatos d'operarios agricolas. O contracto que liga o fazendeiro aos colonos nunca é um contracto collectivo, mas individual.

As contas são feitas de dois em dois meses. Succede muitas vezes, ainda hoje mesmo, que o colono deve ao fazendeiro. O fazendeiro conserva o habito de fazer adeantamentos, e toda

a familia estabelecida na região está regularmente endividada. Mas os adeantamentos feitos pelo fazendeiro são sempre limitados; os colonos offerecem, com effeito, poucas garantias. A sua divida não chega como outr'ora, para os prender á fazenda; muitos continuam a safar-se ás escondidas, não por que coisa alguma lhes ameace liberdade pessoal, mas para salvar a sua pequena bagagem que o fazendeiro podia reter para se reembolsar dos adeantamentos que lhes fez. Todos os colonos se acham, pois, livres, á data do ultimo pagamento do anno, depois da colheita; o praso do seu contracto terminou. Proletarios que coisa alguma prende ao solo onde viveram um anno, não retomarão ali o trabalho, senão quando não encontrem n'outra parte condições mais vantajosas ou o seu instincto aventureiro os não force a procurar fortuna mais longe.

O fim da colheita traz o deslocamento geral dos operarios agricolas. Os colonos são verdadeiros nomadas. Todos os fazendeiros vivem na constante inquietação de que o seu pessoal os abandone no mês de setembro. Mesmo os fazendeiros mais generosos conhecem esta difficuldade. Segundo o Director da colonização, 40 a 60 % dos colonos deixam as suas fazendas annualmente. Esta affirmacão difficilmente poderá ser verificada, pelo menos não se exagera, dizendo que um terço das fa-

mílias empregadas na cultura do café se desloca d'anno para anno. Em setembro encontram-se pelos caminhos, mudando-se a pé as mais das vezes, o homem transportando alguma roupa d'uso e a mulher algum recém-nascido, como operarios da cidade, na occasião das mudanças. Imagine-se que pesado encargo representa para a industria cafézeira esta instabilidade de mão d'obra. Muito tempo antes da colheita, o fazendeiro preoccupa-se com o preenchimento das vagas que se darão na colonia logo que a colheita termine. Manda, em segredo, ás fazendas vizinhas ou á cidade, recrutadores que traz a soldo; emprega n'este serviço colonos astutos aos quaes paga um tanto por familia contractada.

Emfim, para encurtar razões, se lhe não resta esperança alguma de encontrar no local trabalhadores ao corrente do trabalho das plantações, resolve dirigir-se á agencia de colonização de S. Paulo e resigna-se a tomar um pessoal inexperiente que precisa d'instruir durante alguns meses.

A instabilidade dos trabalhadores agricolas é o traço mais frisante da vida moral no estado de S. Paulo. Reflecte tudo o que ha de original, d'artificial mesmo, no desenvolvimento rapido da grande cultura cafézeira.

A população operaria empregada na agricultura de S. Paulo é na sua maioria de nacio-

nalidade italiana. É a Italia que fornece o maior contingente d'immigrantes.

Muitas fazendas estão inteiramente povoadas de italianos, e ha muitos municipios onde elles excedem em numero os brasileiros e os imigrantes de todas as outras nacionalidades reunidos. De 1891 a 1897, os italianos constituiram, conforme os annos, tres quartos ou quatro quintos do total dos immigrantes.

Qual é hoje o numero d'italianos residentes em S. Paulo? É impossivel dizel-o com precisão. Em 1901, segundo um relatorio publicado pelo *Bulletin de l'émigration italienne*, seriam 650 a 700.000. (1) O consul de Italia tratou da questão em 1905 (2) e affirmou que o numero de 700.000 estava notoriamente áquem da verdade. Segundo as estatisticas da secretaria d'Agricultura de S. Paulo tinham chegado até 1901 a S. Paulo 568.000 a mais dos que d'ali se haviam retirado. A esta cifra é preciso accrescentar os italianos idos por terra do lado da fronteira de Minas. Mais: devem considerar-se como italianos os filhos das familias italianas nascidos em S. Paulo, visto que nascem n'um meio exclusivamente italiano como é o da maior parte das colonias. Ora, as familias italianas conservam-se tão prolificas em S. Paulo

(1) Bulletin de l'Emigration, 1902, n. 8

(2) Bulletin de l'Emigration, 1905, n. 3

como na Italia; a população italiana tem augmentado notavelmente, como o prova o excedente dos nascimentos sobre os obitos. Podemos, pois, concluir que os italianos residentes em S. Paulo devem regular por um milhão, nunca menos. Constituem um dos grupos mais compactos e mais numerosos que a immigração italiana creou para lá dos mares. Tão compacto que os paulistas acabaram por inquietar-se. A colonia italiana augmentava tão rapidamente que desesperaram de a assimilar. Por varias vezes, em contractos assignados com os empresarios d'immigração, tentaram limitar a proporção dos immigrants de nacionalidade italiana. Estes receios eram infundados. Pelo que eu pude apreciar, não existe em S. Paulo o "perigo italiano." Não me lembra de ter encontrado n'um italiano a menor velleidade de resistencia á assimilação brasileira, a menor animosidade consciente contra o Brazil, como nação. Todos os que escapam ao trabalho agrícola, e que se fixam na cidade, se nacionalizam depressa, conquistados por um meio em que o brasileiro deve forçosamente dominar. Mesmo aquelles que vivem nas fazendas aprendem rapidamente e da melhor vontade o português. Visito uma plantação onde os colonos são todos italianos, o contra-mestre italiano, o administrador italiano. Entretanto, é em português que o administrador dá as suas ordens

aos seus compatriotas, para a boa disciplina, assegura elle. É em portuguez que os contractantes fazem as suas observações aos trabalhadores, e se percorro a colonia, surprehendo entre os colonos phrases portuguezas, mais ainda do que phrases italianas. A extrema analogia do portuguez e do italiano contribue para eliminar o italiano. Um veneziano que encontra um siciliano prefere falar-lhe em portuguez a aprender o dialecto meridional. Os que ficam feis ao italiano corrompem-n'o cada vez mais e misturam-lhe palavras estrangeiras. Veem-se italianos que após alguns annos d'immigrados se sentem incapazes de exprimir-se na lingua natal, pelo menos correctamente. Isto não succederia n'um país de lingua germanica.

Hoje que a corrente d'immigração parou ou se interrompeu, os proprios paulistas concordam em reconhecer que o italiano é o mais desejavel dos colonos, tanto pela sua sobriedade e dedicação pelo trabalho, como porque é facilmente assimilavel e proximo parente do brasileiro, pela sua lingua e pelo seu espirito.

Reciprocamente, as condições d'existencia que S. Paulo lhes offerece convém maravilhosamente ao temperamento dos immigrants italianos. Agricultor profissional, o immigrante italiano não tem entretanto nenhuma preferencia pelas occupações agricolas; nem se trans-

fere para além-mar com a esperança de crear-se lá uma propriedade. Vive na Italia como operario agricola, n'um meio d'operarios agricolas; o amor cego pela terra, a loucura da propriedade territorial não lhe invadiu o sangue como ao camponio francês. A sua raça não coloniza por instincto como tantas outras. Nos Estado-Unidos os italianos são terraplanadores, mineiros, operarios d'industria. Em S. Paulo, estão ligados á agricultura, mas nem por isso teem maior apego á propriedade.

Se os paulistas pensaram por momentos em restringir a immigração italiana, o proprio governo italiano se encarregou de lhe estancar a fonte. Em 1902, o commissariado geral da immigração, modernamente creado junto do ministerio dos negocios estrangeiros de Roma, prohibiu a immigração gratuita para o Brazil. O decreto visava unicamente o estado de S. Paulo, o unico que continuava então a subvencionar a immigração. É facil adivinhar a colera com que elle foi acolhido ali. A importação, nas despezas publicas, d'operarios agricolas tinha entrado tão facilmente nos costumes de S. Paulo, a existencia da grande cultura estava tão estreitamente ligada á politica d'immigração subvencionada, que ninguem calculava o que podia ter de levemente irregular a seducção exercida sobre os trabalha-

dores estrangeiros pela concessão da viagem gratuita. O governo italiano estava absolutamente no seu direito.

A sua intervenção era de facto indispensavel? Responder-se-ha pela affirmativa ou pela negativa, conforme se admittam ou se regeitem as conclusões dos relatorios de Adolpho Rossi, delegado do governo italiano, as quaes provocaram o decreto de 1902. Não terá Adolpho Rossi dramatizado levemente as coisas? Como quer que seja, o decreto de 1902 reduziu muito o contingente dos immigrants italianos. Em 1901 eram 56:000; em 1902, 28:000; em 1903, 9:000 sómente. Depois, S. Paulo viu em certos annos partir mais italianos que chegar. Preciso de recorrer a outros países para encontrar os braços indispensaveis. E é sobretudo a contar de 1902 que começaram a desembarcar em Santos portuguezes e hespanhoes. Os hespanhoes principalmente chegam cada vez mais numerosos, e espalham-se pelas fazendas.

A visita de Rossi a S. Paulo e o decreto de 1902, seguiram de perto a grande crise da cultura do café. E' em 1901, com effeito, que se accentua o termo do longo periodo de prosperidade que tinha começado com a abolição da escravatura. Depois, a agricultura paulista lutou sem descanso contra a baixa de preço determinada pela sobreprodução. Como foi

que os trabalhadores empregados na cultura do café supportaram as consequencias d'esta crise?

O primeiro effeito da crise deveria ser, parece, um abaixamento geral do preço dos salarios. Esta baixa não foi muito notada. Em 1895, quer dizer, em plena febre do desenvolvimento das plantações cafézeiras, o secretario da agricultura enviou uma circular ás camaras municipaes, para conhecer exactamente a situação creada aos operarios immigrants. Os municipios não são suspeitos d'indicar salarios inferiores aos verdadeiros. Ora, segundo a média d'essas respostas, o salario ordinario para a manutenção de mil pés de café era, em 1895, de 90\$000 réis, e de 600 réis por colheita de cincoenta litros de fructos. N'um inquerito agricola feito em fins de 1907 pelo ministerio federal da Industria, (1) o funcionario relator dá como cifras médias 60 a 90\$000 réis por mil pés, e 500 a 600 réis por 50 litros colhidos. É quasi pouco mais ou menos o que indicavam onze annos antes as camaras municipaes. Se os salarios tinham baixado, não tinham baixado em grande desproporção com a queda rapida do preço do café. Sabe-se, não obstante,

(1) Relatorio de Joaquim Francisco Gonçalves ao ministro da Industria, publicado pelo *Jornal dos Agricultores*, de 15 de janeiro de 1907.

que nada ha menos compressivel que os salarios e que é quasi impossivel reduzil-os em não importa que industria.

Mas, admittindo mesmo que se produziu uma redução dos salarios agricolas, um outro facto se deu todo em favor dos colonos. Foi a alta do cambio. Desde o anno de 1898 em que teve logar a primeira reorganização das finanças brazileiras, o credito não cessou de prosperar, e, pouco a pouco, o valor do papel moeda elevou-se. Tinha-se visto o cambio a 6 e mesmo a 5; está hoje nas proximidades de 15. Quer dizer que o operario ao qual se dá, como outr'ora, uma nota de 1\$000 réis, recebe tres vezes em moeda d'ouro o que valia o seu primeiro salario. A margem é grande. Os salarios poderiam ter diminuido nominalmente a metade, e, entretanto, o seu valor effectivo augmentado.

As oscillações do cambio parecem não terem tido influencia sobre os salarios. Assim como o preço em papel dos objectos correntes se mantém durante muito tempo, ainda que esse papel augmente ou diminua de valor, do mesmo modo a tradição mantem na mesma taxa nominal o preço dos salarios; no entanto, fazendeiros e plantadores sabem egualmente o que perdem e o que ganham com a alta do papel. Os fazendeiros lastimam-se e affirmam que a alta do cambio os arruína; a mão d'obra

paga a uma taxa fixa com um papel que vale mais de dia para dia, absorve uma parte cada vez maior do preço de venda da colheita, que é invariavelmente pago em ouro. Foi para socorrer os plantadores que o Brazil adoptou medidas tendentes a deter a alta do cambio, creando a Caixa de Conversão. Quanto aos colonos, esses aproveitam da alta do cambio d'uma maneira muito consciente. Para o trabalhador nacional, que não conhece outra moeda senão o papel, a alta do cambio pode passar despercebida. Não succede o mesmo com a população immigrada, que tem o habito, a superstição mesmo da moeda d'ouro e que pensa em transferir para a Europa economias. Os italianos trocam logo que podem o papel que recebem por ouro; os cambistas dão-lhe ao cambio do dia libras *sterlings*. Quantas familias não possuem secretamente um pequeno thesouro em metal? O ouro moeda não existe sómente no Brazil nas reservas dos bancos, encontra-se tambem, infinitamente dividido, nas mãos dos operarios agricolas estrangeiros. Pode-se, pois, admitir que a situação financeira dos colonos não peorou.

Mas não terá a crise modificado outras clausulas do contracto de colonagem? Não terá ella reduzido a parte do lucro que o colono recolhe em productos naturaes, e restringido as culturas que elle é auctorizado a fazer em seu

proveito? Sobre este ponto, as consequencias da crise não parecem ter sido as mais graves. Desde 1903, que o estado de S. Paulo interdiz as plantações novas, a terra virgem recentemente conquistada á floresta produzia abundantes colheitas de milho e feijão; nas plantações antigas, pelo contrario, o rendimento dos cereaes semeados pelos colonos nos intervallos do alinhamento dos pés de café reduz-se cada vez mais. Quanto mais a fazenda envelhece, tanto mais se aggravam as condições dos colonos. Á medida que desaparece a fecundidade primitiva, privilegio das terras novas, a producção diminue. Além d'isso, muitos fazendeiros, querendo fazer a sua exploração o mais racionalmente possivel, tratam de prohibir as culturas intercalares nos cafézeiros. N'este caso a existencia do colono torna-se difficil.

Mesmo quando o fazendeiro lhes conceda fóra dos cafézeiros espaço para as suas culturas alimentares, os colonos estão descontentes. Nos cafézaes, com effeito, cultivava-se o milho sachando o terreno ao pé dos cafezeiros. O mesmo trabalho aproveitaria ás duas plantas, a colheita do milho não demandava grande esforço suplementar. Semear milho n'um campo á parte, é duplicar o trabalho sem duplicar o lucro.

Considere-se, emfim, que, para bem conhecer a situação material e moral dos colonos,

é preciso não olhar sómente ás questões puramente agrícolas. Os colonos com effeito, não se consideram enfeudados durante a vida inteira á cultura do café; muitos, proporcionando-se-lhes a occasião, deixam a lavoura para se estabelecerem na cidade. Todos os colonos que abandonam a sua fazenda após a colheita, não se contractam para as fazendas vizinhas; em cada anno, a colheita marca um novo movimento de concentração da população rural para os centros urbanos. Este movimento não se interrompeu e só por si explica que a falta de mão-d'obra se continue a fazer sentir nos campos, embora a expansão das plantas se detivesse. Todas as cidades do estado, a propria capital mesmo, estão povoadas d'antigos imigrantes que deixaram o trabalho agrícola. O agricultor faz-se commerciante na cidade e as suas prosperidades são tanto maiores quanto mais prospero se encontra o país no seu conjuncto. N'outro tempo, o exemplo d'um afortunado animava os outros; e eram poucos os colonos nas fazendas que não se consolassem, na mediocridade da sua condição, com a esperança de sair d'ella um dia, e de aproveitarem, elles tambem, da actividade febril dos negocios e da geral abundancia do dinheiro.

Ora, a crise feriu tanto a classe commercial como as classes agrícolas; as cidades não soffreram menos que os campos; o dinheiro tor-

nou-se raro e difficil d'obter. Para os colonos foi menor a modificação que soffreram na sua situação actual do que nas esperanças que tinham acalentado; a sua confiança no futuro do país diminuiu.

Não é, pois, para admirar que n'estas condições se haja produzido nos ultimos annos um movimento d'emigração á custa do estado de S. Paulo. Todos os países de grande immigração teem tido, nos momentos de crise, d'estes exodos. S. Paulo, como os Estados Unidos e a Argentina, soffreram a sorte commum. O primeiro anno em que a estatistica revelou um excedente de saídas sobre as entradas foi o anno de 1900. O facto repetiu-se em 1903 e em 1904. Em 1903, o numero dos que se retiraram elevou-se a 36:000, e o balanço accusou, á custa de S. Paulo, um *déficit* de 18:000 habitantes. Em 1906 ainda, embarcavam em Santos 41:000 passageiros de terceira classe; entretanto, o equilibrio restabeleceu-se pelo augmento do numero dos entrados n'esse anno. Assim, a instabilidade do trabalhador rural em S. Paulo, que se manifestava desde muito pela deslocação annual de fazenda para fazenda, traduziu-se por uma forma nova, mais perigosa ainda para os interesses do estado, a da emigração para o estrangeiro.

É depois do fim da colheita, d'agosto a novembro, que se produzem as saídas. Os que

partem nunca são paulistas de raça; pertencem á população d'origem estrangeira, e são na sua maioria italianos. A maior parte d'elles dirigem-se para a Italia; para a Argentina foi estabelecer-se um notavel contingente.

Saídas d'emigrantes do estado de S. Paulo :

	Para a Europa	Para Argentina
1904 (d'agosto a novembro)	10:204	5:541
1905 " " "	8:600	6:878
1906 " " "	9:202	8:367

O numero dos que emigravam para Argentina era o que sobretudo inquietava os paulistas. Iriam sómente aproveitar a um vizinho feliz as despezas feitas por S. Paulo em favor da immigração? Em dezembro de 1906, fez-se um inquerito ácerca do exodo dos colonos para Argentina. Alguns estudos d'esta ordem esclareceriam singularmente as leis d'essas correntes internacionaes da mão d'obra, uma das feições mais originaes da vida do mundo moderno.

Que causas tinham originado o exodo dos immigrants? A colheita que terminou em outubro de 1906 tinha sido abundante e deixara-lhes nas mãos lucro liquido. A de 1907, pelo contrario, presumia-se que fôsse fraca, e o pedido de braços para S. Paulo restringira-se. Por outro lado, o cambio estava alto, o que permittia trocar com vantagem o papel brazi-

leiro pela moeda estrangeira. Estas diversas causas provocaram as saídas; a gente das hospedarias, os cambistas, os agentes de companhias de navegação, que lucram com o deslocamento dos colonos, contribuiu como sempre com a sua propaganda para augmentar a amplitude do movimento. Tais foram as causas secundarias apuradas pelo inquerito. Quanto á causa geral está na crise economica do estado; cêsse a crise, e a immigração recommençará.

A concentração da população rural nas cidades, a emigração para o estrangeiro, reduziram a mão d'obra disponivel nos campos de S. Paulo. Ha falta de pessoal em muitas fazendas, ou por que não se consegue recrutar um numero sufficiente de familias, ou por que as familias recrutadas são muito pequenas; as familias d'hespanhoes, que começam a substituir em muitos pontos os italianos, não se conservam agrupadas, como as familias italianas, em verdadeiras tribus, uma das quaes é sufficiente para o amanho de 10:000 cafézeiros.

Que recurso resta ao fazendeiro chegado a esta extremidade? Á falta de colonos estrangeiros, contracta operarios nacionaes que traz a jornal; mas o trabalho é mal feito e as despesas augmentam; ou então reduz o seu pessoal e amanha as suas terras á machina. Emprega-se nos cafézeiros a grade-charrua que volta as terras sem ferir as raizes. A lavra subs-

titue o trabalho da enchada; transformação profunda na vida rural que ainda se não operou em parte alguma do Brazil e que parece hoje desenhar-se em S. Paulo. Obriga o fazendeiro a augmentar as suas manadas, e promette annos de prosperidade á creação de gados em S. Paulo. Mas o que impede se generalize o uso da charrua é exigir a colheita um grande numero de braços: os colonos bastam para isso, apenas. Quanto mais se reduz o numero d'operarios durante o anno, tanto mais augmenta, na occasião da colheita, a desproporção entre os braços disponiveis e os braços necessarios. Onde encontrar, nos meses da colheita, os operarios que faltam? Cada fazenda deve bastar para si só.

Com o que acima de tudo se preoccupa o fazendeiro é em conservar o mais que pode o seu pessoal. Todavia os colonos são muito ciosos da sua independencia e recusam contractar-se por mais d'um anno. A necessidade que tem o fazendeiro dos seus braços é para elles, sabem-n'o muito bem, uma garantia d'atensões e de bom tratamento; é raro, por exemplo, ouvir hoje falar de fazendeiros maus pagadores, como houve alguns no começo da crise. Tal é a complicação dos factos: a crise do café, empobrecendo o estado de S. Paulo, reduziu o numero d'immigrantes e tornou-se indirectamente uma das razões que tendem a

melhorar as condições da mão d'obra agrícola.

A crise pôz a claro o maior perigo da politica d'immigração subvencionada. Por isso mesmo que não são proprietarios, os colonos italianos fixam-se imperfeitamente ao solo. Têm na lavoura um lugar subalterno, não a servirão tambem senão durante o tempo em que ella se mostre generosa para com elles. A crise, prolongando-se e accentuando-se ainda mais, desorganizará profundamente esta sociedade rural em via de construcção. Depois de ter sido puramente economica, depressa se tornará uma crise social. Impedirá a absorpção normal, já a bom caminho, dos numerosos elementos estrangeiros introduzidos para beneficio dos fazendeiros. É este um ponto que convem não esquecer quando se pretende avaliar das graves preocupações que a crise desperta na alma paulista e das medidas, por vezes perigosas, a que S. Paulo tem recorrido para proteger a industria cafézeira.

CAPITULO VIII

À pequena propriedade em S. Paulo

Importancia social da pequena propriedade.—Obstaculos ao seu desenvolvimento.—A cultura do café e a pequena propriedade.—A divisão da terra na região de Campinas.—As novas colonias de S. Paulo.

Estudámos as relações dos fazendeiros com os seus operarios agricolas; resta-nos averiguar qual o logar que no estado de S. Paulo occupa a pequena propriedade. Se ali a grande propriedade é que domina, não é comtudo desconhecida a pequena propriedade.

A lei das successões tende a dividir ali, como em toda a parte, as heranças. Ao lado das fazendas encontram-se dominios d'extensão mais restricta, os *sítios* e as *chacaras*. Junto das colonias particulares, estabelecidas pelos fazendeiros nas suas terras e povoadas de trabalhadores agricolas, existem tambem colonias de pequenos proprietarios, fundadas pelo governo. Mesmo a propria palavra colonia é muitas vezes empregada para designar um lote colonial: fazendas, sítios, chacaras, colonias, taes são os diversos typos d'exploração rural,

Alguns municipios, para assegurar a arrecadação do imposto municipal sobre as culturas, fizeram o cadastro das propriedades ruraes. No municipio de Ribeirão Preto, por exemplo, um dos principaes centros cafézeiros, existem 30.000:000 de pés approximadamente, divididos por 285 proprietarios. Cada um d'elles possui, pois, em média mais de 100.000 pés, o que suppõe um pessoal de 50 a 100 trabalhadores. Ora o municipio de Ribeirão Preto pode ser considerado como representando bastante fielmente as condições geraes de todo o estado. Se a concentração das terras está ali mais adeantada que em qualquer outra parte, em compensação existem, n'algumas regiões, pequenissimas propriedades cafézeiras, como se não encontrarão muitos outros exemplos em todo o territorio de S. Paulo.

A importancia social do desenvolvimento da pequena propriedade não tem, comtudo, passado

hectares; Paulista, 2.550.000 hectares; Sorocabana 3.800.000 hectares.

Attribuindo a todas as propriedades da primeira categoria uma extensão de 24 hectares, evidentemente superior á realidade, e a todas as da segunda uma extensão de 60 hect., egualmente superior á realidade, é facil calcular que as pequenas propriedades de 0 a 60 hectares, não comprehendem, na primeira zona, mais do que 9 0/0 das terras, o maximo; na segunda zona 7 0/0 e 5 0/0 sómente na terceira.

são pelas principaes fazendas de café, assignala o crescente numero de pequenos proprietarios em volta das cidades do centro. Havia uns trinta entre Jundiahy e Campinas, ao longo da velha e da nova estrada, uma centena ao pé de Campinas e outros tantos entre Campinas e Limeira. A uma legua de Limeira, trinta e seis familias tinham creado uma pequena colonia n'uma antiga fazenda abandonada; um colono com seus filhos e genros tinha comprado uma parte da fazenda e feito á sua custa a demarcação dos lotes que revendera a outras familias. N'essa occasião tambem, um grupo compacto d'allemaes comprou terras a pequena distancia de Campinas e fundou a aldeia de Nova Fribourg. Conservaram-se ali depois, e constituem a unica collectividade allemã que existe do meu conhecimento no territorio de S. Paulo. Ao pé d'esses, fixaram-se suissos na Nova Helvetia. Eram quasi todos operarios das fazendas, idos da Europa, sem capitaes. Tendo reunido algumas economias, aproveitaram-se da experiencia adquirida durante os primeiros annos da sua estada ali para cultivarem em seu exclusivo proveito.

Foij tambem nas immedições de Campinas que se estabeleceram colonos immigrados em S. Paulo, idos das provincias meridionaes dos Estados Unidos depois da guerra da successão. Um empresario adquiriu para elles a antiga

fazenda do Funil. As familias americanas traziam consigo pequenos capitães que empregaram na compra de terras. Ao lado de Nova Fribourg e de Nova Helvetia, os americanos construíram a sua Villa Americana. Estes nomes, isolados na provincia paulista, recordam ao mesmo tempo o movimento da divisão da propriedade, a que assistiu essa geração, e a parte essencial que n'elle tomou o elemento estrangeiro.

Em lugar de continuar a extender-se seguidamente, a pequena propriedade viu-se bruscamente detida nos seus progressos.

Encontrou, com effeito, um obstaculo insuperavel: o desenvolvimento das plantações de café.

A febre das plantações de café teve como primeira consequencia a elevação do preço das terras. Ora, a pequena propriedade não pôde constituir-se senão depois que a terra se tornou barata. A alta do preço das terras ultrapassou todas as medidas: em 1895 vendiam-se propriedades em exploração até por 4 e 5 mil réis o pé de café, ou seja de 3000 a 4000 francos o hectare. Não sendo muito cara a plantação, a terra propria para a cultura do café, não plantada, attingia um valor quasi igual. Fóra das toalhas de terra violeta, ferteis e das mais cubiçadas, os preços baixam; conservam-se,

entretanto, dez vezes mais caros do que nos outros pontos do Brazil meridional; no Paraná, por exemplo, é corrente pagar-se 200 a 500 francos por hectare. Mesmo os preços dos lotes coloniaes, postos á venda pelo governo, e fixados sensivelmente abaixo do preço corrente, são elevados: na Nova Europa, bastante longe a oeste das regiões já valorizadas, 160 a 200 francos o hectare; em Campos Salles, alguns proprietarios offerecem terrenos a 170 francos. As terras com madeiras para construção ou para lenha pagam-se mais caras. Em parte alguma do estado existem terras cultivaveis em melhor conta. O preço de compra d'um dominio de 25 hectares, no qual possa viver uma familia, excede os recursos da maioria dos colonos; devem renunciar a ser proprietarios.

A cultura do café foi sempre praticada em grande. O café passa em cada fazenda por numerosas operações necessarias antes de ser entregue ao exportador. Os utensilios da fazenda comprehendem os tanques de pedra, onde o café é molhado, os terraços onde elle é exposto ao sol, as machinas de descascar, de escolher e de ensaccar, os armazens para guardar a colheita. Ao lado d'estas construções, a casa da habitação, muitas vezes modesta, quasi desaparece. Uma fazenda representa, pôis, avultados capitaes, e os proprios

agricultores paulistas não conseguiriam reunir-os se não fosse o apoio que recebem, especialmente do alto commercio d'exportação de Santos. Uma similhante organização industrial e agricola não podia adaptar-se ao regime da pequena propriedade.

A cultura do café ligou os paulistas á propriedade rustica. A terra offerencia-lhes a riqueza; a agricultura era a mais fructuosa das especulações, fizeram-se, pois, agricultores, e recusaram ceder a menor parcella. O amor á terra invadiu a aristocracia paulista, como tinha dominado já sobre outras aristocracias. Ainda que fossem bastantes ricos para comprar pequenos lotes de terreno, os operarios agricolas de S. Paulo difficilmente teriam encontrado terras para ali se estabelecerem.

Em parte alguma lhes concedeu d'esses contractos, tão frequentes nos países novos, em que o trabalho é parcialmente pago em terras, em vez de o ser em dinheiro, e graças aos quaes a pequena propriedade se constitue automaticamente. A propria meação que se mantém em Minas, desapareceu dos costumes paulistas, como um pallido reflexo da pequena propriedade; os operarios agricolas foram desterrados definitivamente para a sua condição de salariados.

O governo poderia, pelo menos, lutar contra a corrente e favorecer o desenvolvimento da

pequena propriedade; mas está dominado pelos fazendeiros; o partido da lavoura conserva-se no poder. Os defensores da pequena propriedade encontram uma opposição poderosa e organizada; e ella não teve nenhum estímulo official. Todos os recursos publicos são empregados em procurar operarios para os fazendeiros. Em 1897, o ministro da Agricultura escreve: "A suppressão da corrente d'immigração subvencionada pelo governo federal impõe mais do que nunca ao estado de S. Paulo, por alguns annos ainda, o dever de se occupar, acima de tudo, de introduzir braços para a grande cultura, que se encontra reduzida ao unico recurso dos fundos fornecidos pelo governo do estado. É indispensavel tambem que a quasi totalidade dos immigrants introduzidos seja encaminhada para o trabalho das fazendas, deixando para mais tarde a localização intensa dos immigrants nas colonias, quando a nossa lavoura se não resinta da actual falta d'instrumentos de trabalho."

A opinião publica parece ter-se modificado ácerca d'este ponto; a crise do café determinou esta revolução. A installação dos operarios agricolas provocou, com effeito, inquietações geraes. Tornar-se-íam, pois, necessarias uma intervenção constante do governo e eternas despezas, para renovar sem cessar uma população immigrada, que se tinha julgado

definitivamente absorvida e que se via agora dissolvida e reduzida? Os colonos das fazendas continuariam a ter os olhos voltados para a sua patria europêa e a enviar para lá as suas economias, empobrecendo o estado paulista? Para estes perigos, conhecia-se um unico remedio: diffundir a pequena propriedade.

Ao mesmo tempo, abriam os olhos para vêr os perigos da monocultura. Até á crise, S. Paulo aspira a especializar-se na cultura do café, e descara todas as outras. Toma-se á letra o famoso dictado: "O café dará para tudo." É indifferente que se tenha d'importar a farinha de Buenos Ayres e o gado de Minas. A venda do café permite saldar todas essas despesas. Mas os preços do café baixam. A nação deve tornar-se economica, produzir ella propria o que consome, procurar outros productos de exportação. O governo fomenta culturas d'experiencia, favorece novas industrias agricolas, trabalha para crear arrozaes, leitarias. Pôr termo ao regime da monocultura, é ainda favorecer a pequena propriedade. Se a cultura do café lhe é interdicta, accomoda-se a todas as outras, com a da creação de gado e com a dos productos alimentares. Não ha até cultura de canna de assucar que não seja feita com proveito pelos pequenos proprietarios, quer elles vendam a canna no engenho, quer a môam n'um moinho primitivo. Não po-

dendo fabricar assucar, produzem sómente aguardente.

E, entretanto, a vida de S. Paulo está ainda muito estreitamente ligada á cultura do café, a qual a nova politica de colonização não teria tido ensejo de tornar popular, se para isso os proprios fazendeiros se não tivessem unido. Estavam effectivamente mais preocupados do que ninguem com a instabilidade da mão-d'obra rural no estado; a falta d'operarios na occasião da colheita podia leval-os a uma catástrophe. Reflectiram que estabelecendo colonos proprietarios a pequena distancia das plantações de café, teriam á mão operarios forçosamente fieis, a que poderiam recorrer no momento desejado. "É preciso prender o imigrante ao solo, diz o relatorio do ministro da Agricultura em 1901; mas é preciso fazer isso de modo a deixal-o á disposição da grande cultura para quando esta tenha necessidade dos seus braços." E o relatorio de 1904 accrescenta: "O facto de ter nas colonias um auxilio de braços para a colheita, permittirá transformar e industrializar a cultura do café; reduz lhe as despesas, dispensando-a de conservar durante todo o anno os trabalhadores necesarios para a colheita." Este raciocinio sella a alliança entre os partidarios da grande e da pequena propriedade.

O governo tinha, desde 1886, suspendido

quasi completamente as despesas de colonização. Em 1886 empregou-se, com efeito, o ultimo esforço de colonização official. Foram então reorganizados ou creados diversos centros hoje emancipados: Sant'Anna, S. Bernardo, Barão de Jundiahy, Antonio Prado, Boa-Vista, etc. Tiveram sorte diversa e desenvolveram-se alguns com extrema lentidão. Em S. Bernardo plantaram-se vinhas, o phylloxera destruiu-as. Barão de Jundiahy, proximo da cidade de Jundiahy, e Antonio Prado, perto de Ribeirão Preto, occupavam a situação mais favoravel. Em 1892 tinham os colonos acabado já de pagar ali os seus lotes.

Mas, de 1886 até 1904, a colonização esteve interrompida. O movimento não recommençou senão vinte annos depois, em 1905, no momento em que a crise cafézeira attingiu toda a sua intensidade, e sob a influencia d'um dos mais ardentes propagandistas da polycultura e da pequena propriedade, o ministro da agricultura, Carlos Botelho. Em 1905, o governo decide alargar a antiga colonia de Campos Salles. No mesmo anno fundou os centros de Nova Odessa e de Tibiriça; no começo de 1907, os de Nova Europa, Nova Paulice e Gavião Peixoto. Por egual impôz á companhia arrendataria do caminho de ferro de Sorocabana a obrigação de fundar colonias na vizinhança da linha. A lei de 27 de dezembro de

1906 determinou as condições dentro das quaes se faria a colonização, a dimensão dos lotes, que teriam de 50 a 250 hectares, o preço das terras a determinar para cada centro. Os colonos deviam pagar os seus lotes em dez annuidades. Por desgraça, já não existem terras publicas, a não ser no extremo oeste, fóra do alcance das vias de comunicação e dos mercados, e nos pontos onde a colonização não seria viavel. A distancia a que estão as terras dominiaes explica a razão porque o governo julgou dever comprar terras particulares para as dividir em lotes e pôl-as á venda. (1)

É ainda muito cedo para julgar do exito d'estas tentativas de colonização. Pode contar-se, entretanto, que as despezas feitas fructificarão. O estado de S. Paulo offerece, com effeito, ás populações agricolas um mercado de primeira ordem: uma grande cidade, aldeias numerosas, o grupo mais denso de população que existe no Brazil. O preço dos productos agricolas é ali mais elevado do que em todo o resto do Brazil meridional. A propria madeira que na maior parte do país não tem valor mercantil, pode comtudo, em S. Paulo fornecer aos colonos um recurso suplementar.

(1) Contracto com a Companhia *Pequena Propriedade*, em 1905, antes da fundação de Tibiriça.

A colonização tem o seu lugar marcado no organismo nacional; terá por missão sustentar a lavoura. Poder-se-ha prevêr o momento em que a grande cultura cafézeira, concentrada nas terras mais ricas, fique rodeada e como que franjada de todos os lados por uma zona de pequenas culturas, a ella associadas, vivendo d'ella e fazendo-a viver?

Entre as colonias de fundação recente, umas são situadas a oeste, no limite do sertão, e em terras ainda novas; outras, pelo contrario, no proprio coração do estado, perto da cidade de Campinas, primeiro centro d'expansão da pequena propriedade. Campos Salles e Nova Odessa convizinham as antigas colonias exponenteas de Nova Helvetia e de Villa Americana. N'essa velha região agricola, parcialmente evacuada pelos grandes proprietarios que foram procurar mais ao norte terras menos cançadas, a colonização está feita n'um terreno mais favoravel do que no meio das grandes zonas cafézeiras. Os colonos conseguiram á força de trabalho fecundar ahi novamente as terras abandonadas pelos fazendeiros.

Trouxe de alguns dias de viagem á volta de Campinas, a impressão mais favoravel do futuro das colonias. Visitei primeiro o centro de Campos Salles; o arroteamento ahi progride rapido; a colonização ultrapassou os limites officiaes e róe todos os arredores da grande

propriedade; a população augmenta. A colonia começa a exercer uma attracção em roda de si; alguns operarios italianos das fazendas vizinhas foram estabelecer-se n'ella ao saberem que encontravam terras: uma cidade se edificou, Cosmopolis chamada, e bem chamada, por que entre os seus habitantes conta representantes de dezeseis nacionalidades. Os recursos dos colonos são multiplos; vão negociantes a Cosmopolis comprar-lhes as colheitas do milho e do feijão; um engenho consome-lhes a canna d'assucar; emfim, a colonia possui uma manada de trezentas vaccas e expede para Campinas e até para S. Paulo o leite e a manteiga que fabrica.

Fizemos algumas leguas a cavallo pelas terras humedecidas pelas primeiras tempestades de setembro, parando deante das casas, e traduzindo em todas as linguas ao nosso alcance o mesmo questionario. Os colonos pareciam satisfeitos; reduziam regularmente a sua divida ao governo, e aperfeiçoavam pouco a pouco os seus instrumentos de trabalho e o seu mobiliario. O ultimo em casa de quem me detive era um francês, um camponez bretão, de cabeça inculta e annellada, que se julgaria arrancado a um quadro de Lenain. Tinha recebido com o seu lote uma casa de tijollos; mas como homem rude, julgando-a muito luxuosa para si, abandonára-a a um locatario, e construira elle proprio uma casa mais rustica com tron-

cos d'árvores abatidas. Vivia ali com sua mulher, bretã tambem, e com os filhos; offereceram-me para provar pão de milho, e assentámo-nos á mesa. Pela porta aberta distinguiam-se as lavras humedecidas e a floresta ao fundo com sulcos vermelhos. Mostraram-me em seguida as mulas, a carroça e a charrua que a ultima colheita lhes tinha permittido comprar. Quando me retirei, o dono da casa seguiu-me até ao fim do seu dominio: o orgulho do proprietario brilhava nos seus olhos.

No dia seguinte cheguei a Nova ●dessa. Ali os primeiros colonos foram judeus russos, chegados de Londres onde se achavam refugiados. Tinham, parece, poucas aptidões agricolas e, apenas estabelecidos, dispersavam-se. Foram substituidos por outros russos da Lithuania, lutheranos ou anabaptistas que constituem hoje toda a população da colonia. Á roda das casas, pequenos quintaes, campos de milho e de batata doce. Encontram-se pelos caminhos *mu-jiks* de grandes barbas, de potente arcaboço, usando ainda os fatos e as botas levadas da Europa. As mulheres usam o lenço em triangulo na cabeça; trabalham duramente a terra á enchada, e levam as suas vaccas á corda, imperiosamente. Vêem-se sair das cabanas meninas louras e rapazes d'olhos azues e pelle clara; pode julgar-se a gente transportada d'ali muito longe. Depois, encontram-se pela estrada

os grandes carros de bois conduzidos por negros, e então lembrámo-nos de que estamos no Brazil. Ao longe, ao pé das collinas, o sino e as casas brancas da Villa Americana. A espaços, atravessam-se cannas d'assucar doentias, ou cafézeiros abandonados, invadidos pelas hervas, que o administrador da colonia renunciou cultivar: emfim, tudo o que subsiste das grandes culturas feitas outr'ora pelos fazendeiros, primeiros proprietarios do solo, herança que a pequena propriedade desdenhou.

Proporcionou acaso a criação das colonias aos plantadores de café uma reserva d'operarios disponiveis na época das colheitas, como se esperava? É preciso ainda esperar alguns annos para poder responder. O governo offerece aos colonos que se contractem para as colheitas o transporte gratuito até á fazenda. Mas similhantes migrações não podem organizar-se senão muito lentamente. Talvez estas correntes da mão d'obra na occasião das colheitas, se tornem um dia um dos traços dominantes da vida rural em S. Paulo. Actualmente reduzem-se ainda a muito pouca cousa. Em 1906, o governo forneceu aos fazendeiros 16 apanhadores de café, 815 individuos; 61 familias sómente iam das colonias de Tibiriça, Nova Odessa e Campos Salles. É muitas vezes difficil resolver os colonos a abandonar mo-

mentaneamente o seu lote, para irem fazer a colheita; dispôr-se-hão a isso mais voluntariamente quando o tempo tenha creado habitos e estabelecido relações.

A pequena propriedade parece, pois, que se deverá desenvolver em S. Paulo ao lado e nos intervallos da grande cultura cafézeira. Mas a propria cultura do café não poderá ser praticada em caso algum pelos pequenos proprietarios? Essa fortaleza da grande propriedade será realmente impenetravel? Não se poderá conceber uma forma d'exploração cafézeira adaptada á pequena propriedade?

Uma sociedade cooperativa, por exemplo, não poderia substituir-se ao grande proprietario, e possuir machinas que puzesse á disposição dos seus membros? Os proprios paulistas entreviram esta solução; é o programma da cooperativa d'Orlando, perto de Ribeirão Preto, em formação no momento da minha passagem por ali, e cujos estatutos pude estudar. Apresenta esta originalidade de não ser absolutamente uma associação formada por pequenos proprietarios, mas que se propõe pelo contrario tornar possivel e crear a pequena propriedade. Segundo os estatutos, operarios agricolas que tenham recebido terras para cultivar, encontrar-se-hão, findo o prazo do seu contracto, proprietarios d'essas terras, membros da cooperativa e possuidores communs das machinas

de descascar e de lavar o café, que são o centro, a razão de ser da associação.

A cooperativa d'Orlando não está ainda senão em projecto. Mas existe ao lado de Ribeirão Preto um bairro, o Morro Cipó, inteiramente povoado de camponezes italianos, pequenos proprietarios, e cultivando elles proprios, em familia e sem operarios, minusculas plantações de café. Os mais ricos teem 20.000 pés, outros 10.000, 5.000. Alguns até menos de um milhar. A difficuldade de adaptar a cultura do café á pequena propriedade foi resolvida aqui d'um modo differente. Como cada um d'estes italianos não podia possuir as machinas necessarias, levam o café á cidade, onde um industrial se encarrega de lhe dar a preparação indispensavel, ficando, para seu pagamento, com uma parte da colheita. Desde que as machinas deixam de pertencer ao proprio agricultor, a grande propriedade não mais tem razão de ser. Estes italianos parecem que vivem na abastança: a crise não os affectou gravemente. As suas despesas de cultura são insignificantes, e o preço da venda do café é para ellès lucro quasi total. Desconhecem a difficil questão da mão-d'abra que atormenta continuamente os fazendeiros seus vizinhos. Emfim, á cultura do café juntam outras pequenas culturas horticolas, cujo producto encontra saída no mercado de Ribeirão Preto. As mulheres têm a seu cargo este commercio.

Se a cooperativa d'Orlando está ainda em projecto, o Morro-Cipó não passa d'um exemplo isolado. Mais: não é prova bastante. A divisão das terras não teem ali uma origem natural, o Morro-Cipó não passa da antiga colonia d'Antonio Prado. Pude encontrar, não sem custo, os titulos de propriedades entregues pelo governo aos primeiros colonos, e que têm passado de mão para mão. Se os actuaes proprietarios não são os mesmos a quem a administração distribuiu os lotes o que unicamente a intervenção official permittiu á pequena propriedade foi o poder conservar-se n'uma região onde o regime commum das terras é inteiramente differente. A acção do governo não foi inefficaz, mas tambem elle não podia agir profundamente contra as tendencia geraes. O que elle creou não desapareceu; porém o nucleo colonial, isolado n'um meio desfavoravel á pequena propriedade, não transformou a região á sua imagem. Tão depressa a cultura do café se transferiu para as collinas de Ribeirão Preto, a cidade augmentou; no meio do impulso prodigioso das plantações e dos negocios, perdeu-se de vista a colonia. E a existencia dos pequenos dominios de Morro-Cipó parece hoje uma extranha anomalia economica a todos aquelles que esqueceram a sua origem.

A cooperativa d'Orlando e o Morro-Cipó provam, quando muito, que não existe nenhuma

incompatibilidade logica e absoluta entre a cultura do café e a pequena propriedade, mas seria um erro concluir d'ahi que se manifestou um movimento de divisão de propriedades cafézeiras. A propria crise não determinou modificações sensiveis.

Muitas fazendas teem sido vendidas, mas sempre em bloco. A baixa soffrida pelas terras não foi parallela á descida dos rendimentos. Cada um em S. Paulo está interessado em contel-a ou, pelo menos, em mascaral-a tanto quanto possivel. Fazendas hypothecadas cujos proprietarios são insolvaveis, não são, entretanto, postas á venda, porque os crédores esperam uma alta de preços, em summa, condições mais favoraveis. Nas regiões cafézeiras, terras livres que se vendam em parcellas, não são hoje mais abundantes do que ha dez annos. O consul de Italia assignala em 1905, (1) que partiram de Santa Rita duzentas familias, que todas tinham economias e que as teriam empregado na compra de terras se as tivessem encontrado á venda. Outro tanto succede aos filhos dos camponezes de Morro-Cipó, que não encontram terras para comprar nos arredores de Ribeirão Preto e que se exilam, indo estabelecer-se a oeste, na extremidade do ca-

(1) Bulletin de l'Émigration italienne, 1905, n.º 3.

minho de ferro da Paulista, para além d'Araraquara.

Em resumo, a pequena propriedade foi es-
trictamente excluída da cultura do café. Parece
dever espalhar-se á roda das zonas cafézeiras;
occupa já hoje solidamente alguns cantões no
centro do estado, perto de Campinas, mas não
encetou o dominio da grande propriedade.
Tanto quanto se caracteriza como productor de
café, o estado de S. Paulo conserva o typo
mais perfeito talvez do mundo moderno, d'um
país de grande propriedade. Na historia con-
temporanea dois factos são corollarios: a cons-
tituição d'uma aristocacia rural e o subsistente
predominio da antiga raça paulista. Se as ve-
lhas familias paulistas conservaram a proprie-
dade das terras vermelhas, enquanto que no
Rio Grande e no Paraná o solo passava inte-
iramente para as mãos de populações immi-
gradas, nada mais houve n'isso do que justiça.
É ao seu papel, verdadeiramente capital, no
desenvolvimento da industria cafézeira, é á sua
energia e á sua actividade, que os paulistas
devem o não terem sido desapossados.

CAPITULO IX

À valorização do café

O proteccionismo e a industria cafézeira — A crise do café e as suas causas. — A super-produção. — Primeiros projectos para remediar a crise. — Negociações preliminares com o governo federal. — A intervenção de S. Paulo no mercado dos cafés. — A formação do stock da valorização. A liquidação. — Os perigos do proteccionismo.

Conhecendo a organização agricola de S. Paulo, é possível repôr no seu meio o negocio da valorização do café, em que estão comprometidos presentemente o estado de S. Paulo e o Brazil. A valorização é a lucta apprehendida pelo governo de S. Paulo contra a baixa do café. Pela valorização procura defender a industria cafézeira até ao ultimo extremo, assim como pelo regime d'immigração gratuita lhe tinha concedido todo o seu apoio, no tempo da sua expansão. Uma e outra nada mais são do que dois episodios d'uma politica de protecção, cujo principio se pode contestar, mas que S. Paulo tem seguido ha vinte annos com uma fidelidade e um espirito de continuidade notaveis.

Sabe-se no que se consiste em conjuncto a operação conhecida pelo nome de valorização. Para evitar o rapido envilecimento dos preços em seguida a uma colheita excepcional, o governo de S. Paulo opera, por sua conta, a compra de quantidades enormes de café, de que elle hoje se vê proprietario e que pertende conservar até ao dia em que a alta lhe permitta vendel-as sem comprometter o mercado. O *stock* de café existente hoje no mundo está, pois, dividido em duas partes: uma conserva-se nas mãos dos commerciantes; outra pertence ao estado de S. Paulo e não se encontra actualmente á venda.

A consequencia da valorização foi uma diminuição de *stock* commercial.

Não tenho a intenção d'atacar o governo de S. Paulo e muito menos a de o defender. A valorização do café provocou bastantes polemicas: merece um exame imparcial. Foi uma avultada operação financeira ousadamente empreendida pelos homens d'estado paulistas; foi tambem uma verdadeira innovação em materia d'economia politica, uma nova forma d'intervenção proteccionista d'um governo n'um ramo de negocio.

Não se comprehendeu nunca como o estado de S. Paulo foi levado a essa resolução. A valorização pareceu um arrojo; desconfiou-se da forma pela qual a operação foi levada a cabo. No proprio Brazil a empresa encontrou adver-

sarios encarniçados; teve a desgraça de ser combatida pelo maior jornal brasileiro, o *Jornal do Commercio*, do Rio; na Europa, as prevenções contra ella duraram muito tempo, pois que em julho de 1907, no momento em que o negocio parecia entrar no seu periodo de liquidação, o jornal financeiro *O Brazil* dizia ainda: "Nem por isso ficaremos menos convencidos, quaesquer que fossem as condições especiaes, as circumstancias excepcionaes que inspiraram, sob o ponto de vista economico e politico, a intervenção do estado, de que a valorização é uma aventura, uma especulação no ar ... que não convém a um estado entregar assim as suas finanças ao acaso ou á graça da Providencia, e que, emfim, o estado de S. Paulo foi soberanamente imprudente em tel-a emprehendido." Julgamento summario d'um processo cujas peças principaes o publico desconhecia.

A crise do café tinha por unica causa a super-produccção. Tendo` a produccção augmentado mais rapidamente do que o consumo, este não tinha podido absorver aquella; d'ahi a baixa dos preços.

A estatistica prova que o augmento da produccção não foi geral nem se estende a todas as regiões cafézeiras: varias d'entre ellas estão pelo contrario em notavel decadencia. Na Martinica todos os cafézeiros estão abandonados. O conjuncto da produccção não brasileira não

fez mais do que manter-se no nivel anterior. O augmento total provém unicamente do progresso da producção no Brazil e, particularmente, no estado de S. Paulo. De 1870 a 1875 a média annual da colheita do Brazil inteiro era de 3 milhões e meio de saccas; (1) de 1900

(1) Annos	Producção do café no Brazil em saccas de 60 kilos	Producção do café no mundo inteiro em saccas de 60 k.
1870-1871	3.763:968 sac.	7.211:000 sac.
1875-1776	3.406:236 "	7.599:000 "
1880-1881	3.659:483 "	9.829:000 "
1885-1886	5.586:000 "	9.565:000 "
1890-1891	5.547:000 "	9.366:000 "
1891-1892	7.596:000 "	11.811:000 "
1892-1893	6.541:000 "	11.131:000 "
1893-1894	4.840:000 "	9.277:000 "
1894-1895	6.977:000 "	11.551:000 "
1895-1896	5.969:000 "	10.280:000 "
1896-1897	8.500:000 "	12.767:000 "
1897-1898	7.250:000 "	11.796:000 "
1898-1899	9.445:117 "	13.850:000 "
1899-1900	9.561:445 "	13.941:000 "
1900-1901	11.373:371 "	15.158:000 "
1901-1902	16.270:678 "	19.915:000 "
1902-1903	12.903:504 "	16.745:000 "
1903-1904	11.193:505 "	17.193:000 "
1904-1905	10.597:080 "	15.507:000 "
1905-1906	11.055:378 "	16.306:000 "
1906-1907	20.409:180 "	—

É entre 1880 e 1890 que a producção do Brazil chega a ultrapassar regularmente a de todos os países cafézeiros reunidos.

a 1905 a média elevou-se a 12 milhões e meio. Ora, durante estes trinta annos, o café tinha quasi completamente desaparecido do estado da Bahia; as mais antigas regiões productoras dos estados do Rio e de Minas, e mesmo em S. Paulo as antigas culturas do valle do Parahyba tinham soffrido e encontravam-se já em crise. A febre das plantações reinara, pelo contrario, nas partes ainda novas do territorio de S. Paulo, onde foi particularmente intensa entre 1887 e 1900.

Este movimento de plantação teve causas muito diversas. Primeiro o Brazil atravessou por essa época um periodo de baixa de cambio. A moeda de papel desceu abaixo do par. A quéda começou em 1891, acentuou-se cada vez mais até 1898, em que foi detida pela applicação do Funding-Loan. Pelo mais baixo, o papel não valia em ouro senão a quinta parte do seu valor nominal. A emissão exaggerada do papel-moeda que provocou a baixa do cambio fez conhecer bruscamente ao Brazil a abundante circulação monetaria. Todo este capital de papel foi uma poderosa alavanca para desenvolver a producção brasileira: procurou empregar-se e offereceu-se á actividade nacional; surgiram por toda a parte empresas. O cambio barato creou para o Brazil um regime de protecção intensiva e geral. A agricultura foi por elle favorecida tanto como a industria,

e particularmente a cultura do café que exige grossos capitães.

Em 1899, o Presidente da Republica dizia na sua mensagem: "O excesso de papel-moeda deu a illusão d'uma grande abundancia de capital, e provocou a creação de novos industriaes que é preciso defender com uma pauta ultra-protectora." Alguma coisa d'esta observação se applica á industria cafézeira e pode servir de commentario á historia da valorização. Teremos occasião de vêr como esta questão do cambio se mistura mais tarde com a questão da valorização.

A especulação que consistia em estabelecer, ou mesmo em comprar uma plantação de café, era por 1890 extremamente vantajosa. Os preços de venda do café eram favoraveis, os rendimentos da terra fabulosos. S. Paulo conserva a recordação d'esse tempo, em que cada fazendeiro era um nababo e onde todos queriam ser fazendeiros. É, pois, facil de comprehender porque os paulistas quiseram alargar as suas plantações.

Mas é necessario explicar um pouco mais largamente como isso lhes foi possivel. Na Europa onde todo o solo cultivavel se encontra actualmente occupado, é raro vêr uma cultura desenvolver-se bruscamente; não pode extender-se senão á custa das outras, e isto só constitue por si um poderoso freio e uma es-

pecie de garantia contra as crises da sobre-produção. Na America não succede nada d'isto; a terra é livre e presta-se a uma conquista rapida.

Basta encontrar trabalhadores. Toda a extensão nova de cultura exige, com effeito, que a mão d'obra se multiplique. A cultura progredirá á medida que affluam os braços. A falta d'operarios deveria regular o desenvolvimento das plantações e o seu afrouxamento servir para indicar o momento em que a producção é sufficiente ou em que a cultura deixa de ser vantajosa. Esta especie de regulador natural falta infelizmente em S. Paulo. Se se tivesse deixado á immigração expontanea o encargo d'offerecer os seus braços aos empresarios de plantações, a expansão do café teria sido menos apressada. O movimento d'immigração ter-se-ia desenhado sem duvida, mas com menor intensidade. Seria preciso chamar operarios da Europa, attrahindo-os por meio d'avultados salarios. O custo da producção resentir-se-ia d'isso e as plantações affrouxariam. Em vez d'isto, o governo federal primeiro, e o do estado depois, adoptaram a politica de immigração nas despesas publicas e começaram a recrutar na Europa cohortes de trabalhadores ruraes que puseram á disposição dos fazendeiros.

Dissemos no anterior capitulo com que acti-

vidade incansavel o governo fornecia os operarios que lhe pediam. A abolição da escravatura, exaggerando a falta de braços, contribuiu talvez para fazer adoptar medidas organizando a immigração subvencionada. Mas não se contentaram com substituir os escravos: em 1887 não existiam mais do que 107.000 no estado. De 1887 a 1900 chegaram 900.000 immigrantes de passagem paga. A politica d'immigração parece-me ser uma das causas mais certas da crise actual, e por consequencia um dos factores mais imperiosos da valorização.

Isto, tanto mais quanto é certo que, d'um modo bastante imprevisto, esses operarios vieram a ser os primeiros a fomentar a extensão das plantações. O seu salario na fazenda consiste n'uma quantia fixa em dinheiro á qual se ajunta o producto das culturas de cereaes que lhes permitem fazer no meio dos cafézeiros. Ora, o colono não só vivia d'essas culturas que lhe forneciam a alimentação mas ainda o proprio desenvolvimento de S. Paulo lhes offerencia um mercado vantajoso para tudo o que elle chegasse a produzir além do proprio, e a sua principal preocupação era poder colher abundantemente o seu milho e o seu feijão. Para isso, eram-lhe precisas terras novas, ainda não cançadas por annos ininterruptos de cultura e onde fosse abundante o rendimento das suas sementes; eram-lhe precisos, além d'isso, ca-

fézeiros jovens cujo crescimento não prejudicasse as culturas annuaes.

Por isso é que, desde o principio, os colonos mostraram uma evidente preferencia pelas plantações novas. Todo o fazendeiro era levado a plantar, quando mais não fosse, para satisfazer o seu pessoal. A concorrência entre os trabalhadores que pediam cafézeiros para plantar tornou-se tamanha que os preços baixaram muito n'este genero de trabalho. Plantar acabou por tornar-se para o fazendeiro uma operação absolutamente gratuita. Por 1870 confiava-se ao colono um trato de terra para amanhar. Quatro annos depois, restituía-a ao fazendeiro coberta de cafézeiros em idade de produzirem e que era preciso pagar-lhes a 400 réis cada pé. Trinta annos mais tarde não se pagava mais do que 200 e muitas vezes 100 réis. Por fim, adoptou-se até o systema de deixar a terra durante cinco annos nas mãos do colono, o qual a restituía em seguida ao fazendeiro sem receber d'elle nenhuma indemnisação pelos cafézeiros plantados, não tendo tido por salario mais do que os cinco annos de colheita. As coisas chegaram a tal ponto, que no momento em que foram prohibidas as plantações novas, muitos plantadores se julgaram obrigados a plantar com medo de perder os seus colonos, que iriam procurar nas fazendas vizinhas um trabalho que mais lhes conviesse.

Os fazendeiros augmentavam annualmente o numero dos seus cafézeiros, sem obedecerem a nenhuma razão economica, e uma como que necessidade os levava a aggravar a crise. Em 1902, quando a baixa das cotações datava já de cinco annos, S. Paulo contava 530 milhões de pés de café de mais de quatro annos, e 135 milhões, ou seja a quarta parte, de menos de quatro, quer dizer plantados depois de 1889.

As leis sobre a introducção de immigrants tinham dado este resultado imprevisto, e a acção official tinha tambem a sua parte de responsabilidade nas origens da crise. Não era isto um motivo para que o Poder interviésse uma segunda vez para a resolver?

Para explicar a intervenção do governo de S. Paulo no mercado do café, é necessario tambem comprehender a importancia excepcional da respectiva cultura no estado. N'outro tempo S. Paulo tinha produzido mais do que café: canna d'assucar, algodão; mas tudo recuara havia trinta annos deante do café. Hoje pode avaliar-se em 90 % da fortuna geral o valor das propriedades cafézeiras. O café sustenta toda a gente. Mesmo as industrias estabelecidas, até as outras culturas, não subsistem nem prosperam senão em razão da saída que lhes offerecem os campos que vivem da colheita e as cidades que vivem do commercio do café. Se o café baixa, não é uma classe do

estado que é ferida, é todo o estado; os recursos do estado exgottam-se, torna-se impossivel fazer face ás despezas orçamentaes. O direito d'exportação fornece, com effeito, dois terços das receitas totaes do orçamento. Ora, este direito é proporcional ao valor do café. Segue ás oscillações do mercado. A crise cafézeira provoca, pois, uma brusca redução dos rendimentos do estado. É tanto um perigo publico como uma ameaça para os particulares.

Mais ainda: compromette o equilibrio do Brazil inteiro. Um país como o Brazil, em que existem poucas economias accumuladas, não pode viver, se em cada anno não entrar uma somma d'ouro mais consideravel do que a que sae. É a condição especial para assegurar o serviço regular das obrigações para com o estrangeiro, por que assim o credito do país mantem-se e porque a sua moeda fiduciaria não perde o seu valor. O ouro importado representa o custo dos productos nacionaes vendidos no estrangeiro. Ora, o café constitue, elle só, a maior parte da exportação brasileira, e é o ouró produzido pelo café que permite pagar no estrangeiro tudo o que a industria nacional é incapaz ainda de produzir. Supprimi a exportação do café, e a propria existencia do Brazil é profundamente attingida. A crise do café não é uma questão particular aos estados cafézeiros; interessa ao futuro da União, e é facil compre-

hender como a auctoridade federal foi forçada a intervir tambem na valorização do café.

De 1885 até 1896 vendeu-se o café a preços satisfatorios. Foi o periodo verdadeiramente prospero da lavoura. Os preços eram correntemente 70 francos os 50 kilogrammas, e elevaram-se por vezes até 120 e 130 francos.

A colheita de 1897 foi abundantissima, e o *stock* mundial elevou-se bruscamente a 5 e a 6 milhões de saccas. Houve, então, uma baixa notavel nas cotações, que durou até 1900, em que se fixaram. Entretanto, este primeiro periodo de baixa pouco sacrificou a lavoura. Os annos de 1897 a 1899 foram, com effeito, aquelles em que a depressão do cambio se fez sentir mais; e succedeu que o preço do café, que baixava fortemente quando expresso em ouro, se mantinha pelo contrario muito firme quando expresso em papel brasileiro. Esta circumstancia fez com que os plantadores não sentissem os effeitos da baixa, a não ser com um atrazo de alguns annos: em 1901, quando a producção total do mundo attingia 20 milhões de saccas e quando os *stocks* accumulados se elevaram até á enorme somma de 11 milhões e meio de saccas. Os 50 kilos não valiam mais do que 30 francos. A baixa continuou em 1902 e 1903. Houve, realmente, em 1904 uma pequena alta que ainda mais se accentuou em 1905. Os

50 kilos venderam-se novamente a 40 e 50 francos. Entretanto, foi a custo que os *stocks* se reduziram, e em 1905 existia uma reserva de 11 milhões de saccas, egual a sete decimos do consumo mundial.

É n'estas condições que as noticias que chegaram ácerca da floração dos cafézeiros em outubro de 1905, promettendo para 1906 uma colheita sem precedentes, noticias confirmadas dia a dia pela certeza de que os frios tinham sido evitados e pelo tempo favoravel que decorria, começaram a fazer renascer as inquietações que a alta de 1905 tinha afastado por um momento. Calculava-se com angustia a quanto poderia elevar-se a produção mundial durante os proximos annos; qual a que poderia absorver o consumo; que tempo seria preciso para reduzir os *stocks* resultantes da colheita de 1906. N'estes calculos, analogos aos que tinham sido feitos por occasião da colheita de 1901, havia felizmente a introduzir um novo elemento favoravel aos plantadores de café. Desde 1903 que o governo de S. Paulo tinha prohibido as plantações novas. Foi uma medida de grande prudencia. Comtudo, não devia ter effeitos senão depois d'um periodo bastante longo, porque o café só começa a produzir ao fim de quatro e, muitas vezes, de seis annos. Os cafés plantados em 1902 não deram um grão antes de 1906, e assim se explica que a

colheita de 1906 excedesse muito a de 1902, apesar da limitação das plantações. Foi depois de 1906 sómente que puderam manifestar-se os efeitos da prohibição.

A lei de restricção era um palliativo; evitava apenas o agravamento de crise. Estava, porém, longe de ser uma solução immediata e pensou-se em tomar medidas mais radicaes. É interessante conhecer certas medidas que foram propostas e não levadas á pratica, por que reflectem a atmospherá onde nasceu a ideia da valorização do café e a maneira como ella se elaborou lentamente.

Parece que os primeiros germens d'ella não appareceram em S. Paulo. Em 1902, no momento em que se reconheceu que a baixa provocada pela grande colheita de 1901 não seria passageira, o presidente do estado do Rio propôz aos governos de S. Paulo, de Minas e do Espirito Santo um accordo destinado a levantar as cotações do café. Eis o seu plano. Os quatro estados entendiam-se sobre a fixação d'um preço minimo, em ouro, ao café. Para manter esse preço lançariam sobre os exportadores um imposto igual á differença entre esse preço fixado e a cotação mais baixa notada no mercado. Como consequencia, nenhum negociante teria vantagem em exportar café abaixo da cotação legal, pois que pagaria um imposto tanto mais pesado quanto mais baixos fossem

os seus preços de venda. Com este machinismo tão simples, conseguia-se que a cotação do café nunca descesse abaixo do limite convencionado. O perigo estava no seguinte: não encontrando á venda café ao preço estabelecido pela convenção dos estados, os negociantes deixariam forçosamente de o comprar, os plantadores iriam de mal a peor, por que ficariam reduzidos á situação de não poderem vender as suas colheitas, nem mesmo por baixo preço como anteriormente. Para evitar este inconveniente e para poderem esperar que as cotações chegassem ao nível do preço legal, o governo da União comprometter-se-ia a emprestar a cada productor 20 mil réis por sacca de café, trazida aos seus depositos. Uma emissão de sessenta mil contos devia fornecer os meios necessarios.

Este projecto não teve nenhuma applicação pratica. Foi particularmente discutido e combatido, aliás com muita competencia, pela Sociedade Nacional d'Agricultura do Rio. A sociedade affirmou, primeiro que tudo, que os recursos previstos eram insufficientes; sessenta mil contos não bastavam; teriam de emittir-se cento e oitenta mil. E poderia fazer-se isso na occasião em que precisamente se começava a colher os fructos dos esforços empregados para reduzir a circulação do papel-moeda? Mas a Sociedade d'Agricultura apresentava uma objec-

ção mais grave ainda: demonstrava que offerecendo o estado aos plantadores una subvenção por cada sacca de café depositada em seu poder, affluiria todo aos depositos nacionaes; que d'este modo o estado estabelecia em seu proveito uma especie de monopolio de café. Tornando impossivel aos particulares o commercio do café, teria d'exercel-o elle proprio. Sabería elle exercel-o com vantagem para todos? "Somos em principio, dizia a Sociedade, pelo livre exercicio das funcções sociaes, para as quaes o melhor tonico é a concorrência." Era a profissão de fé de doutrina liberal da Sociedade d'Agricultura. Via utilidade na organização da producção e no desenvolvimento dos syndicatos agricolas. Ficou fiel ás suas ideias, e muitos dos seus membros foram mais tarde, em razão de escrupulos que lhes inspiravam as suas tendencias liberaes converter-se muito lentamente á nova valorização emprehendida em S. Paulo. É muito para notar que no Brazil, onde a opinião é francamente intervencionista, tenha tambem representantes a doutrina liberal.

Mas foi sobretudo em S. Paulo — a questão ali era vital — que a opinião se preocupou a procurar solução para a crise do café, tendo de 1901 a 1906 apparecido sobre este assumpto uma tal profusão de artigos e brochuras, que não é possivel conhecer totalmente e que bastarão para indicar algumas das tendencias que

ali se observam. Uns, constatando que a produção excedia o consumo, concluíam: é necessário desenvolver o consumo. Para isso, aconselhavam uma serie de medidas que se resumim sob este titulo: "a propaganda". Era preciso obter dos governos da Italia e da França a redução dos direitos sobre o café: fazer conhecer na Europa o verdadeiro café: lutar contra as falsificações. — Duvida-se da impopularidade que existe em S. Paulo contra a chicoria. Tornava-se preciso trabalhar, mesmo em Inglaterra e até no Extremo Oriente, pelo triumpho do rival do café, o chá. Vimos em França desenvolver o mesmo systema a proposito da crise do vinho, propôr o alargamento, a todo o custo, d'um consumo que não podia esticar-se mais. Infelizmente, não ha nada menos pratico. As estatisticas provam que o consumo mundial do café augmenta em cada anno d'uma quantidade quasi invariavel, 500.000 saccas approximadamente, e todos os esforços não conseguirão dar a esta progressão uma marcha mais rapida.

Outros renunciavam a tratar do consumo e procuravam, pelo contrario, regular a produção: queriam por exemplo, limitar o numero de saccas que poderia exportar cada fazenda. Propunham mesmo queimar o excesso da colheita, rude sacrificio que se avalia pelas despesas que representa uma sacca de café prompta para embarque.

Um ultimo grupo, enfim, era d'opinião que a verdadeira causa da crise estava na defeituosa organizaçãõ commercial: em logar d'entregarem as suas colheitas aos exportadores, que auferem grandes lucros á custa dos plantadores, deveriam estes formar syndicatos de venda na Europa e na America, e exportarem elles proprios.

N'um unico ponto estavam todos d'accordo: em que os preços no mercado de Santos, longe d'assegurarem uma justa remuneraçãõ ao enorme capital empregado nas fazendas, nem sequer permittiam ao fazendeiro viver em presença de despezas da mão-d'obra, dos instrumentos mechanicos e de transporte, que não é possivel reduzir. Tal é o ponto de partida commum de todos esses estudos onde se encontram, combinados de modos diversos e muitas vezes phantasistas, as cifras que representam a producçãõ annual, o consumo, e tambem esse monstruoso *stock* commercial, espanto do povo paulista. Um outro ponto sobre o qual se encontravam egualmente d'accordo todos os economistas, era que o governo devia interferir; que não devia esperar, em meio dos soffrimentos e da miseria geral, que a selecçãõ natural completasse a sua obra e que a crise vencesse os menos resistentes, deixando em campo sómente os mais fortes.

O governo de S. Paulo não tentou eximir-se

a essa interferencia. Pouco a pouco germinou no espirito d'alguns homens d'estado a ideia do que devia ser a valorização: o estado encarregar-se-ia de comprar o excedente da producção para a conservar fóra do mercado durante o tempo necessario: a reducção dos *stocks* devia forçosamente provocar a alta.

Este novo plano firmava-se sobre o seguinte raciocinio: em primeiro logar é inexacto que a producção mundial seja muito grande, quando se tome por base um anno médio; mas a producção é irregular, e um anno abundante basta para atravancar o mercado, que o *déficit* das colheitas seguintes restabelece nas condições normaes. É mesmo uma lei d'experiencia que a uma colheita muito abundante corresponde, no anno seguinte, uma outra muito fraca. O canção productor dos cafézeiros pode até fazer-se sentir durante dois ou tres annos. Basta, pois, para remediar a crise, pôr de lado o excedente dos annos bons para o entregar ao commercio nos annos fracos. A operação salvará os plantadores; tem-se mesmo o direito de esperar que não seja onerosa para o que a fizer, porque aproveitará tambem da alta.

Em segundo logar, esta especie de sequestro do excedente d'uma grande colheita, é necessario que seja o governo que o faça. Pode contar-se, para o substituir, com a iniciativa particular. Não se deve suppor que cada fazen-

deiro fique com uma parte dos seus cafés em armazem. Os plantadores estão, com effeito, n'uma situação difficil; vivem do credito até á colheita; precisam de a vender logo, para saldarem as suas dividas. Todo o fazendeiro tem como prestamista um agente commercial que serve d'intermediario entre o productor e o exportador e que se chama o commissario, rodagem superflua da machina, a tal ponto se descursa tantas vezes a sua unica razão de ser verdadeira, que é a falta de capitaes do plantador. O commissario é, acima de tudo, um banqueiro. Não figura quasi nunca, quando o fazendeiro possui os fundos necessários para fazer a sua exploração sem recorrer a ninguem.

A data da colheita é a do vencimento dos seus saques, e a venda é para todo o fazendeiro uma necessidade inelutavel. Em algumas semanas, como uma onda irresistivel, os cafés affluem a Santos; a offerta produz-se em desproporção com os pedidos, sem avaliar da situação do mercado. Não seria indispensavel que a auctoridade publica remediasse este mal, procurando intervir no commercio do café, como um regulador?

Havia um perigo grave: a sua intervenção determinar uma elevação dos preços. Ora, esses preços de venda elevados não aproveitariam sómente aos productores brasileiros, mas tambem a todos os concorrentes de todas as re-

giões cafézeiras do globo. A alta seria até, fóra de S. Paulo, um lucro absolutamente gratuito, porque sómente o estado de S. Paulo tomaria a seu cargo os riscos e as despezas da valorização. Não beneficiariam com isto, e por tal motivo, os plantadores de Guatemala ou de Costa Rica, em detrimento dos paulistas? A prova de que em S. Paulo houve esta preocupação, foi a viagem de estudo de que o governo encarregou em 1904 o sr. Augusto Ramos, enviado aos diversos países cafézeiros da America hespanhola, para ali conhecer da situação das plantações. O seu relatório foi publicado no *Relatorio* da secretaria da Agricultura em 1906. Por toda a parte encontrou plantadores tão rudemente feridos pela baixa de preços como em S. Paulo; constatou que sob o ponto de vista physico, todas as vantagens eram a favor de S. Paulo, onde a maturação é mais regular e a colheita menos prejudicada pelas chuvas; que por toda parte a mão d'obra era mais rara do que em S. Paulo e de qualidade mais mediocre; e que, enfim, a propria organização das explorações e os instrumentos de trabalho não attingiam em parte alguma o mesmo grau de perfeição que attingem nas fazendas paulistas. Conclue, dizendo que S. Paulo conservará, seja qual for o preço do café, uma vantagem constante sobre os seus concorrentes mais favorecidos, que os eliminará

pouco a pouco como já tinha começado a fazer, e que não tinha interesse algum em manter o preço do café abaixo de 80 francos. Não se pode exaggarar o alcance d'esta viagem. Persuadiu o governo de S. Paulo de que o negocio era possivel. Foi o *pivot* da valorização.

Tomada a resolução, nada mais era preciso do que pôl-a em prática, e, para isso, encontrar os fundos indispensaveis. Avaliava-se em 15 milhões de libras a somma necessaria. Recebeu-se a offerta de um banco allemão, que se declarou prompto a cobrir o emprestimo sob a condição de que S. Paulo obteria para a operação a garantia da União. O banco tinha a haver como caução dos seus supprimentos o credito do estado de S. Paulo e o do governo federal, ao mesmo tempo. Estes prodromos da valorização datam do fim de 1905.

Seguiu-se um periodo de negociações com as auct•ridades federaes para obter o seu aval. É naturalmente impossivel conhecer os pormenores d'essas negociações, porque estas conservaram-se secretas. O presidente da Republica era n'esse momento o senhor Rodrigues Alves; mas o senhor Penna tinha já sido designado para lhe succeder, e o senhor Rodrigues Alves entendeu-se com elle sobre o objecto d'uma resolução cujos effeitos só interessavam á futura

presidencia. Nada auctoriza a suppor que o projecto da valorização tenha, desde esse momento, encontrado obstaculos tanto por parte do senhor Rodrigues Alves como pela do senhor Penna. Uma lei federal do senhor Rodrigues Alves, auctorizou o Presidente da Republica a entrar em accordo com os estados cafézeiros para regularizar o commercio do café. S. Paulo pôde considerar-se garantido do exito. Não se duvidou de que a União concedesse aos emprestimos necessarios a garantia que os banqueiros exigiam, e tratou-se de passar a actos. O presidente de S. Paulo convocou para Taubaté os presidentes dos outros grandes estados cafézeiros, Minas e Rio, e da entrevista resultou, em 25 de fevereiro, a publicação do celebre acto que determinava as condições em que a valorização ia ser tentada, e que é conhecido pelo nome de «*Convenio* ou convenção de Taubaté».

Cito os artigos essenciaes:

Art.º 6. — Os estados obrigaram-se a crear uma sobretaxa de 3 francos por sacca de café exportada de cada um d'esses estados, e tambem a manterem as leis que n'elles combatem. . . o augmento das superficies plantadas de café, durante dois annos, no fim dos quaes a convenção poderá ser prorogada.

Art.º 7. — O producto da sobretaxa paga pela exportação será arrecadado pela União e

destinada ao pagamento do juro e amortização dos capitães necessários ás operações.

Art.º 8. — Para a execução d'esta convenção, fica o Estado de S. Paulo desde já auctorizado a agenciar no interior ou no exterior, com a garantia da sobretaxa de 3 francos e a responsabilidade solidaria dos tres estados, as operações de credito necessarias até ao capital de 15 milhões de libras. No caso em que seja necessario o endosso ou a garantia da União para estas operações de credito, observar-se-hão as disposições da lei federal de 30 de dezembro de 1905 (a que auctorizava a União a conceder esta garantia.)

Tal é a forma da convenção de Taubaté. O *Jornal do Commercio*, do Rio, irreconciliavel adversario da valorização, fez-lhe severa critica: "Os estados cafézeiros, — diz elle, — parecem exigir esta garantia federal, que aliás a União pode, conforme a lei de 30 de dezembro de 1905, recusar ou conceder." Mas o que sobretudo provocou a irritação do *Jornal do Commercio* foi que a convenção tivesse ligado á solução da crise cafézeira uma outra medida, de natureza muito diversa: a creação da "Caixa de Conversão."

O art.º 8 da convenção, depois de fixar a cifra de 15 milhões de libras ao emprestimo a fazer, acrescenta, com effeito: O producto d'este emprestimo será empregado como re-

serva na caixa d'emissão e de conversão que será creada pelo congresso nacional para a fixação do valor da moeda. O producto de emmissão sobre este fundo será empregado na valorização do café.»

N'outra parte estudei o machinismo da Caixa de Conversão. É certo que a propria forma como o convenio propusera o estabelecimento da caixa, se prestava a criticas; e o *Jornal do Commercio* não as poupou. "Tinha, pois, a convenção esquecido os principios da constituição brazileira, não tinha ella pensado em que só os poderes federaes poderiam legislar em materia monetaria? E como é que tres estados podiam intitular um tratado feito entre elles:—convenção entre os estados de Minas, Rio e S. Paulo para valorizar o café—. . . e crear uma Caixa de Conversão para fixar o valor da moeda?"

Para se defender d'esta censura d'inconstitucionalidade que, n'um país tal como é o Brazil, produzia effeito sobre a opinião, tinha, entretanto, S. Paulo uma desculpa. Os representantes de S. Paulo em Taubaté, desejosos de vêr realizado o seu projecto de valorização, teriam tido a prudencia de se desembaraçar do pesado programma da Caixa de Conversão, se julgassem que esta parte das suas ideias encontrava opposição entre as auctoridades federaes. Muito pelo contrario, a ideia da Caixa

de Conversão nada mais fôra para elles do que um meio de que se serviram para obter do senhor Penna o indispensavel apoio. O senhor Penna é que fôra em Taubaté o mais activo defensor da Caixa de Conversão, aquelle que mais trabalhára para accrescentar esta clausula supplementar ás clausulas primitivas da valorização. Ligou-se á valorização, menos pelo cuidado que lhe merecia a questão café-zeira, do que por aproveitar uma boa occasião de crear a Caixa, na qual via a mola real da reorganização financeira do Brazil. O accordo fechou-se sobre estas bases: S. Paulo encontrou ali a dupla vantagem de realizar um projecto que lhe era querido e d'obter do senhor Penna um apoio indispensavel. Assim se explica essa audaciosa tentativa de legislar sobre questões financeiras por cujo risco o *Jornal do Commercio* censura o convenio.

O presidente de S. Paulo, o senhor Tibiriça, esperava, pois, alcançar para o convenio a sancção da auctoridade federal. Em 2 de março, dirigiu ao Presidente da Republica uma carta, em que lhe pedia para reunir o congresso federal em sessão extraordinaria, afim de proceder á votação de medidas urgentes que a realização do plano de Taubaté exigia — a Caixa de Conversão e a valorização do café.

O senhor Rodrigues Alves respondeu em 12 de março que, préceituando a convenção no

seu art. 8, que o estado de S. Paulo faria operações de credito até á somma de 15 milhões de libras, a qual devia servir de base a uma Caixa de Conversão que seria creada pelo congresso nacional para fixar o valor da moeda... a convenção esquecera o seu character regional e devia ser submittida á approvação do Congresso nacional; que o que estava a dentro do programma sobre a propaganda do café, sobre o desenvolvimento do consumo, etc... um certo numero d'idéas podiam ter applicação immediata, e que, finalmente, o congresso não seria convocado em sessão extraordinaria. Esta carta causou em S. Paulo uma grande desillusão.

Parece que, a partir d'este momento, o senhor Rodrigues Alves se reunira á fracção da opinião, que era hostile á valorização. Os adversarios d'esta eram com effeito poderosos. Tinham por si, não só o *Jornal do Commercio*, mas ainda a immensa auctoridade de Lord Rothschild, que se pronunciava severamente contra os projectos dos paulistas, ou porque considerava a valorização como uma aventura arriscada, ou porque era sobretudo hostile á creação da Caixa de Conversão. Como quer que seja, os partidarios da conversão tinham d'haver-se com uma opposição séria e numerosa.

Em S. Paulo, a noticia da conversão havia

sido acolhida com entusiasmo. Nos estados do Rio e de Minas, a opinião era menos unanime; na propria cidade do Rio dominava a inquietação. Falava-se do crédito do Brazil, pacientemente levantado por um trabalho de cinco annos, e compromettido imprudentemente; avaliava-se com ancidade o numero de saccas a comprar para obter uma alta sensivel. O *stock* mundial, antes da colheita de 1906, elevava-se no mês de junho a 12 milhões de saccas. A producção dos outros países cafézeiros seria de 4 milhões. Estes 16 milhões bastavam para o consumo d'um anno inteiro. Seria preciso comprar toda a collheita de S. Paulo, de Minas e do Rio? Ao lado d'estas sérias objeções, outras polemicas se travaram, mais asperas e, muitas vezes, menos sensatas. Garantia-se que os proprios plantadores não ganhariam para a valorização mais do que um imposto superior a 3 francos por sacca; discutiam-se os exemplos d'operações analogas, e abundavam as provas de que a tentativa de S. Paulo era mais arriscada ainda. Eu proprio pude, encontrando-me no Rio, em agosto de 1907, no momento em que já tinha passado o periodo critico, recolher os vestigios ainda numerosos d'este movimento d'opinião hostile á valorização.

No começo de junho, a avultada colheita ia começar. O presidente de S. Paulo, compre-

hendendo que a conversão não tinha possibilidade de realizar-se nos seus precisos termos, introduziu-lhe importantes modificações. "Se as operações de crédito, conforme o novo texto, forem realizadas pelos tres estados, sem o endosso nem a garantia da União, a sobretaxa de 3 francos por sacca será arrecadada pelos estados. Se não fôr creada a Caixa de Conversão, os estados poderão applicar directamente o producto dos empréstimos á valorização do café. Além d'isto, as pretensões tornavam-se cada vez mais modestas. Em fevereiro, resolveu-se manter uma cotação minima de 55 a 60 francos por sacca. Em junho já se não falava senão em 50 ou 55 francos.

O Congresso nacional acabou por approvar a convenção, reservando tudo o que dizia respeito á Caixa de Conversão, quer dizer, ao empréstimo, os meios praticos. S. Paulo devia renunciar á esperança, que havia tanto acalentava, d'obter o endosso da União. Era, recordavam-se d'isso, a condição requerida para o empréstimo pelo banco com o qual S. Paulo tinha negociado. Intimidado, sem duvida, pela ardente campanha lavantada contra a valorização, esse banco retirou a sua proposta.

Tal era, pois, pelo mês d'outubro de 1906, a situação do estado de S. Paulo. Faltavam-lhe os fundos para metter mãos á obra. A convenção de Taubaté e suas modificações posteriores

pareciam não dever ser máis do que declarações platonicas. E no entanto, no momento mesmo em que toda a acção parecia impossivel, a intervenção tornava-se mais necessaria do que nunca. ● convenio enchera os plantadores d'esperanças, e cada um, na medida das suas forças, tinha conservado cafés que estava agora inquieto por lançar no mercado. E sobretudo, de todos os lados, chegavam dados precisos sobre a abundancia extraordinaria da colheita que se estava fazendo; ultrapassava todas as previsões. Nunca se tinha dado o caso das noticias d'uma boa colheita provocarem assim o espanto: já se atravancavam as vias férreas que serviam o porto de Santos. As cotações que, em fevereiro, no momento da convenção, estavam ainda a 6 francos os 10 kilos para o typo 7 baixaram rapidamente; era, para a producção paulista, a ruina immediata.

N'estas circumstancias, o governo de S. Paulo demonstrou uma grande decisão. Empreheu elle só a obra, de cuja responsabilidade não tinha conseguido fazer partilhar a União. Tal como foi executada, a valorização do café não se parece senão muito vagamente com o plano convencionado em Taubaté. Convém não perder de vista que ella nada mais foi do que um expediente. Unicamente o fim é que é o mesmo; os meios muduram. Na mediocri-

dade d'esses meios é que estava o maior perigo. A tentativa devia proseguir até ao fim, sob pena de ser fatal.

Para operar as suas compras de café, S. Paulo obtinha da casa Schröder, de Londres, e do City Bank, de New York, um empréstimo de tres milhões de libras. S. Paulo dispunha, pois, não de 15 milhões de libras, como tinha previsto o convenio, mas da quinta parte d'essa somma. Para augmentar as compras usou-se do processo seguinte: O estado entendeu-se nos mercados estrangeiros com commerciantes que lhe adeantaram até 80 0/0 do preço dos cafés comprados, sob condição d'elles serem depositados nos seus entrepostos. O café encontrou-se, pois, empenhado por quatro quintas partes do seu valor. S. Paulo pagou por cada sacca a quinta parte do seu preço, o resto foi lançado em seu nome por terceiros que conservavam o café em si, como garantia do seu crédito sobre o estado. Quanto ao empréstimo externo de 3 milhões de libras, estava garantido pela sobretaxa de 3 francos por sacca, arrecadada na exportação. Em dezembro de 1906 organizou S. Paulo effectivamente a cobrança da sobretaxa em Santos, e em janeiro de 1907 conseguiu obter que ella fosse paga tambem no porto do Rio pelos cafés procedentes de Minas ou do Estado do Rio.

As compras de cafés fizeram-se primeiro

moderadamente. No fim de 1906, ainda o estado não possuía mais do que 2.500:000 saccas. Mas á medida que se verificava que a colheita de 1906 tinha sido superior á média, resignaram-se a continuar as operações, que acabaram por accumular nas mãos do governo de S. Paulo o enorme *stock* de 8 milhões de saccas. A casa Théodor Wille foi encarregada de effectuar as compras.

Ellas proseguiram, não sem difficuldades. O governo não queria por nenhum preço, e ainda menos os negociantes que recebiam o café como garantia dos seus supprimentos, comprar cafés de qualidade inferior, cuja collocação se tornasse difficil mais tarde. A comissão de compras eliminou tambem os typos inferiores, e em 2 de janeiro de 1907 a casa Wille declarava publicamente que estava auctorizada a comprar, por dia, 15:000 saccas de café do typo 7, quer dizer, da qualidade superior á média.

Esta medida insurgiu contra a valorização todos os fazendeiros que possuíam cafés inferiores. A agitação recommçou. Affirmou-se que S. Paulo tinha querido favorecer os paulistas, cujos cafés são, em geral, de typos superiores, isto é, á custa dos plantadores de Minas e do Rio, que obtinham as mais das vezes um producto mediocre; reclamou-se que os cafés de Minas e do Rio, insufficientemente prote-

gidos, fossem desaggravados da sobretaxa de 3 francos que havia sido lançada sobre elles como sobre os cafés de S. Paulo. Abriram-se negociações entre S. Paulo e o governo federal, para cuja presidencia o senhor Penna tinha entrado em novembro de 1906. Resolveu-se que o Banco do Brazil emprestaria seis mil contos de réis a S. Paulo para a compra de cafés inferiores dos typos 8 e 9. Era uma satisfação dada aos plantadores não paulistas; era também a primeira manifestação das boas disposições do novo presidente ácerca da valorização.

Não deviam ellas ficar n'isto; desde aquelle momento, a União procurou obter, graças ao seu crédito, os fundos necessarios a S. Paulo para a execução integral da valorização. Fez, junto de Lord Rothschild, tentativas que não foram felizes, por que foi então, em resposta á deligencia empregada para obter d'elle um emprestimo de 5 milhões de libras, destinado a concluir a valorização, que este banqueiro publicou a famosa carta que todo Brazil leu com espanto, e na qual declarava não poder comprometter a sua casa em similhante aventura.

O periodo da valorização ácerca do qual ha menos informações é o que vai de fevereiro a junho de 1907, em que o presidente de S. Paulo declarou oficialmente terem terminado as com-

pras. As compras cessaram n'este periodo, n'uma data que não é possível precisar. É evidente que, contribuindo as compras officiaes para manter as cotações, a noticia da sua interrupção devia ter por consequencia uma nova baixa, e que o governo de S. Paulo, usando de todos os seus recursos para lutar contra ella, não tinha interesse algum em tornar logo conhecida a sua retirada do mercado. Interrompeu, decerto as suas compras prematuramente, quer dizer, antes de ter conseguido travar a baixa. Esta durou, com effeito, os seis primeiros meses de 1907, o que dá a medida do irreparavel desastre que se produziria, se não apparecesse no mercado o inesperado comprador que foi o estado de S. Paulo. S. Paulo deteve-se por falta de recursos, victima da maneira apressada como foi forçado a improvisar, elle só, a valorização. Fez tudo para impedir a baixa, até tomou medidas d'excepção quando, depois d'exgottados os fundos para as compras officiaes, os cafés continuaram a affluir a Santos. Garante-se que houve um momento em que, por instrucções recebidas do alto, as companhias dos caminhos de ferro suspenderam ou, pelo menos, demoraram os transportes de café, do interior para a costa.

Finalmente, em junho de 1907, S. Paulo achava-se proprietario de cerca de 8 milhões de saccas de 60 kilos. Estes cafés comprados

á cotação do dia, saíam-lhe em média a 42 francos e 50 os 50 kilos, quer dizer, saíam-lhe por um total de mais de 400 milhões de francos. Á conta d'esta importancia tinham-lhe permittido pagar pouco mais ou menos a quarta parte os empréstimos contrahidos nos bancos estrangeiros e no banco nacional. O resto tinha sido fornecido pelas casas que effectuaram as compras por conta do estado e se achavam garantidas com warrants sobre os cafés armazenados no Havre, em Anvers, em Hamburgo, etc. O café comprado a 42 francos e 50 os 50 kilos não valia no Havre mais do que 36 francos 50, quer dizer uma liquidação importaria para S. Paulo a perda liquida de 6 francos por sacca. Peor ainda, porque é facil de vêr que as perdas não se limitariam a isso e que a liquidação era verdadeiramente impossivel. A cotação de 36 francos 50, não se manteria, a não ser que ficasse fora do mercado o *stock* do estado de S. Paulo. S. Paulo encontrava-se n'esta situação extraordinaria: os seus cafés só valiam 36 francos 50, sob a condição de não serem postos á venda: por consequencia, de boa ou má vontade, tinha de os conservar.

Todavia para que isso fosse possivel, S. Paulo devia estar em condições de satisfazer a todas as despesas correspondentes ao juro dos empréstimos contrahidos para a valorização e dos

supprimentos feitos pelas casas que tinham realizado as compras, ao custo da armazenagem do café, etc.; em summa, habilitado a satisfazer uma somma que é impossivel indicar com precisão, mas que se avaliou em cerca de 50 milhões de francos por anno, cifra enorme para um orçamento como o seu.

Era, pois, muito difficil encontrar recursos para consolidar a valorização, mas S. Paulo deu-se ao encargo de os procurar. Obteve primeiro dos capitalistas, aos quaes o estado arrendou o caminho de ferro da Sorocabana, um avultado adeantamento de 2 milhões de libras, destinado á valorização ⁽¹⁾.

O presidente de S. Paulo recommençou tambem as suas tentativas para collocar a empresa sob a protecção da União, e solicitou d'ella um emprestimo de 3 milhões de libras. Era voltar, por uma fórmula reduzida, ao plano de Taubaté, segundo o qual o governo federal devia prestar aos estados signatarios o apoio do seu crédito para obterem o emprestimo de 15 milhões de libras. A pedido do senhor Tibiriça, abriu-se no Rio uma ultima discussão sobre a valorização; a sua causa foi ardentemente advogada; fez-se acreditar que os ris-

(1) A exploração d'este caminho de ferro, pouco tempo antes resgatado pelo estado, foi concedida a um syndicato franco-americano.

cos para a União eram fracos, visto que se não tratava já senão da quinta parte do empréstimo primitivo, e, sobretudo, accrescentou-se que, á parte a protecção desinteressada — e tinha sido grande! — que S. Paulo devia aos seus plantadores e a União a S. Paulo, o negocio talvez não fosse mau. As noticias da colheita de 1907, começaram effectivamente a chegar; era claramente má, e pouco a pouco averiguou-se que em S. Paulo ella seria apenas superior a um terço da colheita anterior, ou seja 5 milhões de saccas. Assim como em 1906 se recebiam com terror as notas sobre a abundancia geral da colheita, em 1907, espiava-se com uma especie d'esperança todos os signaes do canção dos cafézeiros. As previsões dos economistas que asseguravam que um anno bom é compensado por um mau anno e que, para salvar os plantadores, nada mais é preciso do que conservar os cafés do anno d'abundancia para os vender no anno d'escassez, pareciam realizar-se.

Foi esta colheita escassa que restabeleceu a confiança, que deteve a baixa, que obteve do congresso federal o voto do empréstimo a favor de S. Paulo e, sem duvida, tambem que decidiu Lord Rothschild a encarregar-se de collocar o empréstimo federal que devia assegurar a liquidação da valorização.

A colheita de 1907, sensivelmente inferior

ao consumo mundial, reduziu levemente os *stocks*. Em maio, em junho de 1908, antes da chegada a Santos dos primeiros cafés da colheita de 1908, a alta tão desejada deu-se emfim, e a cota de 45 francos foi attingida. Houve mesmo em alguns mercados falta absoluta de cafés de qualidade superior, de que o governo de S. Paulo detinha todas as reservas. A firmeza das cotações parecia tal que os directores da valorização poderam vender por um preço satisfatorio algumas centenas de mil saccas que muito reduziram o pesado fardo do estado de S. Paulô. No entanto, a especulação hesitava em comprometter-se, na incerteza das decisões que S. Paulo tomaria. As cotações recuaram até 40 francos, e a valorização suspendeu todas as vendas officiaes e resolveu esperar os resultados da colheita de 1908. Será entregue ao commercio nos ultimos meses de 1908 e não poderá calcular-se com precisão senão no começo de 1909. O Brazil espera que ella seja ainda escassa e que facilite a liquidação do *stock* immobilizado nas mãos do estado de S. Paulo. Foi avaliada d'antemão, para S. Paulo sómente, em 8.000:000 saccas. Mas o numero de pessoas interessadas em que ella seja fraca é muito grande para que o calculo sáia certo.

Como quer que seja, parece ter havido na Europa, pelo que respeita á valorização, inquietude

tações exaggeradas. S. Paulo dispõe actualmente de recursos sufficientes para retardar a liquidação do seu *stock* e para ter a certeza de o vender em termos que lhe convenham. Se é impossivel ainda avaliar dos resultados definitivos da valorização e dos encargos que ella trará para as finanças de S. Paulo, será pelo menos illogico apreciar o governo de S. Paulo como um negociante ordinario, e a valorização como um negocio normal. Os homens d'estado que o emprehenderam teem apenas em vista: — salvar a grande cultura cafézeira. Se conseguirem attingir este fim, nenhum sacrificio terá sido mais pesado.

A classe dos plantadores, que a valorização intentava salvar da ruina, sustentou fielmente o governo de S. Paulo. A colheita de 1906 tinha sido tão abundante que apesar do baixo preço porque foi vendida, deixou lucro aos fazendeiros. Esse lucro representa o que os fazendeiros devem á valorização: foi ella que permittiu a saída normal de todos os cafés d'esse anno. O anno de 1907 foi muito mais duro. Os preços foram um pouco superiores aos de 1906; mas cada fazendeiro tinha colhido cerca de tres vezes menos, e muito poucas fazendas conseguiram cobrir as despesas feitas. Comtudo, os plantadores não desanimaram. Aceitaram sem protesto a sobretaxa de 3 francos por sacca. Tiveram plena confiança no governo

que não hesitou em comprometter arriscadamente o proprio crédito para lhes salvar os interesses. A eleição á presidencia do estado do senhor Lins, ministro da fazenda, o grande obreiro da valorização, indica bem as tendencias da opinião paulista.

Que se deve esperar das proximas colheitas? A de 1906 terá verdadeiramente tocado o apogeu da producção brasileira? Se continuasse a augmentar, a valorização nada mais seria do que um golpe em falso. Em S. Paulo, procurou garantir-se o futuro, renovando por cinco annos a lei que prohibe as plantações novas. O numero de cafézeiros não pode pois augmentar; accrescente-se que todos os que tem sido plantados em terras mediocres, ou que não são sufficientemente cuidadas, envelhecem depressa e produzem menos. Fóra de S. Paulo, nos estados em que não foi decretada a limitação das plantações, continua-se a plantar. Qual é a extensão d'essas culturas novas? A resposta a esta pergunta encontrámol-a n'um relatorio apresentado á secretaria da fazenda do estado de Minas Geraes pelo engenheiro Carlos Pratas, encarregado de inspecionar a zona meridional de Minas, onde estão limitadas as fazendas de café. Segundo um calculo muito preciso, municipio por municipio, da superficie occupada pelas plantações novas, conclue que não é ella certamente superior á das plan-

tações abandonadas: o numero dos cafézeiros de menos de tres annos pode, diz elle, ser avaliado em um decimo sómente do numero total; e é preciso vêr n'essas plantações continuas, não uma extensão de culturas, mas a consequencia de uma necessidade em que se vêem os fazendeiros de Minas, de renovar continuamente as plantas, em razão da natureza das suas terras e da mediocridade da mão d'obra negra que elles ali empregam.

Como admittir, além d'isso, que as plantações possam continuar a desenvolver-se, se verdadeiramente as cotações interdizem aos plantadores qualquer lucro? Tal é com effeito o postulado sobre o qual se levanta o edificio da valorização. Seria inutil discutir aqui os calculos que os economistas de S. Paulo accumulam para demonstrar que as despesas da cultura excedem, ou egualam pelo menos, o preço de venda de café. A sua sinceridade é tão incontestavel como a sua profunda experiencia da lavoura.

Um unico perigo subsiste: é que não tenham previsto uma reforma radical da organização actual da industria cafézeira; os seus estudos relacionam-se exclusivamente com as condições actuaes da grande cultura. Se a pequena propriedade se estabelecesse um dia em S. Paulo, não conseguiria ella fazer baixar as despesas da producção do café? A pequena proprie-

dade tem recursos desconhecidos da economia e forças secretas para resistir ás crises. A valorização poderia não ter servido os verdadeiros interesses do estado, se chegasse a retardar ou mesmo a impedir uma resolução economicamente vantajosa da organização agrícola de S. Paulo.

Tal é, na minha opinião, a objecção mais grave que ha a fazer á valorização. Mostrei no capitulo precedente como a cultura cafézeira estava estreitamente ligada a S. Paulo pelo regime da grande propriedade. A politica d'immigração gratuita ajudava a grande propriedade a estabelecer o seu dominio; é ainda a grande propriedade que a valorização soccorre.

Com o proteccionismo ha sempre este perigo: julga-se proteger a nação e protege-se na realidade uma classe.

CAPITULO X

A colonização no Paraná

Formação d'uma democracia rural no sul do Brazil. — A pequena cultura. — O isolamento das colonias. — Historia da colonização do Paraná. — As colonias em redor de Curitiba. — A colonização d'Oeste. — Uma visita aos colonos polacos do Rio Claro. — O mate. — O caminho de ferro de S. Paulo ao Rio Grande.

Em frente da aristocracia paulista, a imigração europêa tende a crear, nos estados meridionaes do Brazil, no Paraná, em Santa Catharina e no Rio Grande, uma sociedade muito differente, uma democracia rural de pequenos proprietarios. Creou-se ali uma cidade sobre principios d'uma egualdade perfeita, pois que, sendo ainda embryonarias a vida urbana e a industria, o solo constitue o unico capital, e este capital está nas mãos d'aquelles cujo trabalho o torna productivo.

Ao lado de S. Paulo ou do estado de Minas, ou das velhas regiões assucareiras de Campos e de Pernambuco, o Paraná, Santa Catharina e o Rio Grande são terras novas. Não existia

ali uma antiga população rural que pudesse fornecer quadros ao exercito dos immigrantes; a terra offereceu-se a elles livremente. Muitas vezes não era mesmo possuida, e, não tendo ninguem direitos sobre ella, classificava-se na cathegoria das terras devolutas, quer dizer, terras do imperio, que se tornaram depois da revolução terras dos estados. Mesmo nas terras particulares os direitos de propriedade eram frequentemente incertos e quasi fictícios. Os proprietarios não exploravam os seus domínios; ás vezes nem mesmo os visitavam; conheciam-lhes vagamente os limites e não exerciam sobre elles vigilancia alguma.

Não existiam grandes plantações agricolas: portanto não haviam escravos. Em S. Paulo, a mão d'obra branca foi a principio chamada para substituir a mão d'obra negra; e o trabalho livre encontrou-se, durante muito tempo, em presença do trabalho servil. No sul, os colonos desconhecera a escravatura. A lei de 1851 pela qual a provincia do Rio Grande organizou a colonização no seu territorio, prohibiu a entrada de escravos nos districtos coloniaes. Em 1881, no momento em que a escravatura agonizava no Brazil, quando o recrutamento dos negros se tornava cada vez mais difficil e os raros plantadores de S. Paulo, rebeldes ao principio do trabalho livre, não tinham outro recurso senão comprar os negros

no norte do imperio, discutiu-se na assembléa principal do Paraná se conviria ou não prohibir a importação de escravos na provincia. Similhantes precauções eram superfluas. Não foram leis nem regulamentos que evitaram, aos primeiros colonos das provincias meridionaes, a concorrência de escravos. A escravatura não podia estabelecer-se de modo nenhum em terras onde a grande cultura era desconhecida. E nem entrou ali depois. Julgou-se por um momento, em 1895, na época da expansão do café, que a grande cultura paulista, transpondo a fronteira, invadiria uma parte do estado do Paraná, e pelo menos o alto valle do Paranapanema, limitrophe de S. Paulo; mas a crise deteve-lhe os progressos, e o dominio da pequena propriedade no Brazil meridional não foi cerceado.

Em S. Paulo uma cultura de exportação creára a grande propriedade. As colonias do Brazil meridional não conheceram, pelo contrario, pelo menos no principio, nenhuma cultura de exportação, e praticaram quasi exclusivamente as culturas alimentares. A bondade do clima, com as suas temperaturas médias e as suas chuvas regulares, permittia a uma população laboriosa tirar do solo a sua subsistencia. Mas toda a producção tinha de ser consumida no local. Isoladas n'uma região florestal, onde as communicações eram difficeis e

demoradas, faltando os meios de transporte, as colonias tiveram de viver de si mesmo: as suas relações com o resto do mundo eram raras, nullo o seu movimento economico.

Nada mais frisante do que o contraste que forma com a sua historia a colonização das planicies vizinhas da Argentina. As colheitas da Argentina são expeditas, logo que feitas, para Rosario e para Buenos-Ayres, onde as embarcam para os portos de Inglaterra e da Allemanha. O mercado mundial absorve-as facilmente. Cada immigrante cultiva resolutamente tanta trigo quanto elle possa ceifar. Cada nova via-ferrea semeia colonias. O commercio dos cereaes cria e vivifica a colonização. Nada d'isto succede no Brazil. A existencia ali dos colonos lembra muito a que tinham, no seculo xvii, os pioneiros da Nova Inglaterra; mas os cultivadores da Nova Inglaterra sustentavam-se na sua miseravel condição economica pelo ardente desejo que tinham de liberdade religiosa. No Brazil a colonização foi, pelo contrario, um empreendimento official. As colonias foram uma a uma fundadas pela vontade tenaz do governo brasileiro.

A sua obra prosperou lentamente, no meio de difficuldades sem numero. Por menos delicadas que se supponham, familias humanas não podem viver, no seculo em que estamos, sem alguns recursos em dinheiro liquido, que

lhes permittam comprar o que os seus campos não dão: sal, petroleo, fato. As colonias viviam bem para si; todavia era preciso crear-lhes um mercado, por muito restricto que fosse; era preciso facilitar-lhes a venda d'uma parte modesta das suas colheitas. Falta que ellas deviam sentir e que havia de durar emquanto justamente não obtivessem o auxilio official. A empresa foi ardua. Não bastava sómente levar homens; era preciso resolver em muitas occasiões o problema de assegurar o consumo dos productos das colonias. A preocupação de crear centros urbanos andou sempre junta á de povoar a floresta. A colonização caminhou passo a passo; o estado tornou-se gradualmente um organismo cada vez mais complexo.

Passei em fins de 1907 algumas semanas nas colonias do Paraná. A colonização no Paraná é de origem recente; a historia das colonias é breve, reconstitue-se facilmente.

Em meados do seculo XIX, na occasião em que o Paraná foi destacado da provincia de S. Paulo, a sua população comprehendia ao todo algumas dezenas de milhares de pessoas aggrupadas na vizinhança da costa ou espalhadas pelo interior, em terras cuja superficie excede a metade da da França. O movimento colonial não se esboçava ainda, apenas um medico francês, dotado — parece — mais de espi-

rito aventureiro que de prudencia, se estabeleceu com alguns compatriotas no meio das florestas, na margem do Ivahy, n'uma solidão inacessivel: foi a guarda avançada da colonização.

Em 1885, assignala-se a affluencia expontanea de cultivadores procedentes das colonias allemãs de Santa Catharina. Avançaram pouco a pouco, do sul para o norte. Invadiram primeiro o valle do Rio Negro, vizinho da sua base, depois animaram-se. Chegavam á pequena cidade de Curitiba, capital da nova provincia, em demanda de terras. Iam de D. Francisca, de Joinville, quer dizer, da região costeira de Santa Catharina, onde a população allemã se tinha rapidamente multiplicado. Foi a primeira vez que tive occasião de constatar o extraordinario poder d'expansão d'estas populações coloniaes. Encontram-se em cada pagina da historia da colonização no Brazil; não é privilegio da raça allemã; colonias polacas e italianas teem feito á roda de si rapidas e estupendas conquistas. A fecundidade das familias de colonos é espantosa, e a hereditariedade parece affirmar as aptidões necessarias ao rude mister que é a colonização. Todavia o movimento de colonização allemã deteve-se; enriquecendo-se, os allemães abandonaram a agricultura. O Paraná conta hoje, sobretudo em Curitiba e em todos os outros

centros também, uma forte população allemã, inteiramente originaria de Santa Catharina; esta população, porém, vive de commercio, deixou para outras o trabalho da terra.

Assim como os allemães que se estabeleceram no Paraná de 1850 a 1870 não iam directamente da Allemanha, mas do estado de Santa Catharina, assim também os franceses, que tomaram parte na colonização do Paraná não foram de França, mas da Algeria. Não desempenharam na historia do Paraná papel nenhum essencial, e se os cito é apenas pela deferencia que deve haver entre compatriotas. Chegaram, em numero de cem approximadamente, por 1868 e 1869, e fixaram-se nos arredores de Curitiba, onde lhes distribuiram lotes. Estes algerianos deram, parece, ás auctoridades graves cuidados; estavam descontentes e as reclamações choviam. Dois principalmente, Louis Huet e Eduardo Imbert, eram intrataveis. Os relatorios dos presidentes da provincia davam ás discussões d'elles com o governo a importancia de negocios d'estado. Os pormenores são muito interessantes: reconhece-se ali o character da nossa raça, apaixonado pelo direito e muitas vezes pela chicana. Fertil imaginação juridica, Huet não inventou, para obter dois lotes em vez d'um, que estava separado de pessoa e bens de sua mulher, e que portanto esta tinha direito a uma outra concessão. Os alge-

rianos foram no Paraná os primeiros viticultores; mas ou porque as terras fossem más ou os cultivadores inhabeis, a colonia algeriana não prosperou. Um pequeno numero de lotes conserva-se hoje entre as mãos dos descendentes dos colonos primitivos. Quando uma companhia franceza emprehiendeu a construcção da primeira via-ferrea do Paraná, e organizou o seu serviço, os franceses que se encontravam no estado, agruparam-se em volta d'ella, como em volta d'uma poderosa protectora. Em mais d'uma estação se ouve ainda falar francês, mas o elemento francês tem desaparecido quasi inteiramente da população rural.

Véem em seguida colonos de todas as nacionalidades, alguns americanos do norte, alguns biscainhos e uma maioria d'italianos que procuram estabelecer-se na planicie costeira, á beira da bahia do Paranagua e ao pé da Serra do Mar. O centro d'essas novas colonias foi a pequena cidade de Morretes. Disse algures de que maneira a serra do Mar separa duas regiões physicamente differentes e desegualmente propicias á colonização; a planicie tropical entre ella e o mar, e o planalto temperado sobre a sua vertente interior. Entretanto, no Paraná, a colonização d'ao pé da serra não se malogrou completamente. Teve sómente inicios muito difficeis e a população não augmentou. Mas encontram-se ainda em volta de Morretes fami-

lias italianas que se occupam na cultura da canna d'assucar. É, creio eu, um dos raros pontos do mundo onde a cultura da canna é feita por brancos.

Em 1880, apesar dos rendimentos da cultura da canna, uma parte dos colonos de Morretes, fortemente experimentados pelos calores humidos da costa, deixaram as suas terras, e sem apoio official foram fixar-se nas que compraram perto de Curitiba; segundo o costume dos italianos, empregaram-se como operarios na construcção da linha do caminho de ferro de Paranagua a Curitiba; tiveram assim occasião d'observar como era superior á sua a condição dos novos colonos que o governo acabava d'estabelecer em volta da cidade, e quizeram a sua parte das vantagens que a vizinhança da capital lhes assegurava. Uma das maiores aldeias da corôa de colonias prosperas que cinge hoje Curitiba, é povoada d'italianos idos de Morretes. É a parochia de Santa Felicidade.

Curitiba não passava então d'uma pequena cidade; a sua população urbana não devia exceder 10:000 habitantes. Era, não obstante, havia muito, o centro mais importante do Paraná, o unico mercado, e, por este motivo, devia exercer uma grande attracção sobre a colonização. Entretanto, depois que a colonia d'algerianos perto de Curitiba, quasi se malograra, todos os esforços do governo se concentraram na região

do littoral. O primeiro que comprehendeu o partido que se podia tirar de Curitiba para lhe colonizar os arredores e que concebeu a ideia do novo programma colonial, foi o presidente Lamenha Lins. Os seus relatorios poderiam servir de commentario a toda a historia da colonização do Brazil meridional. "É necessario, diz elle, que as colonias cheguem rapidamente a viver por si e que não se esteja obrigado a manter-lhes eternamente subvenções. No Assunguy, os colonos não vivem senão dos trabalhos que se mandam constantemente executar para haver um meio de lhes distribuir um salario, ou, melhor, uma esmola. É preciso renunciar a estes methodos, proporcionar aos colonos um meio de ganharem dinheiro, e para isso, estabelecel-os perto d'um mercado."

De 1876 a 1879, o movimento de colonização em volta da cidade desenhou-se com intensidade. O governo que não possuia terras n'estas paragens, comprava-as aos proprietarios brasileiros. Em seguida fazia-as medir, dividindo-as em lotes d'uma dezena d'hectares cada um. Ás vezes fazia construir uma pequena casa provisoria, se não era o proprio colono que a construia. Albergavam á chegada as familias em Curitiba; ao fim d'alguns dias o homem partia para tomar posse do seu lote; começava a fazer ali a sua installação e levava em seguida a familia. Concediam-lhe algum adeantamento,

sementes, ou augmentavam-lhe os seus recursos empregando-o a jornal, o mais perto possível do seu lote, na construcção das estradas. Era, com effeito, um trabalho indispensavel a abertura d'estradas. D'antes, uma só existia nos arredores de Curitiba, a grande estrada da Graciosa, que foi substituida pelo caminho de ferro e que punha a cidade em communicação com o mar. A partir de 1878, Curitiba tornou-se, á maneira d'uma cidade de França, o centro d'uma estrella d'estradas que servia todo o seu termo colonial, uma pequena rede local de caminhos vicinaes, ainda isolada a um canto do planalto.

Creou-se ali uma serie d'aldeias, Santa Candida, Orléans, D. Pedro, D. Augusta, Thomaz Coelho. Ao lado das colonias officiaes, outras nasceram expontaneamente. O valor das terras não ia muito além de 40 francos o hectare. O preço de compra dos lotes não sobrecarregava demasiadamente o colono; a sua divida elevava-se apenas a 500\$000 reis.⁽¹⁾ Quando o preço das terras, pouco distantes da cidade, teve uma alta, o governo alargou o raio da zona colonial que se espraizou para o sul, pelo

(1) Em S. Paulo, o passivo d'um colono é muito mais elevado e attinge muitas vezes tres ou quatro contos de réis.

município de S. José dos Pinhães, e para oeste pelo município de Campo Largo.

Visitando minuciosamente estas colônias, encontram-se ali representantes de vinte nacionalidades; no entanto duas raças predominam, os italianos e os polacos, — galicianos, polacos russos e polacos prussianos. Passaram já o período difícil do início da colonização. D'ordinário, ao lado da cabana miserável onde a família habitou durante os primeiros annos, e que é utilizada hoje como um estabulo, ergue-se a casa nova em tijolos cobertos d'estuque com o seu jardim florido de roseiras. Já mesmo, em vez de estarem dispersas como outr'ora, cada uma no meio do seu lote, as habitações se agrupam; aldeolas se formam á volta das igrejas que teem ainda o character architectural do país d'origem dos colonos. Os polacos são bons carpinteiros e gostam de construir grandes campanarios com tabuões de pinho do Paraná, que é malleavel como o da Polônia.

Entre as differentes raças teem-se feito já cruzamentos. Ha familias mixtas, italo-brazileiras, e tambem casamentos entre brazileiros e polacos. "As minhas filhas polacas são saborosas — *sie schmeken* — dizia-me o honrado cura d'uma d'essas parochias, — e os brazileiros véem buscal-as." A cidade, meio commum onde todos teem que fazer, confunde as nacionalida-

des, opéra a mistura das raças e das ideias, que seria dez vezes mais lenta, se esta colonização fosse puramente rural. Os italianos aprenderam a alternar as papas de farinha de milho com o pão de centeio, a brôa, conforme uma palavra allemã estropeada, importada de Santa Catharina ou do Rio Grande: e os polacos aprendem pouco a pouco dos seus vizinhos a gostar de vinho e a cultivar a vinha, a planta sagrada para o italiano. O verão do Paraná amadurece a uva e mais d'uma casa polaca possue agora tambem o seu cercado de vinha e as suas estacas.

Os polacos, segundo me pareceu, teem um poder d'expansão superior ao dos italianos. As familias italianas são com effeito muito unidas, os filhos não se separam d'ellas pelo casamento, e toda a familia da casa comprehende muitas vezes tres gerações; e se é necessario augmentar os recursos que fornece a cultura do lote, de dimensões frequentemente restrictas, os filhos vão procurar trabalho e enviam as economias que apuram dos seus salarios. As colonias italianas forneceram sempre um grande numero de terraplanadores para as construcções de caminhos de ferro. Após um periodo d'ausencia, voltam á casa. Entre os polacos, pelo contrario, existe o costume do filho que se casa comprar um novo lote, e se os recursos são insufficientes teem, pelo menos, terras

para arrendar pela quarta ou quinta parte dos fructos que ellas produzam. A primeira colheita boa permittir-lhe-ha estabelecer-se, emfim, em casa propria, porque as terras não são vendidas a prompto pagamento e o vendedor contenta-se em receber alguma coisa por conta. É assim que os polacos se teem espalhado pouco a pouco na direcção d'oeste e se encontram hoje a quarenta ou cincoenta kilometros da cidade.

Se saídes de Curitiba de madrugada, não sendo pela costa leste, onde as terras pantanosas paralysem a colonização, seguireis os caminhos da cidade, pelo meio dos ultimos pinheiros que escaparam ao machado, e cujo perfil sobre as colinas lembra paysagens da Europa. A animação ahi é extrema; vão vender-se á cidade leite, ovos, legumes, madeiras. Mulheres levam cestos, raparigas loiras guiam carriños polacos, menos pesados que as carriolas de Minas ou de S. Paulo. De mil modos diversos, sentireis que toda aquella gente rural vive da vizinhança da cidade e que a politica do presidente Lamenna Lins tem fructificado.

A cidade, augmentando, tornou-se industrial; abriram algumas fabricas. A mão d'obra é recrutada em grande parte nas colonias. Os homens chegam de manhã e partem á tarde, ou, se a distancia é muito grande, não voltam á colonia senão no domingo. As mulheres teem

tambem empregos industriaes na tecelagem do algodão; outras, mais numerosas, empregam-se como creadas. As polacas, antes de casar, vão servir. Cada familia, vivendo nos seus campos, reduz as despezas; o menor ganho que ajunte aos productos da terra, assegura-lhe uma maior abastança.

De 1878 a 1880 abre-se no Paraná, ao lado d'um grande movimento d'ocupação de terras em roda de Curitiba, um incidente da historia colonial, muito a proposito para indicar todas as difficuldades que a politica de colonização official encontra: é a odyssieia dos colonos russos.

Eram, na verdade, allemães ou, pelo menos, d'origem allemã, estabelecidos nas margens do Volga, no reinado de Catharina II, mas conservando ahi a sua lingua. O presidente Oliveira Menezes narra que no momento em que tomou conta do poder, em 1899, encontrou acampados nas cidades do interior, Lapa, Palmeiras e Ponta Grossa, 2.000 d'esses immigrantes que pediam terras. Esperavam-se ainda mais 20.000 que, felizmente, não chegaram. Julgaram-n'os precipitadamente ignorantes e preguiçosos. Se é permittido fazer uma ideia do seu character pelos documentos que nos falam d'elles, parecem ter tido uma alma rude e violenta; deixavam-se levar por sentimentos obscuros; os administradores brasileiros sentiram

um enervamento e uma cólera cada vez maior em presença da sua falta absoluta d'actividade. Não queriam ouvir conselhos. Quando escolheram os seus lotes pediram campina, de preferencia á floresta. Isto causou o espanto geral, porque as terras arborizadas são mais ferteis, e a colonização no Brazil seguiu sempre a floresta; mas quando lhes observaram isto mesmo, responderam que os brasileiros não percebiam nada d'agricultura. Lavraram os seus campos com charruas que tinham fabricado, semearam o milho como o trigo, e esperaram a época da colheita. Tinham um grande sentimento de egualdade, e, posto existissem nos seus lotes construcções que poderiam abrigar metade das familias, dormiam todos ao ar livre, para que não houvesse privilegiados. Se iam de viagem e morria algum, abandonavam o cadaver na estrada, sem mais formalidades; parecia que batiam nas suas mulheres, por principio, affirmando que era essa a unica forma de as fazer seguir pelo caminho da honra.

A época da colheita trouxe-lhes uma grande decepção; ou fosse por que os seus processos de cultura tivessem sido mal adaptados ás novas condições do clima e do solo, ou fosse porque as suas terras eram verdadeiramente estereis, não tiveram colheita. Um brusco desanimo se apoderou d'este povo e resolveram deixar novamente o Paraná. Tudo fizeram para

os deter; como eram muito religiosos enviaram-lhes padres das colonias polacas, mas quando souberam que esses padres não chegavam da Russia e eram estrangeiros, receberam-n'os á pedrada e não os quiseram ouvir. Muitos reuniram-se de novo na costa e acabaram por embarcar. Todas as colonias perderam uma parte da sua população; algumas acabaram inteiramente.

Alguns, entretanto, depois do fracasso das suas tentativas de cultura, em lugar d'emigrar de novo, modificaram o seu modo d'existencia e dedicaram-se á criação de gados. As pastagens que tinham recebido do governo convinhavam a uma vida pastoril: alimentaram n'ellas os seus gados. Fixaram-se no Paraná. Trabalham pouco a terra, mas empregam o gado em transportes: é essa a sua industria. Falei, n'outro ponto, dos carreteiros do Paraná. Emquanto que o Brazil inteiro e, particularmente a região das colonias, não conhece senão a propriedade individual, esses carreteiros teem propriedades communs. Primeiro os brasileiros assustaram-se, quando os russos pediram para conservar terras em commum, mas concederam-lh'as voluntariamente, por que isso os dispensava de medir os lotes. Muitos d'esses proprietarios communs desapareceram quando as colonias se desorganizaram; as terras voltaram para o estado, que as revendeu quando teve occasião d'isso,

mas a propriedade commum adaptava-se tão bem aos costumes dos immigrants russos, que ainda hoje ella se reconstitue expontaneamente nos pontos onde se fixaram os grupos um pouco importantes de colonos. Associam-se a vinte ou trinta familias para comprar campinas onde pastam indistinctamente os gados, que se deixam refazer entre duas viagens.

Os ultimos annos do imperio quasi nada teem que diga respeito á historia da colonização. A prosperidade do termo colonial da Curitiba accentua-se cada vez mais; mas as terras livres tornam-se ali cada vez mais raras. Em 1884, os polacos pediram terras perto da capital: não as havia. Em 1885, houve muita difficuldade em installar a 15 kilometros da cidade quinhentos polacos que tinham recusado terras ao pé da serra. O programma de Lamenha Lins estava cumprido, as colonias vizinhas bastavam amplamente para alimentar o mercado de Curitiba. Se quisessem crear novas colonias tornava-se preciso tambem procurar-lhes novos mercados.

O movimento d'immigração, interrompido durante alguns annos, recommçou sob o governo provisorio. Em sete annos, de 1889 a 1896, o Paraná recebeu 51.000 immigrants. Eram quasi todos polacos. Constituiram dois grupos principaes de colonias, o primeiro no valle do rio Yguassu, que desce para o oeste

atravessando todo o planalto, e o outro, mais longe ainda, na estrada de Matto Grosso, a alguns dias de Ponte Grossa, onde termina o caminho de ferro da costa. O centro mais importante sobre o Yguassu é o Rio Claro. Quanto á colonia de oeste, chamou-se Prudentopolis, d'um nome que, embora pouco pretencioso, devia chamar á memoria dos homens a recordação do presidente da Republica Prudente de Moraes. Prudentopolis, a moderna, data de 1896.

Juridicamente a condição dos colonos era exactamente semelhante á dos antigos imigrantes estabelecidos em volta de Curitiba. Como as terras do interior tinham um valor muito fraco, deu-se dimensões maiores aos lotes, que tiveram approximadamente 25 hectares. O colono recebia sempre, pelo menos tal era o principio, um titulo de propriedade provisorio, que devia ser trocado, depois de regularizada a sua divida, por um outro definitivo. Empunham-lhe a obrigação theorica de pagar o valor do seu lote em seis annos.

Mas a administração colonial mostrou-se inferior á sua missão. A demarcação e a limitação dos lotes foram executadas apressadamente; n'alguns pontos, em lugar de determinar os quatro angulos d'um lote, limitava-se a marcar a sua frente, e inquietava-se pouco com discussões que deviam nascer mais tarde a proposito dos seus limites. Quando em 1886, a gestão

das colonias passou da União para o estado, a situação tornou-se cada vez mais obscura. Os registos da divida colonial eram irregularmente feitos; nem mesmo havia plantas das colonias. Os cadastros que se deviam ter levantado para se saber quem eram os concessionarios de cada lote, tinham-se perdido ou não tinham existido nunca. Uma nova origem de complicações surgiu. Os colonos não tinham o direito de vender os seus lotes antes de obterem a posse definitiva d'elles. Mas abandonados a si proprios, esqueceram os preceitos do regulamento.

Punham o seu fito em subdividir os terrenos ao sabor das circumstancias; ou então cediam-n'os, transmittindo com elles ao comprador o encargo de pagar ao governo as annuidades em divida. Estas transferencias eram feitas de mão para mão, sem titulo escripto; d'ellas não subsistia nem um traço. O estado não mantinha com residencia fixa em cada colonia um director que pudesse exercer uma vigilancia activa. Não se fazia representar junto das colonias, a não ser pelos recebedores ambulantes que iam de colonia em colonia cobrando as annuidades. Incapazes de elucidar os problemas de direito que lhes eram propostos durante as suas rapidas aparições, esses recebedores não podiam de modo nenhum informar a auctoridade publica.

O governo do Paraná acabou por compreender que devia usar de energia, e desde 1905 procede-se a uma reorganização completa das colonias. Reuniram-se todos os documentos relativos ás diversas colonias; na falta de documentos appellou-se para os testemunhos afim de designar os proprietarios legitimos dos lotes. Cada colono, até á regularização definitiva da sua divida, tem o seu processo na secretaria da agricultura. A propriedade colonial está hoje, pois, assente em bases solidas. Do tempo em que a administração descurou as colonias, conservou-se, comtudo, o habito: ha uma extrema tolerancia em materia de pagamento de annuidades: quinze annos depois da concessão, poucos lotes estão ainda liberados, e os directores das colonias teem a este respeito instrucções que podem assim resumir-se: os colonos pagarão quando quiserem.

As irregularidades que se produziram no principio da colonização polaca tiveram, todavia, poucos inconvenientes praticos. Do meu conhecimento, houve poucas contestações sobre a propriedade ou sobre os limites dos lotes; mais se produziram ellas ácerca dos lotes urbanos passados ás mãos de commerciantes que não pertenciam á população colonial propriamente dita. Esta pouco se inquietou com isso e usou da liberdade que lhe davam, sem se preoccupar com os perigos que essa liber-

dade encobria. Para ella, a reorganização de 1905 veio a tempo.

Tive de visitar os colonos polacos d'oeste. Estabelecidos ha quinze annos, acabam apenas de saír das incertezas do rude labor da chegada. Vê-se n'elles a imagem viva do que poderiam ter sido os inicios já esquecidos da colonização allemã no Rio Grande.

Percorri inteiramente a colonia do Rio Claro. Occupa um vasto territorio de quarenta kilometros de largura. Ao longo dos grandes caminhos rectilineos estão situados os lotes de 250 metros de frente e 1.000 metros de fundo, com um tapume de madeira. As barracas de madeira são rodeadas de pecegueiros. O pecegueiro foi adoptado pelos polacos, e na época da floração toda a extensão da colonia está coberta de manchas roseas. Os caminhos parallelos cortam uma serie de valles transversaes e sobem successivas cumieiras: de cada uma d'ellas descobre-se um novo horizonte conquistado pouco a pouco para a cultura; da ultima desce-se, emfim, para as abundantes aguas do Yguassu. A colonia é uma vasta clareira ou, mais exactamente, uma reunião de pequenas clareiras que se alargam pouco a pouco ao encontro umas das outras, o que succederá logo que toda a superficie dos lotes esteja posta em cultura. D'um para outro lote, o trabalho avança de modo differente, umas vezes a floresta de

grandes pinheiros impregnada de essencias d'outras plantas nos sitios mais ferteis, já recuou ao longe; outras vezes circumtorna ainda a habitação.

Cada casa tem o seu campo de centeio; a cultura do centeio foi importada pelos polacos, mas é, creio eu, a unica das suas culturas nacionaes que teem conservado. Por que elles adoptaram na agricultura os habitos do *caboclo*, quer dizer, do trabalhador brasileiro indigena. Deixaram-se corromper — disse-me o director da colonia.

O agricultor indigena, aquelle que se chama o *caboclo*, nome d'uma raça que acabou por designar um modo de vida, o unico senhor das florestas brasileiras antes da chegada dos colonos, ignora com effeito todos os principios modernos d'economia rural e de cultura intensiva. No ponto que escolheu para estabelecer o seu campo, começa elle por abater a floresta a machado. Um grupo de trabalhadores reune-se, e n'um dia de trabalho, que é tambem um dia de festa, regado de aguardente e animado de canções, prepara o terreno. Abatidas as arvores, deixam-n'as por terra, e chegado o momento favoravel, lançam-lhes fogo. A madeira não arde, mas o incendio desvasta tudo o mais, e reduz a cinzas as folhas e as plantas que adubarão a terra. Logo que as cinzas esfriam, passa um homem com uma en

chada e faz um buraco d'espaco a espaco; atraz d'elle uma creança, que o segue, deixa ali cair alguns grãos que cobre de terra com o pé. O milho crescerá por entre os troncos; o *caboclo* não visitará depois o seu campo se não para fazer a colheita, salvo se preferir dispensar-se d'esse trabalho e metter por entre esse milho uma vara de porcos magros, que d'ali não sairá enquanto tiver que pastar. O *caboclo* junta depois os porcos e vae vendel-os á cidade. Pouco a pouco, a natural vegetação reconquista a floresta queimada; sobre os troncos que apodrecem lentamente uma nova floresta brota e se reforma. O *caboclo* não voltará senão depois que a terra, refeita, lhe possa fornecer de novo uma colheita abundante. Assim o *caboclo* desperdiça a floresta, e sobretudo desperdiça o terreno. Os seus instrumentos de trabalho são a enchada e o machado; ignora a existencia da charrua. Quando os algerianos chegados a Curitiba a reclamaram, verificou-se que no estado nem uma sequer existia. Os russos, que as levavam, causaram escandalo.

Os colonos do Rio Claro imitam o *caboclo*. Cultivadores menos nomadas, porque não saem para fóra dos seus lotes, voltam muito frequentemente ás mesmas terras; só esperam para as cultivar que a floresta tenha renascido, e logo que o mattó attinja alguns metros d'altura re-

começam a queima d'elle. Mas não empregam adubos, não teem charrua. O tempo modificará estas condições. No meio da floresta, enquanto subsistam no solo os troncos das arvores abattidas que o fogo não pôde destruir, o emprego da charrua será impossivel. Quando os troncos estiverem apodrecidos e d'elles não restem vestigios, os colonos lembrar-se-hão das suas sementeiras da Europa, e retomarão o habito das lavras. Nas antigas colonias, perto de Curitiba, vêem-se já grandes lavouras. De resto os proprios colonos procurarão aperfeiçoar os methods quando os productos dos seus campos adquirirem um valor mercantil, quando cêsse o isolamento das colonias.

O isolamento era tal, com effeito, que se tornava quasi impossivel a exportação. Não existia na vizinhança nenhum centro d'importancia. O que se pretendia exportar só podia sê-lo quando muito para Curitiba. Ora, nas colonias, faltam vias de communicação. Quando por ali passei procurava-se pôr em estado de serem transitados por carroças os antigos caminhos de pé-posto que cortavam a floresta. Mas vi n'outra parte o que eram os velhos caminhos brasileiros, arrazados pela chuva e transformados em barrancos com pontes carcomidas, por junto das quaes não é prudente passar. O transporte por esses caminhos fazia-se com muares desde o lote do colono até ao rio. Por felicidade, o

Yguassu é navegavel. Desde • Rio Claro até ás cascatas que limitam o seu curso a montante, perto da Restinga Secca, ha um *bief* navegavel de duzentos kilometros. Nos arredores d'esta grande via natural, tinham-se estabelecido diversas colonias que ella ligava entre si. As chalupas a vapor, que fazem a navegação do Yguassu, podiam, pois, carregar para Rio Claro milhos que ellas transportavam até perto das correntes mais rapidas d'esse rio. Ali havia o transbordo para wagões do caminho de ferro; emfim, chegavam a Curitiba, onde aggravados mais do que se pode imaginar pelas despezas de transporte, se encontravam em concorrência com as colheitas dos colonos do termo d'esta cidade. É caso para se extranhar que a exportação fosse nulla ou pouco menos do que isso?

As mesmas difficuldades de transporte exaggeravam os preços dos artigos d'importação. N'esta situação anormal, alguns negociantes fizeram transacções de dinheiro. Praticavam esse duplo commercio, sempre fructuoso, de comprar aos colonos o excedente dos seus productos, pagando-lh'os, não em dinheiro, mas em mercadorias, cujo preço em moeda não figurava nunca. Mas a exportação dos productos da colonia era tão restricta que nem o maior usurario tiraria proveito em exercer ali a sua industria, se os colonos estivessem reduzidos a

esse unico recurso; por fortuna encontraram um outro: a colheita do *mate*.

O *mate* salvou as colonias do Paraná. É uma pequena arvore, cuja apparencia lembra a da azinheira e cuja folha carnuda e pesada é dotada de propriedades aromaticas que a infusão desenvolve. O uso da infusão do *mate* é já antigo; domina hoje em toda a metade meridional da America do sul, no Chili, na Argentina, no Paraguay e no Uruguay, e nos pontos limitrophes do Brazil. Prepara-se o *mate* n'uma cabaça, d'onde se sorve a pequenos goles por meio d'uma palha; a cabaça corre a roda, cada um sorve por sua vez a sua parte, e o estrangeiro não é excluido. Recusar o *mate* seria faltar ás regras do *savoir-vivre*.

O Paraná é o centro da producção do *mate*. A exportação do *mate* representa ali o mesmo papel que a do café em S. Paulo. É a base de toda a vida economica local. Com excepção das colonias, todo o Paraná, directa ou indirectamente vive do transporte, da preparação e do commercio do *mate*, e as proprias colonias téem tirado do *mate* grandes lucros.

O *mate* não se cultiva, cresce livremente na floresta, e é na floresta que se faz a colheita das folhas. Logo depois de colhidas, as folhas soffrem uma primeira preparação destinada principalmente a diminuir o seu peso para o transporte e tambem para impedir que ellas fer-

mentem e apodreçam. Seccam-n'as ao fogo; mettem-n'as em seguida em saccas que se expedem para Curitiba, onde moinhos aperfeiçoados reduzem as folhas a pó, separam as diversas qualidades, e fornecem o producto conforme o exige o consumo. Alguns colonos mais felizes de que outros, encontraram nos seus lotes um numero importante de pés de *mate*, o que para elles foi uma fortuna adquirida sem trabalho. A folha de *mate*, a folha, como simplesmente se diz no Paraná, mercadoria preciosa e leve, supporta melhor do que o milho as despezas do transporte. Os proprietarios de lotes que tinham *mate*, tiraram, pois, lucros da venda das suas folhas, mas entre os colonos, esses constituiram uma excepção.

Os grandes *hervais*, quer dizer os cantões florestaes em que o *mate* abunda, encontram-se quasi todos no interior, para lá das colonias, na região do planalto que está voltada para o Paraná, pouco conhecida dos geographos, mas que, graças ao *mate*, não carece d'importancia nem de vida economica. Na estação da colheita anima-a um intenso movimento; acampa ali todo um exercito; os caminhos da floresta povoam-se; do lado do léste, as muares transportam as cargas de folhas até ás estradas que conduzem a Curitiba, a capital do *mate*; para oeste a circulação não é menor: paraguayanos que vão tomar parte na colheita, contrabandis-

tas que procuram transpor o rio illudindo a vigilancia da alfandega e saír do Paraná sem pagar o imposto d'exportação. Uma parte notavel da colheita do *mate* é destinada no nentanto ás regiões limitrophes do Paraguay e das Missões.

Nos *hervais*, terras particulares ou terras publicas, a colheita está arrendada a empresarios que se incumbem de a organizar. Empregam um numeroso pessoal. Cada um d'elles constróe um forno para seccar as folhas, e esse forno torna-se o centro da pequena e ephemera associação que vive durante alguns mezes no seio das florestas uma vida solitaria e laboriosa. Preparam-se ás vezes ali quatro a cinco mil kilogrammas de folhas por dia. Os operarios occupam-se, uns na póda das arvores, outros na seccagem das folhas. São recrutados em todo o estado, e desde o primeiro dia as colonias polacas fornecem um bom numero de recrutas para a colheita. Sómente os homens deixam a colonia, as mulheres ficam de guarda aos lotes; os menos espertos são simples operarios; os que teem mais iniciativa fazem-se empresarios. Todos levam do campo dinheiro que representa ou os seus salarios ou os seus lucros, e d'esse dinheiro as colonias teem vivido.

As sommas que entram nas colonias, provenientes da colheita do *mate*, são muito irregu-

lares. A cotação do *mate* é muito variavel, e conforme o valor da folha assim augmentam ou diminuem os salarios. O preço da folha baixa por vezes a tal ponto, que o commercio interrompe-se e a colheita do *mate* pára — grave extremidade para os colonos.

Mas as crises do *mate* remedeiam-se mais facilmente que as do café. A cultura do café não pode ser abandonada durante um anno sem que a propria plantação desapareça, sem que o capital que ella representa se perca; sejam quaes forem os preços de venda, cada fazendeiro precisa de produzir e produz o mais possivel; a crise não occasiona desde logo a redução da producção. Pelo contrario, nada mais simples do que abandonar por um anno quando os lucros se tornam muito fracos, a colheita do *mate*. A floresta fica entregue a si mesma; tendo diminuido a producção, os preços restabelecem-se por si, e, chegado o momento, a exploração recomeça. Tambem os recursos que tiram do *mate* nunca fizeram falta, por um modo duravel, aos colonos.

Não teem chegado para crear a riqueza, mas teem evitado, pelo menos, uma crise geral, o recúo, a debandada talvez da colonização. Permittiram a subsistencia dos colonos quando não existia para os seus productos nenhum mercado, quando o isolamento lhes interdizia toda a especie de vida economica.

O periodo do isolamento completo cessou para as colonias depois da abertura da linha de S. Paulo-Rio Grande, que, atravessando o planalto deve proximamente pôr em communição directa os estados meridionaes do Brazil com os estados do centro. Em 1907 o troço de caminho de ferro que percorre o Paraná estava quasi terminado; a ligação com S. Paulo pelo norte não estava ainda concluida, mas do lado do sul, o caminho de ferro penetrava já no territorio de Santa Catharina. Em Ponta Grossa, a junção estava feita com a antiga linha que vae para a capital e de lá para o mar; e as communicações directas estavam estabelecidas entre todo o percurso da S. Paulo-Rio Grande nas florestas do interior, o centro do estado e os portos d'exportação.

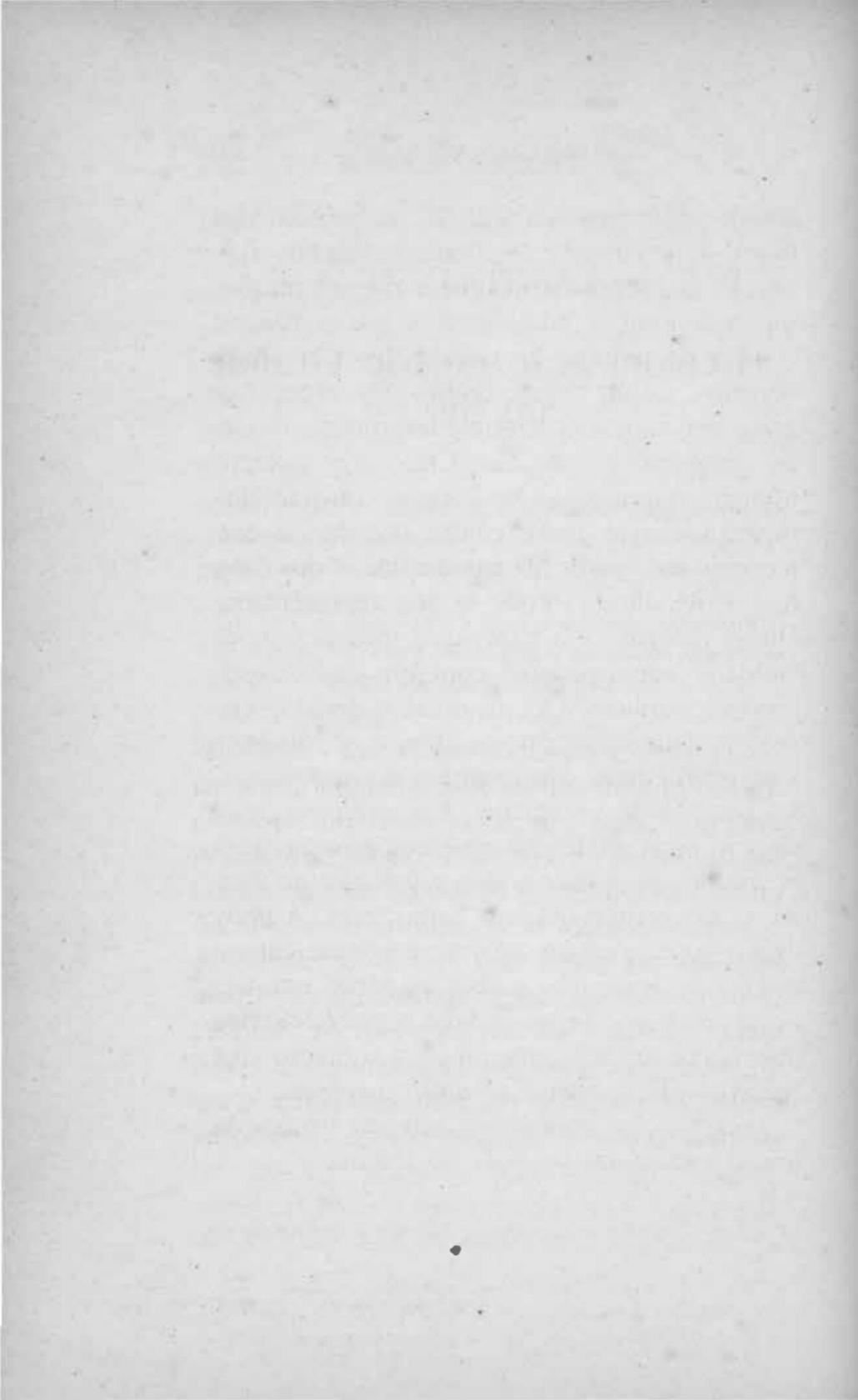
Durante os longos annos da lenta construcção da via, os colonos tomaram parte nos respectivos trabalhos. Aberta ao trafego, melhorar-lhes-ha muito a condição. Pouco antes de atravessar o Yguassu, a linha corta ao fundo a colonia de Rio Claro; foi ali aberta uma estação. Está-se ali ao pé da serra da Esperança, a quarenta kilometros do rio e do porto da colonia, pelo qual esta se achava em communicação outr'ora com o resto do mundo; ali se encontravam, no bairro mais distante, os lotes mais desherdados e os colonos mais miseraveis. Passei ali quatro annos depois da inauguração da

linha: a transformação foi rapida. A via-férrea é como uma arteria vivificante. Os novos caminhos traçados na colonia terminam n'ella; as terras que lhe são vizinhas augmentaram de valor. Perto da estação e nos terrenos d'um unico dos antigos lotes, formou-se um pequeno centro, hoteleiro, carpinteiro, ferrador, e varias lojas, d'essas que vendem de tudo e pelas quaes passa toda a importação e toda a exportação da colonia. Entretanto, o antigo centro da colonia, a sua capital official, vizinha do Yguassu, a aldeia de Rio Claro, foi pouco a pouco abandonada e algumas das casas que rodeiam a sua igreja estão hoje desertas. Dir-se-ia que a colonia mudou d'aspecto, melhor do que isso, que vive uma existencia nova. Os productos da terra, o milho, os feijões sobretudo, adquiriram ali um valor mercantil e, signal dos tempos, indicativo de que o pequeno centro isolado entrou enfim na vida economica geral do mundo, esse valor soffre lentamente e imperfeitamente ainda, as oscillações do mercado longinquo do Rio ou de Buenos Ayres.

À medida que a miseria desaparece, a existencia dos colonos torna-se mais variada e mais intelligente. Germens da divisão do trabalho apparecem; alguns colonos fazem-se artistas. Este cortiço, onde os lotes lembram cellulas, modifica-se e aproxima-se d'um aggrupamento d'homens d'origem menos artificial. O

circulo d'interesses alarga-se, a propria vida moral desenvolve-se. A politica penetra na colonia. Prudentopolis constitue hoje um municipio autonomo e administra-se por si mesmo. Á falta de politica, as paixões tiveram outros objectos. Como prova, tenho uma especie de *grève* d'um character bastante imprevisto, de que fui testemunha em Rio Claro. Os polacos, homens religiosos, após longos conciliabulos, puseram-se em *grève* contra o cura. O cura nas colonias, sendo da nacionalidade dos colonos é de algum modo o seu representante. Dirige a escola, e a parochia é uma especie de entidade administrativa com um embryão de serviços publicos. Ora, os polacos descontentes com as exigencias do seu cura, e obedecendo a um *môt d'ordre*, abstinham-se d'assistir á missa, casavam-se civilmente. Foi preciso que se dessem estas circumstancias tempestuosas para se adoptar esse uso, pouco espalhado no Brazil, e as creanças não se baptizavam. A *grève* existia havia bastante tempo, e a fome entrara no presbyterio; mas ambas as partes estavam irreconciliaveis. Ter-se-ia feito a paz? Não tive noticia d'isso, mas imagine-se a agitação que reinava d'um extremo ao outro dos lotes.

Taes são as impressões que eu trouxe da minha estada nas colonias do Paraná.



CAPITULO XI

A colonização no Rio Grande do Sul

O terreno da colonização. — A floresta do Rio Grande. — Colonos allemães e colonos italianos. — Prosperidade actual das colonias. — O commercio dos productos das colonias. — A questão das terras do Rio Grande. — Contraste entre as colonias e os «campos» do Rio Grande. — Colonos e gauchos. — Exito da politica de colonização no Brazil meridional.

Conhecem-se melhor em França as colonias do Rio Grande que as do Paraná, porque a sua origem é mais antiga, e sobretudo porque a sua população é em parte de raça allemã. A questão das colonias do Rio Grande interessou o publico francês mais como uma questão allemã do que como uma questão brazileira. Os colonos allemães deixar-se-hão absorver pelo meio brazileiro ou tornar-se-hão na America do sul os campeões do "Deuschtum,"? O problema foi estudado pelo Mr. Tonnelate n'um volume recente. (1) Nós suppômol-o resolvido.

(1) E. Tonnelat; *L'Expansion allemande hors d'Europe.*

Ha poucas probabilidades de que esse pequeno grupo allemão chegue a manter a sua nacionalidade, da qual aliás se mostra bem pouco cioso. É preciso que se não illudam com a attitude de alguns jornalistas de Porto Alegre ou S. Paulo, allemães d'immigração recente e que nem sempre exprimem fielmente os sentimentos dos seus leitores. Demais, dos colonos do Rio Grande, os allemães não constituem a maioria, os italianos excedem-n'os em numero. Procurei acima de tudo averiguar a vida economica das colonias.

De todas as partes do Brazil, o Rio Grande era, pelos seus caracteres physicos, o mais favoravel á colonização. Situada abaixo de 30.º grau de latitude, está inteiramente fóra da zona equatorial. As estações ali são bem distinctas; o inverno saudavel e rude, o estio quente e secco, se bem que os estios chuvosos dos tropicos reinem ainda em S. Paulo e extendam por vezes a sua influencia até ao Paraná. Do mesmo modo, a colonização que em S. Paulo e no Paraná está limitada aos planaltos do interior, fez-se no Rio Grande ao pé da serra do Mar e sobre a sua vertente. A capital, centro da região colonial, não está como a do Paraná, a 900 metros d'altitude, mas ao mesmo nivel da laguna.

A vertente da serra foi o campo principal da

colonização, o grande fóco d'attracção para as populações. Representou, portanto, no Rio Grande, um papel exactamente contrario ao que ella desempenhou no norte, em toda a extensão da costa brazileira. Em parte alguma, com effeito, a não ser no Rio Grande, a faixa florestal que ella tem foi rota; o seu arroteamento não começou. Separa, do Espirito Santo até ao Paraná, os campos de canna cultivados a seus pés, grandes regiões agricolas das terras altas. No Rio Grande, pelo contrario, foi nas florestas da serra que se estabeleceram as primeiras colonias e foi installando-se a meia encosta dos flancos da serra que a colonização progrediu para oeste.

Se a serra teve no Rio Grande uma tão grande importancia social, é isso devido menos ainda á baixa latitude e ao clima temperado do que á structura geologica e á natureza do seu solo. A serra do Mar é constituida, até no Paraná, de granitos e de gneiss, terras frias, tanto mais improductivas quanto ellas são perpetuamente lavadas e empobrecidas pelas chuvas. A partir de Santa Catharina a serra é, pelo contrario, formada de rochas eruptivas. nada mais é do que uma immensa muralha de basalto. Os mesmos basaltos compõem ainda a serra para lá do cotovello que a afasta do mar e a dirige a oeste para o Uruguay. O derramamento basaltico recobre o eixo granitico da

serra, que reaparece mais ao sul, ao pé da cidade de Bagé, antes de se perder nas planícies da Pampa. Ora, os basaltos dão terras inexgotáveis, analogas ás terras violetas de S. Paulo; egualam em fertilidade os alluviões da Pampa; fizeram a fortuna das colonias do Rio Grande.

São, como as diabases de S. Paulo, associadas a grés vermelhos. Ao norte de Porto Alegre, nos contrafortes da serra, o grés vermelho occupa o fundo dos valles. Produz hoje sobretudo pastagens. A paysagem modelada pelas aguas, adquiriu formas suaves. Por cima dos grés, o mais duro basalto forma alcantis sombrios. Raramente a rocha apparece a nu; adivinha-se apenas pela asperidão da encosta e pelo subito desabrochar da vegetação n'um ponto mais rico do terreno. Transpondo-se este patamar, entra-se nas terras ferteis onde as culturas se agruparam desde a origem e assim se mantiveram sempre.

Os arredores de Porto Alegre offerecem á colonização uma ultima vantagem: a rede navegavel mais completa que existe no Brazil, fóra da bacia do Amazonas: cinco rios desaguardam no fundo da laguna em que está edificada a cidade de Porto Alegre. Desde o começo dos tempos coloniaes praticou-se ali a navegação e foi grande a animação n'essas vias fluviaes. Ainda hoje, pela concorrência que fazem aos caminhos de ferro, diminuem os preços dos

transportes. Não deixaram nunca de prestar aos colonos os maiores serviços.

S. Leopoldo, a primeira das colonias do Rio Grande foï fundada em 1824. Acabava apenas de ser proclamada a independencia do Brazil e já o seu novo governo se interessava resolutamente pela colonização official. De 1830 a 1843, a guerra civil interrompeu a chegada dos immigrants, mas, restabelecida a paz, a provincia recommençou por sua conta a politica de colonização. Multiplicou os subsidios ás colonias e os premios aos agentes d'immigração. Este primeiro periodo de colonização, em que as autoridades provinciaes conservaram a administração das colonias, terminou em 1859, no momento em que o decreto Von Heydt interdissé a immigração allemã para o Brazil. Os allemães formam, antes de 1859, a quasi totalidade dos immigrants; é quando se constitue ao norte de Porto Alegre a pequena comunidade teuto-brazileira. A partir de 1859 o numero annual dos immigrants allemães foi sempre restricto, não passando nunca d'algumás centenas.

De 1870 a 1890, os immigrants italianos substituiram os allemães. O governo imperial, para não deixar as colonias allemãs isoladas nos contrafortes meridionaes da serra Geral creou nas suas encostas superiores e até na vertente opposta, novas colonias. Os italianos que ali foram estabelecer-se eram na sua maio-

ria originaes das provincias venezianas. Com a queda do imperio a corrente não se interrompeu. Persistiu ainda por algum tempo depois da revolução federalista, que não foi suffocada senão em 1893. Como a immigração allemã, a italiana acabou então tambem.

Será preciso accrescentar, para a enumeração completa das raças que tomaram parte na colonização das terras do Rio Grande, que a "Jewish Colonisation association," creou recentemente, com judeus da Bessarabia, a colonia de Philippson? Mas o exito da sua tentativa foi mediocre, e o pequeno grupo de bessarianos de Philippson ficará verdadeiramente isolado. Não succederá no Rio Grande o mesmo que na Argentina, onde se multiplicaram as colonias israelitas e onde os judeus constituem um elemento importante da população agricola.

As colonias allemãs e italianas tiveram no seu inicio as mesmas difficuldades; melhor direi, a mesma difficuldade, porque todas as suas miserias resultaram d'uma unica causa: o isolamento, a falta de mercados. Os caminhos eram maus, os transportes caros, a exportação forçadamente reduzida. A terra dava ricas colheitas, mas não sabiam que fazer d'ellas. Os relatorios officiaes apresentam os colonos como vivendo na abundancia. Não mentem, porque cada lote sustenta copiosamente uma familia;

mas occultam uma parte da verdade, porque essa abundancia não é a riqueza. A fertilidade do solo é inutil e a lethargia economica completa.

Os viajantes allemães que visitaram as colonias em meados do seculo passado, pintaram tão tragicamente a sua miseria, que na Europa a opinião impressionou-se, e a immigração allemã para o Brazil foi prohibida. Talvez os seus relatorios fossem demasiado severos. Um facto parece estar pelo menos em contradicção com o seu pessimismo: foi o extraordinario poder d'expansão que desde os primeiros annos manifestaram as populações coloniaes. Esse poder não é menor nos italianos, mas os allemães tiveram tempo para dar mais brilhantes provas d'isso. Multiplicaram-se por uma forma quasi miraculosa. Quando se recenseiam hoje os colonos de raça allemã, custa a acreditar que todo esse povo descenda do restricto numero d'immigrantes que foram da Allemanha fixar-se no Rio Grande. Um recenseamento geral feito em 1859, no mesmo anno em que a immigração foi sustada por decreto, attribue a todo o conjuncto das colonias uma população total de 20:493 habitantes. (1) Como é que, no espaço de duas ge-

(1) Esta cifra é já manifestamente superior ao numero real dos immigrantes, porque existiam em 1859 colonos estabelecidos em S. Leopoldo havia trinta e cinco annos e que tinham feito geração.

rações apenas, puderam estes 20:000 colonos formar uma população dez vezes superior áquelle numero? Avalia-se, com effeito, em 200:000 approximadamente o numero dos rio-grandenses de raça allemã.

A extensão das terras colonizadas augmentou proporcionalmente. Nem só por necessidade os colonos trabalham para fazer recuar constantemente os limites da floresta; empenham-se n'isso tambem por especulação. Alguns vendem aos recém-chegados terras que teem arroteado e vão comprar mais longe terras novas que revenderão tambem quando o seu valor haja augmentado. Um general dizia que no seu exercito eram sempre os mesmos que se faziam matar. No combate que o homem trava com a floresta, succede o mesmo: são sempre os mesmos que colonizam. Para traz d'estes pioneiros do progresso, alojada por elles, fica uma população menos aventureira mais temerosa da solidão. O processo de colonização não se modifica. Pude observá-lo á minha passagem, tanto nas colonias italianas como nas colonias allemãs. Remonta mesmo aos tempos coloniaes. Desde 1858 que os relatorios do presidente da provincia constataam que em S. Leopoldo, uma parte das familias se dispersou por colonias mais recentes, preferindo adquirir terras novas e vender aquellas que tinha desbravado. Los Conventos, Estrella,

Santa Maria, foram povoados com gente de S. Leopoldo, que, de resto, accrescenta o relatório, se encontra por toda a provincia.

Esta conquista do solo feita pelos colonos não foi nunca estorvada como em S. Paulo pela difficuldade de encontrar terrenos á venda.

Os proprietarios particulares imitaram, com effeito, o exemplo do governo imperial e das auctoridades provinciaes, e offereceram as suas terras nas mesmas condições. Não tiravam d'essas terras rendimento algum, nem podiam esperar que n'ellas se desenvolvesse qualquer cultura. Quando encontraram quem tomasse conta d'ellas, ficaram satisfeitissimos, e cederam-n'as voluntariamente por baixo preço, pagavel em diversas annidades. O preço corrente era de 10\$000 réis por hectare. Alguns proprietarios, para apressar a venda das suas terras, organizavam pelo modelo das colonias officiaes verdadeiras colonias particulares, que viviam sob o mesmo regime. Tal é a origem de Mundo Novo, Santa Maria da Soledade, Estrella; Conventos, S. Lourenço etc. . . . Em toda a região colonial produziu-se uma amigavel expropriação geral. As terras mudaram de dono. Os immigrants de raça europêa são os unicos que constituem hoje a classe dos proprietarios. Uma porção insignificante de solo conserva-se na posse dos herdeiros dos grandes propieta-

rios que o possuíam inteiramente antes de começar a colonização.

Se as colonias viveram a principio na miseria, a sorte tornou-se-lhes hoje mais favoravel. Quando pelos sinuosos canaes da Laguna dos Patos se chega a Porto Alegre, e quando, subindo os valles que ali desembocam, se entra a região das antigas colonias, S. Leopoldo ou Hamburger Berg, não se pode deixar de sentir uma grande admiração á vista d'esses campos felizes. Lembro-me do immenso panorama que uma tarde descobrimos do alto das colonias que dominam Dois Irmãos. Um extenso valle se desenrola a nossos pés, coberto de campos e d'arvores, fechado ao longe pela serra, cuja base é coberta de culturas e cujas altas encostas são ainda em parte arborisadas. Ha muito tempo já que a colonização lhe flanqueou a crista, porque é sobre o planalto, para traz, que se extendem as vinhas. No valle, no meio dos campos: casas brancas, uma aldeia semelhante a uma aldeia da Europa. Não existe no Brazil, a não ser talvez n'algumas regiões cafézeiras de S. Paulo e n'algumas plantações de canna, paysagem que dê a impressão d'uma posse tão completa do solo pelo homem.

Mas nos campos de canna e mesmo nas culturas de café, o trabalhador agricola habita casas miseraveis, abrigos acanhados e sujos. Ao pé d'esses abrigos, a casa dos colonos do

Rio Grande é um palacio; é ella que dá á paisagem o seu character. N'estes ultimos annos tem-se edificado muito nos campos do Rio Grande. A propriedade economica traduz-se logo por este signal visivel: o colono que enriquece embelleza a sua casa, enquanto que os italianos de S. Paulo não immobilizam as suas economias. Um clima muito doce não ensinou aos brasileiros o *home*. As populações de raça brazileira, a julgar pelas suas habitações, parecem que acampam nas terras e que não residem n'ellas. Os colonos allemães, porém, levaram para o Brazil o gosto por uma habitação agradável e cada uma das suas casas é um verdadeiro lar. Este contraste com outros pontos do Brazil, em que o homem vive mais modestamente alojado, foi o que eu sempre notei ao atravessar as colonias; tive sempre a mesma impressão que se exprimenta percorrendo as ricas regiões agricolas da Europa.

O interior das casas é mobilado com gosto, e mantido com acceio. Um cartaz da Hamburg America, decoração economica, adorna invariavelmente a parede. Se entrardes pela tarde n'uma d'essas casas, tereis uma hospitalidade, não mais cordeal, mas decerto mais confortavel do que é uso tel-a no Brazil. O *menu* será variado e abundante, e o jantar servido á allemã. Tereis para dormir a noite um leito de pennas como em Thuringe ou na Floresta Negra. O

inverno do Rio Grande dispensa, parece, o leito de pennas, a cama de balouço á brazileira seria comtudo mais agradavel no verão.

Privilegio das colonias mais antigas é, na verdade, esse conforto: á medida que se distanciam do nucleo primitivo para penetrar nas zonas de colonização recente, a riqueza publica parece menos firme. Entretanto, por muito que se procure, não creio que se encontrem em parte alguma a miseria e a angustia que sofreram as primeiras familias estabelecidas, ha sessenta annos, nas solidões da floresta. Os pioneiros da vanguarda, disseminados hoje na floresta, contra a qual travam uma rude batalha, são voluntarios cheios de esperança, contando com uma abastança proxima; é um exercito de conquistadores, e não um grupo d'exilados desmoralizados.

Os italianos são menos constructores que os allemães; posto que pareçam como elles enraizados no estado. A vinha assignala sempre as suas habitações; mesmo os que não vendem vinho fabricam-n'o para consumo proprio, e as suas casas possuem muitas, vezes latadas. Quanto aos israelitas russos, que visitei tambem, ~~começavam~~ a installar-se apenas e eram ainda verdadeiramente estrangeiros. A administração da colonia, com a sua previdencia um pouco maternal, esforçava-se por dar-lhes a illusão de que não tinham mudado de patria. As casas

que lhe tinham construído, pareciam ter sido importadas d'uma só peça da Rússia meridional, com a sua estufa installada no seu compartimento central. Viviam ali tendo os retratos dos sete Moysés pendurados na parede, mantendo essa fidelidade aos costumes patriarchaes que são característicos da sua raça.

A crescente riqueza das colônias tem diversas causas. Não conhecem o mal, commum a todos os países velhos, da divisão das terras, que se exaggera de geração para geração. No Rio Grande não se sabe o que seja o flagello, commum na Italia, da pequenissima propriedade. Cada colono possui, como no principio, o seu lote completo de trinta hectares, a sua colônia. Poucas familias vi que possuíssem sómente meia colônia. O solo não falta; os filhos não partilham entre si a herança paterna; um d'elles conserva as terras e incumbem-se d'ajudar os irmãos a adquirirem outras onde possam estabelecer-se mais longe. Cada dominio chega amplamente para uma familia, e suppre quasi todas as suas necessidades.

O isolamento de que tanto soffreram as colônias out'ora, attenuou-se; os caminhos melhoraram; o caminho de ferro liga hoje Porto Alegre á fronteira argentina, contornando o sopé da serra Geral onde estão concentradas as colônias. Já um ramal lhe sobe pelas encostas e envolve o flanco da região colonial. É o

que servirá de *amorce* ao caminho de ferro de S. Paulo ao Rio Grande. Projecta-se tambem completar a pequena rede local que serve a zona ao norte de Porto Alegre, onde a densidade da população é maior. Os colonos podem, pois, exportar os seus productos.

Dispõem para isso d'um outro mercado. A cidade de Porto Alegre augmentou: conta perto de 100.000 habitantes. Esta população urbana é abastecida exclusivamente pelas colonias. Em Porto Alegre são vendidos o centeio e as batatas que os allemães cultivam juntamente com outros productos alimentares nacionaes, a mandioca e os feijões. Junto de Porto Alegre, novos mercados se abriram. Primeiramente, ao sul do estado, toda a zona das campinas consagrada á creação de gado, e depois as cidades onde se prepara a carne salgada. Cada vez se torna mais tributaria da região colonial que lhe envia os seus productos por via da laguna. Pouco depois, as colonias adquiriram um mercado mais vasto e mais longinquo; o Brazil inteiro tornou-se seu cliente. A exportação desenvolver-se-ia mais rapidamente se o accésso ao porto do Rio Grande fosse mais facil; mas a sua barra arenosa detem frequentemente os navios durante semanas; não só fecha o Rio Grande como o isola do resto do mundo. Vae-se da Europa ao Rio de Janeiro em quinze dias; do Rio a Porto Alegre, a viagem dura ás ve-

zes muito mais. Também o commercio d'exportação da colonia se sustenta exclusivamente d'artigos de luxo: o vinho produzido pelos colonos italianos e que se vende em S. Paulo e no Rio a 1\$000 réis a garrafa, e a gordura de porco preparada pelos colonos allemães. É por esta fórma que chegam a tirar partido dos seus inexgottaveis campos de milho.

Uma fracção importante da população vive do commercio. Pequenos centros se tem desenvolvido, cuja razão de ser é o commercio, e não a agricultura. A sua prosperidade é menos estavel que a dos centros agricolas; ás vezes as circumstancias deslocam-n'os. Nova Hamburgo construiu-se no extremo da via-férrea, no ponto onde se concentram os productos das colonias que são expedidos para Porto Alegre. Mas a linha prolongou-se até Taquara: immediatamente Nova Hamburgo declina, a sua população decresce; o valor dos terrenos diminue; e esta fragilidade mesmo da sua fortuna revela todos os progressos da vida economica das colonias.

Emfim, a região colonial não se conservou exclusivamente agricola. Pequenas industrias ali se implantaram, particularmente a de cortumes. De S. Leopoldo a Hamburger Berg o odôr dos cortumes persegue-nos. Em todas as casas, ao longo dos caminhos, trabalha-se o couro. Aqui fabrica-se calçado, além a indus-

tria do couro combina-se com a da madeira, e fabricam-se malas. As pelles, a materia prima, não são das proprias colonias, mas do sul do Rio Grande, dos grandes matadouros do Bagé e de Pelotas. Á falta de trabalhadores, estas pelles alimentavam outr'ora a industria estrangeira. A abundancia da mão-d'obra nas colonias bastou para fazer surgir este centro industrial. Expede para todo o Brazil os seus artigos manufacturados. No regime do proteccionismo brasileiro, esta industria é manancial tão abundante, que a espaços a população descura a agricultura para se lhe consagrar inteiramente; em quanto os campos ficam de poução, trabalham as officinas.

Um facto basta para demonstrar a prosperidade das colonias: é a elevação do preço das terras. Lotes pagos inicialmente a 300\$000, pouco mais ou menos, venderam-se depois por um preço quarenta ou cincoenta vezes superior. Mesmo fóra das zonas particularmente favorecidas, não se encontra uma colonia de trinta hectares por menos de duzentos ou trezentos mil reis por hectare, a não ser nos limites das terras de cultura, onde o estado trabalha por crear novos centros coloniaes.

Não é em razão da sua fertilidade que o preço das terras varia no Rio Grande; varia, sobretudo, conforme a sua situação e as despesas de transporte que oneram os seus produ-

ctos, tão verdadeira é a lei da improductividade do trabalho agrícola quando se lhe não abrem mercados. Uma theoria da renda das terras, fundada no Brazil, divergiria decerto da theoria classica; basear-se-ia inteiramente sobre esta grave questão dos transportes.

A colonização do Rio Grande corre um grave perigo por motivo da insufficiente organização juridica da propriedade rustica. Como no Paraná, a demarcação dos lotes e a distribuição dos titulos de propriedade não foram feitas com a devida attenção. Esta desordem deu lugar a alguns processos entre colonos ácerca dos limites de tal lote ou da sua attribuição legitima a tal proprietario. Mas a perturbação foi insignificante. Não succedeu o mesmo quando foi levantada, ha alguns annos, a questão das terras do Rio Grande, a proposito da qual a imprensa allemã fez um grande ruido. Interessava-se, com effeito, pela fortuna d'um grande numero de colonos. Para comprehender essa questão, é necessario fazer em breves palavras a historia da propriedade rustica no Brazil.

A provincia tinha entregue á colonização terras do dominio publico. Ao mesmo tempo, um grande numero de proprietarios particulares tinham colonizado as suas terras. Ora, reinava então a maior incerteza sobre os limites das

terras do estado, produzindo-se este duplo incidente da auctoridade vender, por um lado, terras particulares, e de particulares venderem, por outro, terras do dominio publico. Este segundo caso, é facil suppô-lo, erà o mais frequente. Representava a fórma corrente d'usurpação das terras publicas.

Tendo a terra, no Brazil, pertencido primeiro ao rei de Portugal, e seguidamente ao imperio, depois da revolução republicana os estados herdaram cada um para o seu territorio direitos do governo central. O rei de Portugal fez a determinados subditos seus doações de terras, designadas *sismarias*, que, divididas ao acaso das successões e das vendas, constituíram a origem da propriedade particular. Mas ao lado das terras particulares provenientes das *sismarias* houve, desde a origem, terras possuidas sem titulo, propriedades de facto e não de direito, que o respectivo dono detinha pela unica razão de terem sido occupadas por elle ou por seus antecessores, muitas vezes desde tempos immemoriaes. As terras livres eram extensissimas para que alguém se lembrasse de contestar a posse do seu dominio. Em meiodos do seculo XIX é que apenas se começou a prever o immenso valor que deveria ter a propriedade rustica; tratou-se então de regulamentar a occupação das terras. A lei de 1850 determinou que a occupação não seria nunca d'ali em

diante considerada como uma origem de propriedade; entretanto, relativamente a todas as occupações anteriores a 1850, regularmente verificadas, e regularmente inscriptas, seria dado ao occupante um titulo de propriedade. A lei de 1850 era uma verdadeira lei de liquidação: devia marcar o fim da usurpação das terras do dominio. Infelizmente não foi applicada com rigor; simularam-se occupações de terras, obteve-se d'ellas, como se fossem verdadeiras e anteriores a 1850, a respectiva inscripção. Até depois da revolução estas usurpações continuaram. No Rio Grande, particularmente, fizeram-se em larga escala; de 1885 a 1889 sómente, foram assim usurpados para cima de 300.000 hectares.

As terras usurpadas eram desde logo entregues á colonização. Um grande numero de colonos acharam-se d'este modo, ao iniciar-se o periodo republicano, estabelecidos em terrenos injustamente arrancados ao dominio publico.

Os homens d'estado rio-grandenses, querendo reparar o melhor possivel esta delapidação da fortuna do estado, incumbiram-se em 1897 de proceder a um inquerito sobre concessões abusivas de titulos de propriedade. Em menos d'um anno, a commissão tinha já apurado cerca de 20:000 hectares que deviam voltar para o estado, por terem sido fraudulentamente subtrahidos ao seu patrimonio. Em logar d'expulsar os proprietarios actuaes, o

estado preferiu impôr-lhes uma indemnização proporcional á extensão das suas terras. Esta medida levantou escandalo. Produziu na população colonial a maior agitação. Feria um grande numero de criminosos, espoliadores do dominio publico, dos quaes exigia uma indemnização moderada para pagamento da sua fraude; mas feria tambem innocentes, por isso que alguns colonos tinham, de boa-fé, comprado e pago aos seus apparentes proprietarios as terras que o estado reivindicava. Obrigava-os a pagar o seu lote duas vezes; não equivalia isto a uma verdadeira confiscação?

O governo rio-grandense reconsiderou, e mostrou-se generoso. Por decreto de 10 de fevereiro de 1903, o presidente do estado "considerando que existe julgados administrativos legitimando propriedades provenientes d'occupação de terras reconhecidas em conformidade da lei de 1850, mas que não foram adquiridas senão por falsa causa ou prova falsa; considerando que taes julgados são susceptivéis de revisão e que o estado tem direito indiscutivel d'obter pelos meios legaes a restituição do seu patrimonio; considerando todavia que essas terras se não encontram em poder dos seus primitivos possuidores, mas no de colonos brasileiros ou estrangeiros que as adquiriram em pequenos lotes e por elevado preço; que esses adquirentes de boa-fé são

dignos da protecção do Estado, não só porque lhes é impossivel obter dos vendedores a restituição do preço que pagaram, como porque a communitade lhes deve muito por terem cultivado essas terras, determina que sejam dispensados de qualquer indemnização ao estado todos os colonos que adquiriram lotes de terra em taes condições.” O estado renunciava, pois, aos seus direitos em favor dos colonos. Fora injusto tornal-os responsaveis pela incuria que outr’ora o governo mostrara na defesa do seu dominio. Pois que o estado fora fraco na applicação das leis, devia soffrer elle só as consequencias da sua fraqueza. A propriedade colonial fundou-se no momento em que o direito predial brasileiro se transformava; mas quando a occupação das terras publicas deixou de ser tolerada, não se podia, com equidade, dar effeito retroactivo á disposição legal que entrava em vigor.

Depois do decreto de 1903, deixou d’existir a questão das terras. As commissões d’inquerito foram dissolvidas em 1905. Em 1899, foi promulgada uma lei sobre as terras no Rio Grande (1).

(1) Leis analogas, destinadas a impedir a occupação das terras publicas, o que a lei de 1850 não tinha conseguido em parte alguma, foram votadas n’um grande numero d’estados depois da revolução republicana (S. Paulo, Rio, Paraná, etc.)

Determinou que as simples occupações de terra, sem titulos, não podiam ser legitimadas, salvo quando fossem anteriores a 1889. A respeito das terras occupadas posteriormente, têm apenas os occupantes o direito de as comprar ao estado por um preço que será arbitrado. Esta lei é d'uma grande vantagem para a colonização. Assegura-lhe o terreno, permite-lhe desfructar com segurança as suas passadas conquistas e desenvolver-se sem receio.

A colonização tem por dominio a região florestal do Rio Grande: colonizar e desbravar são synonymos. É por isso que a lei de 1889 sobre as terras e sobre a colonização se occupa ao mesmo tempo com a protecção das florestas.

Não só interdiz aos concessionarios de lotes coloniaes a faculdade d'abater, do lado de fóra das culturas, as arvores existentes nas suas terras, durante todo o tempo em que não estejam inteiramente pagas, mas ainda procura organizar no estado o regime florestal. Submette com effeito á vigilancia publica as florestas comprehendidas no perimetro florestal. A zona protegida comprehenderá todas as superficies arborizadas que regularizam o curso dos rios e a corrente torrencial das aguas. A protecção das florestas é tanto mais indispensavel quanto é certo que muitas vezes não é sómente para explorar a madeira que a floresta é destruida,

mas também para abrir caminho ás culturas. O colono progride, de machado na mão, pouco previdente para respeitar as partes da floresta que imprudentemente abate e onde a agricultura lhe não dará nunca senão rendimentos inferiores, sacrificando troncos centenários a algumas colheitas incertas. Seria necessario que a administração lhe abrisse os olhos. De todos os estados do Brazil, o Rio Grande é o primeiro onde se tem pensado moderar o devaste da floresta.

A colonização não penetrou para o sul na região dos campos, quer dizer, das campinas. A parte meridional do Rio Grande está occupada, com effeito, por immensas campinas onduladas que se juntam no Sul ás campinas da Republica d'Uruguay e da Argentina. Não se prestará á agricultura o seu solo? Os creadores que ali vivem têm colhido sempre algumas cargas de milho, e um dos maiores proprietarios de campos, o senhor Assis Brazil, affirma que o solo não attingirá ali todo o seu valor emquanto se consagrar á criação de gados e d'elle se não tirar, pela cultura, um rendimento superior. No entanto, algumas velhas tentativas de colonização ali se mallograram rapidamente, e hoje ainda, apesar do exemplo da Argentina e mesmo do Uruguay, os agricultores são em numero restricto. Demais, seria preciso que as campinas do Rio

Grande valessem em fertilidade os alluviões profundos das pampas argentinas. Por toda a parte por onde passei vi, encobrimdo a rocha, uma delgada capa *d'humus*, que alimenta hoje a vegetação das gramineas, mas que facilmente se conseguiria que produzisse ceáras.

Como quer seja, as campinas conservam-se no dominio incontestado da criação do gado. A passagem do comboio perto d'ellas faz levantar, assustados, bois de grandes cornos e de poderoso jogo deanteiro, e cavallos que galopam enfurecidos, de cauda cortada. Vêem-se carcassas disseminadas pela planicie, umas vezes recentes, o esqueleto ainda inteiro, e outras antigas já, a ossatura desconjuntada e dispersa pelos ventos, pelas chuvas e pelas aves de rapina. O inverno dezima os rebanhos que ali ficam expostos, sem abrigo, nas pastagens emagrecidas. No verão o gado soffre com as séccas. Na primavera sómente, quando a campina desperta, é que os sobreviventes, extenuados pelo jejum, se refazem, engordam e se reproduzem. Sobre este mundo animal reina a nação dos *gauchos*, cavalleiros admiraveis, sempre na sella, barbaros creadores ás vezes. O seu trabalho consiste sobretudo em tomar conta dos bois e em escolher, na occasião propria, os que estão gordos e em idade de ser vendidos, e conduzil-os aos matadouros. O seu instrumento de trabalho é o laço.

O contraste entre colonos e *gauchos* é frisante; é um dos factos mais característicos da vida rural brasileira esse contraste que se nota entre as populações pastoris. Em parte alguma é elle mais nitido do que no Rio Grande. Quasi não existem no Brazil regiões em que a agricultura se combine com a criação de gados, como em regra succede nos campos em França. É que em França o boi não é sómente um animal para açougue, é tambem um animal domestico, o primeiro servo da herdade, toma parte nos trabalhos do camponês. No Brazil, a faina é excepcional, a terra é trabalhada á mão. O colono não tem animaes domesticos.

As colonias e as campinas vivem umas ao lado das outras, como dois mundos distinctos, tendo occupações e costumes diferentes, diferentes tambem pela sua origem. Os colonos são de raça italiana ou allemã; quanto aos *gauchos*, o seu sangue está fortemente misturado com sangue hespanhol. Entretanto, não seriamos exactos dizendo que cada uma das duas populações vizinhas não exerce sobre a outra influencia alguma. Os *gauchos*, verdadeiros aristocratas, communicaram aos colonos o gosto pela equitação; mas emquanto o cavallo é para os *gauchos* o companheiro de trabalho quotidiano, para as colonias não passa d'um animal de luxo. Monta-se a cavallo aos domingos ou quando o permitem as necessida-

des agricolas; homens e mulheres, as italianas escarranchadas, as allemãs d'amazonas. Os rapazes preferem frequentemente aos jogos tradicionaes uma cavalgada, a "Kegelbahn," allemã. Recordo-me de ter visto por occasião da campanha eleitoral, os cavalleiros da colonia de Silveira Martins fazerem cortejo aos seus candidatos. Desceram até Santa Maria, em plena zona dos campos, e encheram com as suas proezas equestres os caminhos da campina.

Em resumo o exito da politica de colonização do Rio Grande é incontestavel. É tanto mais frisante quanto maiores foram as difficuldes que teve no seu inicio. Pela sua actividade, pelo seu poder d'expansão, pela sua crescente riqueza, as pequenas republicas democraticas que constituem as populações colonias são um dos melhores elementos da moderna nação brasileira. É completa a sua estabilidade. Emquanto S. Paulo nem sempre consegue reter os immigrants italianos, no Rio Grande o movimento reemigratorio é nullo. Um unico perigo existe, com o qual no entanto a opinião brasileira não parece inquietar-se muito; é a resistencia dos colonos á assimilação nacional. Esta resistencia chegará a comprometter a unidade territorial do Brazil, ou mesmo a sua unidade moral? É uma questão que não discutirei. A historia das colonias explica a fide-

dade que os colonos têm mostrado pela sua nacionalidade primitiva. Durante duas gerações nem sequer estiveram em contacto com o meio brasileiro; a que milagre, pois, se deve attribuir o terem aprendido o português e esquecido o allemão? O isolamento em que viveram obstou a que elles se deixassem absorver e enfeudou-os ás suas tradições particulares. A origem official das colonias é que tem a responsabilidade d'esse isolamento. O governo creou-as n'uma época em que as condições economicas as não teriam feito nascer espontaneamente. Marcou-lhes uma séde distante de todas as vias de communicacão: originou assim a questão allemã. As leis economicas naturaes desforçam-se assim do intervencionismo. Quando o desenvolvimento normal do commercio faz affluir os colonos a um país; quando n'elle podem praticar culturas d'exportacão; quando a circulação do ouro nas suas mãos lhes dá a esperanza, ou, pelo menos, a illusão da riqueza, então é que elles se deixam absorver sem esfoço. A Argentina contemporanea é a prova d'isso.

Mas se o isolamento e a miseria tornaram n'outro tempo os teuto-brazileiros rebeldes á assimilacão, não conseguirão acaso novas condições de vida vencer a sua resistencia? Ha direito a esperal-o. A prosperidade economica renderá por si só a fortaleza allemã do Rio Grande. Abriu-lhe já largas bréchas.

THE HISTORY OF THE
CITY OF BOSTON
FROM THE FIRST SETTLEMENT
TO THE PRESENT TIME
BY NATHANIEL BENTLEY
IN TWO VOLUMES
VOL. II
BOSTON: PUBLISHED BY
J. B. ALLEN, 1825.

The second volume of this history, which contains the period from the year 1700 to the present time, is now published. It is a continuation of the first volume, and contains a full and complete account of the city of Boston during this period. The author has made great use of the records and other authorities, and has endeavored to give a full and accurate account of the events of this period. The history is written in a plain and simple style, and is well adapted for the use of the general reader. It is a valuable work, and one which every citizen of Boston should possess.

CAPITULO XII

As populações negras

O seu numero. — A sua localização. — Os negros em Minas depois da abolição. — Concorrência da mão-d'obra italiana. — Os negros nas regiões assucareiras. — Campos. — Pernambuco. — Populações negras urbanas. — Inferioridade economica da raça negra no Brazil. — A sua puerilidade. — Os seus prazeres. — As danças e as canções dos negros

A população negra no Brazil não está recensada. Não se conhece precisamente nem a sua cifra actual, nem o seu movimento demographico. O que pelo menos se tem como certo é que n'alguns estados excede em numero a população branca. Os mulatos de todas as *nuances* são mais numerosos ainda do que os negros. A primeira immigração portuguesa foi quasi exclusivamente masculina: da união dos portugueses com as mulheres negras nasceu uma raça de mestiços que, depois, se multiplicou.

Ha vinte annos sómente que o Brazil não tem escravatura. O trafico clandestino só dei-

xou completamente de fazer-se por 1860. A partir de 1860 varias medidas governativas annunciam e preparam a abolição. Em 1864, os "africanos livres," são emancipados. Chamavam-se assim os negros encontrados a bordo de navios negreiros pelos navios de vigilancia e que viviam no Brazil n'um estado de meia-escravidão, sem terem tirado nunca grande proveito do seu resgate. Em 1871, a lei do "ventre livre," liberta todo o filho de mãe escrava e supprime assim o unico meio que restava de recrutar escravos depois da extincção do trafico. A abolição da escravatura era questão d'uma geração apenas. Em 1885 são libertos todos os negros de mais de sessenta annos. Em 1888, finalmente, o governo imperial imita o exemplo já dado pelas provincias do Pará e do Ceará e decreta a abolição da escravatura.

Os negros estão ainda hoje agrupados em regiões onde a cultura dominava antes da abolição. Conservaram-se nas terras onde a escravatura os fixou: não aproveitaram da liberdade para se deslocar. Os dois estados onde a população negra é mais densa são Bahia e Pernambuco; no Brazil meridional é, porém, pouco numerosa. Em S. Paulo só muito raramente se encontram negros na região das plantações novas e em volta de Ribeirão Preto ou de S. Carlos do Pinhal; vêm-se mais fre-

quentemente nos arredores de Campinas, na velha zona agricola.

Ainda que se não possa affirmar em termos absolutos que não existe no Brazil nenhum prejuizo de côr, os costumes são ali entretanto, pelo que diz respeito aos negros, infinitamente mais tolerantes que nos Estados Unidos. Mas o liberalismo, a propria indifferença da opinião não impedem que haja a *questão negra*, senão de facto, pelo menos de direito. O elemento africano tem o seu logar entre os que compõem a sociedade brasileira. Que vantagem trouxe á nação o trafico dos negros, forma primitiva e barbara da immigração gratuita? Que população creou?

Estudarei a questão negra primeiro no estado de Minas, onde os operarios negros se encontram nas plantações em concorrência com os brancos; depois nos centros assucareiros da costa atlantica, onde a mão-d'obra negra não teve nunca rival.

A abolição foi acolhida sem protestos pelos fazendeiros de S. Paulo. Em Minas, pelo contrario, os grandes proprietarias receberam-n'a com um vivo resentimento contra o Imperio, cuja queda apressou. O regime da escravatura não estava ali tão abalado como em S. Paulo; a alforria dos escravos suspendeu o trabalho e desorganizou a producção. Com effeito, logo que se viram livres os negros afastaram-se das

plantações. A historia da agricultura de Minas é, desde 1888, a dos seus esforços para reconstituir o seu pessoal. Em 1888, os negros constituíram a grande maioria da população rural operaria. Hoje ainda, quando se visitam as fazendas de Minas, quasi se não vêem ali senão operarios negros. Como voltaram elles ao trabalho, de que tinham desertado?

Esperou-se primeiro poder passar sem elles e substituil-os. O exemplo dos progressos de S. Paulo estimulou os agricultores de Minas. Quiz-se imitar S. Paulo, organizando a immigração gratuita. O governo de Minas persuadiu-se de que tinha para com os plantadores do estado os mesmos deveres de que se desobrigava o governo de S. Paulo, e em 1894, tomou a seu cargo as despezas de viagem dos immigrants. Durante tres annos os serviços d'immigração funcionam em Minas exactamente como em S. Paulo: visam o mesmo fim e encontram as mesmas difficuldades. O reservatorio d'homens onde Minas bebia era tambem a Italia, e foi em Genova, onde funcionava já o commissariado de S. Paulo, que Minas estabeleceu uma agencia de fiscalização de immigrants. Eram albergados á chegada nos azylos da Soledade e de Juiz de Fóra, e distribuidos em seguida pelos districtos agricolas, conforme as requisições dos fazendeiros. A immigração gratuita foi suspensa em 15 de

novembro de 1897; nunca mais recomeçou. De 1894 a 1897 haviam sido introduzidos 51.259 imigrantes. Acrescente-se a este contingente o pequeno numero dos que foram á sua custa.

O effectivo da mão-d'obra branca immigra nos campos de Minas nunca excedeu provavelmente 100.000. Mas esta cifra por muito inferior que seja ás que indicámos para o estado de S. Paulo revela entretanto o esforço realizado para dispensar o concurso dos negros. Podia suppôr-se por um momento que os operarios brancos constituiram nas plantações a parte mais estavel do pessoal, a que se incumbiria dos serviços mais delicados, e que os negros desempenhariam um papel accessorio. Mas não succedeu nada d'isto. A crise cafézeira deteve o progresso da mão-d'obra branca. Obrigou os fazendeiros de Minas a reduzir as suas despesas de cultura: a mão-d'obra branca era um luxo que não puderam sustentar; foi eliminada progressivamente.

A principio, os operarios brancos eram pagos, como em S. Paulo, por empreitada. Hoje, aquelles que residem nas plantações, são mee-ros. Confiam-lhes algumas geiras de cafézeiros, que cultivam a seu modo, entregando sómente em cada anno a metade da respectiva colheita. Ora o regime de meação parece não poder

regularizar d'uma maneira estavel as relações do plântador com os seus operarios. Não se pode manter por muito tempo; leva á ruina as plantações de café. O meeiro pratica entre os cafézeiros a cultura do milho e, por vezes, a propria criação de gado; os cafézeiros soffrem a concorrecia dos cereaes e adquirem em pouco tempo uma apparencia rachitica. O engenheiro Carlos Pratas, encarregado pelo governo de Minas d'estudar as condições da agricultura no sul do estado, depois de ter constatado o numero cada vez maior dos meeiros, conclue que o contracto de meação não é hoje para os plantadores, senão um meio de prolongar a cultura do café. Graças a esse contracto, contam poder esperar, sem dispendio, um levantamento das cotações que lhes permittirá voltar a processos de cultura menos desesperados. Se a alta do café se demora, o regime da meação destruirá as plantações: os ultimos operarios brancos deixarão os campos de Minas, ou não se demorarão, pelo menos, ao serviço da grande cultura.

O movimento de dispersão dos operarios agricolas brancos está já nitidamente accentuado. Uma parte d'elles deixou-se attrahir a S. Paulo, seduzida por salarios superiores, e, mais ainda pela influencia que no Brazil exerce, em roda de si, sobre os italianos dispersos, um grupo italiano mais compacto. Outros fixa-

ram-se nos centros coloniaes fundados pelo governo de Minas depois que deixou de subvencionar a immigração; alguns empregaram-se nas minas d'ouro e de magnésio; a maior parte, emfim, engrossou a população urbana do estado e são hoje artistas ou pequenos commerciantes em Juiz de Fóra, em Barbacena ou em S. João d'ElRei.

O logar que os italianos deixaram vago nas plantações foi pouco a pouco reconquistado pelos negros.

A população agricola negra tomou, depois da abolição, habitos novos; as suas habitações dispersaram-se. As cabanas onde vivem os negros, com uma falta de conforto que é apenas comparavel á mediocridade das suas exigencias, estão espalhadas por toda a superficie das fazendas, distribuidas ao acaso, na vizinhança das fontes e ao longo dos caminhos. Quanto ás dependencias das fazendas, onde outr'ora os escravos passavam a noite, foram abandonadas e caíram em ruina as que não se transformaram em celleiros ou em pocilgas. Por um contraste, que é significativo, o movimento quotidiano que anima a fazenda produz-se precisamente em sentido contrario ao que se nota em Minas e em S. Paulo. Em S. Paulo os colonos brancos vivem agrupados na colonia, sob a vigilancia do fazendeiro, espalhando-se todas as manhãs pelos cafézei-

ros. O fazendeiro assiste á sua partida como á tarde ao seu regresso. Em Minas, pelo contrario, os operarios negros que vivem dispersos, longe da vista do patrão, reúnem-se á sua vontade na fazenda onde aquelle os espera, muitas vezes em vão, para começar o trabalho. Á tarde dispersaram-se de novo. Este facto basta só por si para demonstrar qual a differença que ha entre a disciplina da fazenda paulista e a desordem da fazenda de Minas.

Emquanto em S. Paulo cada colono trabalha isoladamente, limitando-se o fazendeiro a inspeccionar de tempos a tempos os cafézeiros, em Minas não se pode obter dos negros um esforço constante, senão mediante uma continua vigilancia. Agrupam-se tambem em partidas, dirigidas por contra-mestres. Á parte o chicote, o officio d'estes vem a ser o mesmo que exerciam os guardas no tempo da escravatura.

Pode contar-se que em Minas se não encontram, para uso da mão d'obra negra, formas de contracto analogas á colonagem de S. Paulo, que deixa a cada colono a responsabilidade d'uma parte das culturas da fazenda. É mesmo muito raro que se possa conceder um lote a um negro pelo regime da meação. A quasi totalidade dos negros são jornaleiros agricolas, Tal é a condição presente da popu-

lação saída da escravidão. O salario médio pode ser avaliado approximadamente em 2:000 réis. Uma tal importancia é manifestamente superior ás necessidades do negro. É por isso que elle não fornece um trabalho regular. Um bom operario trabalha tres dias por semana. Tal fazendeiro calcula que residem nas suas terras trezentos negros em idade de trabalhar, e não chega comtudo a recrutar em cada manhã mais de cem operarios. O facto d'habitar uma cabana pertencente a tal plantador, não obriga de facto o negro a offerecer-lhe todos os dias os seus serviços; quando muito, interdiz-lhe a faculdade de se assalariar a um plantador vizinho. Mas tem o direito averiguado — e difficilmente discutivel, dada a resistencia passiva do negro, — de se reservar em cada semana o numero que lhe apeteça de dias de descanso. Ora, o negro é indolente; o trabalho inspira-lhe um horror profundo, e só a elle se entrega, forçado pela fome ou pela sêde; quando todos os recursos lhe faltam é então sómente que se apresenta de manhã e se deixa alistar.

Uma outra consequencia da abolição, é a facilidade com que os negros se deslocam d'uma fazenda para a outra. Á falta dos castigos corporaes, que desapareceram com a escravatura, o ultimo recurso do fazendeiro contra o negro que commette alguma grave infracção

dos regulamentos da fazenda, é o de banil-o das suas terras. O negro procura então contractar-se n'uma fazenda vizinha. Às vezes toma por si mesmo esta resolução, e, sem prevenir ninguem, abala, e deixa a cabana vasia. Está certo de que, por muito mediocre que seja a sua apparencia, encontrará bom acolhimento em toda a parte. Os fazendeiros acceitam de bom grado a inesperada fortuna de mais um trabalhador e não inquirem da sua procedencia. Mostravam mais solidariedade ha vinte e cinco annos, quando restituíam uns aos outros os escravos calhambolas. O fazendeiro indicará, pois, ao novo cliente alguma cabana abandonada, e a installação far-se-ha sem grande dispendio; o guarda-roupa do negro é tão simples como o seu mobiliario.

A mediocridade d'esta mão-d'obra agrava pesadamente a producção agricola de Minas. Nas plantações de Minas, os cafés enfraquecem mais rapidamente do que em S. Paulo. Na idade em que estariam em plena producção em S. Paulo, deixam elles de produzir e têm de ser abandonados. É preciso ter visitado algumas fazendas de Minas para comprehender os serviços que presta aos plantadores de S. Paulo a politica d'immigração gratuita. Se a pequena cultura tende hoje a estabelecer-se ao sul de Minas, se tem mais possibilidade de se desenvolver ali do que em

S. Paulo, é isso devido principalmente ao facto da grande cultura não dispor em Minas senão de trabalhadores negros.

Mais ainda que o estado de Minas, as plantações assucareiras da costa atlantica eram o dominio por excellencia do trabalhador servil. Depois da abolição, os operarios negros empregados na cultura da canna, não conheceram nunca a concorrencia dos operarios brancos. A immigração europêa jámais se fez para as regiões assucareiras.

A abolição não suspendeu ali a producção agricola como em Minas. Poderosos interesses obrigaram, com effeito, os plantadores a continuar a exploração. Os engenhos d'assucar representam um capital que não pode ficar sem emprego. Devem ser alimentados a todo o custo. Por isso, os grandes proprietarios usavam da muita energia para restabelecer na população negra liberta a disciplina compromettida pela abolição.

Como em Minas, os negros foram dispensados e deixaram o alojamento commum em que viviam ao pé do senhor. A abolição ainda teve outra consequencia: as mulheres deixaram de trabalhar. É o que tem d'ephemero e d'incerto a constituição da familia negra fornecida pela ociosidade. O negro tem ainda de obter a fidelidade da mulher á custa de respeitos que os homens da raça branca ignoram nos países em

que o laço conjugal está mais garantido pela lei e pelos costumes.

Áparte estas diferenças, o trabalho recommençou nas plantações da canna como antes de 1888. A propriedade do solo pertence as mais das vezes aos engenhos. Concedem-n'a elles aos negros em parcelas, por meio d'um contracto que tem o nome de colonagem, posto se não pareça com a colonagem de S. Paulo. A irregularidade do trabalhador negro é tanto mais perigosa quanto mais ruinosa fôr a falta de trabalho nos engenhos. Por isso, o que mais preoccupa cada engenho é a sua colheita. O contracto de colonagem obriga o colono a entregar ao engenho proprietario toda a canna da sua producção.

O dono do engenho submete os colonos a uma vigilancia constante; o interesse d'elles não lhe basta para o assegurar de que darão á terra todos os seus cuidados. O engenho guarda as sementes da canna; anima as plantações e é obrigado ás vezes a fazer á sua custa uma parte dos trabalhos de cultura. Muitos negros trabalham a jornal tambem. O dia é pago como em Minas, de 1\$800 a 2\$000 réis. Ás vezes o colono é um verdadeiro empresario que recebe do engenho uma grande extensão de terreno, no qual occupa jornaleiros a seu soldo. O trabalho ganha então em regularidade; o engenho tem talvez garantida a colheita. E é apenas o

colono quem tem de resolver o problema de manter durante o periodo dos trabalhos agricolas o effectivo do seu pessoal (1).

A canna que o colono entrega é-lhe paga conforme a cotação. Ás vezes o engenho recebe gratuitamente uma pequena parte da colheita, um dizimo, por exemplo. Esta parte constitue a unica renda da sua terra. O valor da terra não se mantem elevado por muito tempo, senão emquanto as terras forem annualmente cultivadas. Comtudo, em certos pontos o preço elevado das terras indica que as culturas são ahi feitas d'um modo constante. É assim que nas im-

(1) A questão da mão-d'obra agricola não é a unica que preocupava a industria assucareira brasileira. Está, com effeito, em condições economicas bastantes regulares. Um limitado numero de engenhos, em roda de Campos e de Pernambuco, fabrica o assucar propriamente dito. A sua producção é absorvida pelas grandes cidades brasileiras. Mas ao lado d'estes engenhos, existe por toda a parte do Brazil uma infinidade de pequenos moinhos de canna primitivos, que produzem um succedaneo do assucar: o xarope concentrado. Expedem este producto para os campos, onde a freguezia é menos exigente. A producção d'estes moinhos é intermittente. Interrompe-se quando a cotação do café fraqueja. Quando melhora, os moinhos trabalham. A concorrencia que fazem os engenhos de canna á grande industria assucareira é nefasta. Roubam-lhe uma parte do mercado nacional, e a sua rivalidade é tanto mais perigosa quanto o assucar se vende mais caro.

mediações de Campos o terreno é vendido até 30 mil réis o hectare, e ás vezes mais caro ainda.

Uma pequena parte das terras pertence aos negros. A pequena propriedade negra não se constituiu só depois da abolição ; a sua origem é anterior. Os senhores libertavam escravos davam-lhes muitas vezes com a liberdade, uma porção de terreno que lhes assegurava a subsistencia. Os negros que herdavam estas pequenas propriedades são hoje o melhor elemento da população agrícola negra. Constituem a maioria d'uma classe de camponezes proprietarios, trabalhando a terra por si sós, classe em que se comprehendem tambem mulatos e mesmo alguns brancos. Infelizmente é pouco numerosa essa classe.

No conjuncto, os negros constituem nas regiões assucareiras, como a de Minas, uma mão-d'obra de valor economico mediocre. O proprio solo onde vivem lhes assegura, áparte todo o trabalho agrícola, numerosos recursos alimentares. O peixe abunda em todos os pontos da costa. Uma creança pesca n'um dia o peixe necessario á alimentação de dez pessoas. A pesca liberta os negros da obrigação do trabalho regular. Posto que o solo não esteja todo cultivado, certos districtos assucareiros chegam para sustentar uma população d'uma extraordinaria densidade, verdadeiros formigueiros d'homens.

Na Bahia, as culturas de canna desapareceram inteiramente. Em Pernambuco, a maioria dos negros vive como outr'ora nas plantações. Um grande numero, comtudo, concentrou-se na cidade. Porque, os negros que para manifestar a sua independencia se afastaram para longe das fazendas onde tinham vivido, aborreceram entretanto a solidão e apaixonaram-se pela vida urbana. Em Pernambuco e na Bahia a população urbana é muito numerosa para o movimento dos negocios e para a actividade do porto. Em roda da cidade propriamente dita, prolonga-se uma immensa barreira, vasta aldeia onde os negros vivem sem grandes recursos entre as mangueiras e arvores de pão. Atravessando uma fazenda ou uma plantação em Campos, causa admiração vêr como uma quantidade minima de trabalho pode occupar e sustentar um tão grande numero de negros. A mesma admiração nos invade nas grandes cidades do norte. Se quereis um barco, vinte barqueiros disputam a honra de vos servir. No mercado de Pernambuco lembra-me de ter visto vinte vendedoras, cada uma com o seu taboleiro de fructa, podendo caber toda ella em dois cestos.

Em resumo, a inferioridade economica e moral da população negra no Brazil não pode ser contestada. A puerilidade dos negros é extrema. São imprevidentes e não conhecem ne-

nhuma das formas da ambição, unico estimulo do progresso. São modestos em seus desejos, com pouco se satisfazem. Quem quer que tenha ouvido, nas ruas da Bahia, o riso sonoro, jôvial e sincero d'alguma mulher negra, decerto sentiu esse misto de desprezo, d'indulgencia e d'inveja que inspira este povo de creanças. A sua imaginação é activa e forte, intensa a sua vida sentimental, mas a intellectual é nulla. São supersticiosos, a sua devoção manteve, e mantém ainda, as quatrocentas egrejas da Bahia.

Divertem-se com paixão. Mais de metade da sua vida é dedicada a divertimentos e a festas. O circo é a sua diversão favorita. O espirito d'um *clown* fál-os passar horas bemaventuradas. Algumas das suas festas estão ligadas aos trabalhos agricolas. Eram celebradas outr'ora na fazenda entre escravos: sobreviveram á escravatura. Em Minas os operarios negros vão ainda, terminada a colheita do café, e levando na mão ramos de cafézeiro que adornam com fitas de papel multicolor, pedir em altos gritos ao patrão para dar o signal dos festejos.

Mas, junto com estas festas geraes, cada familia tem as suas: o menor pretexto basta. Penduram-se primeiro á porta d'uma cabana folhas e ramos. Os convidados e o seu hospede chegam á excitação mais ruidosa. Quantas vezes, viajando a cavallo, não surprehendi eu estas scenas infernaes, que a passagem d'um viajante

não perturba nem interrompe, e me não perseguiram no caminho gritos roucos e sons discordantes d'uma musica barbara!

É no correr d'estas festas que têm logar as danças negras, meio pantomimas, meio bailados: o *Coco* e a *Samba*. São animadas por extranhas canções, muitas vezes dialogadas como as danças, verdadeiras comedias primitivas, cheias de palavras inintelligiveis, restos deformados de linguas africanas. Muitas *modinhas* que se cantam hoje em volta da Bahia e de Pernambuco foram compostas por poetas citadinos, e não passam d'uma imitação mais ou menos habil dos typos primitivos d'origem popular. Reflectem as diversas occupações em que se emprega a população negra no norte do Brazil.

Esta canção estava muito divulgada nos moinhos de canna:

*Ó Lele, gyra o moinho
Ó Lele, o moinho gyrou.
Quem não tem uma camisa
Para que quer um paletot?*

*E viva Joaquim Nabuco e todo o seu pessoal,
E viva o Cordão Azul, e o partido liberal.*

Perto da costa, o mar tem o seu logar nas canções:

*O meu pedaço de vela
Que vento queres tu que o levante?
De dia, o vento da terra,
De noite, o vento do mar.*

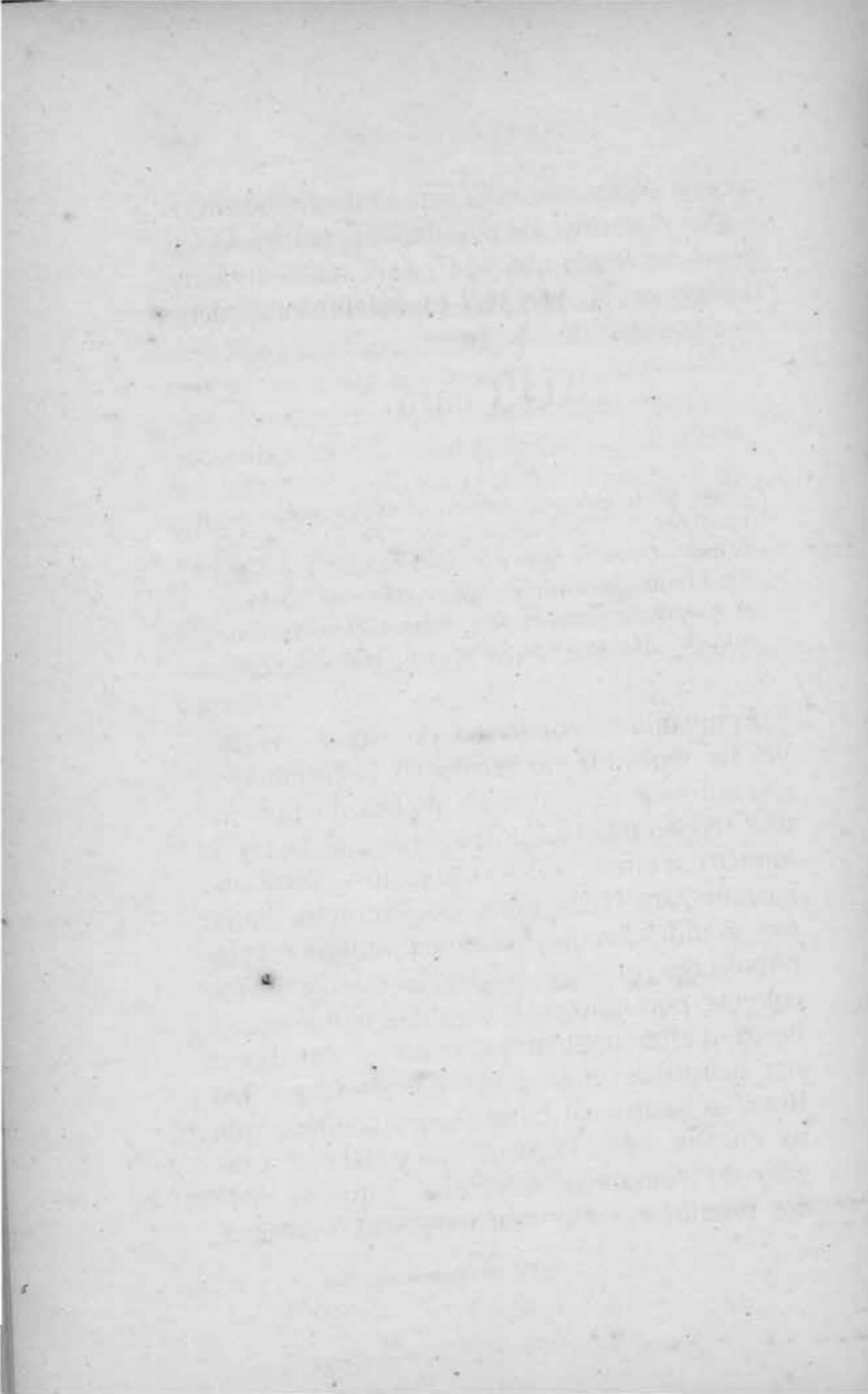
Danças e canções mantem a alegria, mas é a aguardente que a provoca. A intemperança é, com effeito, o vicio da população negra. A aguardente é a sua primeira e quasi unica necessidade. O negro trabalha sómente para comprar aguardente, e é com generosas distribuições d'aguardente que o fazendeiro estimula a fidelidade do seu pessoal. Assisti a uma d'essas distribuições; causou-me uma verdadeira impressão d'horror vêr a quantidade d'alcool absorvida pelos adultos e até pelas creanças. A aguardente de canna vende-se no Brazil por um preço muito baixo; o salario d'um dia de trabalho chega para uma semana de bebedeira.

*Qu'est devenu ton camarade, — diz a canção:
L'eau de la montagne l'a emporté.
Ce n'est pas l'eau, ce n'est rien,
C'est la cachaça (1) de vie qui l'a tué.*

O alcoolismo não é o unico flagello da raça negra. É consumida por outras doenças que a absoluta falta d'hygiene propaga: por isso ella não se multiplica como o poderia fazer crer a sua extrema fecundidade. Exaggero seria, decerto, predizer a sua extincção proxima. Entretanto, é provavel que ella se não desenvolva na

(1) *Cachaça*, aguardente de canna.

mesma proporção com que se desenvolvem os outros elementos da população brasileira. O seu papel no Brasil não pode, pois, senão diminuir d'importancia; não terá nunca influencia decisiva nos destinos do país.



CAPITULO XIII

O Ceará

O clima do Ceará. — As séccas. — A raça cearense e a fecundidade. — A criação de gados. — Os vaqueiros do Ceará. — Os moradores e as suas culturas alimentares. — O desaparecimento das culturas de canna. — A população agricola das serras. — As serras e as chuvas. — Migrações periodicas em volta das serras.

Emquanto a população do Brazil meridional foi renovada no seculo XIX pela immigração europêa, as provincias do Brazil equatorial não receberam da Europa senão um pequeno numero d'immigrantes. Os negros quasi não passam para lá do norte do Parahyba, limite dos grandes campos de canna onde dominam populações mestiças, oriundas dos primeiros colonos portuguezes e de raças indigenas. O berço d'estas populações, o centro em que a sua densidade é hoje maior, é o Ceará. Do Brazil septentrional quasi se não conhece hoje na Europa senão Pernambuco e Bahia e a região do Amazonas. Comtudo, entre os estados productores d'assucar e os estados produc-

tores de borracha, existe uma terceira região, menos conhecida por que o seu desenvolvimento foi muito lento, e menos visitada por que esteve fóra de todas as estradas: é o Ceará. O Ceará occupa a parte septentrional do planalto da Borburema que domina o angulo nordeste do Brazil e acaba em declive suave sobre o Atlantico. Prolonga-se até aos limites das bacias de S. Francisco ao sul, e do Parahyba a leste. A sua inclinação geral é do sul para o norte. Para oeste, as alturas quasi continuas da serra Grande e da serra d'Araripe separam-n'o do Piauhy. Á superficie do planalto surgem linhas secundarias de cadeias irregulares de montanhas, que o dominam, d'algumas centenas de metros. As duas mais importantes são as serras de Baturite e de Sobral.

É ao seu clima que o Ceará devè toda a sua originalidade; e a região das séccas, soffre profundamente com a falta d'agua. Á mingua de observações bastantes, não se pode pensar n'um estudo scientifico do clima do Ceará. A média annual das chuvas, de 1849 a 1898, passou de 1.400 millimetros na fortaleza. No interior não attinge esta cifra. As aguas, correndo por um solo impermeavel, estão expostas a uma evaporação intensa, por que o thermometro mantem-se todo o anno entre 25° e 35° e os ventos ardentés precorrem o planalto. A rêde hydrographica é embryonaria; verdadeiramente fa-

lando, não ha rios, mas torrentes intermittentes, cujo leito arenoso começa em todas as gargantas das montanhas; caudalosas na estação das chuvas, mas logo que chega a estação estival seccam.

As chuvas não se distribuem egualmente durante o anno. A estação das chuvas começa ordinariamente em janeiro. São aguaceiros locais, grandes tempestades de que aproveita um cantão, sem se estenderem aos cantões vizinhos. Duram até junho. A partir de junho, o céu torna-se impiedosamente sereno. Nada refresca a temperatura, e a estação sêcca prolonga-se durante seis meses ou mais. Quem quer que tenha vivido n'uma região em que a estação sêcca alterna com a estação chuvosa, conhece esta expectativa febril das primeiras chuvas e a alegria que ellas trazem á terra e aos homens. Mas em parte alguma essa expectativa causa maior anciedade do que no Ceará; o proprio estrangeiro se deixa invadir da geral emoção. É que ás vezes os meses d'inverno não trazem as desejadas chuvas. Quando de janeiro a junho as chuvas faltam, abre-se para o Ceará um anno de miseria, o flagello da sécca domina.

Poucos países apresentam semelhantes variações no regime das chuvas; para cumulo de desgraça os annos d'escassez juntam-se, de sorte que as grandes séccas historicas prolongam-se durante alguns annos.

A primeira, depois da occupação portuguesa, produziu-se em 1692. A seguir houve as de 1722 a 1727, de 1791 a 1793; no seculo XIX, as de 1845 e de 1877 a 1879.

O seu dominio variou d'extensão; a sécca de 1791-1793 estendeu ao longe os seus effeitos, e resentiu-se d'ella toda a bacia de S. Francisco.

Quanto ás suas causas, mantem-se tão obscuras como o conjuncto das condições meteorologicas do Ceará. Colhi sobre este assumpto testemunhos hesitantes e contradictorios. Não são, parece, os alizeos marinhos que levam ao Ceará as chuvas; conservam o seu character de ventos seccos durante toda a metade do anno em que a sua rajada incessante levanta ondas contra a costa inhóspita. As chuvas produzem-se, pelo contrario, em tempo calmo, depois das trovoadas; a estação das chuvas, com o seu *maximum* em março corresponde ao momento em que o Ceará se encontra comprehendido na zona das calmas equatoriaes.

Uma opinião das mais correntes attribue ao desbaste dos bosques e das florestas as séccas no Ceará. O homem — diz-se — não é victima senão da sua imprevidencia; destruindo a floresta, arruina o clima. É esta uma crença que vem de longe e cada geração renova-a. Encontra-se já n'um livro escripto por Euclides da Cunha. E igualmente, depois da sécca de 1791-1793 nomeou o governo por

carta regia um juiz conservador das florestas, encarregado de "refrear a indiscreta e desordenada ambição dos habitantes que destruíram pelo ferro e pelo fogo as preciosas florestas que outr'ora abundavam." Depois de 1879 affirmou-se de novo que a raridade cada vez maior das chuvas era devida ao desbaste intenso das florestas, provocado pela extensão das culturas algodoeiras. Na verdade, eu não creio em nada d'isto. Se é certo que no norte como no sul do Brazil a historia da occupação do solo se confunde com a historia da luta do homem contra a floresta, o Ceará conservou-se mais do que nenhuma outra provincia fóra d'essa luta. Para admittir o desbaste da floresta, seria preciso que a região a tivesse tido outr'ora. Ora, no planalto do Ceará eram os mattos, e não a floresta, que reinavam no seculo xvii. Basta, para se adquirir esta convicção, notar a rapidez com que a criação de gados ali se propagou. Esses mattos que por si sós se reconstituem depois dos incendios, muito mais facilmente do que a floresta, não podem exercer uma grande influencia no clima. O homem não é responsavel pelas séccas do Ceará; e o clima não se modificou ali posteriormente á epocha historica.

Logo á chegada se nos torna sensível o signal que a sécca imprimiu á região. Uma longa

linha de dunas, arruivadas e nuas, brilhando ao sol, margina o mar resplandecente. A pequena cidade da fortaleza occulta-se por detraz, rodeada por um oasis de coqueiros; á volta da cidade, construida á europêa, uma multidão de cabanas primitivas abriga-se entre as palmeiras. Vive ali uma população suja e esfarrapada, cujo aspecto revela desde logo as tristes consequencias da sécca: a miseria.

O elemento ethnographico dominante é a raça primitiva dos habitantes do estado, os indianos. Em vez de serem eliminados, como n'outros pontos, pelos brancos e pelos negros, e de serem repellidos para o interior, misturam-se aqui aos novos occupantes do solo. As longas lutas entre portuguezes, franceses e holandeses que obrigaram os conquistadores a acceitar e a procurar alliados entre os indigenas, a propria lentidão do desenvolvimento d'estas provincias occasionou esta mistura extranha em que dominam quasi sempre, sobretudo na população rural, a tez bronzeada, os cabellos negros e corridos, as feições um pouco chatas do indiano. Vê-se pelos caminhos do Ceará mais d'uma physionomia verdadeiramente asiatica. Como é que esta população conservou do indiano os caracteres physicos, sem conservar d'elle tambem as hereditariedades moraes? Accusam-n'a um pouco de leviandade e d'imprevidencia, grave culpa sob

este ceu irregular em que todos deviam precaver-se a tempo contra os annos máos.

O ceu do Ceará, se é avaro de chuvas, é, pelo menos, salubre. A população ali multiplica-se com uma rapidez sem igual. A fecundidade das mulheres do Ceará é proverbial, mesmo no Brazil, onde os exemplos de fecundidade não faltam. Para lá, o Ceará contra-põe-se ás planicies exhuberantes da Amazonia em que a vida do homem está exposta a mil doenças, e se perpetua miseravelmente ao lado de todos os esplendores da vegetação.

O interior do Ceará é propicio á criação de gados. Por isso foi elle povoado muito antes da costa, pelos colonos portuguezes. Cidades como Crato, Sobral, Quixe Ramobim, são centros d'antiquissima origem.

Hoje ainda a maior parte da população cearense vive dos seus rebanhos. A criação de gado foi outr'ora e é ainda hoje a industria da maior parte das provincias brazileiras. É praticada em toda a extensão do territorio, mas no Ceará a sécca dá-lhe um character original, o clima actua ali na vida dos homens por mil modos diversos.

Imagine-se a superficie do planalto guarne-cida por um mattagal muito denso: a espaços o sólo liberta-se, e a herva cresce então livremente; as mais das vezes as pastagens são

constituídas por uma especie de matta de córte baixa e cerrada. A alternativa das estações modifica profundamente o seu aspecto: ás primeiras chuvas é um desabrochar desordenado da vegetação: alguma coisa como que a subita primavera das terras boreaes. É que tambem aqui o periodo da vegetação será de curta duração, antes do somno que invadirá o matto logo que recommecem os calores ardentes do estio. O Ceará torna-se então a mais bella região do mundo. A propria chuva n'este solo onde o frio é desconhecido, é amavel, sente-se cair com voluptuosidade. "Quando chega o mês das festas — diz uma canção popular, — o povo põe-se a escutar e a vêr quem ouve primeiro rugir a tempestade . . . — Não ha vida tão satisfeita — como a nossa no sertão, — quando o anno dá um bom inverno e no céu ruge a tempestade."

Conforme decorre o anno, as chuvas cessam em maio ou em junho; desde então tudo se transforma: as folhas cáem; mas não é o longo e interminavel outono das florestas de França: é a apparição brusca do inverno nas mattas de córte, desfolhadas. N'esta paysagem, que lembra dezembro ou janeiro nos nossos campos, reina entretanto uma atmosphera abraçadora; a herva sécca a nossos pés, a vida paralysa. O sertão conserva a sua desolada apparencia até ao momento em que as chuvas

recomeçam. Quando ellas tardam, no meio da matta ainda adormecida, algumas mimosas de raizes profundas antecipam-se á primavera, cobrem-se as primeiras d'uma leve folhagem. As outras plantas é mais tardiamente que despertam. A criação do gado (1) em tempo ordinario dá pouco trabalho. A manada cresce livremente procurando ella propria o seu sustento no matto. Durante todo o inverno a forragem é abundante; todos os regatos tem agua. O gado leva vida facil; é o tempo em que as vaccas parem e em que dão leite. Aproveitam-n'o ás vezes para as encerrar, e cada fazenda torna-se uma pequena queijaria rustica. Os bõs para talho engordam na pastagem. Quando acabam as chuvas, de julho a janeiro, o gado é abandonado a si proprio d'um modo mais completo ainda. Ninguem tem reservas de forragens; o gado pasta então hervas secas, até as folhas caídas na chão e que o sol não deixou apodrecer.

Deixam ao seu instincto o descobrir os pontos do planalto onde algum aguaceiro local, ou melhor a propria natureza do solo, lhe propiciará um pasto menos miseravel. Verdaderamente a trashumancia não existe. As mon-

(1) Faz-se tambem no Ceará a engorda dos bois magros idos do Piauhj através a serra Grande, e comprados na feira de Sant'Anna.

tanhas cujas terras são frescas e onde poderia ser levada a manada para a poupar aos rigores da estação má, estão cobertas de campos e de plantações e não teem logar disponivel para a estivagem dos gados; as pastagens desapareceram de lá. Citaram-me como unico exemplo de transhumancia, o d'uma manada que percorre em cada anno dez legoas, na mudança d'estação, para encontrar melhores pastagens. Os animaes fazem sósinhos o caminho, sem guia e sem pastor, e sósinhos voltam ao sertão com as primeiras chuvas, apenas guiados por uma especie d'instincto.

No começo do verão, emquanto existem charcos onde o gado se dessedente, o creador nada tem que fazer. Logo que o sol os sécca torna-se necessario procurar agua para os animaes emagrecidos. É a estação em que se abrem poços, porque só muito raramente elles existem duraveis em que gerações d'homens vão beber. Prefuram-se poços provisoios no leito dos rios, cujo curso apparente parca. São buracos pouco profundos que é preciso conservar constantemente, e que o proximo inverno entulhará. Mas se a estiagem se prolonga é preciso prover tambem á alimentação do gado, e não só á sua sêde, porque a lerva exgotta-se. Conseguem substituil-a pela fohagem de certas mimosas, cujo nascimento precede a queda das chuvas. Todas as manhãs os animaes rece-

bem a sua ração de forragem. Por isso o gado do Ceará, habituado ao homem, que o socorre continuamente, é bem menos feroz que o do Rio Grande; deixa que se approximem d'elle. Não empregam no Ceará as bolas nem o laço, instrumentos de caça necessarios nas regiões em que o gado se conserva no estado selvagem.

Ordinariamente succede que os proprietarios d'uma fazenda de criação de gado não a dirigem pessoalmente, delegam esse encargo n'uma especie d'intendente; é o vaqueiro. Os vaqueiros são os verdadeiros senhores do sertão. Como os *gauchos* do Rio Grande, os vaqueiros do Ceará vivem a cavallo. Vestidos de coiro para se defenderem dos espinhos, correm o sertão á procura das rezes perdidas. Ellas passam, com effeito, á sua vontade, d'um para outro proprietario. De tempos a tempos, o vaqueiro visita os seus vizinhos e, conforme a sua expressão, pede-lhe campo, quer dizer, o direito de procurar as suas rezes foragidas entre as d'elle. Distinguem-n'as pela marca do ferro em braza, que teem. A *ferra* no sertão, como em todas as regiões da criação primitiva do gado, é uma grande festa.

Aos quatro annos, os bois estão em idade de ser vendidos. Separam-n'os do resto da manada e levam-n'os ás feiras. Os vaqueiros reúnem-se ali e trocam noticias. O commercio

do gado faz-se durante todo o anno. Os bois vendidos não se destinam, como no Brazil meridional, ás fabricas de carne salgada. A historia relata, e é verdadeade, que as *Xarqueadas* do Ceará exportavam no seculo XVIII os seus productos para todo o Brazil. Mas a estiagem de 1791-1793, que anniquilou o gado, interrompeu esse commercio; depois, nunca mais se restabeleceu. (1) A venda do gado não se limita, pois, a uma estação, tem de supprir constantemente as necessidades do consumo do estado.

Não é no proprio sertão que se abatem os bois, a população vive ali muito disseminada, não chegaria para uma tamanha provisão de carne fresca, e o seu sustento ordinario é o leite. O sertão vende os seus bois para as serras, onde a população é mais densa. Na serra, os açougues abundam. Coisa extranha, o sertão, região creadora de gado, não consome carne; na serra, região agricola onde a criação de gado se desconhece, é geral o seu uso. Do numero de bois levados ás feiras de Baturite, as mais importantes de todas, um terço vae para o abastecimento da capital, um outro terço

(1) A condição indispensavel para a existencia da industria da carne secca, é um verão secco que sobrevenha á estação em que engordam os gados. Nos dois extremos do Brazil, no Rio Grande e no Ceará, verifica-se essa condição.

segue em caminho de ferro até ao porto de Camocim, onde embarca com destino ao Pará; o terço restante é destinado á serra de Batu-rite. As serras, as provincias do Amazonas, e Fortaleza, taes são as principaes freguezas dos creadores de gado do sertão.

Em superficie igual, o sertão cearense sustenta um bem mais pequeno numero de rezes que as campinas do Rio Grande. A população bovina varia, comtudo, n'uma proporção espantosa; progride rapidamente nos annos normaes, mas as grandes séccas anniquilam-n'a quasi. Após 1793 todo o gado desapareceu e teve-se de comprar em Piauhy novas rezes. Outro tanto succedeu após a sécca de 1877-1879. A falar verdade, estes desastres não foram causados nem pela sêde nem pela fome, foram as epizootias que se propagavam irresistivelmente nas rezes enfraquecidas. Todo o capital que representa uma manada, constituido pouco a pouco, anniquila-se d'um momento para o outro. Por isso é muito ôscilante o valor das terras.

A influencia das estiagens traduz-se não sómente nos costumes, mas tambem no direito. Em vista da incerteza do valor das terras, as heranças ficam indivisas. Cada um dos co-proprietarios, seja qual fôr a importancia da sua quota-parte, pode sobre esse dominio emprehender, por sua conta, a criação de gados.

Vêm-se mesmo individuos que não têm direito algum na terra e que n'ella põem a pastar os seus gados. Disposição alguma regula o numero de cabeças que cada um poderá manter. Os conflictos que se levantariam, se a capacidade pastoril do matto fosse attingida, uma estiagem que reduzisse as manadas era sufficiente para os evitar. A propriedade da agua não está melhor regulada. É que não existem correntes d'agua constantes. Os poços provisorios, restabelecidos annualmente, pertencem a todos os que trabalharem para os abrir. A irregularidade do clima traduz-se, pois, na organização social pelo incompleto desenvolvimento do direito.

Sómente vedando as propriedades é que se transformarão as condições d'existencia no sertão. Teem-se feito algumas tentativas. Emprega-se, não o fio de ferro como na Argentina, mas a madeira que abunda na matta; as vedações são feitas de ramos entrelaçados em estaças cravadas na terra. Receiam-se as maldições geraes provocadas pelo proprietario innovador que por este processo julga tirar melhor partido das suas terras. O preço das terras vedadas eleva-se immediatamente. Não só, com effeito, as vedações lhes augmenta rapidamente o rendimento, mas sobretudo acabam com o antigo regime no qual não era o proprietario que aproveitava do producto do

seu dominio, e a propriedade rural não passava d'uma palavra vã.

Se é certo que o sertão é acima de tudo uma região creadora de gados, a propria criação presume a existencia de culturas alimentares. Toda a fazenda está, pois, forçada a ser também um pequeno centro agricola. É condemnada a isso pela difficuldade de communicações. As estradas do Ceará não são melhores do que a média das estradas brazileiras. Para mais, a estiagem interrompe a circulação, porque as recuas de muares não podem viajar desde que não tenham *étapes* de agua e de forragens.

Em materia de "cereaes," — expressão brazileira que designa as culturas alimentares, a mandioca, o milho, etc., — cada familia deve plantar quanto chegue para a sua alimentação: o commercio não existe. Como consequencia fatal, vivendo a população das suas culturas annuaes, não possui reserva alguma. Se falha a colheita, surge a fome. Sómente o commercio que dispõe de capitaes é que saberia crear *stocks*. Em França, no seculo XVIII, o povo accusava o commercio do trigo de provocar as fomes. Realmente só elle pode evita-las.

O cuidado de fazer as culturas alimentares incumbe á classe inferior da população rural. Ao lado do vaqueiro, intendente da propriedade, existem outros trabalhadores muito mais numerosos; são os que, segundo um termo

cuja significação original é singularmente vaga, se chamam no Ceará os *moradores*: os habitantes. Vivem na propriedade, sem nunca terem terras suas. A sua habitação não é mais do que uma cabana primitiva que lhes deixaram occupar ou que elles proprios construíram com ramos, coberta de folhas de palmeira. De ordinario mantem-se de paes para filhos no mesmo dominio, tal como, de geração em geração, a mesma familia de vaqueiros administra este por conta do proprietario. São verdadeiros freguezes. Com effeito, não convém ajuizar da condição dos *moradores* segundo as idéas europêas; as suas relações com o proprietario não são exclusivamente relações de patrão para empregado. Tem n'elle uma especie de protecção, de patrocínio politico, e pagam-lhe com a sua fidelidade e com a sua dedicação.

O uso fixa os direitos e os deveres respectivos do proprietario e dos moradores. Não pagam renda em dinheiro pela terra; poderá dizer-se que apenas a pagam em serviços, porque o vaqueiro quando os emprega, paga-lhes o seu salario. O lucro do proprietario consiste, pois, na facilidade que tem com a presença dos colonos, de recrutar os trabalhadores de que precisa.

O colono occupa só o seu terreno até ao dia em que faz as suas colheitas.

Na época do anno em que a criação do gado

dá trabalho, quer seja o de ordenhar vaccas, quer o de abrir póços ou preparar a palhada que substitua a forragem, os moradores ajudam os vaqueiros na exploração da fazenda. Quando a estação os deixa livres, muitos dedicam-se á apanha da cera de *carnauba*. É o extracto da folha d'uma palmeira que abunda no estado selvagem; sêcca e pisada deixa escapar um pó que em seguida se recolhe e se condensa: a industria local faz d'esta cêra velas com pavios d'algodão. Infeliz do viajante que conta com a noite para pôr em ordem as suas notas do dia, e não encontra no acampamento outra illuminação. Os *moradores* fazem o trabalho, abandonando ao proprietario metade da sua colheita. Mas, durante a estação das chuvas, a sua grande preocupação são as culturas alimentares. Os seus processos são os mesmos, ou quasi, das populações indigenas de todos os pontos do Brazil. Praticam o que nós chamamos em França a *écoubuage*, abatendo as arvores da matta, e quando os troncos deitados por terra teem perdido sufficientemente a sua seiva, em dia de vento favoravel lançam-lhes o fogo e preparam assim campo para outras culturas. Com a enchada fazem em seguida as sementeiras por entre os troncos queimados. O dia em que é abatida a matta, no mês d'outubro, é o mais rude. Comtudo, transforma-se n'um dia de festa, porque os moradores agrupam-se por essa

ocasião, os vizinhos ajudam, e a obra é levada a cabo, não no silencio do trabalho isolado, como o dos nossos camponeses, mas em meio da mais ruidosa excitação. Dispersam-se em seguida, e cada um por si basta para a queimada do seu campo, para a sementeira e para a colheita. Esta forma de arroteamento tem o nome de roça; a palavra designa a um tempo o trabalho de arrotear o campo e o proprio campo.

Se os processos de cultura no sertão do Ceará se approximam muito dos usados nas outras partes do Brazil, são no entanto exclusivas do Ceará as anciedades e as inquietações da vida dos agricultores durante os meses de inverno. Com a falta das chuvas, a colheita falla; mas as chuvas fóra do tempo proprio anniquilam todas as esperanças. Se o creador de gado espera com impaciencia a chuva, que dizer do cultivador que confiou á terra as sementes? Chova em janeiro, em março ou mesmo em maio, os pastos nascem sempre; mas as culturas do *morador* são mais exigentes. As grandes estiagens que dizimam o gado são catástrophes raras: mas quantas vezes o campo cultivado fica improductivo?! Succede frequentemente que as primeiras chuvas favoraveis em janeiro trazem a esperança d'um inverno propicio; e com esta esperança, fazem-se sementeiras por toda a parte. Interrompem-se as chu-

vas e os orgãos que tem germinado já, seccam e perdem-se; nem um escapará. Ainda se podem dar por felizes os cultivadores, quando as chuvas recommçam mais tarde e lhes é possível semear uma segunda vez. Estas duplas sementeiras quasi constituem regra no Ceará.

A não ser na vizinhança immediata das cidades, nas zonas mais accessiveis, e na região humida de ao pé das serras, a agricultura, no sertão reduz-se quasi exclusivamente a estas culturas alimentares.

Um golpe de vista pela historia do Ceará revela, não obstante, que este estado teve um periodo de vida agricola mais intenso. Duas culturas tem ali representado um grande papel economico: a canna d'assucar e o algodão.

A cultura da canna espalhou-se largamente depois de 1845 e desenvolveu-se até 1862. As fazendas de canna d'assucar eram propriedades muito pequenas, com moinhos primitivos, muito caros entretanto para que os trabalhadores ruraes tivessem alguma vez pensado em emprender, elles tambem, essa cultura. Uma serie de pequenos reservatorios de terra, hoje arruinados pelas formigas, serviam para deter as enxurradas; a agua era preciosamente utilizada. Nunca se fabricou assucar no Ceará, mas "rapadura", especie de xarope concentrado, que

ficou na alimentação das populações do sertão, e, sobretudo, a aguardente de canna.

Os creadores de gado do sertão só possuíam um numero restricto d'escravos: o trabalho servil não convinha aos serviços irregulares da criação de gado. Pelo contrario, os operarios livres constituíam apenas uma pequena parte do pessoal das plantações de canna. No Brazil existiu por toda a parte uma estreita ligação entre a cultura da canna e a escravatura; e no proprio Ceará, a decadencia da canna apressou o fim da escravatura.

Depois de 1875, antes da estiagem, o recuo da industria assucareira verificou-se por toda a parte. A estiagem foi o derradeiro golpe. Ora, a decadencia da canna foi o signal da rapida desvalorização dos escravos. Na mesma occasião, ás provincias do sul, em pleno desenvolvimento faltavam os braços necessarios: ao passo que importavam os primeiros immigrants brancos, faziam um ultimo esforço para renovar o seu pessoal d'escravos. Houve então uma forte corrente d'escravos das provincias do norte para as do sul. E entre aquellas que mais os forneceram conta-se o Ceará. A exportação dos escravos começou, como a decadencia da canna, antes da estiagem, mas a estiagem acelerou-a. Em 1877 embarcaram 1.725 escravos; em 1878, 2.909; em 1879, 1.925; em tres annos, mais de 6.500 escravos, approximadamente um quinto

dos que haviam em todo o estado. Como succedeu em toda a parte, a escravatura, suavizada pelos costumes, não levantava a opinião; mas o espectáculo do commercio d'escravos, irritou-a. Indignavam-se vendo partir para o sul estas carregações humanas. A divisa dos anti-escravagistas era significativa: não diziam somente: "Abaixo a escravatura!" Accrescentavam bem precisamente: "Nos portos do Ceará não embarquem mais escravos." Conseguiram tornar impossivel esse embarque; tactica feliz, porque desde que a exportação se tornou impossivel e que os escravos não tiveram outro emprego senão no Ceará, o seu preço desceu rapidamente. Restavam apenas 30.000 no estado. Quando se tractou da sua libertação podiam resgatar-se a preço reduzido, bem menos por causa do terror que os abolicionistas tinham espalhado com a sua violenta propaganda, do que por causa do desaparecimento da canna d'asucar. Em 1884, a provincia decretou a abolição da escravatura no seu territorio. O Ceará antecipava-se assim quatro annos ao resto do Brazil.

A cultura do algodão teve uma sorte muito differente da cultura da canna. O Ceará, pelo seu clima, convinha ao algodoeiro. A febre das plantações do algodão grassou no tempo da guerra da successão; por toda a parte a matta foi desbastada; mas, contrariamente ao

que se passara com a canna, a cultura do algodão foi emprehendida em pequena escala pelos proprios moradores, e não pelos proprietarios. O algodão é vendido em bruto, concentrado pouco a pouco até voltar ao poder d'algumas casas de commercio que o exportam, deixando aos *moradores* um pequeno lucro em dinheiro; a exportação torna-os independentes e dispensa-os de se empregarem a soldo nas plantações. Hoje a cultura do algodão mantem-se dispersa pelos pontos mais accessiveis do sertão, cultura industrial destinada á exportação e, entretanto, pequena cultura pelo modo como ella é feita. Ao passo que a cultura da canna sustenta uma população operaria verdadeiramente agricola, os plantadores d'algodão, occupados alguns dias somente com o seu campo, não ficam extranhos aos trabalhos da criação do gado. A criação do gado, com os habitos particulares impostos pelo clima, domina, pois, e adapta hoje a vida dos homens a todo o sertão cearense.

O estrangeiro julga á primeira vista miseravel e desgraçada esta vida. Entretanto, ella exerce uma poderosa seducção em todos os que a conhecem. É feita de liberdade, não é monotona, e as horas de fadiga physica são seguidas de longos dias de indolencia. Forma uma população a um tempo resistente á lida e apaixonada pela ociosidade. Assim como tem

a sua faina tradicional, tem também os seus divertimentos, d'origem inteiramente popular, transmittidos de geração em geração, de longa data sem duvida, do tempo em que os primeiros creadores se estabeleceram no interior do Ceará. O mais original é aquelle que se chama «*bumba meu boi*.» É uma especie de comedia que lembra o drama antigo, ou melhor, uma simples mascarada. O boi representa ali o grande papel que é d'esperar elle desempenhe n'uma região creadora. As personagens variam pouco. Ha o vaqueiro que conduz o boi, Matheus, Gregorio, a velha, o doutor, o boticario encarregado de dar ao boi doente o clyster que o porá a pé, e a creança cuja cabeça serve de seringa n'esta operação. Quanto ao boi, centro da acção em volta do qual as outras personagens se movem, representam-n'o por uma especie d'armadura de madeira revestida de couro em que está mettido um homem. Percorre assim as ruas da aldeia, em meio de clamores e de risos.

Estas festas celebram-se na primeira metade de janeiro, e d'ordinario na vespera do dia de reis. Se o anno decorre regular, é na occasião em que as chuvas se annunciam, pelas primeiras bategas; a alegria é geral.

N'outros pontos do Ceará, a vida é inteiramente differente da do sertão.

Lamento não ter podido visitar o Cariry. É o nome d'uma pequena região no extremo meridional do Estado, ao pé da serra d'Ara-ripe. Esta cadeia é por excepção formada de rochas permeaveis, e restitue em fontes perennes as chuvas que os seus flancos teem absorvido. O Cariry vive d'essas fontes. Escapa á assolação das estiagens, conhece as culturas estaveis e pratica a irrigação methodica. As terras ali valem em razão da quantidade d'agua que podem receber, e as municipalidades surperintendem na distribuição. O Cariry communica mais facilmente com os pontos vizinhos dos sertões de Pernambuco e do Piauhy, do que com o norte do Ceará. Tem vivido até sem ter relações com elle, extranho á sua vida.

Differe absolutamente d'elle pelas regiões montanhosas, disseminadas pelo meio do sertão. As duas serras mais importantes, as de Baturite e do Sobral, estão situadas ambas á mesma distancia do mar; da costa distinguem-se-lhe as longinquas cumiadas. Não são apenas elos isolados, mas verdadeiros conjunctos enquadrando altos valles. As serras transformam o clima do sertão. Pela sua altitude suscitam as chuvas. A estação das chuvas é ali sempre mais regular, os estios menos longos e menos rigorosos: as fontes não se estancam nunca. A differença de temperatura entre

a planície e a montanha pode attingir até 8 e 10°.

Fiz a ascensão da serra de Baturite no mês de janeiro. O sertão conservava ainda o seu aspecto desolado; nem uma unica mancha de verdura. As primeiras encostas da montanha, resentidas tambem do estio, não tinham senão mattas de córte desfolhadas. Á medida que os nossos cavallos, cobertos de suor, subiam o caminho pedregoso, o horizonte descortinava-se atraz de nós, e distinguíamos por detraz da aldeia, no extremo da arida garganta por onde derivam por vezes as chuvas da serra, a ardente immensidade do planalto. Avançando, fomos encontrando pouco a pouco a frescura. O regato cujo curso o caminho seguia, tinha novamente um filete de agua. Com a agua, a vida das plantas reapareceu, modesta a principio; em seguida surgiu por uma forma desordenada.

Não sómente encheu o leito da torrente, mas escalou as encostas e subiu ás cristas. Uma maravilhosa verdura repousava a nossos olhos, ao mesmo tempo que sentiamos uma temperatura mais doce. O cimo da montanha tem um farrapo de floresta tropical, com orchideas e palmeiras, e arvores gigantes todas cobertas de folhas.

Se tal é a differença entre a natureza do sertão e a da montanha, não é ella menos sensi-

vel entre as populações que habitam um e outra. O sertão é uma região de creadores de gado, a montanha uma região d'agricultores. O contraste entre creadores e agricultores, camponezes e pastores, é um dos traços communs da vida rural nas diferentes partes do Brazil; encontra-se do norte ao sul, por toda a parte, e em nenhuma é mais notavel do que na serra e no sertão cearense. Tudo o recorda; em baixo, domina o gado e as culturas são cuidadosamente vedadas; em cima, os campos são abertos e prendem-se ou guardam-se as raras cabeças de gado.

Entre a serra e o sertão existe uma d'estas associações economicas, que são a regra entre regiões vizinhas cujas producções differem. A serra compra, abate e consome os bois do sertão e vende-lhe o producto dos seus campos, o assucar e o café. A serra é, com effeito, uma região de culturas ricas; a canna de assucar cobre ali os fundos mais humidos. Quando desaparecia no sertão, mantinha-se na serra, graças ás chuvas mais generosas. Os fazendeiros proprietarios de canna fazem-n'a cultivar, adoptando uma especie de meação.

Quanto ao café, tambem elle é um dos raros alimentos sem o qual não passa a população do sertão, apesar da sua sobriedade. Constitue para ella o seu unico luxo, supremo recurso da hospitalidade, porque o cearense

offerece ao estrangeiro que abriga sob o seu tecto o café, como o *gaucho* offerece o *mate*. Ora as serras são as unicas que no Ceará colhem café. Teem para a venda d'elle uma especie de monopolio no interior do estado. O café occupa as encostas por cima das cannas; a colheita é infelizmente irregular. Chega a faltar completamente quando as chuvas commecam tarde e quando a montanha não teve aguaceiros antes de dezembro.

Os operariós empregados na cultura do café são pagos a jornal ou, mais frequentemente, por empreitada. Cultivadores de canna e cultivadores de café constituem, em volta das fazendas da serra, um pessoal numeroso e mais denso que o das fazendas do sertão ⁽¹⁾.

Os seus salarios não lhes bastariam para viver. Por isso, como aquillo se pratica no sertão, cada morador da serra tem o seu campo de mandioca, cedido pelo proprietario, e do qual não paga renda. Cada um cultiva a seu modo

(1) Empreendeu-se pouco depois, na serra, a plantação da *manicoba* que dá uma excellente borracha. Esta nova cultura não augmenta sómente os recursos do Ceará, mas tem ainda a mais alta importancia social. A colheita da borracha faz-se, com effeito, no Ceará em excellentes condições sanitarias, ao passo que no Amazonas, os homens que se empregam n'ella expõem-se a perigos mortaes.

as culturas alimentares. O commercio de cereaes não existe no interior da serra como não existe no sertão, e muito menos entre a serra e o sertão; n'uma e n'outra região, este genero de cultura é d'uma organização inteiramente familiar.

Ha, contudo, entre o sertão e a serra uma differença profunda. Ao passo que d'anno para anno a sécca destróe no sertão as sementeiras, na serra é ella desconhecida. Aqui a terra recompensa regularmente o trabalho do homem; a fome aqui não penetra. Como consequencia, cada sécca provoca um movimento d'immigração para a serra. Não podendo transportar os viveres para onde se encontra a população, recorrem ao processo inverso; desloca-se a população affluindo ás terras que a podem sustentar. Encontrei numerosos exemplos actuaes de migrações devidas á estiagem. A deslocação é d'ordinario progressiva, o cultivador que soffreu aproxima-se da serra e avança primeiro até aos seus contrafortes em procura d'um solo mais humido. Se a sécca dura ainda um anno, resolve subir a serra até ao cume e estabelecer-se por sua vez no limite das plantações da canna ou do café. A attracção da serra não é uma novidade; depois da grande sécca de 1722 a 1727, na origem dos tempos coloniaes, a gente do interior emigrou para as serras.

Se o movimento da affluencia não fosse compensado por um movimento inverso, a

serra não chegaria para sustentar a sua população. Mas esses montanhezes d'ocasião não se adaptam todos á sua nova existencia. Desagrada-lhe o trabalho regular. Não se submettem a nenhuma especie de disciplina imposta pelos fazendeiros. Conservam o gosto pela vida do sertão; o inverno da montanha parece-lhes rude, — e entretanto, com meu conhecimento, o thermometro não desceu ali abaixo de 14º. — Chega-lhes a noticia da queda das chuvas nos seus antigos cantões da matta, e ninguem mais os pode reter, deixam a montanha. Alternativamente, esta ganha e perde habitantes.

Um grande numero de immigrants tem-n'a, comtudo, tomado. A affluencia foi especialmente notavel durante os annos da sécca de 1877 a 1879. A montanha povoou-se então. Os fazendeiros aproveitaram a abundancia da mão d'obra para alargar as culturas da canna e do café, a serra teve d'alimentar todos os immigrants: faltou por isso logar para os campos de mandioca. Plantaram cafézeiros no meio d'ella, em todas as encostas, plantaram-n'os á custa da floresta, que foi desbastada por todos os lados. O movimento da occupação do solo pelas culturas foi intenso. Basta percorrer as estradas da serra para notar a densidade das habitações.

Infelizmente, a superpopulação teve conse

quencias desastrosas. As florestas eram, com efeito, a salvaguarda da montanha; retinha as terras nas encostas, asseguravam-lhes o curso das fontes, e conservavam para os meses d'escassez as aguas recebidas durante o tempo das chuvas. Depois da destruição das florestas, pareceu que as séccas do sertão iam invadir a serra; a colheita do café tornou-se mais incerta ainda do que d'antes; até nos fundos outr'ora mais humidos a canna soffreu.

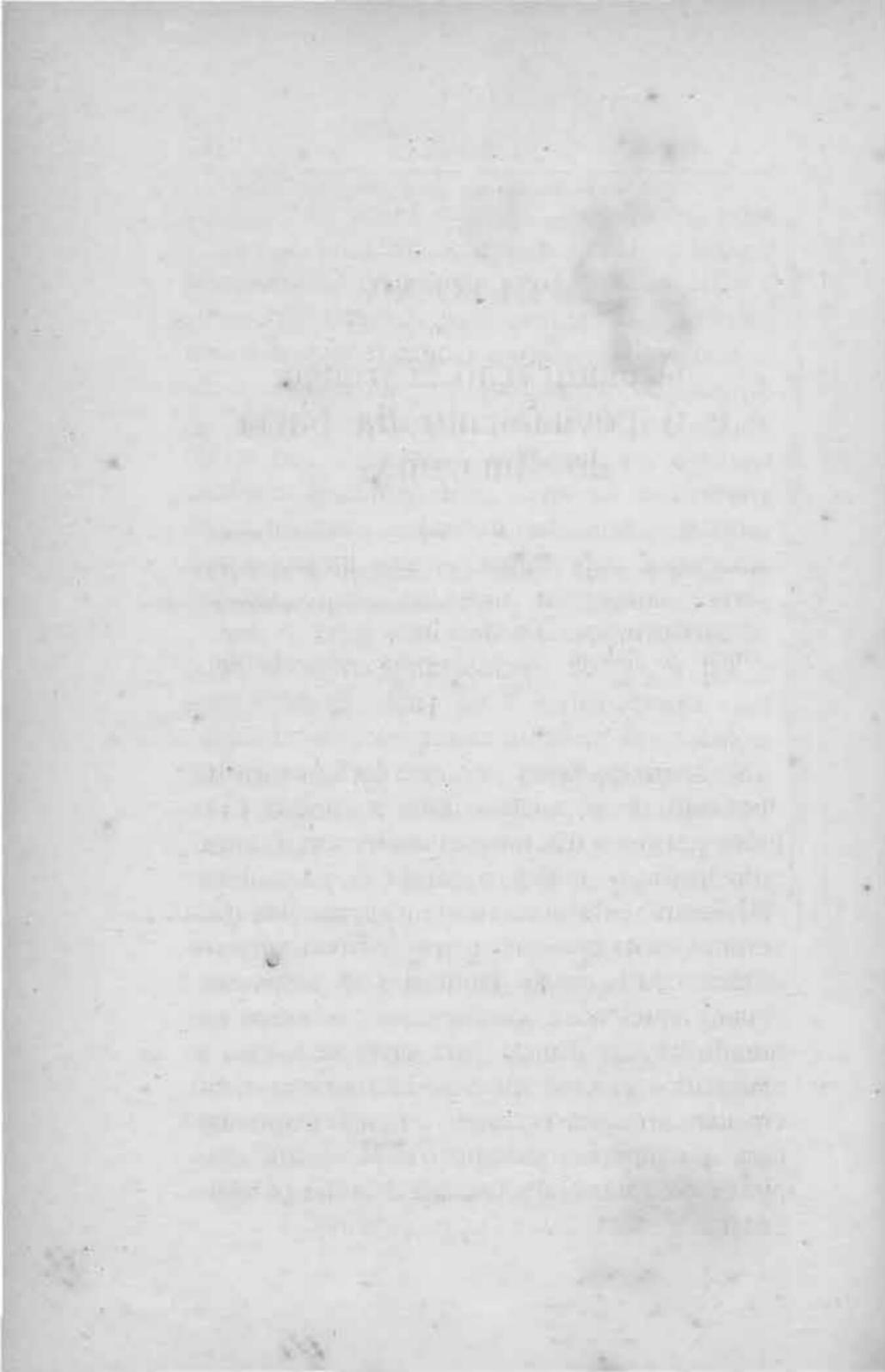
Assim como a terra cultivada sem cuidado e nunca estrumada, se cança de produzir, o rendimento da mandioca reduziu-se.

Toda a região montanhosa atravessou uma crise da qual soffreram igualmente os fazendeiros e os seus operarios. Procuram hoje remedial-a; deixaram de plantar entre as linhas dos cafézeiros os cereaes que os enfraqueciam; protegeram-nos do sol, deixando crescer em volta d'elles grandes arvores que os sombreiam. Reconstituíram a floresta; a reconstituição florestal é sob aquelle céu um problema mais facil que em França. Basta abandonar a terra para a floresta se reconstituir, não como a floresta primitiva, da qual quasi não restam senão alguns vestigios nos flancos da montanha, mas como uma especie de matta gigante de poderosa vegetação, que protege o solo com tanta efficacidade.

No tempo da sua prosperidade agricola, a

serra enriqueceu. N'esses annos afortunados davam-se festas depois da colheita do café, e a ellas acorria gente de longe. O antigo esplendor está extinto hoje, e, entretanto, d'elle restam ainda vestigios. Como recordação, sem duvida, do tempo em que, abundando o dinheiro na montanha, a caridade existia ali tambem, os invalidos e os cegos do sertão ajuntam-se na serra para mendigar nos seus caminhos. Encontrei extranhos córos de cegos, associados para cantar as suas litánias e que, parece, conseguem viver na serra, agora que no sertão morreriam de fome.

Tal é a vida da montanha, opposta pelas suas características á do sertão. Lembra oasis isolados em meio de vastas extensões de terras que apenas servem para a creação de gados; por outro lado, a sua historia faz pensar na de certas regiões das montanhas francezas, a que, por diversas razões e algumas vezes como no Ceará pela abundancia d'agua, é attrahida numerosa população, e que soffrem hoje por terem sido muito cultivadas. É impossivel evitar que nos occurram, por exemplo, as multiplas similhanças que ha entre a serra de Baturite e as Cévènnés da Gardonnenque, cultivadas algumas vezes até ao cume, enquanto que no sopé de qualquer d'ellas, as ante-collinas ressequidas não sustentam senão rebanhos de carneiros e alguns raros pastores.



CAPITULO XIV

À emigração cearense e o povoamento da bacia do Amazonas

*Causas da emigração cearense. — A estiagem de 1877-1879
— Os «paroaras». — A Amazonia antes da affluencia
dos cearenses. — A colheita da borracha e a penetração
da floresta. — Desenvolvimento economico da
Amazonia*

No norte do Brazil, o Ceará foi um fóco de dispersão de população: tal é a sorte das regiões pobres. O Massiço Central, em França, representou o mesmo papel. O Ceará accumula reservas d'homens que a fome em seguida dispersa. A oeste do Ceará extendia-se o immenso dominio da bacia do Tocantins e do Amazonas, a mais vasta zona de florestas que existe no mundo: foi o campo para onde se lançou a emigração cearense. Para povoar as suas provincias meridionaes, teve o Brazil d'appellar para a emigração estrangeira. No norte, dispunha no entanto d'uma raça de colonos indigenas.

Isto constituiu para elle uma felicissima circumstancia. A natureza oppunha, com effeito, ao povoamento da bacia do Amazonas insuperaveis difficuldades na apparencia. Bastava o clima para afastar os europeus; apenas os mestiços cearenses eram capazes de o supportar. Se o Ceará não tinha a humidade mortal da Amazonia, parecia-se no entanto com ella pelos seus calores constantes; e a população que elle tinha formado estava d'ante-mão adaptada ás condições d'existencia que encontrou nas florestas do Amazonas. A emigração do Ceará é um dos factores essenciaes na formação do moderno povo brasileiro. Graças a ella, o Brazil septentrional está inteiramente povoado d'homens de origem brasileira e de lingua portuguesa; nada ali ha que se pareça com o que em S. Paulo se chama a questão italiana, e no Rio Grande a questão allemã.

Para comprehender as razões que impellem os cerearenses para longe do solo natal, é preciso conhecer as grandes calamidades que de geração em geração feriram a sua terra natal. De todas as estiagens historicas, a de 1878-1879 foi a mais nefasta. A sua recordação conserva-se viva em toda a parte do Ceará. Foi ella que provocou a primeira corrente intensa d'emigração.

O desastre foi tanto mais irreparavel quanto é certo que sobrevive depois de trinta e dois

annos de prosperidade, durante os quaes a riqueza e a população se multiplicaram parallelamente. De 1845 até hoje, o numero dos habitantes passou de 340.000 a mais d'um milhão. O desenvolvimento das culturas algodoeiras tinha augmentado o desbaste das florestas, e precaução alguma fôra tomada contra a estia-gem. Começaram a temel-a desde janeiro de 1877, em vista da falta de chuvas, que obrigou mais tarde a refazer as sementeiras. O povo, no Ceará, é cheio de superstições. A crença geral tem como certo que, chovendo em dia de Santa Luzia, 13 de dezembro, chove tam-bem em janeiro seguinte; as chuvas que cáem no dia seguinte, 14, annunciam chuvas para fevereiro, e as do dia 15, chuvas para março. Estes tres dias de dezembro teem a designação de "esperanças de Santa Luzia". Ora, as espe-ranças de Santa Luzia, n'aquelle anno, tinham faltado, e foi isso origem d'inquietações que augmentaram pouco a pouco, á medida que se realizaram as predicções.

O gado foi o primeiro a soffrer; depois foi esse outro gado humano, os escravos; a seguir faltaram os recursos para a propria população livre. É costume no sertão, desde maio, após as primeiras colheitas, até agosto ou setembro, comer milho e feijões; depois recorre-se á mandioca, que deve chegar até ao verão se-guinte. Faltaram a mandioca e o milho. O preço

dos generos alimentares de primeira necessidade encareceram bruscamente. A fome fez-se primeiro sentir nos pobres. Para soccorrer as populações attingidas havia dois methods: ou levar soccorros ao interior, fazendo a distribuição por todas as localidades do sertão, ou reunir os famintos em alguns pontos escolhidos e soccorrel-os ahi. O primeiro era o mais logico; tentou-se adoptal-o. Entretanto a distribuição dos soccorros interrompeu-se em novembro de 1877, foram concentrados n'algumas cidades, no porto de Aracaty e na capital. Surgiu, com effeito, um obstaculo insuperavel: a difficuldade das communicações. Calcule-se quanto eram penosos e caros os transportes da costa para as cidades do interior. Por isso, enquanto houve pequenas reservas de alimentos e bastou expedir dinheiro para dividir em esmolas pelos mais necessitados, afim de os ajudar a procurar viveres no local, os soccorros mantiveram-se. Mas quando essas fracas reservas se exgottaram, quando os proprios ricos tiveram fome, quando foi preciso enviar não dinheiro, mas de comer, então a distribuição de soccorros pelo interior constituiu uma tarefa superior ás forças, não importa de que administração.

Em vez de fazerem chegar os soccorros á população, foi esta que se deslocou para ir em cata d'elles. Ao passo que uma parte dos habi-

tantes se dirigiu para a serra, procurando campos que os podessem sustentar, a outra tomou o caminho da Fortaleza, onde acampou durante todo o periodo da estiagem. Era ali que desembarcavam os viveres expedidos do Brazil e do estrangeiro. A emigração para as cidades é o traço mais curioso da historia da sécca. Em Aracaty houve 60:000 d'esses desgraçados; na Fortaleza foi peor ainda: a cidade tinha apenas em tempo normal 30.000 almas; a sua população subiu durante todo o anno de 1878 a 125.000 habitantes. Imagine-se os seus sofrimentos; viviam em abarracamentos construidos sob as arvores do pequeno oasis que circumtorna alegremente a cidade, e que elles encheram durante esses dois annos com o espectáculo da sua miseria. Desoccupados, esfarrapados, emagrecidos, estavam reduzidos a uma alimentação insufficiente e doentia. No interior do estado a miseria era maior ainda. Comiamervas, folhas, até a raiz de *mucuña*, que é venenosa. O mais terrivel foi a apparição da variola, em outubro de 1878, no acampamento dos refugiados, em volta da Fortaleza. Em novembro morreram ali 10.926 pessoas; em dezembro 15.352. Em todo o anno sepultaram-se na Fortaleza 56.791 pessoas. A epidemia arrebatou pouco a pouco metade da população. Chegou a não enterrar-se os mortos. Mandou-se fazer esse trabalho pelos refugiados

validos, que assim mereciam a sua subsistencia quotidiana.

As chuvas foram escassas de 1877 a 1879, e só em fevereiro de 1880 é que houve quedas abundantes. Mas não se applicaram logo os soffrimentos. Foi só a muito custo que se conseguiu resolver os refugiados a voltarem para o interior. Um desanimo profundo os invadia, não acreditavam na possibilidade d'estações mais favoraveis. Receavam depois d'um mês de chuvas, cheio de promessas enganadoras, uma nova primavera secca, como a de 1879. Precaverem-se contra a irregularidade das chuvas era já um problema insolúvel na apparencia, tal como o de viver até á colheita. Os gados tinham desaparecido completamente: o capital accumulado no sertão perdera-se todo; só uma raça paciente, soffrida, como a dos cearenses, é que pôde supportar uma tal miseria.

Nenhuma sécca teve depois effeitos tão desastrosos. A de 1900 recorda os tres annos terribéis. Tornou a vêr-se a Fortaleza cheia de refugiados que abandonaram os seus campos. Os poderes publicos não deixaram nunca de procurar os meios de remediar a sécca. Em 1877-79 distribuiram-se viveres; em 1900 preferiu-se abrir trabalhos para os indigentes. Quiz-se empregar em grandes trabalhos d'utilidade publica os braços da população que a

sécca desviava das suas occupaões ordinarias e privava dos seus recursos. Empreendeu-se a realização, graças áquella mão-d'obra occasional, d'um vasto plano d'irrigação. A construcção do reservatorio da Quixada, varias vezes começada e outras tantas interrompida, foi rapidamente concluida. Fez-se o projecto de prolongar as vias ferreas, procurando dominar a fome pelo rail.

Sacrificios inuteis, inuteis palliativos para o mal causado pelas séccas. O plano d'irrigação parece ter-se malgrado. A portagem da Quixada nunca compensará verdadeiramente uma parte minima do capital que custou. Contou-se com o céo, que depois da conclusão dos trabalhos jámais deu chuvas sufficientes para encher o reservatorio e permittir a irrigação. Quando mesmo as aguas chegassem ao nivel desejado, poderiam, sim, crear na vizinhança um pequeno centro de culturas, mas não levar o soccorro necessario ás populaões pastoris do sertão. Quanto ás vias-ferreas, a que se destinavam ellas? A transportar aos pontos necessarios as esmolas officiaes? Uma provincia não pode viver infinitamente de esmolas.

Para a sécca e para a fome existia, na realidade, um unico remedio: a emigração. A ideia da emigração devia encontrar poucos obstaculos entre a população do Ceará. Com effeito, está muito imperfeitamente fixada ao

solo. Os moradores não são proprietários; d'anno para anno transportam as suas culturas. Deslocavam-se voluntariamente no interior do estado, ainda antes de haver o costume de emigrar para o estrangeiro. Prova: as migrações periodicas do sertão nas serras de Baturite e de Sobral. A concentração em massa das populações ruraes nas cidades, em épocas de escassez, indica a um tempo o desprendimento e a facilidade com que ellas se deixam arrancar do solo. Os refugiados de Fortaleza, os *retirantes*, segundo o termo brasileiro, eram já emigrados. Em logar de pararem na Fortaleza para recolher os soccorros officiaes, sempre exiguos, porque não continuar a viagem para as regiões onde o céu é mais clemente?

Antes de 1877, cada anno de sécca provocava já um movimento d'emigração, mas era sómente feita pelas fronteiras terrestres. Em 1877, a emigração fez-se, pela primeira vez, por mar. Começou pela exportação de escravos. Cada qual desembarçou-se de boccas inuteis. A seguir, partiram tambem os homens livres. O proprio governo foi o promotor da emigração. Desejoso de reduzir o numero de refugiados que se amontoavam na Fortaleza, concedeu passagens gratuitas para outras provincias do imperio. Em 1900, o governo federal pagou novas passagens. Empregou-se n'isso uma parte dos milhões votados pelo

parlamento para socorrer o Ceará. Esta medida levantou ardentes polemicas, foi geralmente impopular no Ceará. Accusaram o presidente Campos Salles de ter concebido o plano machiavelico de transplantar toda a população da provincia. Para socorrer o estado, era necessario despovoal-o? Não seria porventura curioso encontrar no Brazil, onde tantas vezes se tem procurado povoar uma provincia offerecendo aos emigrantes o incentivo da viagem gratuita, este exemplo da politica contrária: a administração incumbindo-se de esvasiar uma região que não pode sustentar os seus habitantes?

Os estados que mais aproveitaram do movimento d'emigração foram o Pará e o Amazonas. Por isso os governos a fornecerem ainda mais activamente que a administração federal. O estado do Pará tinha um representante no Ceará para ahi desenvolver a emigração, e offerecia tambem, a quem quizesse, passagem gratuita. Muitos outros cearenses partiram á sua custa. O movimento, iniciado em 1877, não parou mais. Hoje apenas a crise da borracha o modera. Fez-se sentir primeiro no sertão; depois o contagio invadiu as serras.

É extremamente difficil avaliar com exactidão a sua intensidade. Faltam-nos estatisticas regulares. Em 1877, partiram da Fortaleza 4.610 emigrantes para as provincias do norte e 1.496

para as provincias do sul. Em 1878, o numero d'emigrantes decuplicou e elevou-se a 54.000. O movimento de emigração foi constante. Accentuou-se nos maus annos, em 1889 por exemplo, e em 1898. Em 1900, temos novamente estatisticas quasi completas: 47.835 pessoas embarcaram n'esse anno, dois terços das quaes approximadamente se dirigiram para a bacia do Amazonas, e um terço para o resto do Brazil. Para se fazer uma ideia da importancia d'este exodo é preciso recordar que a população do Ceará attinge, quando muito, um milhão d'homens, e que a mesma proporção daria para um país como a França ou como a Italia, a fabulosa cifra de perto de dois milhões d'emigrantes por anno.

A região para a qual se dirigiu a maioria dos emigrantes cearenses é ainda hoje uma das menos povoadas do mundo. Uma vasta planicie, quasi perfeitamente horizontal, apenas semeada d'algumas cristas graniticas; terras baixas, cobertas annualmente pela inundaçãõ; terras firmes que raramente avançam até ao rio; uma immensa rede de vias navegaveis toda limitada em volta por uma linha de quedas; no eixo do valle, um rio lodoso, rapido, amplo como um braço de mar, construindo e destruindo as suas ribas, marginado de lagunas e de lagos que enche durante as cheias; a

montante, uma região meio marítima, um estuário semeado de grandes ilhas, de canaes incertos, agitados por correntes de marés tão poderosas que a navegação não aborda de frente as boccas do Amazonas e contorna-as pelo Pará e pelas passagens ao sul de Marajo. Tal é o Amazonas. A floresta reina ali, não dá lugar ás campinas senão ao norte, na vizinhança das Guyanas e n'uma parte da ilha de Marajo.

Antes dos inícios da immigração cearense, por 1870, a penetração d'esta região avançou pouco. O rio não se abriu á navegação internacional senão depois de 1867, e alguns vapores começaram então a subir-lhe a corrente. Antes, a viagem á vela até ao confluyente do Rio Negro exigia semanas; a pequena cidade de Manãos era uma das mais inacessíveis do mundo. A agricultura não está em progresso. Algumas aldeias agrícolas que foram creadas no seculo XVIII sobre o Rio Branco, foram abandonadas. Existe sómente, marginando o rio, desde Obidos e Santarem até Belem e Macapa, um faixa de plantações de cacau e d'algumas outras culturas tropicaes: emfim, alguns fazendeiros praticam a criação de gados nas *varzeas*, quer dizer nos alluviões recentes do Baixo Amazonas e na ilha de Marajo. Entretanto, começou já a exploração do producto que deve assegurar a

grandeza económica do Amazonas: a borracha. Mas está limitada ainda ás florestas do Baixo-Amazonas e ás proximidades de Manaus. A falta de braços oppõe-se aos seus progressos.

A população da bacia do Amazonas era, com effeito, quasi nulla: em 1848, a cidade de Belém, a unica da Amazonia, tinha 15.000 habitantes. Mas dois annos depois, uma epidemia de febre amarella reduziu ainda este numero. Quanto a Manaus, não passava, trinta annos mais tarde, d'uma aldeola, e Mathews que a visitou em 1879, dá-lhe 5.000 habitantes. As tribus indianas da floresta, não se deixaram reduzir ao trabalho; alguns milhares de *tapuyas*, misto de sangue portuguez, de sangue indiano, e de sangue negro, não bastavam para se poder tirar partido de riquezas que se começavam a reconhecer na floresta. Pediam-se trabalhadores por toda a parte. A primeira immigração que se produziu em redor de Manaus foi a dos indios da Bolivia e do Peru. Mas eram em numero insufficiente.

Foi a affluencia dos cearenses, durante a sécca de 1877-1879, que determinou os progressos da produção da borracha: a colonização da floresta, porque é bem uma colonização, proseguiu rapidamente a partir d'essa data. Os pesquisadores de borracha dispersaram-se por toda a Amazonia; mas o ponto mais regularmente explorado foi a bacia do

Rio Purus e do Rio Jurua. Estes são, com effeito, dos afluentes do Amazonas, os navegáveis em maior percurso, e a exportação da borracha só se pode fazer pela via fluvial: invadindo a floresta virgem, que elles eram os primeiros a perturbar, os brasileiros que subiam o Purus e o Jurua não se detiveram quando chegaram á fronteira boliviana; esteve para rebentar uma guerra entre o Brazil e a Bolivia por causa d'essas terras que, pouco antes, nem ainda exploradas tinham sido. A fundação da republica independente do Acre, o tratado de Petropolis, a cessão do Acre ao Brazil, são os resultados da marcha para oeste dos pesquisadores de borracha.

O desenvolvimento economico da Amazonia foi d'uma rapidez prodigiosa. Em 1890, exportava 16.000 toneladas de borracha; em 1900, 28.800; em 1905, 33.000. Tornava-se, depois de S. Paulo, o centro d'exportação mais importante do país inteiro. (1) As cidades augmentavam; a população do Pará excedia 100.000 habitantes: Manáos tinha a metade, e este desenvolvimento das cidades, mais rapido ainda do que os progressos da população total,

(1) Exportação total do Brazil em

1906.	1.300.000.000 francos
Exportação de café.	664.000.000 "
Exportação de borracha.	334.000.000 "

indicava a intensidade do movimento commercial. O Amazonas tornava-se uma das maiores vias fluviaes do mundo, servindo não sómente a Amazonia brasileira, mas tambem as regiões peruvianas atravessadas pelos seus afluentes superiores, e uma parte de Venezuela, cujos productos descem para Manáos pelo Rio Negro.

A exportação da borracha creou por toda a parte a riqueza. Pela colheita da gomme todas as outras occupações eram abandonadas. Descuravam-se os gados em Marajo, e as plantações dos cacauzeiros ao longo do rio. Do mesmo modo, na Guayana vizinha, as culturas foram abandonadas depois da descoberta dos jazigos auriferos. A borracha chegava para tudo. A provincia que até ahi se sustentava por si, teve de recorrer á importação. Ficou sendo para os outros estados do Brazil um mercado para onde poderam derivar fructuosamente os seus productos. Todas estas transformações são devidas á mão d'obra cearense.

Os proprietarios das florestas de borracha enviam ao Ceará agentes recrutadores. (1) São

(1) O exilio dos cearenses, a sua existencia na floresta, os costumes trazidos por elles para a Amazonia, constituem um quadro tão pittoresco e tão tragico, que forneceram assumpto para um dos melhores romances da litteratura brasileira contemporanea: *O Paroara*, de Rodolpho Theophilo.

as mais das vezes os proprios emigrados antigos que, regressados á aldeia, reatam facilmente as suas relações cortadas ha muito tempo com o meio: pelas suas narrativas, pelas suas promessas em que não são mesquinhos, pela sua generosidade desinteressada, arrastam após si a multidão credula. A sua multipla propaganda espalhou no Ceará, nos campos, uma verdadeira lenda ácerca do Amazonas, prodigiosa região onde o ouro abunda e onde o poder da natureza é miraculoso. Como psychologos consummados, prégando a um povo que as estiagens affligem, descrevem sobretudo as aguas abundantes, as chuvas quotidianas, a immensidade do rio “mãe dos oceanos.” Succedeu-me mais d’uma vez, interrogando os camponezes, ser tomados por elles como um agente d’emigração.

O agente, depois de ter formado o seu grupo, condul-o até á fortaleza, onde espera com elle a passagem d’um vapor para o Pará. Alojam-se na Fortaleza, em albergues rudimentares, e o embarque parece-lhes uma libertação. Mas antes mesmo de chegar ás boccas do rio, os *parroaras*—é o nome que se dá no Ceará aos emigrantes que se dirigem para o Amazonas,—podiam bem presentir o clima nefasto da região para onde vão viver,—a atmospherá humida, o horizonte carregado de vapores, o ceu sem transparencia. Sobem em seguida lentamente até

Manãos, d'onde pequenos vapores fluviaes os transportam até aos *seringaes* ⁽¹⁾ para que foram contractados.

Escolhem para estabelecer um seringal uma estação da floresta onde as arvores que produzem a borracha são particularmente densas: o seringal comprehende um armazem central e um numero variavel de postos para dois trabalhadores; cada um d'estes sangra em cada dia as mesmas arvores. Um caminho primitivo é traçado d'arvore para arvore; o *paroara* circula n'elle carregado com a sua colheita quotidiana. Á entrada do caminho que conduz ás suas arvores, no coração mesmo da floresta, ergue a sua cabana na qual suspende o seu leito de rêde e abriga a sua reserva de viveres. Vive ali n'um isolamento completo, assediado de terrores e de doenças, soffrendo a mordedura dos mosquitos. Entretanto, em poucas semanas, familiariza-se com a floresta e adapta-se á sua nova existencia com uma extraordinaria facilidade.

O seu trabalho é duplo: primeiro a colheita do latex; em seguida a sua preparação. Coagula-se, aquecendo-o n'uma pá de madeira, ao fumo, por cima do fogo: junto da cabana está construido um forno; é n'elle que são prepara-

(1) *Seringal*, exploração de borracha.

das as bolas de borracha que se reúnem em seguida na mão do dono do seringal e que depois descem o rio para serem exportadas para a America e para a Europa. No outro extremo do Brazil, nas florestas do Paraná, constroem-se fornos analogos para a seccagem do *mate*; mas o forno do *mate* é o centro da exploração: é o coração da pequena sociedade ephemera que se forma para colher a folha: os fornos da borracha estão, pelo contrario, dispersos pelo seringal, em cada um dos postos de *paroaras*. Existem muitas outras differenças entre a vida dos pesquisadores do *mate* e a dos pesquisadores da borracha. Na humidade que se desenvolve do solo e na sombra doentia da floresta, os *paroaras* soffrem com o clima amazonio; as doenças produzem n'elles estragos; o beriberi, a febre amarella, e a mais perigosa de todas, o palludismo com as suas formas multiplas a que ninguem escapa.

Quando as cheias do inverno tornam a floresta inhabitavel, os trabalhadores dos seringaes refugiam-se em volta do centro da exploração, e disfructam ali, esperando a baixa das aguas, o unico tempo de repouso que teem na sua dura existencia. É ali que é mais facil conhecer esta população singular, no meio da qual nem a avareza nem a ambição perdem os seus direitos: a borracha inspira-lhe a mesma febre que lhe provocaria o ouro. Todos os ou-

tros desejos, todos os outros sentimentos se desvanecem: despreza o conforto, despreza mesmo a saude; e, entretanto, esta riqueza que lhe dá a borracha é tambem desperdiçada em festas, regadas com aguardente, cujo ruido a floresta abafa.

Apesar das fadigas e dos perigos, poucos *paroaras* tiram, com effeito, do trabalho um lucro duradouro: a sua condição é quasi sempre miseravel: a viagem da ida, paga pelo dono do seringal, é considerada como divida do trabalhador. Começa, pois, o trabalho com uma divida bastante pesada, e não recupera a sua liberdade senão depois de estar quite. Por igual modo, lhe é levado em conta tudo o que elle consome e que, a preços arbitrarios, lhe fornece a administração do seringal: sustento, objectos manufacturados, desde a farinha de mandioca até aos instrumentos de trabalho. Esta divida manietta os *paroaras* como verdadeiros escravos: a fuga torna-se-lhes difficil; estão em poder dos patrões, maus ou bons, e quasi não teem recurso algum contra elles. N'um país igual a esta região da bacia do Amazonas, a tarefa da policia seria difficil.

Poucos *paroaras* voltam mais tarde ao Ceará. Pelo menos, enviam frequentemente pequenas sommas aos parentes que ficaram na terra. Estas remessas ajudam a fortuna cearense a res-

tabelecer-se lentamente das sangrias periodicas que lhe infligem as séccas.

O latex das *heveas*, — a borracha, — não é hoje a unica gomma explorada na Amazonia. Ha vinte annos que se recolhe tambem a gomma da *castilloa elastica*, á qual os brazileiros deram o nome de *caucho*. Ao passo que as *heveas* crescem nas estações humidas, regularmente inundadas, a *castilloa* é uma arvore de terra firme. Descobriram-n'a primeiro nos affluentes peruvianos do Amazonas, no Rio Branco, affluente do Rio Negro. Um novo *rush* se produziu: a região d'Obidos, o ultimo centro agricola que até então resistiu á febre da borracha, exgottou-se tambem, e a sua população empregou-se na colheita do *caucho*. É feita em condições muito differentes das da borracha. Não se contentam com sangrar a arvore: abatem-n'a; por isso dentro d'uma unica estação um posto acaba. Os pesquisadores de borracha devem deslocar-se annualmente, em procura de novas arvores. Nos seringaes d'*heveas*, um numeroso pessoal trabalha sob a direcção d'um patrão, e em proveito d'este. A colheita do *caucho* é, pelo contrario, uma pequena industria. É feita por pioneiros isolados, independentes, que partem só, subindo á sua vontade em pirogas os rios, na margem dos quaes esperam descobrir um local favoravel. O seu mister exige uma grande

experiencia da floresta e de toda a natureza brasileira; são por isso quasi todos recrutados entre a antiga população da Amazonia. Ao pé d'elles, os *paroaras*, idos do Ceará, e que trabalham nos seringaes do alto Purus e do alto Jurua, são simples serventes.

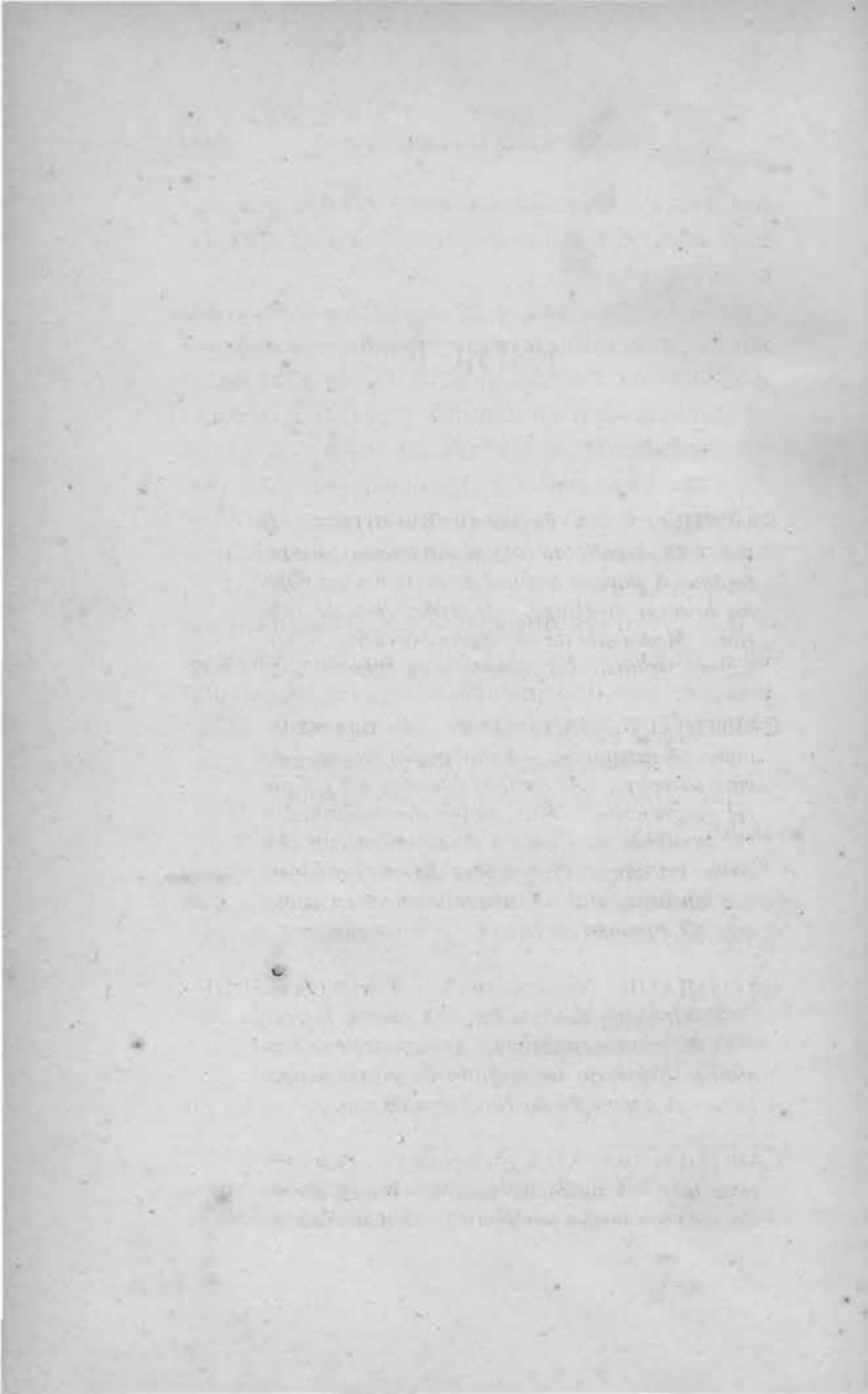
A prosperidade economica da Amazonia foi attingida pela crise da borracha. A baixa d'esta gomme nos mercados da Europa e da America foi subita e profunda. Parece, comtudo, dever ser menos duravel que a baixa do café. A producção mundial não parece ser, com effeito, superior ao consumo. A crise poderá pelo menos ter uma consequencia feliz, se fizer que se volte para outras industrias uma parte das forças da Amazonia. Graves perigos resultam, com effeito, do abandono progressivo das culturas. O perigo não é sómente economico: em 1900 a Amazonia conheceu a fome; a propria mandioca faltou, e a farinha (farinha de mandioca) attingiu preços que os cearenses não tinham conhecido no Ceará, mesmo nos annos peores. O alqueire de 36 litros chegou a vender-se a 36\$000. É, pois, indispensavel que as culturas sejam mantidas e que os arroteamentos progridam á medida que a população augmenta. Talvez até o futuro da producção da borracha não pertença aos seringaes, onde são exploradas as florestas naturaes d'*heveas*, mas ás novas plantações que é facil crear junto

dos rios (¹). Obter-se-ha assim o latex em melhor conta e resistir-se-ha melhor á quebra das cotações.

Esta tarefa — longa e rude — está reservada ainda aos immigrants cearenses. Lançados d'assalto na floresta virgem, occuparam todos os pontos; abriram caminhos, emprehenderam, na medida da sua fraqueza, em frente d'uma natureza cujo poder é desmesurado, a adaptação do solo á vida do homem. Resta transformar esta primeira occupação n'uma colonização verdadeira.

Tal é a divida que o Brazil contrahiu para com o Ceará. Se o Ceará, mantem entre os estados, um dos primeiros logares na historia recente do Brazil, não o alcançou como S. Paulo e Rio, por ter visto augmentar rapidamente a sua riqueza e a sua população; mas porque soube povoar com os seus filhos um territorio que tem dez vezes a extensão do seu. É pela sua fecundidade em homens que bem mereceu do Brazil.

(¹) Vêr os artigos de M. Lecoinge, no "Bulletin de la Soc. de Geographie commerciale," de 1904, 1905 e 1906.



INDICE

- CAPITULO I. — A PAYSAGEM BRAZILEIRA: — O solo. — O planalto do littoral Atlantico. — A vegetação. — A floresta tropical da costa e o seu papel na historia do Brazil. — As terras altas do interior. — Monotonia da paisagem brasileira. — Paysagens typicas. — Os campos e as cidades, pag. 19
- CAPITULO II. — AS ESTRADAS: — As vias maritimas. — A cabotagem. — A navegação fluvial. — As vias terrestres. — As antigas estradas e o seu papel geographico. — Mau estado dos caminhos. — Os caminhos de ferro e o desaparecimento das velhas estradas. — Geographia da rede brasileira. — Transbrazileiros e transcontinentaes em projecto. — O caminho de ferro e a colonização, pag. 41
- CAPITULO III. — VIDA POLITICA: — A constituição. — A autonomia dos estados. — O governo federal. — O seu crescente prestigio. — O imperialismo brasileiro. — Ausencia de verdadeiros partidos politicos. — A opposição no Rio Grande, pag. 71
- CAPITULO IV. — VIDA ECONOMICA: — O protec-
cionismo. — A tarifa aduaneira. — Traços geraes da vida economica no Brazil. — A dispersão in-

- dustrial e a dispersão agricola. — Historia economica. — A exportação do assucar e a criação de gados. — Produção do Brazil moderno. — A exportação do café e da borracha. — Correntes commerciaes entre os estados do Brazil. — A unidade economica do país, pag.* 85
- CAPITULO V. — A QUESTÃO MONETARIA E O CAMBIO: — *A balança commercial e as importações d'ouro. — A moeda papel. — Emissões exaggeradas. — A descida do cambio e a sua restauração progressiva. — A opinião e o cambio. — Partidarios da alta e partidarios da baixa. A especulação sobre o cambio do Rio. — A fixação do cambio e a Caixa de conversão, pag.* 105
- CAPITULO VI. — S. PAULO: — *Formação historica da sociedade paulista. — Riqueza do territorio de S. Paulo. — A colonização de S. Paulo e a expansão das culturas cafézeiras. — O povoamento. — Actividade economica de S. Paulo e o seu poder d'absorção sobre os estrangeiros. — As escolas, pag.* 131
- CAPITULO VII. — A MÃO D'OBRA AGRICOLA EM S. PAULO: — *A abolição da escravatura e o advento do trabalho livre. — Os colonos. — A politica d'immigração gratuita. — Chegada dos immigrants a S. Paulo. — A hospedaria. — A fazenda. — O trabalho nas plantações de café. — A questão italiana. — A crise cafézeira e os operarios das plantações. — Instabilidade da mão d'obra rural em S. Paulo, pag.* 155
- CAPITULO VIII. — A PEQUENA PROPRIEDADE EM S. PAULO: — *Importancia social da pequena*

- propriedade. — Obstáculos ao seu desenvolvimento. — A cultura do café e a pequena propriedade. — A divisão da terra na região de Campinas. — As novas colônias de S. Paulo, pag.* 205
- CAPITULO IX. — A VALORIZAÇÃO DO CAFÉ: — *O proteccionismo e a industria cafézeira. — A crise do café e as suas causas. — A super-produção. — Primeiros projectos para remediar a crise. — Negociações preliminares com o governo federal. — A intervenção de S. Paulo no mercado dos cafés. — A formação do stock da valorização. — A liquidação. — Os perigos do proteccionismo, pag.* 227
- CAPITULO X. — A COLONIZAÇÃO NO PARANÁ: — *Formação d'uma democracia rural no sul do Brazil. — A pequena cultura. — O isolamento das colônias. — Historia da colonização do Paraná. — As colônias em redor de Curitiba. — A colonização d'Oeste. — Uma visita aos colonos polacos do Rio Claro. — O mate. — O caminho de ferro de S. Paulo ao Rio Grande, pag.* 269
- CAPITULO XI. — A COLONIZAÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL: — *O terreno da colonização. — A floresta do Rio Grande. — Colonos allemães e colonos italianos. — Prosperidade actual das colônias. — O commercio dos productos das colônias. — A questão das terras do Rio Grande. — Contraste entre as colônias e os «campos» do Rio Grande. — Colonos e gauchos. — Exito da politica de colonização no Brazil meridional, pag.* 303
- CAPITULO XII. — AS POPULAÇÕES NEGRAS: — *O seu numero. — A sua localização. — Os negros em Minas depois da abolição. — Concorrença da*

mão-d'obra italiana. — Os negros nas regiões as-sucareiras. — Campos. — Pernambuco. — Populações negras urbanas. — Inferioridade economica da raça negra no Brazil. — A sua puerilidade. — Os seus prazeres. — As danças e as canções dos negros, pag. 331

CAPITULO XIII. — O CEARÁ: — *O clima do Ceará. — As séccas. — A raça cearense e a fecundidade. — A criação de gados. — Os vaqueiros do Ceará. — Os moradores e as suas culturas alimentares. — O desaparecimento das culturas de canna. — A população agricola das serras. — As serras e as chuvas. — Migrações periodicas em volta das serras, pag.* 351

CAPITULO XIV. — A EMIGRAÇÃO CEARENSE E O POVOAMENTO DA BACIA DO AMAZONAS: — *Causas da emigração cearense — A estiagem de 1877-1879. — Os «paroaras». — A Amazonia antes da affluencia dos cearenses. — A colheita da borra-cha e a penetração da floresta. — Desenvolvimento economico da Amazonia, pag.* 383

HISTORIA UNIVERSAL

HISTORIA UNIVERSAL

POR

— G. ONCKEN —

*A primeira historia universal dos tempos modernos,
pelo desenvolvimento com que são tratados
os diversos periodos da vida da humanidade
e pela auctoridade scientifica dos nomes
que subscrevem cada um dos volumes de que ella
se compõe*

Traduzida em portuguez
por um grupo de professores e homens de letras
sob a direcção de

Z. CONSIGLIERI PEDROSO

Director do Curso Superior de Letras, Professor de Historia,
Socio effectivo da Academia Real de Sciencias, Presidente
da Sociedade de Geographia de Lisboa

A **Historia Universal de ONCKEN**, que antes se póde chamar **uma completa bibliotheca historica** pela sua vastidão, riqueza de informação scientifica, escolhida illustração artistica e archeologica, é o **maior monumento que á sciencia historica foi levantado na Allemanha no século XIX**. D'entre as numerosas historias universaes publicadas em quasi todas as linguas, **nenhuma nem de longe se lhe póde comparar**. Cada um dos seus volumes é uma monographia completa, que faz auctoridade e que de um modo tanto quanto possivel definitivo fixou a historia do respectivo periodo ou da respectiva nação. Quem possuir esta bibliotheca, até hoje sem rival, tem ao seu dispôr toda a sciencia historica que no decorrer

dos seculos se foi amontoando n'uma enorme construcção synthetica, *graças aos trabalhos de umas poucas de gerações de investigadores e de homens de sciencia, que conseguiram desvendar os mysterios do passado e penetrar a alma dos povos hoje desaparecidos*, mas que nos monumentos que nos legaram, deixaram os vestigios da sua passagem sobre a terra.

E sendo assombroso como monumento de cuidadosa e erudita investigação **a obra colossal dirigida por ONCKEN**, é ao mesmo tempo o mais impressionante quadro que o homem póde contemplar, quadro que sem deixar de ser a exacta reproducção da realidade, assume as proporções de uma gigantesca obra d'arte, unica no seu genero, em que as tragedias mais pungentes alternam com as mais inesperadas e empolgantes peripecias dramaticas, e com os mais commovedores lances que é dado ao homem imaginar. Por isso a **Historia Universal de ONCKEN** é não só obra para ser consultada no remanso do gabinete pelo sabio apaixonadamente devotado ao culto puro da verdade, mas modelo para ser estudado com amor pelo politico que em meio do tumultuar da praça publica carece de norma para nortear o seu proceder. E' não sómente lição proveitosa para o homem que encara a vida apenas pelo lado utilitario, mas tambem indispensavel suggestão para o artista, que ás grandes crises da humanidade, aos enthusiasmos, ás abnegações, aos martyrios, e até aos grandes crimes da historia — vaé buscar inspiração para as suas creações.

Na historia de **ONCKEN** assiste-se ao primeiro desabrochar da mysteriosa civilisação do Egypto, quando o mundo inteiro ainda estava mergulhado nas trevas da barbarie. Contempla-se o desfilar estupendo das suas 34 dynastias de onde se destacam os nomes que encheram a historia antiga com o seu echo — os Thutmés, os Ramsés, os Amenemahs, os Psammeticos.

—E admira-se a inconcebível riqueza artística dos seus templos, dos seus palacios, dos seus hypogeos, dos mil thesouros emfim que a laboriosidade dos modernos investigadores tem posto a descoberto.

Depois são as guerras, quasi lendarias pela sua grandeza epica, da Assyria e da Babylonia e a fascinadora chronica da vida dos dois grandes imperios do Tigre e do Euphrates. Depois é a Persia com os movimentados incidentes politicos e militares, que fizeram com Cyro, Cambyses, Xerxes e Dario, do pequeno nucleo iraniano a vasta monarchia que chegava de um lado até á India, do outro até ao Egypto e á Grecia. Depois apparece-nos a velha India com os seus livros sagrados, os mais antigos da humanidade ; com os seus poemas — o Mahábhárata e o Ramáyana — mais vastos do que dez vezes a Iliada e a Odysseia ; com as suas luctas gigantes em que os proprios deuses batalham com os homens em combates formidaveis ; com os seus pagodes altos como montanhas ; com as suas seitas religiosas tenebrosas e fanaticas, que muitas d'ellas aavez da peninsula deixáram um rasto de sangue, que ainda hoje dura. Depois é a chronica admiravel das navegações phenicias. Depois são as maravilhas estheticas da civilização grega, esse eterno modelo de beleza, que em vão os seculos seguintes tentáram imitar. Depois é esse drama mundial e sem par do nascimento, dos progressos, da grandeza, e a seguir da decadencia e da queda de Roma, que encerra a mais eloquente lição da historia universal.

Na Edade-Media a **Historia Universal de ONCKEN** faz-nos assistir ao grandioso drama das invasões, patenteia-nos a vida intima das raças barbaras, descreve-nos em maravilhosos quadros de uma irreprehensivel fidelidade as grandes luctas de onde sahiram o papado, o feudalismo, as crusadas e as communas. Aproxima-se a Renascença e essa radiante alvo-

rada do espirito humano é contada em paginas de inexcédível encanto, como raras vezes se encontram em livros de historia scientificamente escripta. A seguir á Renascença cabe a vez ao grande movimento dos descobrimentos, em que Portugal representa tão importante papel. Depois descreve-se a Reforma, a contra reforma, as epicas guerras religiosas que termináram com a paz de Westphalia, e que durante trinta annos inundáram de sangue e semeáram de ruinas a Europa central.

A partir d'este momento entram em scena as nações actuaes na fórma definitiva que até hoje mantem, e começa então a extraordinaria descripção, attrahente como um romance, das crises europeias modernas, em que se destacam as figuras gigantes — sympathicas umas outras odiosas — dos chamados grandes homens: Richelieu, Luiz XIV, Colbert, Cromwell, Pombal, Washington, Mirabeau, Danton, Napoleão, Mazzini, Gavour e Bismarck. E tudo isto descripto em capitulos involvidaveis, que se gravam no espirito do leitor por forma a não esquecerem mais — obra do que melhor a sciencia historica representada nos mais illustres dos seus nomes produziu no seculo xix.

Eis em alguns traços apenas o que é a publicação grandiosa que vamos emprehender. N'uma epocha em que a historia é a principal preocupação de todos os espiritos cultos — a ponto de poder dizer-se com justificada razão que o seculo presente é o seculo da historia — **um livro assim, ou antes, uma bibliotheca d'esta natureza e vastidão, é instrumento indispensavel** para quem deseje viver dentro das correntes do seu tempo e satisfazer as necessidades e as aspirações da sociedade de que faz parte. **A Historia Universal de ONCKEN é indispensavel ao homem de sciencia, ao politico, ao simples estudioso, e até áquelle que, nas**

**suas leituras, procura de preferencia o de-
leite e a distracção. Tem paginas que pren-
dem como um romance de sensação, tem
outras que encantam como se fossem uma
obra de arte, tem outras que illustam como
um manual scientifico, outras que desper-
tam a mais viva curiosidade, outras emfim,
cujos lances patethicos nos commovem e
nos enthusiasmam, nos interessam e nos
confrangem, nos arrancam um brado de
admiração ou nos obrigam a soltar um ge-
mido de dôr, como se por uma identificação mys-
teriosa atravez do tempo e do espaço, nos fosse licito
ir viver com esses heroes e essas victimas, uma hora
da sua vida agitada, para sentirmos tambem nós as
suas alegrias ou cairmos tambem com elles feridos
pelo mesmo golpe desapiedado do destino!**

Pela ligeira descripção que acabamos de fazer da
admiravel obra que vae ser lançada á publicidade, mal
se póde avaliar toda a sua grandeza. A traducção cui-
dadosamente correcta e de meticulosidade scientifica
absolutamente indispensavel, está garantida pela com-
petencia especial das pessoas a que foi incumbida, mas
muito especialmente pela inegalavel competencia e
auctoridade do seu director, o eminente professor de
historia Z. Consiglieri Pedroso, director do curso Su-
perior de Lettras, notavel escriptor pelo seu saber
inconfundivel e pela sua reconhecida probidade scien-
tifica.

Os editores, reconhecendo a importancia da edição
que vão lançar no mercado e o sacrificio de trabalho
e de capital que n'ella vão empregar, não se atreveriam

a tal empreza se não estivessem absolutamente convencidos do altissimo serviço que com tal publicação prestam ao seu paiz e se não tivessem, além da melhor collaboração litteraria e artistica, a dedicada e competentissima direcção de Consiglieri Pedroso, o primeiro professor de historia em Portugal.

A HISTORIA UNIVERSAL DE ONCKEN publica-se em fasciculos semanaes de formato grande de 32 paginas em edição de luxo, bom papel, magnificas photo-gravuras e esplendidos chromos.

Cada fasciculo de 32 paginas, 100 réis. Cada tomo de 160 paginas, 500 réis.

Pedidos á

Antiga Casa Bertrand

Rua Garrett, 73 e 75

LISBOA

LIVRARIA SCHETTINO
18 - Travessa do Ouvidor - 18
RIO DE JANEIRO





